

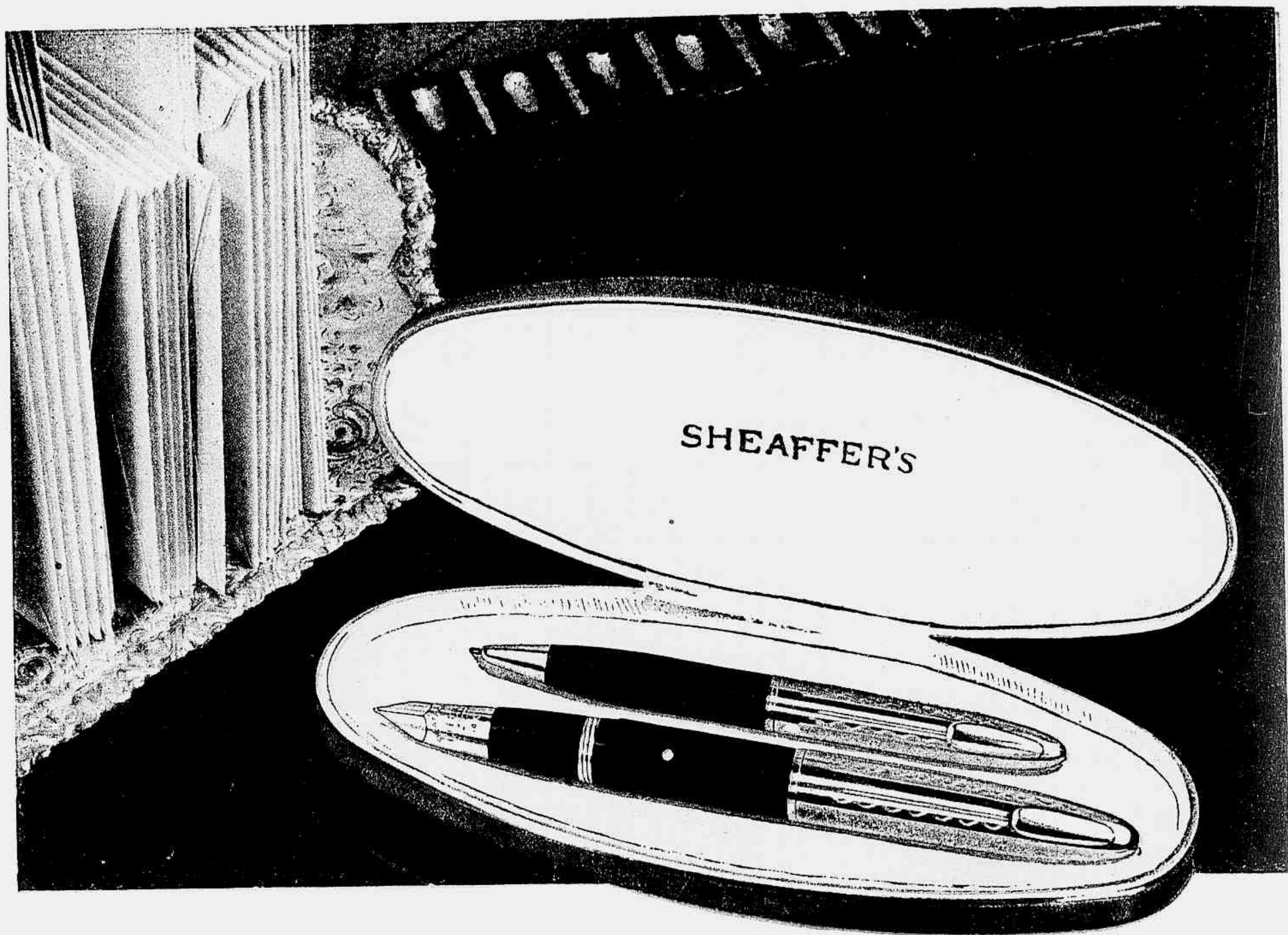
REVISTA DA SEMANA

N.º 12

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

20-3-48

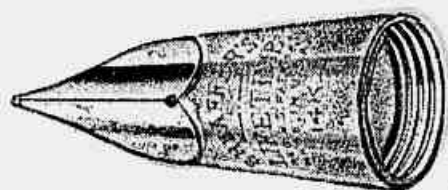




Ofereça o jogo de escrita sem rival: SHEAFFER'S Crest Deluxe

A PENA "TRIUMPH"

A pena cilíndrica, de ouro de 14 quilates, com ponta de irídio e flexibilidade para todos os estilos de escrita.



LAPISEIRA FINELINE

Com ponta de manga que reduz as quebras das grafites.



As canetas e lapiseiras SHEAFFER estão sempre à frente de todas as outras marcas, em qualidade e classe. Sua beleza de jóia rara é realçada por extraordinárias condições técnicas, cuidadosamente trabalhadas por artífices experimentados.

Milhões de entusiásticos possuidores de jogos SHEAFFER, jamais usariam outros instrumentos de escrita...

Ao escolher um presente que defina sua personalidade e discernimento, experimente uma SHEAFFER — caneta ou lapiseira. V. concordará que SHEAFFER não tem rival!

SHEAFFER'S CREST DELUXE:

Caneta: Cr\$ 525,00

Lapiseira: . Cr\$ 180,00

Jogo: Cr\$ 705,00

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

RIO: AV. PRESIDENTE VARGAS, 502-11. ★ SÃO PAULO: ALAMEDA DINO BUENO, 212 ★ RECIFE: RUA DA CONCORDIA, 452 ★ PORTO ALEGRE: RUA DOS ANDRADAS, 894

A MULHER DA PRAÇA DAS BANDEIRAS

A mulher da praça das Bandeiras ficou receosa do caminhão que passara demasiadamente junto dela. Recuou. Pela fração de um segundo seu rosto adquiriu na emoção os traços da infância.

Tenho para mim que só eu vi a criança vir à tona da mulher madura... — "Fica quietinha, meu bem, para não tomar golpe de ar!" — Era isso que havia na expressão da mulher. Sobrepôs-se à máscara adulta o rosto infantil preocupado com a recomendação materna em dia longínquo, quando ela saía do banho quente, os pés metidos em chinelinhas de pelúcia côr-de-rosa.

Não, não pode ser literatura minha. Aquêlê minuto de medo anulou para a criatura a fronteira dos dias. Êles recuaram, tal maré na vasante. E o princípio encontrou com aquêlê "mezzo del camin". As vagas vindas da infância invadiram as praias da maturidade. Por um segundo cobriram-na.

Foi tão fugitivo e emocionante!



Só eu, na praça das Bandeiras, vi a criança na mulher lerda e pausada que a vida havia plasmado com desinteresse. Nem ela própria soube do milagre operado. Depois daquele hiato continuaria a mesma senhora estereotipada:

— "Barbaridade! As cebolas estão por um preço!"

Não soube da visitação da infância. Àquêlê segundo a alma espiou pelos interstícios das civilizadoras camadas superpostas. O medo afugentou os dias de escola e de amor. Afugentou o quotidiano aprendizado duro e hipócrita. Afugentou a crisma na igreja alva com as freiras em filas plásticas de drapejos negros. E as amigas e as confidências sob os plátanos. E o homem encontrado. E os dias de doença no leito da casa paterna. E a noite nupcial do hotel de Santos. E o nascimento dos filhos. E o gôsto amargo do primeiro perdão. E o gôsto podre do primeiro ódio. Afugentou as vigílias aflitas e as festinhas de aniversário com as velinhas dos bolos. Afugentou o bom, o mau, o banal, o glorioso, as renúncias e as vitórias, as capitulações, os recuos nos terrenos doloridos do amor próprio. Afugentou as horas todas daquela vida tão igual a tantas vidas, para chegar à menina pura e religiosa que saiu com suas chinelinhas de pelúcia côr-de-rosa da banheira esmaltada, na manhã de vivas claridades. — "Fica quietinha, meu bem, para não tomar golpe de ar!" — O medo do caminhão acordou a superstição distântissima da recomendação materna. Pôs nos ombros o infantil agasalho de flanela (era tão macio e carinhoso!), pôs diante dos olhos o rosto da mãe, Dona de Todos os Segredos do Mundo...



Fixara-se naquela segurança, naquele equilíbrio, na mulher fincada na terra tal uma estaca. Os dias atiraram-na, dispersaram-na, conduziram-na longe do pôrto. Mas no momento fugidio ela procurou as amarras, ela renovou o milagre daquele amparo estendido subterraneamente, sob as águas da vida.

A mulher não soube da visita da infância. Foi só nos domínios do inconsciente que a mãe chegou junto dela e a tomou nos braços e disse que "uma menina bonita não vai para as correntes de ar quando sai do banho quente", e lhe deu o mingau de farinha na caneca de ágata e lhe deu o aconchêgo da morna presença...

A maturidade e a menopausa instalaram-se de novo na geografia da mulher. A inocência recuou. Fugiu. A mulher atravessou a praça difícil. Chegou do outro lado e, decerto, perdeu para nunca mais encontrar seu rosto de menina.

LEIAM

COLABORAÇÃO:

A mulher da Praça das Bandeiras (Helena Silveira)	3
Consequências de um perigoso casamento intelectual (Ruggero Jacobbi)	25

BIOGRAFIA:

A vida de Sibelius (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	32
---	----

CARICATURA:

Bom humor	14
-----------------	----

REPORTAGENS:

"Meu reino por um abridor de latas!" (Ney Machado)	6/9
Um filme nacional de glorificação dos jangadeiros	18/19
O segundo esforço do Teatro do Estudante	20/23
O mundo maravilhoso das crianças grandes (Herman Lima)	26/29

CONTOS:

A salada de agrião (Marnel Barcala)	10/11
Anastácio (Miguel de Unamuno)	16/17
Os Puritanos (Armando Palácio Valdés) ..	24
Um retrato de mulher (Vasconcelos Maia) ..	30/31

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	15
Música	42
Cancioneiro Internacional	45
Pelas estradas do céu	48

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	33
O espírito feminino através dos tempos ..	34
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	35
Mães e filhos (Zóia de Laet)	36
Muro das lamentações	37
Figurinos de Ana Zagorska	36/37
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) ..	38
Caixa de Ressonância (R. Magalhães Junior)	39

ILUSTRAÇÕES:

Orlando Matos, Abelardo Zaluar e Armando Pacheco.

NOSSA CAPA



Nossa capa apresenta hoje a simpática Martha Stewart, uma das mais novas "estrelas" da Twentieth Century Fox, companhia que a descobriu e lançou. Seu filme de estréia para essa companhia foi "Sonho de estrélas", ao lado de Carmen Miranda, Dennis O'Keefe, Vivian Blaine e Perry Como. Apesar de ter sido pequeno o seu papel, serviu para mostrar que Martha Stewart prometia. E esta promessa se realizou em sua nova película, "I wonder who's kissing her now", ao lado de uma outra revelação da Fox, o "astro" Mark Stevens.

a Semana em Revista

O GOVERNADOR OTAVIO MANGABEIRA E O TEATRO



Recentemente, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que tão devotadamente se consagra à propulsão da nossa arte dramática, dirigiu ao governador do Estado da Bahia, o eminente sr. Otavio Mangabeira, um ofício solicitando-lhe que fosse reconstruído, em São Salvador, o velho Teatro de São João, que há vinte e cinco anos atrás pegou fogo e no qual perecera, quando assistia a uma representação, um dos pioneiros de nossas letras teatrais, o autor balano Agrário de Menezes, hoje infelizmente quase esquecido. Durante mais de cem anos, o Teatro de São João esteve de pé, na capital balana, para gaudío de sua população, abrigando generosamente as companhias nacionais. Mas, desde que foi destruído por um incêndio, ficou a Bahia sem teatros, situação na verdade lastimável, para a capital de um dos nossos maiores Estados, com uma valiosa tradição cultural e histórica a zelar. O gesto da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais foi, pois, inspirado e oportuno, pois se dava no momento em que era divulgada a notícia de que na capital da terra de Ruy Barbosa ia ser construído um grande ho-

tel para estímulo ao turismo. E teatro? Nada? Expedido esse ofício, teve a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais não só o prazer de vê-lo rapidamente respondido, mas ainda o de ser informada, nessa resposta, de que o governo balano, reconhecendo por si mesmo essa lacuna, havia tomado providências para a imediata construção de um novo teatro, na praça 2 de Julho, uma das mais importantes da cidade. O terreno já estava preparado para a construção e um dos arquitetos de maior prestígio da Bahia dava, naquele momento, a última mão ao projeto. O governador Otavio Mangabeira, antecipando-se a qualquer representação das associações profissionais, mostrou ser amigo do teatro e estar disposto a preencher aquela lacuna, — da qual, aliás, o grande escritor balano Afranio Peixoto se queixou em seu penúltimo livro, "Breviário da Bahia". Oxalá outros governadores de Estados onde também não existem teatros mas apenas cinemas, — e que cinemas! — em breve sigam esse exemplo. Há várias grandes cidades brasileiras, várias capitais que, desgraçadamente, não possuem teatro e que por isso mesmo se acham fora do roteiro normal das nossas companhias em excursão, cidades cujo público não conhece nem Dulcina, nem Procópio, nem Jayme Costa, nem Alma Flora, nem os Comediantes, nem o Teatro do Estudante, nem nada do que se faz no país em matéria de arte dramática, não por desinteresse de suas populações, mas apenas porque estas são castigadas pela indiferença e pela displicência de certos homens públicos.

SUICÍDIOS POLÍTICOS



Mais um suicídio político acaba de abalar o mundo, repercutindo em todos os países civilizados através do noticiário da imprensa. Esse suicídio, que foi o do antigo ministro das Relações Exteriores da Tchecoslováquia, Jan Masaryk, filho do homem que se pode chamar de fundador da nacionalidade checa, o grande presidente Masaryk. Jan Masaryk era um estadista de cujo patriotismo não se podia duvidar, um democrata sincero, que lutou ao lado de Eduardo Benes, com a máxima energia, contra os dominadores alemães. Ainda há pouco tempo representara o governo de Praga, na assembleia geral da ONU, de que o sr. Oswaldo Aranha, delegado do Brasil, fora presidente. Foi um suicídio político diferente de outros que se verificaram há bem pouco tempo, — os de Hitler e Eva Braun, de Goering, etc. Foi o suicídio de um homem que tinha esperanças de paz, que sonhava para sua pátria um futuro tranquilo, na convivência das nações vizinhas, depois das imensas provações da recente guerra, de sofrimentos como o do massacre de Lidice, por exemplo. Não foi o suicídio de um

chefe fascista depois de ver esboroados seus loucos sonhos de conquista e tomando receber a punição dos democratas. Ao contrário, foi um democrata que não quis, de novo, viver sob o tacho direitista, sob a pressão de uma grande potência que não cessa de influir na vida das nações vizinhas, de preponderar sobre as pequenas repúblicas sem capacidade de reação. Jan Masaryk viu que, com a capitulação de Eduardo Benes à influência soviética, com a ascensão de um primeiro ministro comunista ao poder, tudo ia mudar no seu país. A democracia submergiria e iria ser instituído, em seu lugar, o regime do partido único, da violência, da coação, — em suma, um regime que nenhuma diferença apresentaria em confronto com aquele que anteriormente tanto combatera. Mas, desta vez, não só as esperanças de resistência eram menores, como suas próprias forças estavam combatidas pela idade, pois passara dos 60 anos. Inclinar-se-ia ao partido único, em que as minorias não têm voz, em que a tirania se acerca em nome de um grupo que não permite objurgatórias, — numa negação de todo o seu passado democrático? Ou fugiria para o estrangeiro, se pudesse escapar ao "expurgo" que, necessariamente, seria feito contra os não-comunistas? Sua solução foi outra, — a do suicídio. Solução que os cristãos desaprovam, mas que não deixou de ser um epílogo digno para uma vida digna.

REPRESSÃO AO CONTRABANDO



O comércio do contrabando é um dos mais antigos do mundo. Esse mal se agrava e se alastra quando encontra condições fiscais convenientes, quando descobre vícios e fraquezas dos responsáveis pela sua repressão. Como somos portadores justamente de todos esses defeitos que contribuem para o incremento do contrabando, o porto do Rio de Janeiro tornou-se um dos pontos de mais fácil acesso para o recebimento secreto dessas mercadorias. No ano passado focalizamos o assunto em uma reportagem, mostrando a quantidade e a diversidade de objetos apreendidos anualmente pelos fiscais da Alfandega. Vinhos, cosméticos, cigarros, remédios, fazendas, joias, relógios, enfim tudo o que importamos às claras, tem o seu substituto no comércio contrabandeado. Demos há pouco, na seção "O Mundo Marcha", a quantia correspondente à venda das apreensões efetuadas pela Alfandega e a Polícia Marítima no decorrer do ano passado. Uma quantia que ultrapassava a casa dos milhões. Entretanto, essas apreensões constantes de mercadorias não indicam que se esteja combatendo eficazmente o contrabando. Indica ao reverso, que o comércio das sombras está

prosperando, pois o que os poucos fiscais conseguem apreender não representa um décimo da mercadoria entrada às ocultas. De posse desses dados, as repartições competentes deveriam ter melhorado de há muito a sua forma de combate a tal comércio, aumentando o número de fiscais, o número de lanchas para as batidas na baía e multiplicando os postos permanentes de observação. Ao que sabemos, só existe um posto permanente de espiã aos descarregamentos em alto mar. Fica localizado no terraço do edifício de "A Noite". Declaramos o lugar, porque ele já é por demais conhecido dos contrabandistas da cidade. Sem que esta providência seja tomada, continuarão indefinidamente os prejuízos que o contrabando acarreta. Furta o país, que não recebe os impostos alfandegários e rouba o comércio legalizado, com a concorrência desleal aos seus produtos. Enriquece meia dúzia, trazendo um prejuízo direto a milhares de pessoas. Num programa de economia para a Nação, preconizado pelo presidente Dutra, não se pode desprezar uma prática abusiva que faz todos os anos um rombo em nossa arrecadação aduaneira. A polícia pode também ajudar a combater o desenvolvimento do contrabando, realizando uma campanha enérgica contra os vendedores ambulantes de cigarros americanos contrabandeados, perfumes, "cremes de limão" e outras miudezas. O oferecimento franco e impune de mercadorias norte-americanas em nossas principais ruas e avenidas chega a ser uma afronta à polícia responsável pela proibição do comércio clandestino.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 12 — 20-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décima das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930 e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tele. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5632
Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299, Tel. 32, Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO FRITO
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



PARA variar começaremos a nossa seção semanal com uma notícia que nos enche de orgulho: anuncia-se que a maior descoberta de 1948 no terreno da física nuclear é de autoria de um jovem cientista brasileiro, o professor Cesar Lattes, de 23 anos de idade, formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo e com estudos especializados de física nuclear na Inglaterra e nos Estados Unidos. Cesar Lattes conseguiu produzir no ciclotron o "meson" artificial, partícula sub-atômica, intermediária entre o próton e o elétron. Cesar Lattes candidatou-se automaticamente ao Prêmio Nobel de Física e consagrou no mundo científico o nome do seu desconhecido país. Apesar dos pesares também o Brasil marcha... O Congresso Norte-Americano aprovou a verba de duzentos milhões de cruzeiros para combater o câncer. É oportuno lembrarmos que entre nós a luta contra o mal está no seguinte pé: o arcabouço do hospital semi-construído na Praça Cruz Vermelha, que será o Hospital Nacional de Cancerologia, continua abandonado na quinta ou sexta laje há mais de dez anos... Em São Paulo o médico Hamilton Gonçalves, que se diz especialista em cirurgia plástica, tentando fazer desaparecer uma pequena cicatriz no rosto da senhora Belmira Prado, provocou-lhe uma série de úlceras cancerosas na face, tornando-a quase um monstro... Os imigrantes europeus escolhidos pela nossa Comissão de Seleção como "agricultores", estão abandonando em massa as fazendas e fugindo para as cidades. Apesar disso, fala-se que nova leva desses maravilhosos "colonos" estão de partida para o Brasil... O médico russo Boris Berkman anunciou ter descoberto uma substância extraída de certas plantas — que faz retardar o envelhecimento da nossa espécie. Um antídoto, em plano diferente, do que promete a bomba atômica... Os colégios do Distrito Federal insistem no aumento das anuidades, embora fosse o mesmo considerado ilegal pelo ministro da Educação... O grande cabo de guerra norte-americano, general Douglas Mac Arthur, decidiu-se a fazer política. Candidatando-se à presidência do seu país, seu "slogan" é este: "Ou eu ou Stalin". Suas possibilidades crescem à medida que o expansionismo russo avassala a Europa... O primaz da Espanha, cardeal Enrique Daniel, proibiu que os padres de sua arquidiocese assistam aos jogos de futebol. Segundo o cardeal, os sacerdotes estão "torcendo" em excesso... O presidente Eurico Dutra pretende, valendo-se de lei especial do Congresso, outorgar maiores poderes à CCP, afirmando que esse organismo controlador possa melhor cumprir a sua missão. Nossos aplausos, general. Mas cuidado com os homens que designar para membros da nova CCP... Continua em mistério o "Crime da Machadinha", cuja novela já se acha à venda nos engraxates a um cruzeiro o exemplar. Se tudo correr bem, daremos o resultado na próxima semana. Terá sido Aracy? Ou foi Abel que se "suicidou"? A "Light" (Carris, Telefone e Gás) continua firme no seu propósito de aumentar as tarifas telefônicas. Ao que se diz, pretende cobrar por ligação feita, a razão de quarenta centavos, nos aparelhos particulares, e um cruzeiro, nos aparelhos de casas comerciais. Senhor prefeito, acuda-nos! Prepare desde já um despacho semelhante àquele em que cortou as pretensões da Light na questão do aumento das passagens dos bondes... No Estado de Iowa, Estados Unidos, oito mil camponeses tiveram um rendimento anual maior que o do seu governador. O paralelo e os comentários ficam por conta dos leitores... Os "comandos sanitários" em Nova York continuam rigorosíssimos. Entre as penalidades impostas aos donos de restaurantes encontrados em precárias condições de higiene, figuraram prisões e multas de quinhentos dólares (dez mil cruzeiros)... O sr. Hugo Borghi pediu demissão do cargo de Secretário da Agricultura do Governo de São Paulo. Parece que não gostou dessa "marmitta"... A União Nacional dos Estudantes está em apuros para resolver a crise surgida em seu seio, motivada, segundo uns, pela "Passeata da Fome" (não realizada) e, segundo outros, por estudantes com tendências comunistas. Os senhores Pizarro Jacobina e Jovian Caldas Magalhães, ex-funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, são acusados de um desfalque de dois milhões de cruzeiros, desviados durante o trabalho de ambos naquele departamento... O partido do presidente Perón ganhou com boa margem as eleições para a Câmara de Deputados da Argentina... Notícias de São Paulo dizem que a UDN, o PSD e PR estão colhendo provas para apresentar dentro em pouco um projeto de "impeachment" jurídico-constitucional contra o senhor Adhemar de Barros. Depois de tantos esforços para a pacificação do Piauí, surge agora o caso da terra do café... O prefeito do D. Federal, em entrevista coletiva, informou que este ano vários jardins públicos serão transformados em "playgrounds". E por que não piscinas populares também? Lembramos que esse seria o fim justificável do Campo do Russell e do terreno baldio da Avenida Passos, atualmente ocupados por barulhentos e exploradores mafiosos... Anunciam que continua produzindo ótimos resultados o anti-biótico descoberto pelo professor Oscar Pereira, de Porto Alegre, para cura de tuberculosos. Diz-se que o preparado é extraído do agrião e o primeiro grupo de doentes submetidos ao tratamento no Sanatório Belém teve alta, completamente curado. Será mesmo verdade, ou mais uma ilusão?... A estação teatral no Rio continua com grande sucesso com a apresentação de "A Pequena Catarina" no Serrador, por Bibi Ferreira, "A Castro" no Fenix, pelo Teatro do Estudante, "O Tigre", no Glória, por Jayme Costa, etc. E Dulcina e Odilon estão prestes a estreiar, no Regina, com "Águia de Duas Cabeças". Por hoje é só... e até sábado, na Aleluia...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

UMA NOVA SEÇÃO DE "REVISTA DA SEMANA"

TENDO enriquecido recentemente o seu texto com várias seções de grande interesse para os seus leitores, REVISTA DA SEMANA inicia, a partir deste número, mais uma coluna de informações atualíssimas, referentes aos progressos da aeronáutica mundial. Pátria de precursores da aviação, como Bartolomeu de Gusmão e Santos Dumont, a aviação está atualmente logrando entre nós tal desenvolvimento que não se justifica a indiferença dos grandes jornais e revistas ao movimento aeronáutico nacional e mundial. REVISTA DA SEMANA, antecipando-se às demais publicações, resolveu criar a coluna que hoje começa a publicar, entregue aos cuidados de um novo colaborador, E. de Oliveira Magalhães, voltado para os fatos de capital interesse do movimento aviatório. "Pelas estradas do céu" é o título da nossa coluna semanal de aviação, — que, esperamos, constituirá mais uma fonte de interesse para os leitores de REVISTA DA SEMANA.



Uma concepção à moda de Salvador Dalí do que é o pesadelo que as donas de casa do Rio experimentam, mesmo quando acordadas, na era do abridor de lata. Para que as cozinheiras não se enganem no tempêro é necessário que aprendam a falar inglês, porque a maioria dos enlatados nos vêm dos Estados Unidos. Talvez seja por isso que exijam ordenados de 500 e 600 cruzeiros. Posou gentilmente para esta foto surrealista a artista teatral Iracema Vitória, uma das "estrelas" da nova companhia de Chianca de Garcia.

"MEU REINO POR UM ABRIDOR DE LATAS!"

"Meu reino por um abridor de lata!" — é a exclamação de todos os cariocas, (e talvez de todos os brasileiros), neste momento dramático de nossa existência. Todos nós paródiamos o rei Ricardo III, da Inglaterra, na hora de sua derrota. — mesmo porque, para nós, brasileiros, este momento representa o das batalhas perdidas: as da produção e do abastecimento.

Quando sairá o Brasil do ról dos países incapazes de proverem sua subsistência, em matéria alimentar? A resposta é difícil. Estamos sempre importando mais do que exportamos, e a diferença contra nós vem aumentando geometricamente. Quando colônia de Portugal, importávamos de lá quase tudo: vinhos, tecidos, ferramentas, bacalhau, Camões e religião. Mais tarde giramos na órbita da França. Importamos alguma coisa da revolução francesa, os "Direitos do Homem", perfumes, modas, anedotas galantes e certo refinamento. Chegamos até a importar francesas, logo após a guerra de 78. Com a Europa enfraquecida após a guerra de 1914, e quase destruída com a última, passamos a procurar o que comer, o que vestir e outras coisas, no mais novo centro de gravitação mundial: nos Estados Unidos. De lá, agora, nos vem tudo: a moda de aprender inglês para compreender as piadas dos filmes, os ensinamentos políticos, as máquinas, os aviões, os canhões, a técnica militar, os perfumes e até o feijão. Sim, porque as famílias elegantes do Rio e de outras cidades cosmopolitas do Brasil não se dão mais ao trabalho de preparar em casa o tradicional prato nacional. Até o feijãozinho é agora "made in U.S.A." Apenas

ENQUANTO FRACASSAM OS NOSSOS "TÉCNICOS" NA BATALHA DA PRODUÇÃO E DO ABASTECIMENTO, O BRASIL É INVADIDO PELAS CONSERVAS ESTRANGEIRAS — UM DOCUMENTO IMPRESSIONANTE DA NOSSA INCAPACIDADE — PESADELO DE UMA TARDE DE VERÃO SEM SONO...

Reportagem de
NEY MACHADO

não é feijão, mas "beans". Ou, melhor, "baked beans"...

A BANCAROTA DO "PAÍS ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA"

Não fomos muito mal, cuidando da nossa lavoura, até 1920. Propendemos, então, para a monocultura do café vindo o desastre de 1929. Depois, outras culturas foram aparecendo, como a do algodão, da mamona, do babaçu, do arroz e outras mais. Homens novos de um governo novo acharam que já viveríamos muito tempo como país agrícola. Era necessário modificar, "fazer máquinas que fabricassem máquinas", exportar ferro, laminados e até — por que não? — aviões feitos cá em casa. Surgiram assim a Usina de Volta Redonda, a Fábrica Nacional de Motores e outros empreendimentos. O resultado dessa transformação sem repercussão importante, sem nada de decisivo até agora, foi o seguinte: os lavradores foram quase abandonados aos gafanhotos e à concorrência dos empregos fabris, que atraíram para as cidades grandes levas de

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

trabalhadores agrícolas. As roças foram aos poucos morrendo. E, hoje em dia, o cidadão da cidade que quiser comer tomates, ervilhas, espinafres e outras coisas, que as compre enlatadas do exterior. Deixamos de ser um país agrícola, sem termos conseguido ser um país industrial.

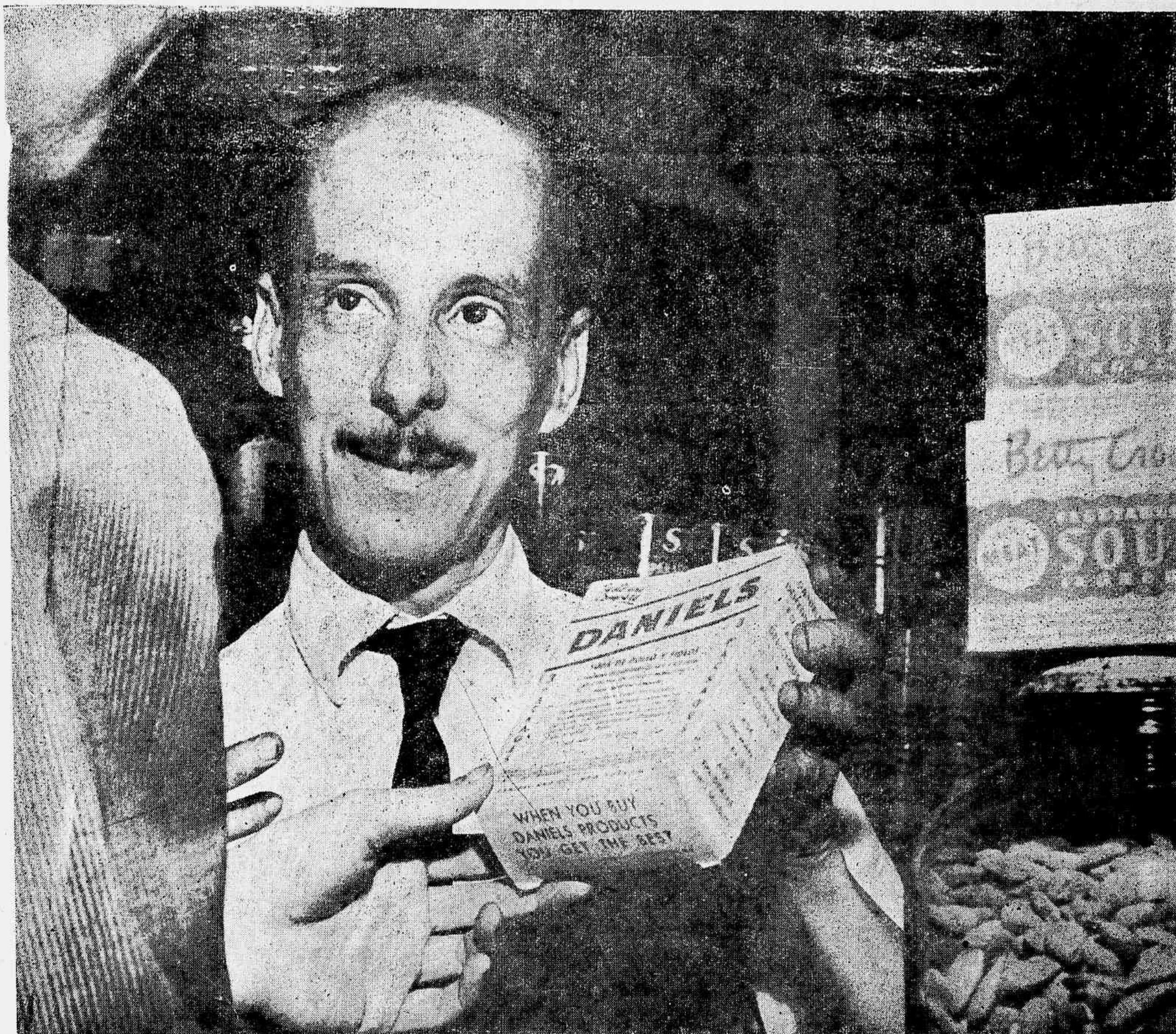
IMPORTAÇÃO DE ERVILHAS E SEMEADOURAS

A prova de que tudo isso aconteceu são os números alarmantes das estatísticas nestes últimos anos. Vamos examinar, por exemplo, o que aconteceu em 1947. Até dezembro tínhamos importado dos Estados Unidos nada menos de trinta milhões de cruzeiros de ervilhas enlatadas, — que podemos e devemos produzi-las aqui. Em igual período trouxemos da América do Norte para os nossos campos de lavoura algumas sementeiras, cujo custo total não alcança a casa dos dois milhões e quinhentos mil cruzeiros. Importamos doze vezes mais "petit-pois" para os indispensáveis "medallions au maître d'hôtel"

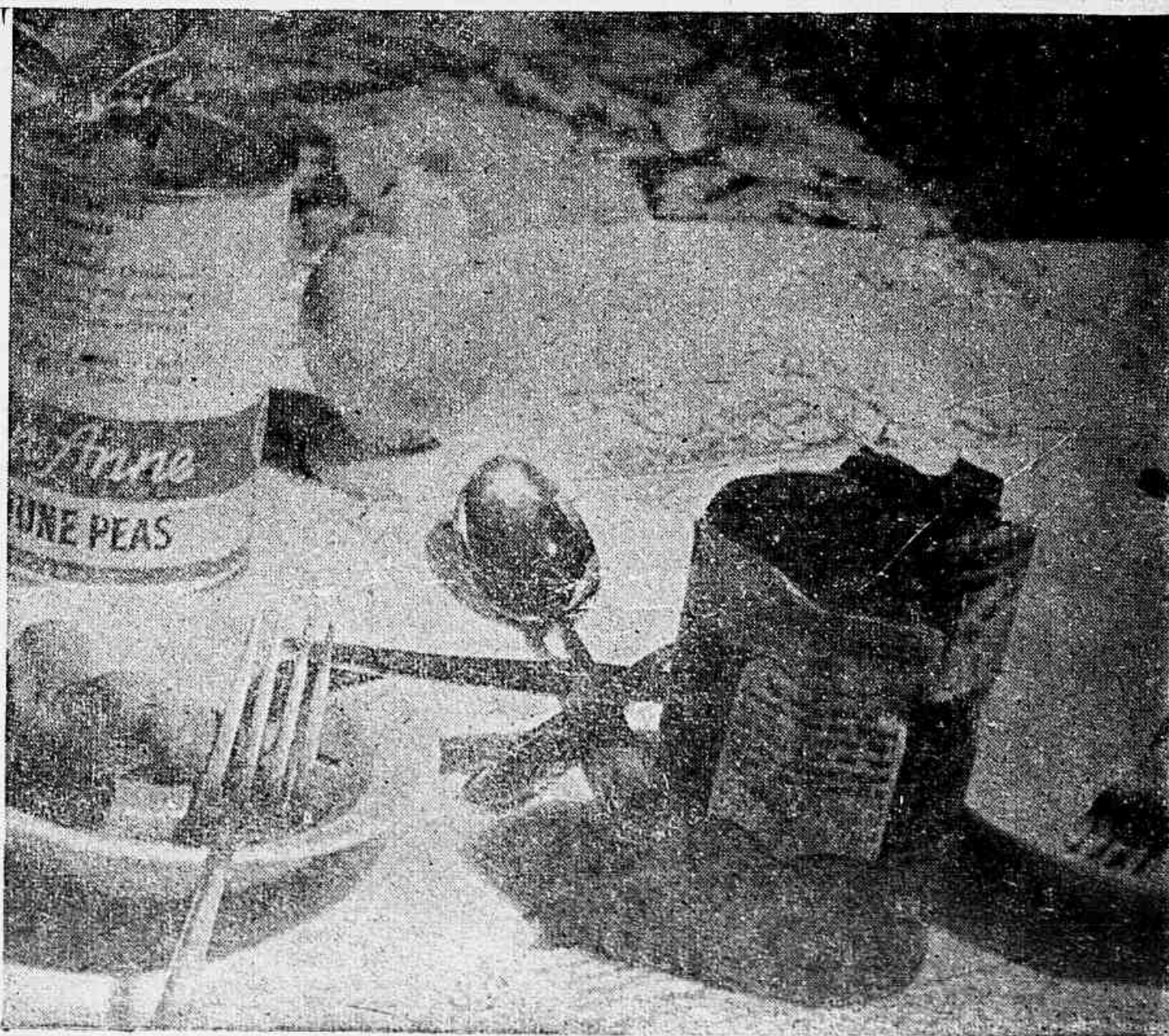
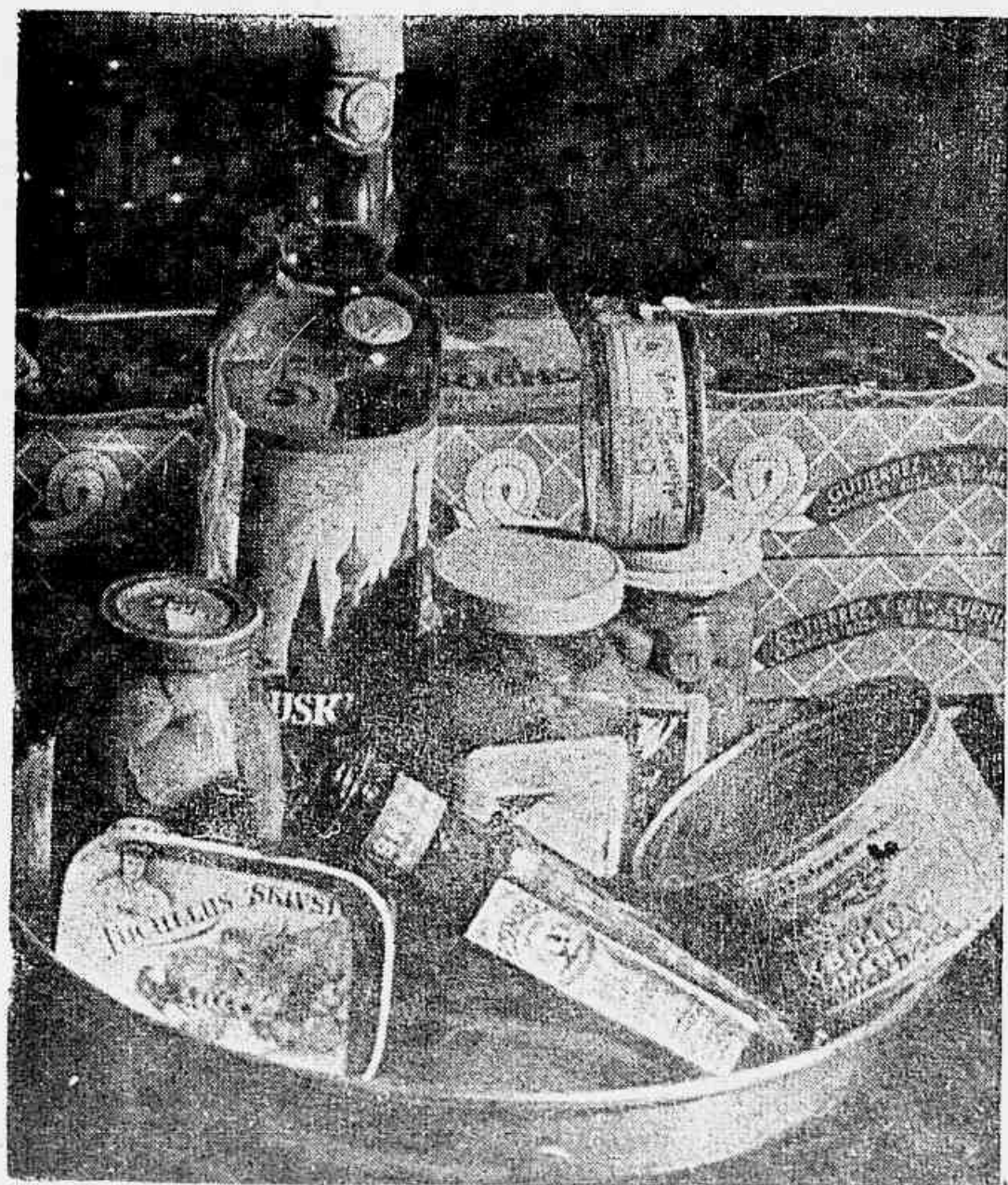
do que sementeiras para plantar as nossas ervilhas. Não é só com estes dois produtos que esse contraste é de estarrecer. No mesmo ano de 1947 nós importamos de "whiskey", de diversas marcas, a fortuna de vinte milhões de cruzeiros. Nesse mesmo ano, importamos apenas dez milhões de cruzeiros de arado! A metade do que se bebeu em "whiskey", foi a quantia que os nossos técnicos acharam suficiente para dotar a lavoura de máquinas essenciais ao nosso desenvolvimento agrícola! Além dos vinte milhões de cruzeiros de "whisky", importamos ainda trinta milhões de bebidas diversas, catalogadas dentro das espécies de aperitivos, quinquinas e genebra. Até parecemos uma nação de bêbados inveterados... De cerveja importamos em 1947 — dos Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, etc. — vinte milhões de cruzeiros. Temos, por conseguinte, um total de bebidas alcoólicas importadas que atinge a sessenta milhões de cruzeiros. Enquanto os lavradores procuram nas cidades do interior um banco que lhes financie a compra de um modesto arado, os "tubarões" da cidade nadam em gin, vinhos, champagnes e outras "perfumarias".

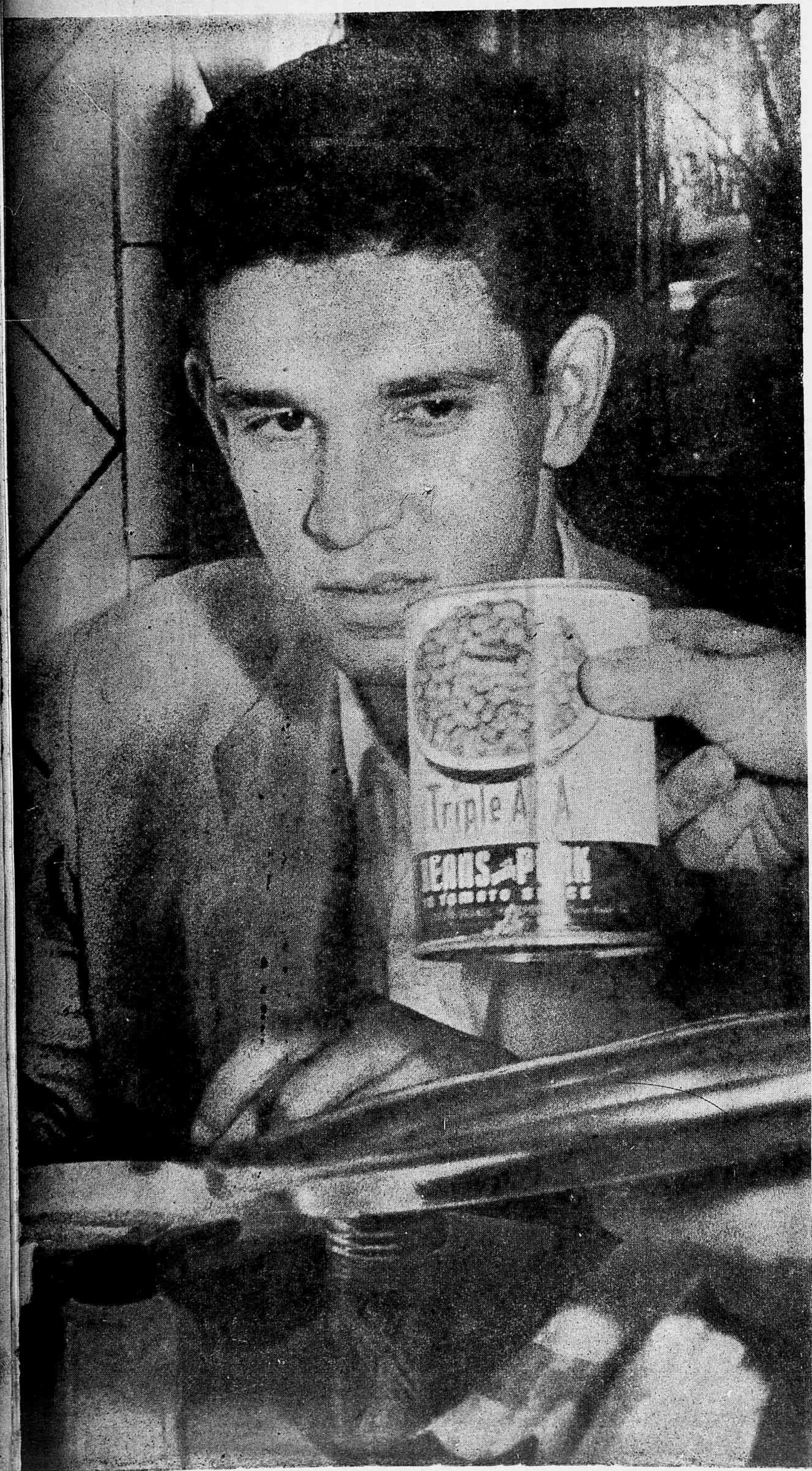
FRUTAS QUE TAMBÉM VEM DE FORA

Os armazéns do Rio, com especialidade as das zonas granfíneas, perderam o seu tradicional aspecto, com as carnes salgadas penduradas nas tábuas dos caixotes e os depósitos simétricos onde guardavam o arroz, o feijão e outros cereais. Também as quitandas estão perdendo a sistemática característica. Em vez de legumes verdes empilhados nas prateleiras, vemos agora uma infinidade de latas com



Em cima: um empregado de uma mercearia carioca (eles hoje precisam passar pela Escola Berlitz...) mostra ao repórter a última novidade: canja de galinha em pacotes. Na foto de baixo, à esquerda, uma reunião de produtos alimentícios vindos dos mais distantes países: água-vita, ou aguardente, da Checoslováquia, pimenta da França, azeitonas da Grécia, peixes salgados da Noruega, azeite da Itália, "pickles" dos Estados Unidos, etc. A direita, em baixo: o tradicional bife com batatas dos boêmios cariocas está sendo convertido agora em salsichas com "petit-pols"... Triste mudança...





dizeres em inglês, alteando-se pelas paredes. Para ser caixeiro de quitanda, é necessário o curso Berlitz. Essas latas são substitutas dos legumes frescos nacionais, que não existem! Até o mostruário de frutas está se desnacionalizando. A banana já é quase coisa rara. Durante o ano todo vendem-se peras e maçãs argentinas. Uvas, pêssegos e ameixas da Califórnia, ou da Espanha, Portugal, ou da pátria de Peron. E com uma grande vantagem — sejamos francos — São muito mais baratas que as nacionais. Enquanto a manga plantada e colhida no Distrito Federal é vendida a quatro cruzeiros cada, a pêra argentina custa quatro vezes menos. A banana é fruta de gente rica e o castigo do "pão e banana" é regime de muita gente da sociedade.

A ERA DA LATA

Passamos uma tarde inteira importunando o nosso amigo Lauro de Castro, do Departamento de Estatística do Conselho Federal do Comércio Exterior. Centenas de fichas foram examinadas para que pudéssemos coíher dados precisos para a reportagem. Chegamos, positivamente, à era dos alimentos enlatados. Para nosso mal, nem sempre são as nossas fábricas que enlatam os cereais e legumes que vão para a mesa. A maioria absoluta, compacta, dessas latinhas, vêm todas de fora e o nosso dinheirinho segue o caminho inverso. Até da Guatemala importamos banana em lata! Certas importações são absurdas. Não compreendemos a necessidade delas. Na parte referente à compra de alhos, por exemplo. Todo o mundo sabe que no interior de quase todos os Estados do Brasil, as résteas de alho custam baratíssimo. Pois bem, ainda assim, importamos em 1947 mais de cinco milhões de cruzeiros de extrato de alho. Será que as empregadas não querem mais ter o trabalho de esmagar os dentes de alho nas panelas? No que se refere a batatas a importância que remetemos em ouro para o estrangeiro é de pasmar. Importamos, principalmente da Holanda, quase cinquenta milhões de cruzeiros desse tubérculo! Nesse mesmo período importávamos dos Estados Unidos e Inglaterra quarenta e seis milhões de cruzeiros de tratores. Mas, afinal, para que abrir estradas para o interior? Brevemente nós não plantaremos mais nada, não cultivaremos coisa alguma e, portanto, não haverá tanta mercadoria a transportar do interior para o litoral... Só as latas, daqui para lá! Nessa data, que não deve estar muito longe, sentiremos saudade daquele xingamento anacrônico que dizia: — "Vá plantar batatas!". Plantar p'ra que, se tudo já vem enlatado, ensacado, condensado, desidratado e congelado dos países de além-mar?

NOCAUTE NA NOSSA INDÚSTRIA ENLATADA

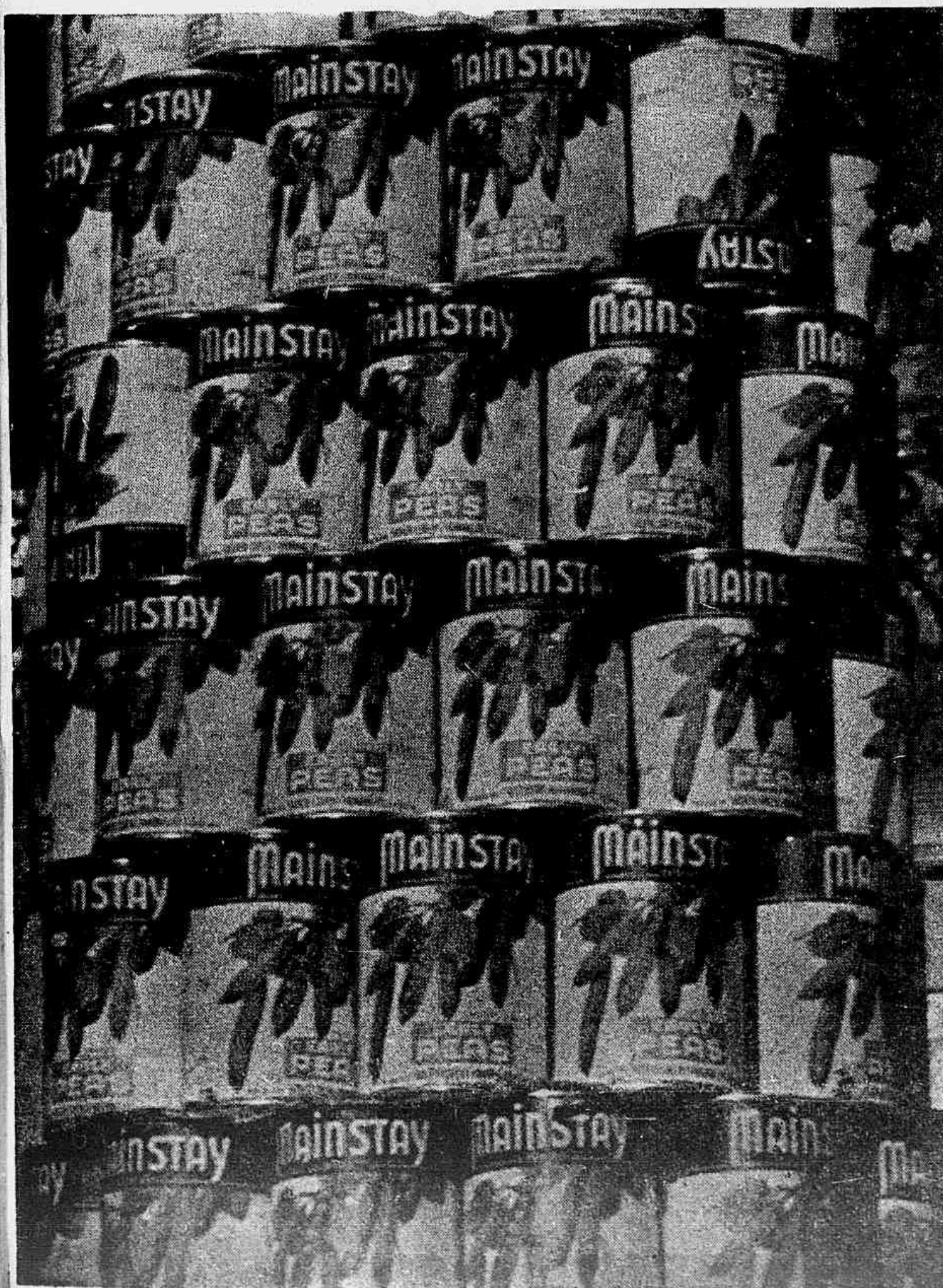
O pior desta situação é que a nossa indústria enlatada não pode concorrer com a sua congênere norte-americana. Uma lata de ervilhas que nos chegue dos Estados Unidos é vendida no varejo a cinco cruzeiros. Uma de ervilhas nacionais da mesma qualidade, com peso idêntico ao da sua rival estrangeira, custa-nos o dobro.

O industrial norte-americano contenta-se com seis por cento de lucro no preço de venda do seu produto em nosso país. O industrial brasileiro e o comerciante que vende a mercadoria fazem um lucro de, no mínimo, vinte e cinco por cento em cada lata. Com essa desproporção, a nossa indústria de alimentos enlatados, dificilmente conseguirá superar a competição estrangeira. Não somos partidários do protecionismo, do encarecimento. Deus nos livre! Foi o que nos disseram vários comerciantes. Anos atrás as prateleiras viviam abarrotadas de produtos indígenas. Precisamos, entretanto, tomar juízo, criar vergonha, corar um pouco diante de cada uma dessas pirâmides de latas, que são zombarias mudas à nossa antiga fama de "país essencialmente agrícola"...

O freguês queria comer feijão à brasileira. — Impossível — disse-lhe o garção — o feijão preto está difícil. Temos agora uma novidade: "baked beans", — feijão com açúcar, enlatado. — "Cerveja? Nacional não temos. Está em falta. Mas temos cerveja norte-americana, também enlatada".



Latas, latas, latas! Os nossos armazens e quitandas estão tomando nova fisionomia. Não mais cereais e legumes frescos nas prateleiras. Agora é a era da lata e quase tudo o que comemos nos vem de fora, empacotado ou enlatado. E o pior é que a nossa indústria parece que não quer concorrer com as rivais estrangeiras.



A SALADA DE AGRIÃO

Conto de MARNEL BARCALA

(Premiado no Concurso Permanente de REVISTA DA SEMANA)

ZEFERINO Duarte, um pacato empregado público, seguidamente ouvia admoestações de seus parentes por continuar solteiro, ligado a uma mulher que abandonara o marido.

— Você precisa casar, pôr-se em dia com a sociedade, — advertiam-no.

Embora não desprezasse as razoáveis ponderações que lhe faziam, não via ele, contudo, inconveniente em permanecer oficialmente sem mulher.

Contava Zeferino trinta anos, porém aparentava mais idade, tão apegado era a hábitos que seu espírito conservador sugeria. Vivía discretamente com Helena, uma morena de cabelos negros como antracite e olhos cômicos de azeitona. Casada com um mulatão desempenado e metido a desancar na mulher os pranchaços que na rua não se atrevera a desferir, Helena abandonou-o um dia e, depois de tentativas inúteis para ganhar a vida sem experiências amargas, juntara-se a Zeferino.

Os dois se entendiam.

— Se gosto de você? Claro! E cada vez mais. O que quero é sossego, — protestava ela a Zeferino, incapaz de compreender como criatura tão sedutora se prendesse a ele, encurvado, nariz adunco, cara amarela e descarnada.

— E se um dia eu casar — que váis fazer?

— Hei de arranjar-me. Conseguirei um emprego, — respondeu ela com sincera mágoa.

Zeferino encontrava sempre roupa lavada e passada, comida, café, escaldapés, tudo a tempo e hora. A mulherzinha esforçava-se por ser uma boa dona de casa.

Metódico e em tudo equilibrado, tendo lido num almanaque que o agrião era um poderoso tônico para os pulmões, viu no agrião a esperança contra os temores que sua deprimida caixa torácica lhe infundia.

— Que sorte se pudessemos ter salada de agrião todos os dias, — observou ele.

— Deixa que hei de arrumar, — prometeu ela.

E no dia seguinte e nos que se lhe sucederam não faltou salada de agrião.

— Mas, como é que você faz para termos salada de agrião todos os dias?

— Ora! Quando a gente quer, tudo se arranja.

E o comedido Zeferino cada vez mais se convencera de que nada o faria mudar o rumo de sua vida.

Uma noite, porém, numa festa, Zeferino deixou-se cair nas graças de uma morena que, por coincidência tão ao sabor de seu conservantismo, era em tudo parecida com Helena. Ele fez menção a um gracioso sinal marcado no queixo da moça e ela gabou-lhe seu ar de respeitabilidade. A donzela atraía-o. Zeferino previa mesmo o fim de sua vida de solteiro. A hora das despedidas ele fez um convite para o cinema; ela respondeu afirmativamente e entre sorrisos e olhares cordiais se apartaram.

— Não é mau partido. Tem um emprego seguro e já é tempo de te casares, — aconselhou a mãe.

Zeferino nada falou em casa da aventura na festa. Mas semanas após Helena desconfiava que algo havia no ar; o companheiro vinha quebrando hábitos, como o de deitar-se à hora exata. As coisas chegaram a tal ponto que ele confessou à amiga o que ocorria.

— Você precisa compreender, Helena, eu devo regularizar minha situação perante a sociedade. Gosto de você, mas... Você compreende...

Ela nada respondeu. E, como si nada houvesse, continuou a tratá-lo como dantes, à espera do momento de ser despachada.

Finalmente Zeferino ficou noivo. Apareceu em casa de argola no anular — contente por dentro, constrangido por fora; afinal aquilo era uma afronta à humilde companheira de tanto tempo.

Assessorada pela mãe, a noiva fez disposições sobre o futuro lar:

— Precisamos comprar um quarto, Renascença; uma varanda, estilo rústico; uma sala de visitas, uma copa...

— Sim, sim, eu me encarrego disso, — atalhou timidamente Zeferino.

— Você bem podia levar para sua casa a Odete, — propôs a mãe.

Como Zeferino fizesse uma carantonha de quem nada compreendia, a futura esposa esclareceu impacientemente:

— É uma criada, Zeferino...

O noivo ficou azoado. As despesas com os móveis, que consumiriam suas magras economias na Caixa Econômica, a criada, tudo a um só tempo, deixaram-no sem fôlego. Não estava acostumado a decisões precipitadas.

— Temos primeiro que ver casa, — lembrou ele com prudência.

Até então só tivera que concordar com que a noiva e a futura sogra propunham.

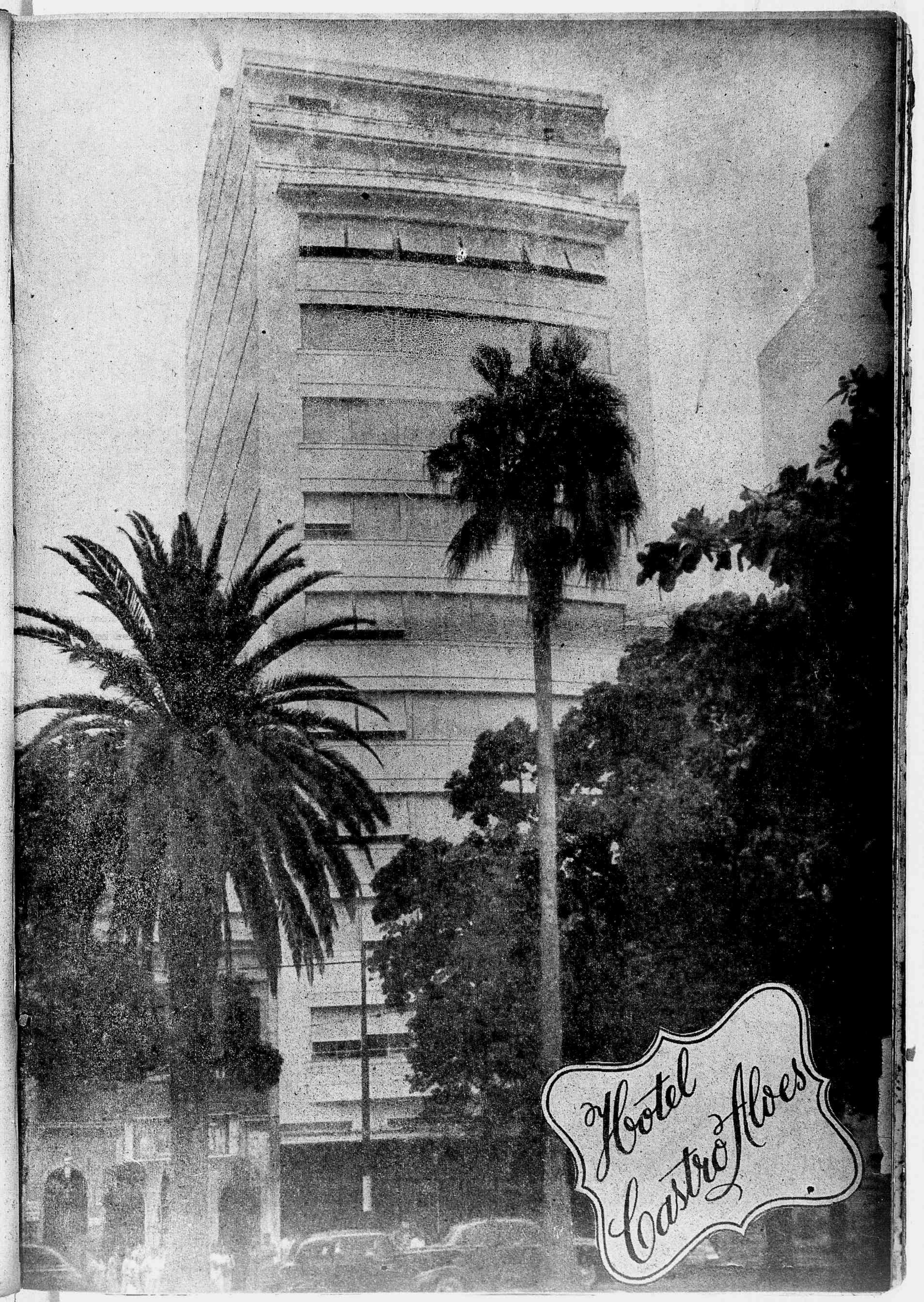
— Isso é o de menos! Já tenho de olho um apartamento, bem no centro.

— Apartamento?! — fez incrédulo Zeferino, com a atenção voltada para a casinha de arrabalde onde morava, com criação de galinhas, marrecos, horta e jardim de que Helena cuidava.

(Cont. na pág. 48)

Ilustração de CRLANDO MATTOS

CRLANDO MATTOS



Hotel
Castro Flores

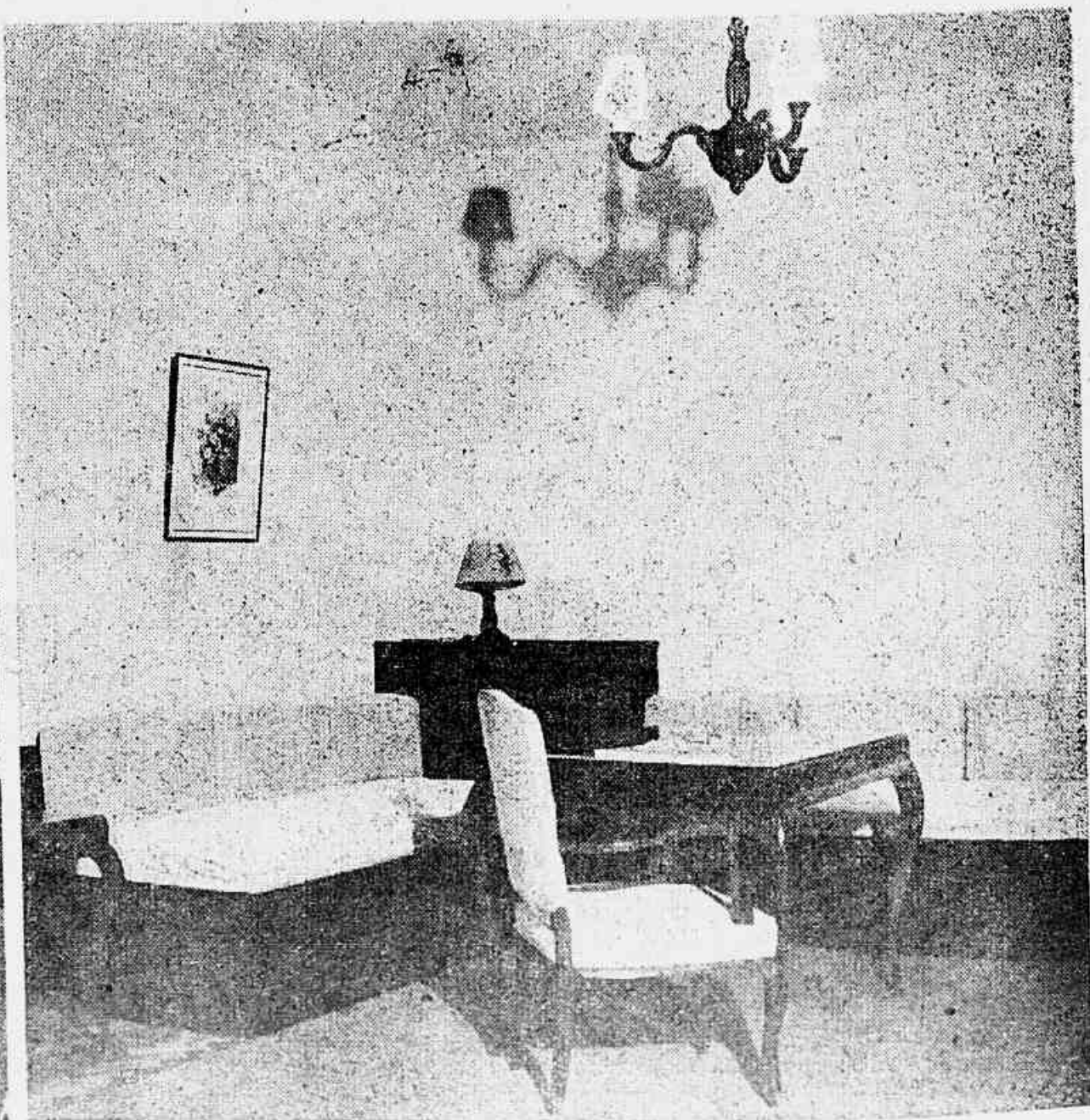
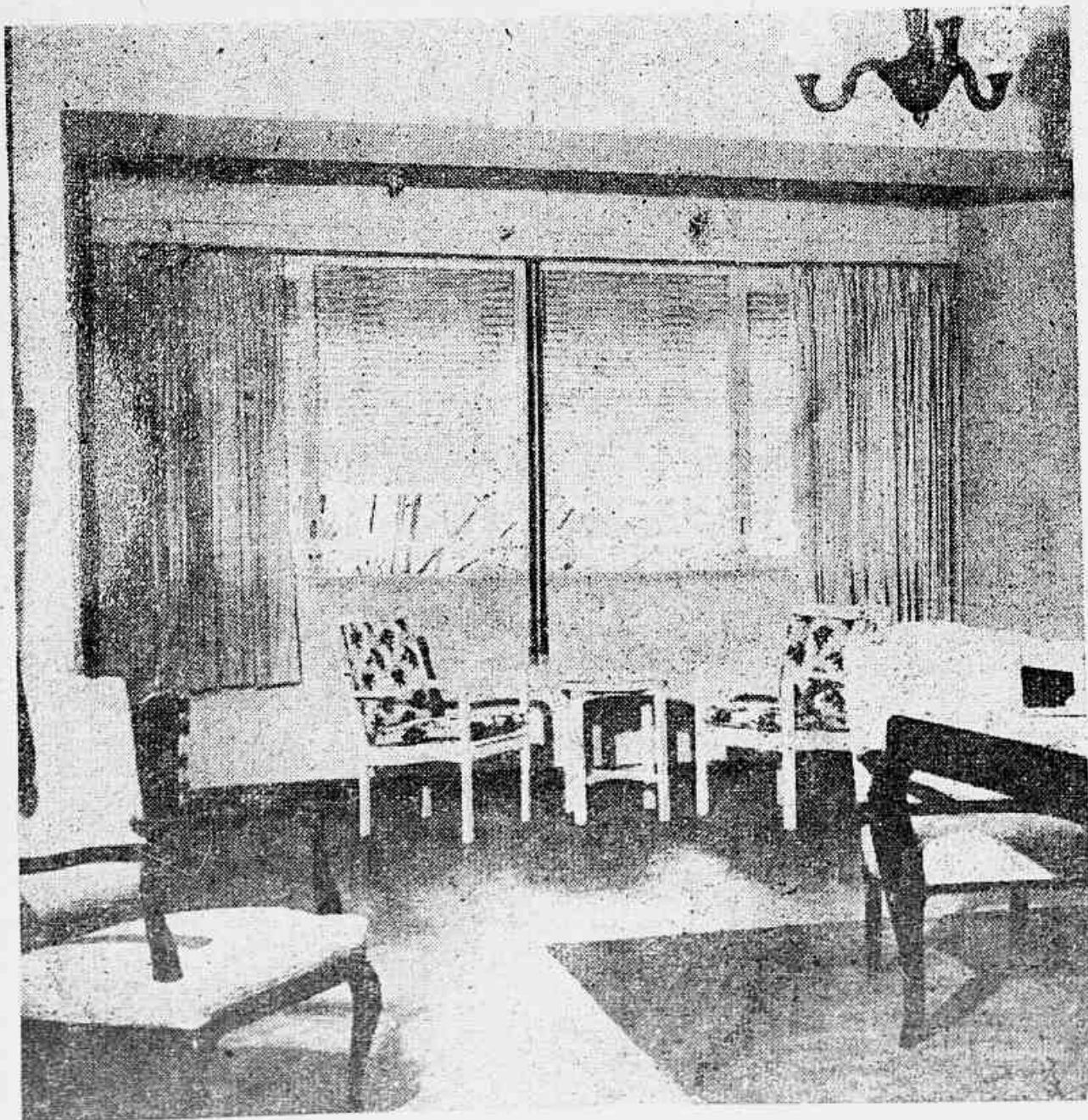
NOTAVEL INICIATIVA EM BENEFICIO DA METROPOLE

A Companhia Brasileira de Novos Hotéis acaba de entregar ao público mais um moderno e confortável hotel, a que deu o nome de CASTRO ALVES, numa delicada e justa homenagem ao imortal autor de "Vozes d'Africa" e de "Navio Negro".

O grande HOTEL CASTRO ALVES, construído no elegante bairro de Copacabana, à praça Serzedelo Correia, 552, se destaca dentre os mais caprichosamente instalados e dirigidos do país, podendo mesmo servir de modelo a todas as iniciativas que surgirem no sentido de facilitar a solução do angustioso problema da hospedagem, e de atrair para o Brasil as correntes turísticas tão necessárias ao nosso progresso e à projeção do nosso país no exterior.

A organização da Companhia Brasileira de Novos Hotéis deve-se ao espírito progressista e realizador do sr. Othon L. Bezerra de Mello, um dos mais destacados líderes da indústria nacional. Executando o programa que, patrioticamente, se traçou, a Companhia já deu a Pernambuco o RECIFE HOTEL, a São Paulo o HOTEL SÃO PAULO e ao Rio o AEROPORTO HOTEL e o HOTEL CASTRO ALVES, cuja inauguração teve lugar no dia 10 do

NA PAGINA ANTERIOR — fachada principal do Hotel. NESTA PAGINA — vistas interiores de alguns dos luxuosos e confortáveis apartamentos do novo grande hotel.



corrente. Este novo e moderno hotel conta com um amplo hall de entrada, luxuosos salões e 80 apartamentos confortáveis com capacidade para 160 hóspedes.

Ao ato solene da inauguração do HOTEL CASTRO ALVES compareceram figuras da melhor sociedade carioca, que foram cumuladas de gentilezas pela família Bezerra de Mello. Viam-se ali, além do sr. Othon Lynch Bezerra de Mello e exma. senhora e filhos, entre outras pessoas gradas, senhoras e senhoritas, o padre Olímpio de Mello, presidente do Tribunal de Contas da Prefeitura, o professor Gondim Netto, Francisco Elísio Pinheiro Guimarães, Fernando Falcão, presidente do Instituto Nacional do Sal, e jornalistas. Depois de um belo discurso alusivo ao acontecimento, o padre salesiano Nestor de Alencar benzeu o estabelecimento, augurando à Companhia Brasileira de Novos Hotéis e ao seu presidente votos de felicidade.

Vários foram os oradores que falaram na cerimônia. Dentre estes, destacamos o dr. Othon Lynch Bezerra de Mello Junior, que como representante do seu pai, fez o discurso inaugural. Foi uma peça oratória brilhante, referindo-se com propriedade, elegância e concisão à obra de Castro Alves; justificou a escolha do nome do imortal poeta para patrono do Hotel, concluindo por acentuar o esforço da Companhia Brasileira de Novos Hotéis para dotar o Brasil de modernos e confortáveis dêsses estabelecimentos. Seu discurso foi muito aplaudido. Falaram, ainda, o cônego Olímpio de Mello e o professor Gondim Netto, encerrando-se, assim, a cerimônia inaugural, que se constituiu em grande acontecimento social.



EM CIMA — Aspecto da benção dada pelo padre Nestor de Alencar, presentes o cônego Olímpio de Mello, o sr. Othon L. Bezerra de Mello e outras pessoas gradas. EM BAIXO — O dr. Othon Lynch Bezerra de Mello Junior, diretor da Cia. Brasileira de Novos Hotéis, lendo seu discurso de agradecimentos à assistência.





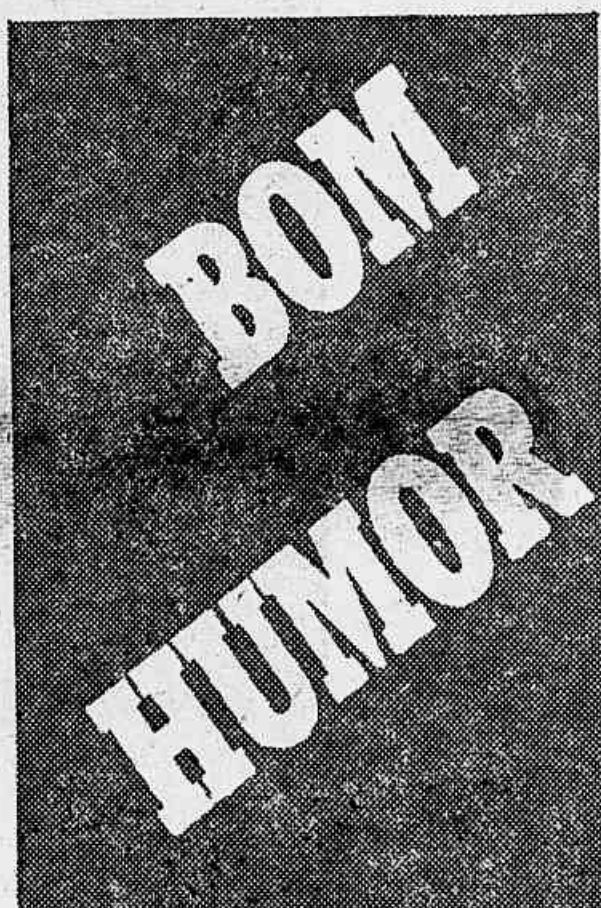
— Aqui está um belo bife, que lhe custará somente 50 cruzeiros...



— Bem... Preciso ir-me embora... Qualquer dia volto para ver seus outros albums de fotografias...



— Eu não lhe dizia que poderíamos fazer da mesma peça dormitório e sala de visitas?



— Nossos pais disseram que você estava aqui para tomar conta de nós... Agora, veja se toma!



BIBI FERREIRA não desmereceu o ditado. Filha de grande ator, sua vocação revelou-se para o teatro, onde tem alcançado sucessos bem significativos, como agora na peça "A Pequena Catarina", em que aparece ao lado de Palmeirim Silva, Alma Flora, Belmira de Almeida e outros mais. Lançada por seu próprio pai, o grande Procópio Ferreira, sua estréia constituiu acontecimento de relevo na história do teatro nacional, tamanha a manifestação da crítica. Mais tarde, dirigindo sua própria companhia, teve oportunidade de reafirmar seu valor artístico, encenando peças de autores consagrados. A seguir, contratada para trabalhar no cinema inglês, Bibi Ferreira embarcou para Londres, de onde se transferiu para a região amazônica, aí filmando com Sabu. Desobrigada, provisoriamente, do compromisso assumido com os cineastas londrinos, ela no Rio, interessada em voltar ao palco. Tão logo se lhe ofereceu oportunidade, Bibi ingressou no elenco de seu pai, vindo a tomar parte nas peças por ele escolhidas. Mas, antes de ingressar no teatro, a querida "estrela" voltou suas atenções para o rádio. Foi ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, ao tempo do "Programa da Hora do Almoço" que a filha de Procópio exibiu suas qualidades vocais, interpretando agradáveis números musicais e acompanhando-se ao violão. Hoje, mesmo afastada das lides radiofônicas, Bibi não deixa de pertencer um pouquinho ao rádio.



JORGE Tavares, artista exclusivo da Rádio Tupi, nasceu na Paraíba. Começou a cantar na Rádio Tabajara, de João Pessoa. Depois, atuou ao microfone da PRE-9, Ceará Rádio Clube. Foi ele o primeiro "crooner" da Orquestra Tabajara, hoje de Severino Araújo e contratada pela Rádio Tupi. Atuou, também, na Rádio Clube de Pernambuco. Veio para o Rio em 1940, contratado pela Nacional, de onde se transferiu para a PRG-3, onde se encontra até hoje. Como intérprete e autor, gravou um frevo-canção, "Regina", de parceria com Nestor de Holanda, música esta que obteve grande êxito. Depois, lançou ainda de parceria com Nestor de Holanda, o samba-canção "Quem foi?", na voz de Araci de Almeida, com os Vocalistas Tropicais, que vem obtendo êxito dos mais expressivos, recordista em vendagem de discos em todo o Brasil.

* Lançará diversas composições novas, pelos melhores cantores da cidade. E' assim, um dos mais vitoriosos compositores populares. Na Tupi, pode ser ouvido em diversos programas preferidos pelo público, inclusive "Rádio-Sequências G-3". Seu divertimento preferido é o cinema. E' exímio dançarino de frêvo. Pratica diversos esportes, não acredita em superstições, frequenta o teatro, com assiduidade, e não perde uma boa conversa entre amigos.



INA Brenda, jovem intérprete da música erudita, desde 1943 que vem emprestando o concurso de sua voz aos programas das emissoras cariocas. Com atuação destacada ao microfone da Rádio Cruzeiro do Sul, tomou parte em programas musicais e participou de audições exclusivas. Dedicada ao estudo do bel canto, a atividade radiofônica jamais a privou de prosseguir nos estudos, a fim de melhor aprimorar suas qualidades vocais. Deixando a PRD-2, empreendeu proveitosa excursão pelos Estados sulinos, realizando audições em diversas cidades e tomando parte em programas organizados pelas emissoras locais. Ao regressar, participou das atrações da Rádio Club do Brasil, animou alguns musicais da Rádio Jornal do Brasil e esteve em negociações com a Rádio Globo. Agradável no trato, Ina Brenda conseguiu reunir em torno à sua pessoa apreciável número de admiradores da sua voz educada, além de conquistar inúmeros fãs para seus programas. Bastante moça, mas já possuidora de invejável cultura, a vitoriosa cantora emprega seus momentos de folga na leitura, preferindo ler os livros biográficos. Isto não a impede, porém, de apreciar alguns esportes, como a natação, o tenis e o volley-ball. Gosta de cinema, de teatro e da vida campestre. Sua grande ambição é conquistar as grandes platéias, o que não lhe será difícil, pois possui muito valor.



MAFRA Filho, artista exclusivo da Rádio Nacional, firmou-se no gênero rádio-teatral. Sua participação nas diversas novelas que a PRE-8 transmite, diáritamente, deram-lhe margem a conquistar popularidade, sonho dourado de quantos tentam a carreira radiofônica. Veterano na arte de dizer ao microfone, trabalhou em várias emissoras cariocas, sempre com o mesmo brilho com que o faz nos dias presentes. Rádio-ator penetrado de seus deveres para com o grande público, é pontual nos ensaios e jamais deixa de tomar conhecimento da responsabilidade que lhe cabe. Quando vai para o microfone, tem o papel quase decorado. Durante algum tempo participou dos espetáculos de rádio-teatro da Cruzeiro do Sul, trabalhando ao lado de Sílvia Regina, Sérgio Erico e outras figuras conhecidas. Certa vez, na PRE-2, ao tomar parte na peça "O homem que queria ser gênio", foi vítima de um ataque de riso, devido uma pilhéria de um companheiro. Mafra Filho, recentemente, participou da novela "Prisioneira do destino", desempenhando papel de importância. No momento, atua nas principais histórias em capítulos que a PRE-8 transmite, vivendo os mais curiosos papéis. Nas horas de folga, aprecia um bom filme ou uma boa peça teatral. Gosta de passear muito, conhece a arte de fazer amigos e não acredita no que se possa chamar de azar.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



— Um cavalheiro não deve, não pode tolerar um tal ultrage!

Ao ouvir falar de cavalheiro, Anastácio inclinou a cabeça para o peito, para cheirar a rosa que trazia na lapela, e disse sorridente:

— Eu hei-de esmagar êsse réptil... Rapaz!

Para pagar a êste tirou do bolso um duro e com êle duas moedas de ouro que trazia como fundo permanente e intangível; deu aquele ao moço, e sem esperar pelo troco, tão distraído julgava que se devia estar na sua situação, salu da Arca.

A Arca era o nome caprichoso, abracadabrante, segundo a opinião de um dos sócios, que na Sidéria se dava ao cassino onde acudia a fina-flor da elegância, os homens mundanos e da alta sociedade, os classificados pelo *chroniqueur* modernista e boulevardisante de O Correlô Sideriense, de gentlemen, sportsmen, bonvivants, blasés, comme il faut, struggle-for-lifeurs e um sem fim de palavrões, para dar tom; os cavalheiros mais distintos da cidade ducal.

Um deles tinha importado da Alemanha, onde tinha residido durante ano e meio, o nome de fillistinos, que os sócios aplicavam a todos os ordinários burgueses da terra.

Os invejosos, os pedantes e os pusilânimes sustentavam que na Arca se reuniam os espíritos mais pedestres da cidade, empenhados em tirar-se do abismo da sua própria mediocridade, como o barão de Munchhausen do poço em que caiu, puxando-se pelas orelhas, cá para cima; e não faltava má-língua que classificasse os alegres consócios, de parvos e bandidos sem disfarces, de parvos disfarçados de bandidos e de bandidos disfarçados de parvos.

Porém, deixemos êstes ladridos à lua dos impotentes, e voltemos a Anastácio, o qual, ao sair da Arca, fez como se refletisse um momento diante do coche e acabou por dizer de si para consigo: "Não, nesta ocasião não serve o coche. A pé, a pé!"

Uma carruagem que passava salpicou-lhe as calças de lama. O primeiro efeito que tal desastre provocou em Anastácio foi a viva dor do arminho ofendido em sua cândida pureza; porém, logo a seguir, voltando os olhos à afronta que lhe devorava o coração, deleitou-se com a providencial nódoa de lama.

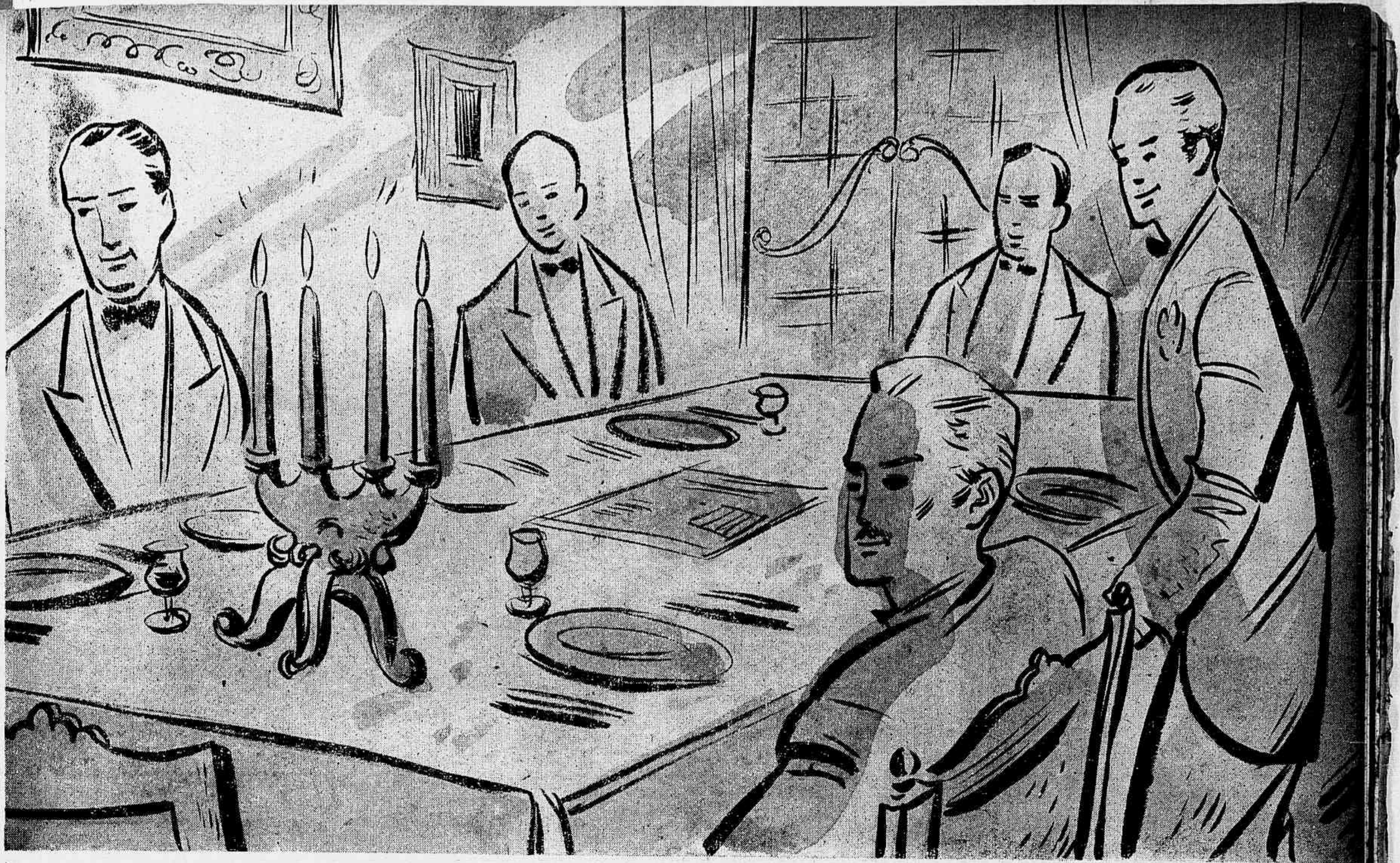
Se Anastácio tivesse a debilidade, imprópria de um perfeito cavalheiro, de ser algo filósofo, uí!, ter-se-ia perdido em néscias divagações acerca do simbolismo da Natureza. Porém, toda a sua filosofia se reduzia à estritamente necessária; saber que Deus fez o Mundo para o homem e o homem para a honra, e que todo o Universo era uma arca imensa.

Quando chegou à redação de "O Abelhão", deteve-se a porta por cima da qual estava desenhado um abelhão enorme.

Puxou Anastácio do lenço perfumado, que assim o usava apesar-das troças de muitos amigos, mais práticos no que respeita a lenços, e levou-o ao nariz.

Dentro da redação ouviam-se vozes em disputa e uma sobre tudo, que sobressaindo das demais, dizia:

— Eu lhe digo que de todas as imbecilidades que inventaram os ociosos para matar o tempo e distinguiem-se, a mais estúpida é a honra. Toda a gente fala da nobreza do leão, que é um bicho daninho, e a mim



me parece muito mais nobre o burro. O leão, que é animal de presa e que se alimenta de carne, terá inventado a honra; mas o pobre do burro, que é besta de carga, inventou o dever. E mais que tudo, senhores, de onde se conclui que seja nobre alguém defender-se com garras e dentes, como o leão, e já o não seja com a ligeireza dos pés, como a lebre; com a astúcia, como a raposa; com a pequenez, como o mosquito; com a tinta, como o choco? O mesmo Deus que deu garras e bico à águia, foi quem deu a pequenez ao mosquito, e a tinta ao choque. Todos os imbecis...

Naquele momento, Anastácio, que tinha repuxado os punhos e coíado o bigode, e que tinha empunhado a bengala como vela de procissão, indignado por ouvir tantas pedantices ridículas, entrou.

Uma vez lá dentro avançou a perna de forma que pudesse ser vista a simbólica nódoa de lama e disse:

— O caricaturista... desta folha?

— Muito boas noites.

— Boa noite. O caricaturista, disse eu.

— Presente! exclamou um jovem que estava a fazer passarinhos de papel.

— E' o senhor o mamarrachista desta... folha? tornou a perguntar Anastácio.

— Para o servir.

Anastácio sentiu, ao ver um passarinho de papel pousado sobre a mesa, ganas de arranhar o outro; mas dominou-se, baixando a cabeça para cheirar a rosa, cândida flor!, e voltou a perguntar:

— E' o senhor o autor dessa imunda caricatura?

— I-mun-da..., i-mun-da..., muito bem! Exato..., a frase é feliz..., sim senhor, sou eu!

— Tem aqui o meu cartão — disse Anastácio tirando do bolso um para lho dar.

— Está muito bem... Joaquim Ortiz, rua de Suso, 31, 2.º, tem o senhor uma casa às ordens. Não uso cartões.

— Um pinta monos — pensou Anastácio; — já estava com receio que não fosse um cavalheiro... Mas até este ponto! Não usa cartões! Isso é o mesmo que nem sequer ser homem! Aonde irá parar este infeliz?

— Espero do senhor uma satisfação; esta noite não de ir visitá-lo dois dos meus amigos — acrescentou ao sair.

Quando, ao fechar a porta, ouviu uma gargalhada, sorriu Anastácio cheio de compaixão, cheirou a rosa e, dizendo de si para consigo: "não usa cartões!", sentiu toda a fealdade da nódoa de lama. Como esta já estava seca limpou-a nas escadas da redação do jornal.

Na rua olhavam muito para ele. "Sabereis quem é Anastácio" — pensou.

Dois carrejões bulhavam, praguejando como senhoritos, e um deles disse para o outro:

— Vai-se resolver isso à pancada...

Ao vê-los irem-se, pensou Anastácio: "Tudo isto, e a polícia sem impedir estas ordináries... Grosseiros! Na-na, nada; o povo é o povo... Quando digo que em Es-

panha não estamos preparados para a República... Povo grosseiro, imprensa insolente... E' evidente que a aristocracia tem a obrigação de exercer uma tutela sobre o povo, uma tutela fraternal, entende-se... e a verdadeira aristocracia, não essa antigalha rançosa e carcomida".

Quando chegou ao cassino procurou o seu amigo Herminio, a quem perguntou por Pepito Curda.

— Pepito... a estas horas!

— Ah! Sim — respondeu Anastácio com seriedade, lembrando-se que aquela hora Curda se dedicava a emborrachar-se para poder dormir de uma assentada, esquecido do trabalho e dos negócios.

— E Juanito?

— Deixa-o que hoje está com sorte!

— Mas, esse rapaz, quando é que se vai corrigir? — disse Anastácio com a gravidade apropriada à sua situação. — Assim vai acabar mal.

— Qual! Ele lá entende disso e sabe que coloca o seu capital a bom rendimento.

— E Ambrósio?

— Ali o tens.

Com efeito, numa mesa próxima discutiam vários sócios a respeito duma proposta, a qual era que o Município de Sideria pagasse dois moços à Arca, bonita combinação para acabar de escandalizar os pobres filistinos da cidade ducal.

— E' preciso dar que falar a essa manada de porcos, que trabalham como imbecis, e economizam dinheiro para que o comam os filhos, e creem no senso comum.

Um tímido punha objeções a esta idéa e pedia, pelo menos, um verniz de legalidade.

— Tem razão! Exclamou um.

— Psch; e que dá, ter razão ou não a ter? Que adianta? — replicou com desdém Ambrósio, que passava por um dos oráculos da Arca.

A frase deixou a todos suspensos de admiração e, num momento correu por toda a Arca.

Anastácio chamou Ambrósio inteirou-os, a ele e a Herminio, do assunto e acabou por lhes dizer:

— Uma rectificação ampla, absoluta, completa, sem reservas..., ou senão... a sabre!

E dito isto foi-se a casa de um mestre de armas, onde esteve a ensaiar golpes e posições.

Quando, cansado por tantas emoções, chegou a casa, pôs-se a pensar no traje que conviria para o lance.

Tirou-o do guarda-fato, vestiu-o e esteve a ensaiar golpes com a bengala. Depois pôs-se a escrever a Enriqueta, o seu amorzinho. O fim era tranquilizá-la não sucedesse que algum indiscreto lhe desse uma sufocação com uma notícia de chofre.

Quando despertou clareava o dia na janela. Começou a passear na sala até que deram as sete, hora combinada com o mestre de armas para continuarem a lição.

Os amigos foram buscá-lo à sala de armas no momento em que estava mais absorvido no estudo de um golpe.

— Nada disso — disseram-lhe; — a coisa arranjou-se satisfatoriamente.

— Entre cavalheiros... — começou a dizer o outro.

— A retificação devida, uma retificação de honra, como querias. Há-de vir no próximo número de "O Abelhão", o de domingo.

— Mas, se não usa cartões!... — pensou Anastácio.

O mestre de armas estendeu-lhe a mão dizendo-lhe:

— Espero que nos tornemos a ver. Um jovem como o senhor, um dos da nata, não deve descuidar estas coisas. O senhor mostra felizes disposições, e o manejo das armas é que dá a prudência ao forte, ao mesmo tempo que faz com que sejamos respeitados.

Anastácio pagou-lhe muito bem e saiu com os seus dois amigos que, sorrindo, o levaram a um fotógrafo.

— Mas...

— Deixa correr. Confiaste a tua honra nas nossas mãos.

★

O "Abelhão" do domingo seguinte teve uma venda muito maior do que a que tinha tido com o número da caricatura de Anastácio. Na primeira página publicava em fotogravura um formoso retrato deste em traje matinal; uma retificação ampla, absoluta, completa, sem reservas.

Os leitores que não conheciam Anastácio compararam o retrato com a caricatura, enquanto o ofendido desagravado se prodigalizava em traje matinal por todos os passeios da cidade.

Um redator de "O Abelhão" foi apresentar-lhe os parabéns que ele recebeu com dignidade, cheirando a rosa enquanto dizia de si para consigo: "Hoje já te não ris".

— Aqui vem ele — ouviu que diziam num grupo.

Mas a maior pândega foi na Arca. O sucesso provocou o regosijo dos sócios, que armaram um banquete, com as devidas borracheiras e brindes, presidido por Anastácio, e em holocausto à honra, da qual se riam por dentro graças ao portentoso Ambrósio, ainda que por fora fossem os seus mais zelosos sacerdotes.

O número retificação do jornal figurava como centro de mesa. Anastácio não podia nem com a honra nem com as taças que lhe faziam beber. Acabou por cair no chão.

Desde então visitou frequentemente a sala de armas.

Conto de MIGUEL DE UNAMUNO

ANASTÁCIO

Ilustração de A. ZALUAR



UM FILME NACIONAL DE GLORIFICAÇÃO DOS JANGADEIROS

**RAUL ROULIEN À FRENTE DE UMA
NOVA PRODUÇÃO**

RAUL Roulien tem um passado artístico que abrange lutas desenroladas em três países: a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos. Tem estado sempre aprendendo e procurando progredir. E mesmo suas ausências, por vezes longas, não têm diminuído seu interesse pelas coisas brasileiras. Realizador de "O grito da mocidade" e de "Aves sem ninho" em nosso país, autor do argumento de "Asas do Brasil", prestes a ser lançado na tela dos nossos cinemas, um dos seus velhos planos era a realização de um filme glorificando os nossos jangadeiros. Chegou, afinal, o dia de realizá-lo. Ele próprio escreveu o argumento, baseado na figura lendária do jangadeiro Nascimento, o famoso "Dragão do Mar", da campanha abolicionista no Ceará. Raquel de Queiroz escreveu os diálogos. Adam Jackson foi chamado da Argentina para se incumbir da fotografia. E a película, que se chama "Jangada", já está praticamente pronta. É uma produção da Cine do Brasil, dirigida pelo produtor Raul Roulien (ele desta vez não aparece na película como ator) e tendo entre os intérpretes os atores Orlando Guy, João Cabral, Carlos Medina, etc., e a atriz Fada Santoro. No filme, também intervêm pescadores e jangadeiros do Ceará, bem como jovens cearenses, ali mesmo selecionadas para participarem da nova película nacional. Em vez de apresentar na tela a figura do "Dragão do Mar", o que importaria em rigores de fidelidade histórica e em longas pesquisas, Raul Roulien preferiu criar uma figura simbólica, com os mesmos pendores e inclinações que o jangadeiro Nascimento. Os "stills" do filme, alguns dos quais aparecem nestas páginas, são incontestavelmente belos e de forte expressão pictórica. Se o filme corresponder, em qualidade pictórica, às fotografias que já tivemos oportunidade de admirar, e entre as quais selecionamos estas, o novo filme de Raul Roulien será certamente um sucesso, ainda que só pela beleza dessas imagens rústicas.

Em cima: jangada bordejando um braço de rio. Era nestas águas que, segundo a lenda, se banhava Iracema, a virgem dos lábios de mel. Em baixo: os atores Carlos Medina e João Cabral em uma cena do filme.





Em cima: detalhe de um grupo de carpideiras, na cena do enterro de um jangadeiro. Em baixo: dois jangadeiros que Raul Roulien escolheu na praia de Mocuripe, em Fortaleza, e converteu em atores de "Jangada", o seu novo filme.

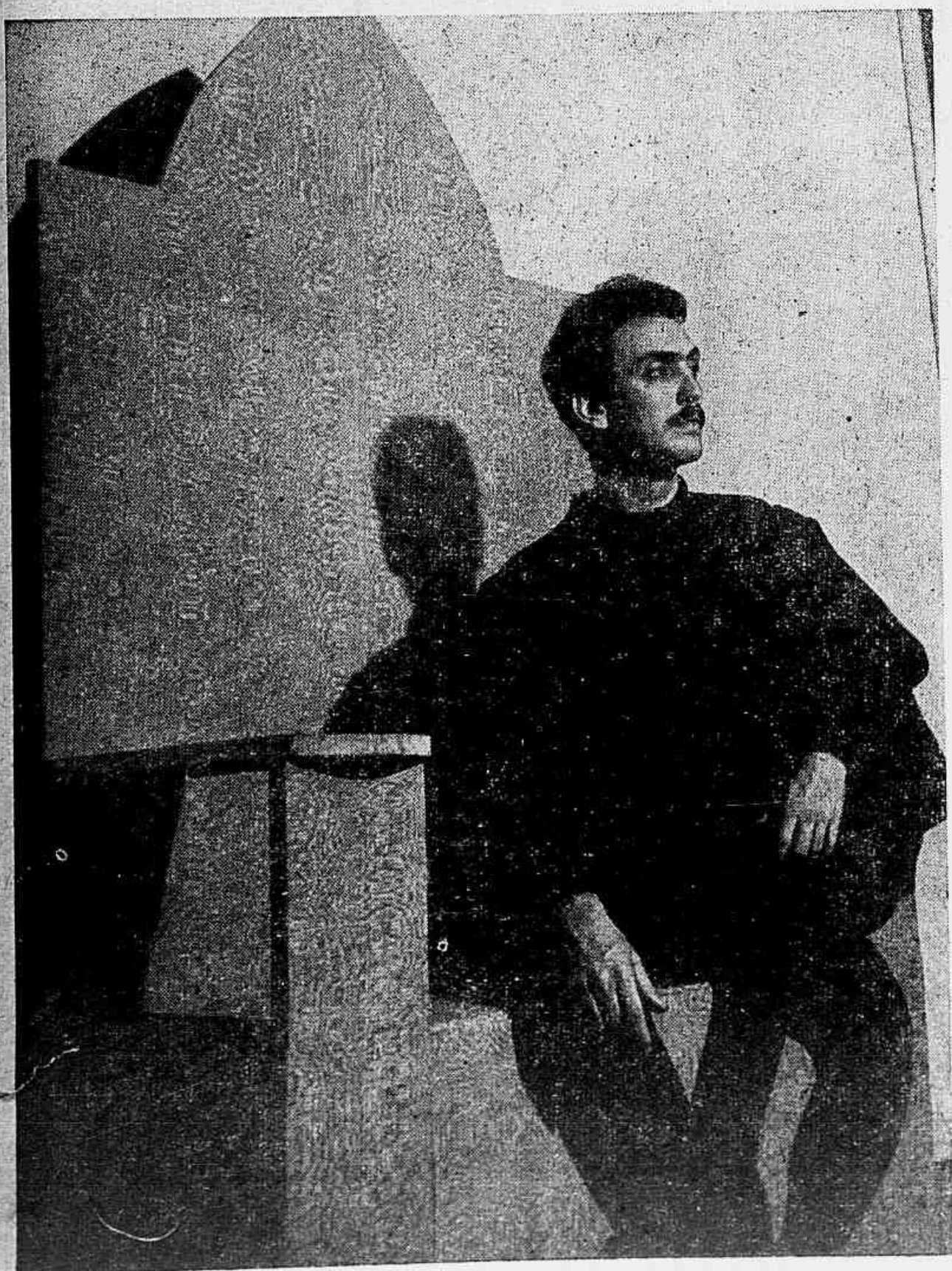




Em cima: uma cena na qual aparecem os pagens Ayrão Bianco e Temístocles Fernandes Costa, os conselheiros Pacheco, Coelho e Gonçalves, vividos por Paulo Vieira, Elísio de Albuquerque e Jacé Campos e ao centro, no trono, a figura de D. Afonso de Portugal, tipo a que Tarquínio Lopes soube dar majestade. Na página ao lado: um detalhe da caracterização de Tarquínio Lopes.

O SEGUNDO ESFORÇO DO TEATRO DO ESTUDANTE

MENOS FELIZ DO QUE "HAMLET", CONSTITUIU, ENTRETANTO, UMA COMPROVAÇÃO DE VALORES DIGNOS DE MELHOR APROVEITAMENTO — A FUNDAÇÃO DE UMA ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

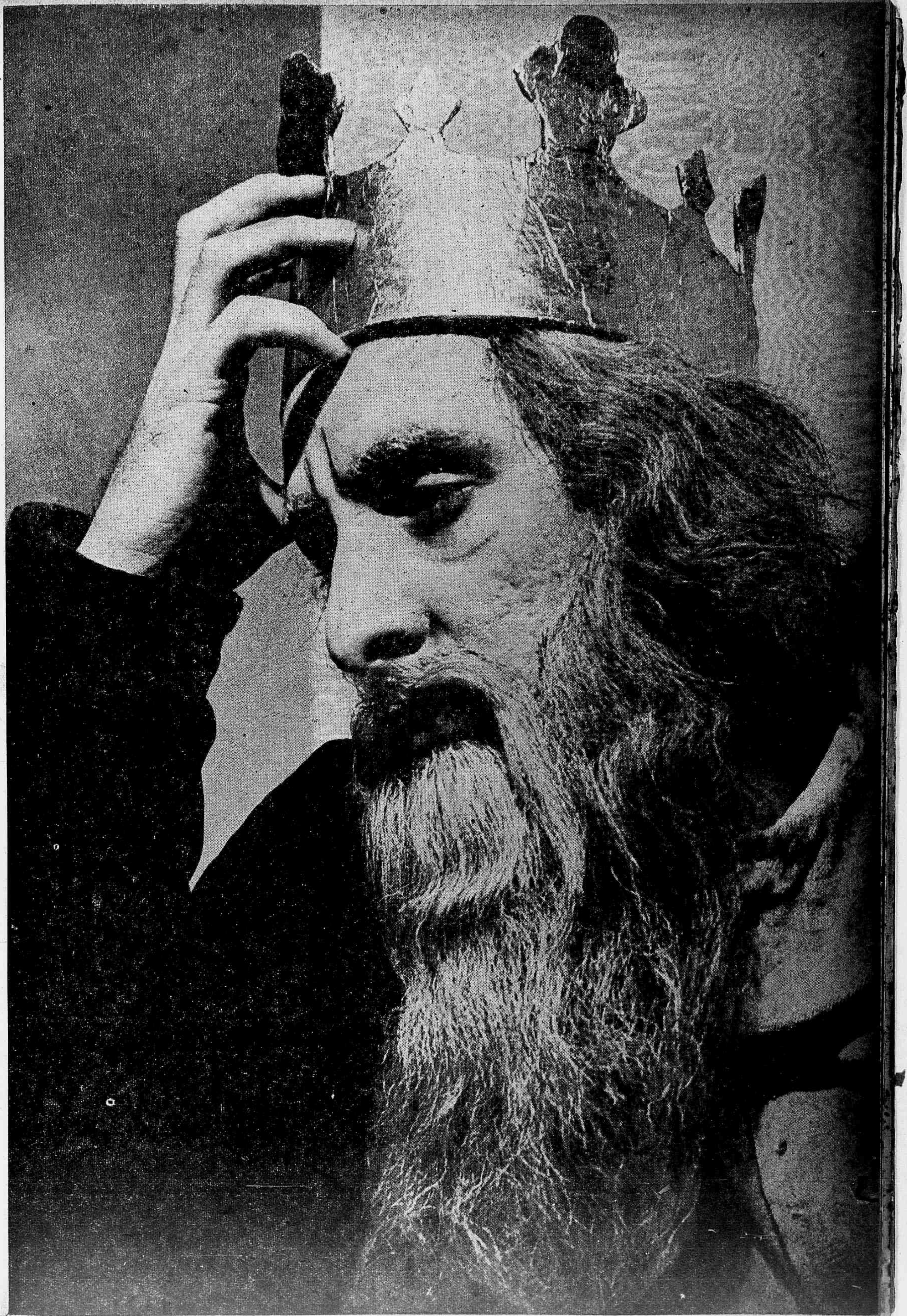


O Teatro do Estudante do Brasil, dirigido pelo entusiasmo e o dinamismo de Paschoal Carlos Magno, teria logrado sucesso bem maior se tivesse invertido a ordem de suas apresentações. Se tem começado com "A Castro", para em seguida dar "Hamlet", teria impressionado mais vivamente, do que tendo estreiado com a obra de Shakespeare, para em seguida exibir a peça portuguesa de Antonio Ferreira, refundida pelo escritor Julio Dantas, da Academia de Ciências de Lisboa, autor de "A Severa" e "A Ceia dos Cardiais". Entretanto, mostrando todo o jogo, — um "royal straight flush", — na primeira peça, o Teatro do Estudante chegou quase a dar a impressão de que estava fazendo passar um "bluff" com a segunda, muito embora "A Castro" valesse como uma "full hand". E' que, em "Hamlet", houve, antes de mais nada, o prestígio da obra

prima de Shakespeare, cujos efeitos dramáticos são infalíveis, e em segunda lugar a surpreendente revelação do talento jovem de Sérgio Cardoso, — a figura máxima do elenco do Teatro do Estudante.

Peça apenas medíocre, sem nenhuma universalidade e sem expressão literária, uma vez transportada para fora dos quadros modestos do teatro português, "A Castro" não despertou a necessária correspondência na platéia, não entusiasmou nem comoveu como "Hamlet" havia entusiasmado ou comovido. Diremos mesmo que, sem a excepcional habilidade de Paschoal Carlos Magno, procurando valorizar o espetáculo com coisas simplesmente acessórias, como números de canto e dança, teria sido, talvez, decepcionante, melancólica e sensaborão esse segundo espetáculo. Para salvá-lo, para impedir que se tornasse fastidiosa a representação de "A

Pernambuco de Oliveira, além de autor dos cenários da peça, tem a seu cargo a interpretação do papel de príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso de Portugal. Sua atuação foi discreta e esforçada





Em cima, à esquerda: os dois grandes amourosos da peça, Inês de Castro (Liuba Vatinyck) e o príncipe D. Pedro (Pernambuco de Oliveira). Em baixo, à esquerda: uma expressão do ator Carlos Couto, que declamou corretamente o prólogo da peça. À direita: um flagrante da tragédia, quando Inês se vê obrigada a se apartar dos filhos, afim de que estes não presenciem sua morte.



Castro", concorreram o Coral Lutécia, dirigido por D. Alda Pereira Pinto, e o Conjunto Coreográfico, dirigido por Vlaslav Veltchek. Entre os intérpretes da peça, guiados com segurança por dona Esther Leão, destacaram-se Liuba Vatnick, Tarquinio Lopes e Pernambuco de Oliveira. Malgrado as deficiências do texto, o Teatro do Estudante do Brasil ainda nos deu uma "Inês de Castro" mais pomposa e aceitável do que a da infeliz "Rainha Morta", de "Os Comediantes".

"A Castro" não será o último espetáculo do Teatro do E. do Brasil, pois essa organização ainda dará nesta temporada uma outra obra, que será a famosa tragédia "Antígona", da qual existem várias versões modernizadas, inclusive as de Jean Anouilh e de Jean Paul Sartre. Entretanto, Paschoal Carlos Magno, por motivos de ordem cultural, visto tratar-se de um espetáculo de estudantes, preferiu ir às fontes originais da tragédia. Ao mesmo tempo que o Teatro do Estudante do Brasil projeta a inauguração de uma Escola de Arte Dramática, sob o patrocínio do ministro da Educação e Saúde Pública, sr. Clemente Mariani, que a subvencionou com duzentos mil cruzeiros. Pretende Paschoal Carlos Magno adotar, nessa escola, um programa de ensino bastante amplo e avançado, repousando tanto na teoria como na prática. O programa dessa escola já foi publicado e comentado pela imprensa diária, tendo entusiasmado o ministro Clemente Mariani. A Escola de Arte Dramática será um complemento indispensável do Teatro do Estudante, ou, melhor, deve ser sua própria base. Vocações teatrais não podem surgir da noite para o dia, embora por vezes nos surpreendamos com a eclosão de um talento como o de Sérgio Cardoso. Se o T. E. B. tivesse uma escola, a filtragem dos elementos de suas representações teria sido possível, com um rigor e um acerto maiores, em benefício da homogeneidade dos elencos. E, assim, não teríamos visto em cena aquele rei incrível da primeira versão do "Hamlet", destituído de quaisquer condições físicas ou artísticas para o papel. Não possuindo o Brasil o que se possa qualificar de uma grande Escola de Arte Dramática, mas apenas dois cursos, o da Escola Dramática Municipal e o do Serviço Nacional de Teatros, ambos desprestigiados pela falta de verbas, de professorado e até de local para suas instalações, a nova realização do T. E. B. poderá ter uma influência preponderante no nosso meio.



Em cima: dona Esther Leão, a incansável e excelente ensaiadora da peça, num momento de ensaio com Carlos Couto. Em baixo: três graciosas componentes do Coral Lutécia, formado ao todo por quatorze vozes. Ao Coral Lutécia e ao Conjunto Coreográfico Brasileiro deve-se muito o êxito da peça.





ERA um cavalheiro fino, distinto, de fisionomia ingênua e simpática. Não havia motivo para me opôr que ele ficasse no meu quarto por alguns dias. O dono da pensão apresentou-o como um antigo hóspede a quem devia muitas atenções. Se eu recusasse compartilhar com ele o meu quarto, seria obrigado a deixar de atendê-lo, por ter toda a casa ocupada, o que sentia extremamente.

— Desde que ele não vai se demorar em Madrid senão por alguns dias e contanto que não tenha horas extraordinárias para se deitar nem para se levantar, não há inconveniente em que o senhor ponha uma cama para ele no gabinete... Mas, cuidado que isto não sirva de exemplo!...

— Não se preocupe, senhorito; não tornarei a incomodá-lo com estas embaixadas. Faço-o unicamente para que Don Ramon não vá bater noutra casa. Acredite que é uma boa pessoa, um santo e não o incomodará em coisa alguma.

E assim foi, efetivamente. Nos quinze dias que Don Ramon esteve em Madrid não tive razão para me arrepender de minha condescendência. Era a fenix dos companheiros de quarto. Se voltava para casa mais tarde do que eu, entrava e se deitava com tal cautela que nunca me acordou. Se se recolhia mais cedo, esperava por mim, lendo, para que eu pudesse deitar-me sem medo de fazer barulho. Pelas manhãs, nunca acordava senão depois de me ouvir tossir ou mexer-me na cama. Vivía perto de Valencia, numa casa de campo, e só vinha a Madrid quando algum assunto o exigia; nessa ocasião era para solicitar a promoção de um filho, registador da propriedade. Apesar de esse filho ter a mesma idade que eu, don Ramon não passava dos cinquenta anos, o que fazia presumir, como era de fato, que se tivesse casado muito moço.

E não deveria ser feio, nada disso, naquele tempo. Ainda agora, com sua elevada estatura, a barba grisalha, anelada e bem aparada, os olhos animados e brilhantes, e a pele sem rugas, seria aceito por muitas jovens, de preferências a outros galãs frangotes.

OS PURITANOS

Conto de ARMANDO PALÁCIO VALDÉS



Ilustração de F. PEREIRA

Tinha, como eu, a mania de cantar e cantarolar na hora do banho. Porém, observei, ao cabo de alguns dias, que, embora apanhasse e largasse com indiferença diversos trechos de óperas e zarzuelas, desfazendo-os e pulverizando-os entre sôpros e grunhidos, a passagem que com mais ardor acometia e a mais frequente era uma de "Os Puritanos"; parece-me que pertencia a aria de barítono no primeiro ato. Don Ramon não sabia a letra senão em parte; porém, cantava-a com tanto entusiasmo como se a soubesse toda. Começava sempre:

Io sogno beato
de pace e contento
ti, ro, ri, ra, ri, ro,
ti, ro, ri, ra, ri, ro.

Precisava continuar cantarolando até chegar a outros dois versos que diziam:

La dolce memoria
de un tenero amore

Sobre os quais se apoiava sem cessar até concluir o allegro.

— Olá, don Ramon! — disse-lhe um dia, da minha cama. — Parece que gosta de "Os Puritanos".

— Multíssimo: é uma das óperas que mais me agradam. Daria qualquer coisa para conhecer um instrumento, afim de tocá-la toda. Que doçura há nela! Que inspiração! Isto é que é ópera e isto é que é música. Parece mentira que vocês se entusiasmem com essa algaravia alemã que só serve para fazer dormir!... A mim me agradam com paixão todas as óperas de Bellini: "O pirata", "A sonámbula", "Norma"; porém acima de todas elas "Os Puritanos"... Tenho além disso motivos particulares para que goste dela mais do que de qualquer outra — acrescentou baixando a voz.

— Olé, olé, don Ramon! — exclamei levantando-me de um salto e enfiando as ceroulas. — Venham esses motivos.

— São tolices da mocidade... coisas de namoro — respondeu ele, corando um pouco.

— Pois conte lá essas tolices. Morro por elas. Não posso evitar, mas essas coisas me agradam mais do que a Lei Hipotecária de que o senhor me falou ontem.

— E' porque você é poeta!

— Não sou poeta, don Ramon: sou crítico

— Pois o patrão me havia dito que você era poeta... De qualquer modo lhe contarei, já que tem curiosidade... Verá que é uma bobagem que não vale a pena... Porém vista-se, criatura, do contrário vai ficar gelado!

No ano de 58 vim a Madrid com uma comissão da Câmara Municipal de Valencia, para pleitear a redução do imposto de consumo. Tinha então... e isto mesmo, vinte e nove anos e já fazia sete anos completos que estava casado. F' uma estupidez casar tão moço. Embora não tenha motivos para me arrepender, não aconselharei a ninguém que o faça. Vim dar nesta mesma pensão; a casa estava então situada na rua da Caldeirinha. Naquela época, será bom que lhe avise, eu gostava de andar muito janota, coisa que trazia sempre muito ressaltada minha pobre mulher. "Para que te enfeitas tanto, homem de Deus? Vais conquistar alguém?". "Quem sabe?" respondia eu rindo e deixando-a um pouco aborrecida. Não é mau manter as mulheres um tanto ou quanto enciumadas.

Uma tarde, uma formosa tarde de inverno, das que só se vêm nesta Madrid, saí de casa, depois do almoço, com o fim de fazer algumas visitas e também para me espalhar por estas ruas de Deus. Ia caminhando lentamente pela rua das Infantas, pensando no plano da noite, ou seja no modo de passa-la mais divertido, e saboreando um bom charuto havano, quando de repente, zás! recebo na cabeça um forte golpe que me fez vacilar. O vistoso chapéu duro foi rolando por um lado e o charuto por outro. Quando me refiz do susto, a primeira coisa que vi a meus pés foi uma enorme boneca, fresca, corada e de camisa.

Esta boa peça foi que me fez tantos estragos, — disse com os meus botões, lançando-lhe um olhar furioso, que a boneca aparentou não compreender. Mas, como não era de presumir que ela, por sua vontade, se tivesse atirado em cima de mim daquele modo violento e inconveniente, pois nunca eu houvera maltratado nenhuma boneca, achei mais provável que alguma casa me tivessem atirado com ela. Levantei a cabeça vivamente.

Com efeito, o réu estava em pé no balcão dum primeiro andar, suspenso, atônito, consternado. Era uma menina de treze para quatorze anos.

Ao notar o olhar de espanto e de pena que me dirigia, abrandou-se minha fúria, e em vez de lançar-lhe uma

CONSEQUÊNCIAS DE UM PERIGOSO CASAMENTO INTELECTUAL

A LUTA DOMÉSTICA ENTRE O MARIDO NELSON RODRIGUES E A ESPOSA SUSANA FLAG — O TRIUNFO EM "VESTIDO DE NOIVA" E A SUBJUGAÇÃO POSTERIOR — SO' RESTA UM CAMINHO A SEGUIR: O DO DIVÓRCIO...

Por RUGGERO JACOBBI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

RUGGERO Jacobbi volta a colaborar em nossas colunas, desta vez com um interessantíssimo artigo crítico, em torno da dupla personalidade literária do sr. Nelson Rodrigues, autor ostensivo de "Vestido de Noiva" e de outras peças e autor secreto de "Meu destino é pecar" e outros romances-folhetins de tom sinistro e largo consumo popular. Combatido por uns, alçado por outros, o sr. Nelson Rodrigues é aqui objeto de uma crítica serena, minuciosa, desapassionada e segura, por parte de um grande conhecedor do teatro moderno, vindo do convívio de grandes espíritos, como Pirandello, Anton Giulio Bragaglia e outros. Seu artigo coincide com a liberação pelo ministro da Justiça de uma das três peças interditas do sr. Nelson Rodrigues, "O Anjo Negro", que veremos dentro de alguns dias no Fenix, na interpretação de Maria Della Costa, Sandro Polônio, Orlando Guy, Italla Fausta e outros.

O homem que se finge surdo ou cego para saber o que os outros estão pensando dele, é um tema de comédia muito antigo, do tempo mesmo de Aristófanes. Houve, porém, no nosso século, quem quisesse dar-lhe um feitiço de drama, idealizando a figura de um ciumento — ciumento até à loucura — que, na sua imaginária situação de aleijado, atormenta com seus ciúmes a esposa a tal ponto que ela torna-se infiel por obra de sugestão. Quando ele revela o truque, já é tarde; o irreparável aconteceu, e o delírio do protagonista acaba em suicídio. O autor desta história sinistra foi o expressionista vienense Max Bloch, na sua obra "Martírio de Venus". O mesmo tema reaparece, com idêntico desenvolvimento, e até com a mesma violência de ação e de linguagem, na primeira peça do sr. Nelson Rodrigues, "A mulher sem pecado". Estou convencido de que o escritor brasileiro nunca leu o drama de Bloch, nem sequer ouviu falar dele; a coincidência só serve para demonstrar o espírito parentesco do sr. Nelson Rodrigues com o expressionismo alemão e com toda a série de tragédias sombrias que aquele movimento espalhou no mundo, sob a influência literária de Strindberg e científica de Freud. Aliás, a mistura de expressionismo, psicanálise, surrealismo e neo-naturalismo, em que consiste o estilo teatral do autor brasileiro, coloca-se ao lado de outras tentativas semelhantes, como as do italiano Rosso di San Secondo e do americano Eugene O'Neill, este numa determinada fase de sua obra.

Com o último, o sr. Nelson Rodrigues tem outra coisa em comum: a tendência a materializar suas concepções dramáticas em efeitos cenográficos e coreográficos que melhor caberiam na mente de um diretor de espetáculos do que na imaginação de um poeta. As máscaras do "Grande Deus Brown", a técnica do monólogo em "Estranho Interlúdio", o espelho de "Dias sem fim", são os exemplos mais citados. Também outros elementos típicos documentam este intercâmbio de sugestões entre diretor e escritor no teatro moderno: a abolição dos objetos em Thornton Wilder, a volta do coro grego em Lorca e Eliot, o "teatro dentro do teatro", de Pirandello, a cena dividida em três e quatro planos simbólicos por Toller ou Hasenclever, a materialização de sonhos e alucinações, ou mesmo de acontecimentos sobrenaturais, como na "Desconhecida de Arras", de Salacrou, a mistura de bonecos e pessoas reais em Pellerin, a personagem constante sob uma série de disfarces diversos, como no "Aventuroiro diante da porta" de Milan Begovic...

Ha um livrinho francês que algum amigo verdadeiramente afeiçoado devia dar de presente, no dia de Natal ou do aniversário, ao sr. Nelson Rodrigues, na certeza de proporcionar-lhe a leitura mais grata, mais cativante do mundo. O autor do livro é Antonin Artaud, o título "Le théâtre de la cruauté". Para Artaud, teatro é o diabo; teatro é o desencadeamento dos instintos ancestrais do homem, entre os quais não cabe nem um lugarzinho a impulsos e desejos inocentes: tudo é selvageria, rapina, violação, homicídio, incesto, profanação, derrama-

mento de sangue... Ao ler aquela delícia de livrinho, o autor de "Anjo Negro" deveria-se sentir como um santo no momento de receber as estigmas divinas. Para Artaud o teatro se assemelha a uma pestilência; o primeiro capítulo do livro intitula-se mesmo "Le Théâtre et la peste". Esta pestilência, surgindo dos abismos interiores do homem, deveria explodir no espetáculo teatral com tamanha força que os espectadores entrariam no jogo, indo lá no palco degolar os atores e violentar as costureiras da companhia. O espetáculo continuaria nas ruas e casas da cidade, difundindo-se mesmo como uma pestilência, e constituindo uma oportunidade única para acabar de uma vez com este mundo burguês, hipócrita e convencional... Os teóricos marxistas do teatro já tinham falado da possibilidade do espetáculo determinar o surto revolucionário; mas Artaud vai muito além disso, e profetiza algo que não se limita ao terreno político e social, mas pretende entrar no vivo da consciência e da carne dos homens, desencadeando a orgia purificadora e o massacre, fora das mesquinhas distinções de classe e pretensões históricas daqueles castos burocratas que são os comunistas.

O tratado de Artaud demonstra claramente que os congressos da Terceira Internacional acertaram, ao condenar os surrealistas como pretendendo realizar não "le surréalisme au service de la révolution" e sim "la révolution au service du surréalisme". O sr. Nelson Rodrigues, porém, ainda não pensou em invadir os lares dos pacatos cidadãos encabeçando turmas enfurecidas. Até hoje ele é um anjinho, perto do seu colega francês, e só conseguiu assustar os "inocentes" que presidem a Censura teatral. Há também uma diferença mais sutil entre sua obra e a dos surrealistas. Enquanto estes pretendem transferir no teatro a "linguagem automática", isto é uma série de imagens sem nexo, surgindo incessantemente do Inconsciente, o sr. Nelson Rodrigues não renuncia ao uso da lógica, à construção de enredos, ao conflito de caracteres. Também não gosta do sobrenatural, e deixa às suas obras uma aparência naturalista, apesar da atmosfera de exasperação em que elas se desenvolvem. O diálogo não é constituído de frases literárias (a não ser em algumas passagens de incrível mau gosto) e faz uso quase constante da gíria e da linguagem familiar de cada dia. Ai é que surge a perplexidade do espectador e do crítico, que tenta a princípio interpretar este teatro como realista, experimentando logo depois outras interpretações, todas impossíveis, pois o autor não é um reformador social, nem um apocalíptico profeta religioso, nem nada. A aparência é de quem conta friamente uma história; o resultado final é uma exaltação trágica onde a história parece perder importância, sem que apareça algum valor, alguma finalidade justificativa. Uma verdadeira xarada. Para solucioná-la, o crítico refugia-se na memória dos seus estudos filosóficos, lembrando-se de que "a arte se justifica por si mesma", e assim consegue esquecer o problema.

Mas a questão permanece inalterada, e quem pode senti-la de maneira mais

viva é o simples leitor ou espectador que não possui os recursos da filosofia. Afinal, ele não consegue compreender si tudo aquilo é uma representação desta vida ou de outra, e se as suas próprias sensações de entusiasmo ou de repulsa são sensações fisiológicas ou estéticas — o que constitui outro é maior problema para os críticos, porque nesse caso a filosofia só pode servir para encabulá-los mais e mais...

★

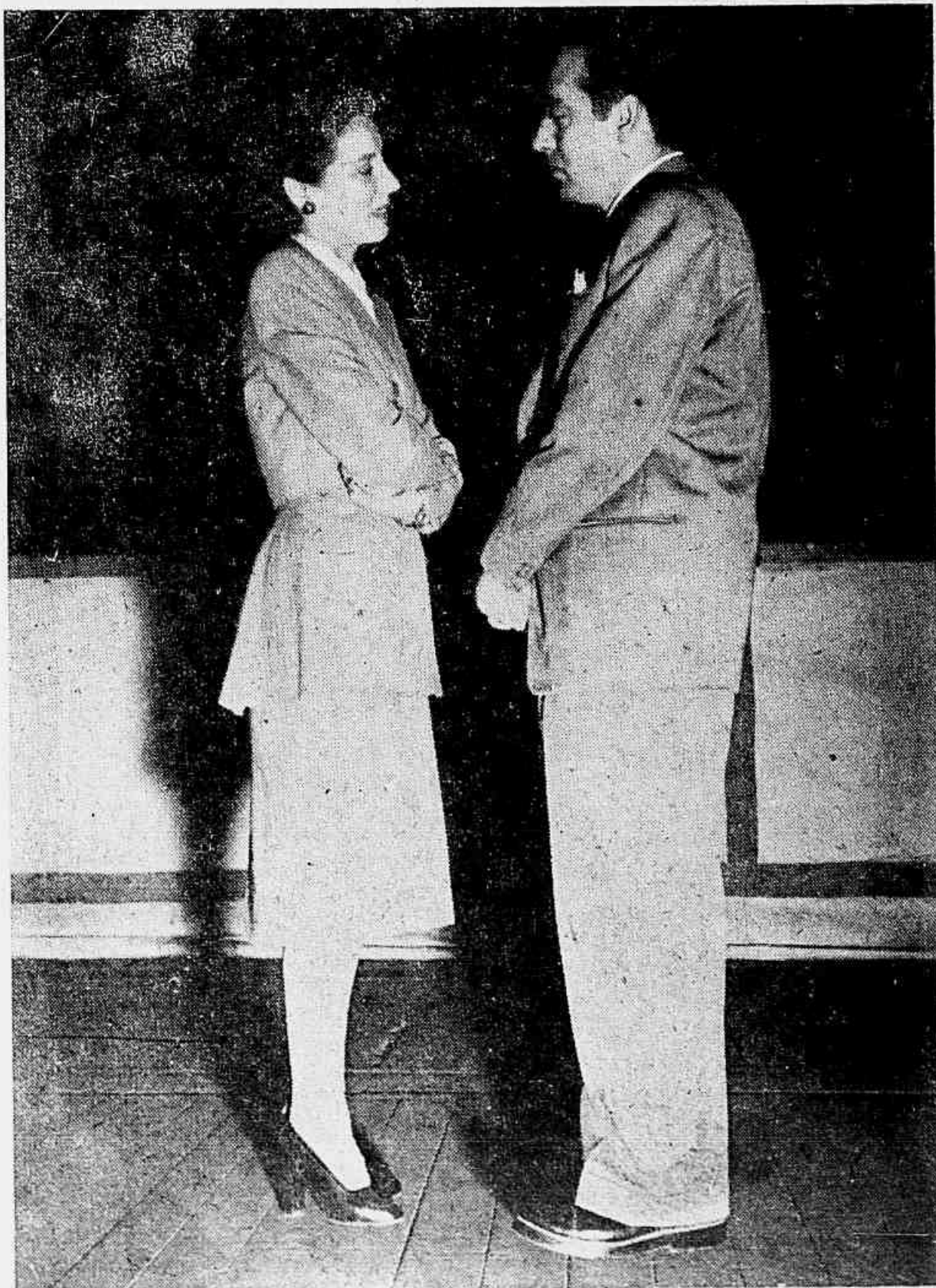
O leitor de "A mulher sem pecado", já à metade do primeiro ato, observa que a peça deve ter passado por sucessivas transformações. Ademais, as duas ou três versões da peça sobrepujaram-se uma à outra sem conseguirem fundir-se. Sente-se que originariamente o drama fora concebido como uma normal ação cênica, não muito diferente de qualquer criação bernsteiniana, e naquela linguagem convencional que não é nem falada nem literária, e de que vive a maioria dos estilos teatrais. (Resíduo evidente: "Agora eu posso ir ao encontro de Lidia, me ajoelhar e dizer: — não é diante de ti que me ajoelho, mas diante de todas as tuas lágrimas"). Mas a peça assim ficaria apenas audaciosa no assunto, sem conseguir uma eficácia verbal, uma expressão individualizada. Então o autor introduziu palavras e construções deliberadamente banais (O que representa um evidente progresso técnico), dando à obra sua melhor qualidade, ou seja certa naturalidade e rapidez. Ai o demônio cenográfico interveio e fez das suas. Agora, deve ter pensado o au-

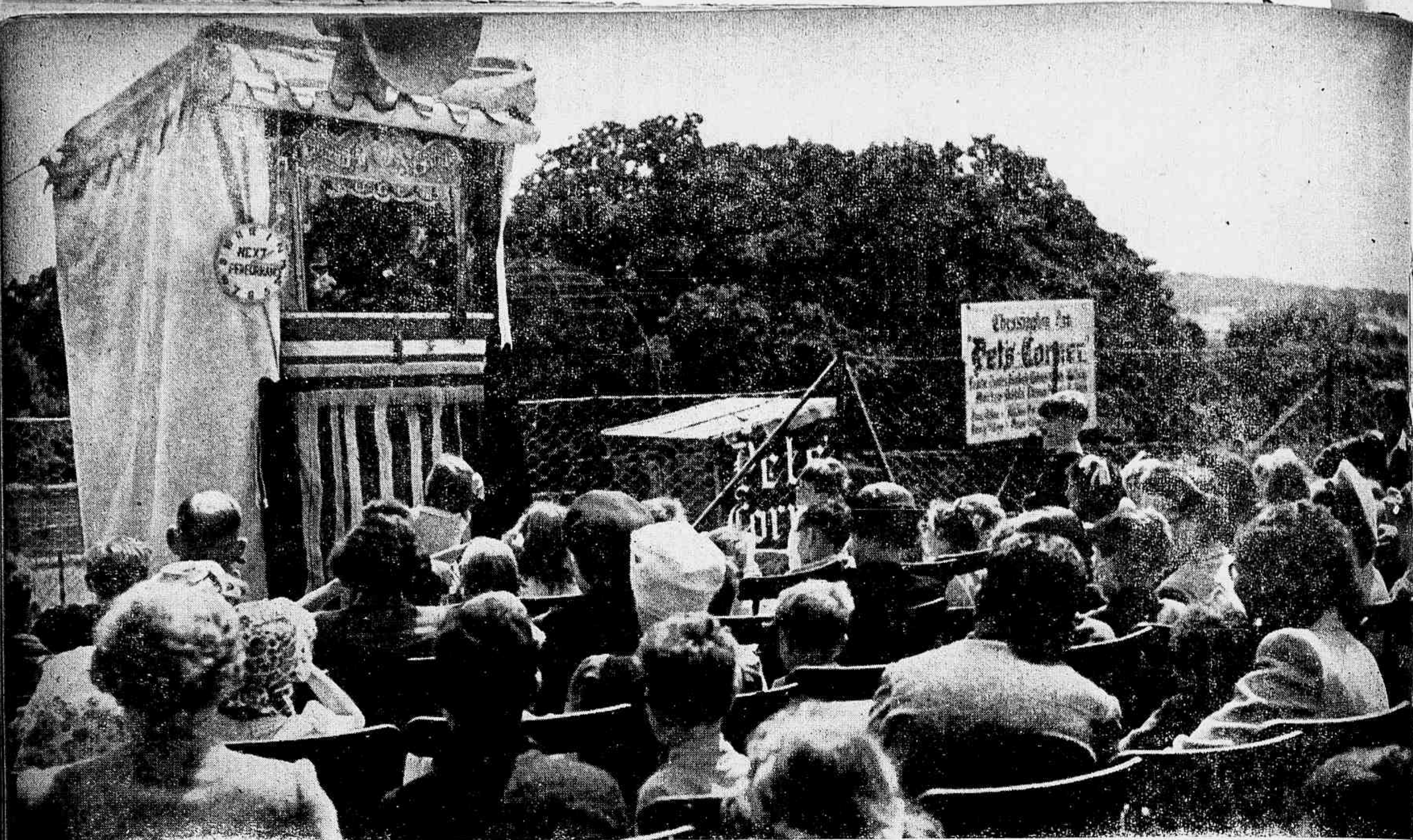
tor, o drama é mais vivo, porém, não se apresenta de maneira bastante revolucionária. Houve uma preocupação exterior de modernidade, que só demonstra a pouca confiança em si mesmo do autor naquela época. E foram introduzidos aqueles apartes do microfone, completamente desnecessários, que o leitor instintivamente coloca entre parentese para seguir o desenvolvimento da ação, na qual tudo é tão claro que mesmo não precisa revelar os motivos obscuros das atitudes tomadas pelos personagens, atitudes esquemáticas, incontestáveis e muitas vezes repetidas. (No espetáculo, a impressão deve ser ainda mais desagradável, pela impossibilidade de conjugar a voz metálica do microfone com algo relacionado ao inconsciente; os expressionistas tinham razão quando faziam uso do microfone só para assinalar o advento de uma realidade externa, ou do Sobrenatural). Diante da impersonalidade e potência daquelas radiofônicas intervenções, o drama torna-se pequenino, insignificante. Devia limitar-se à esfera psicológica, sendo fraco demais para suportar uma significação metafísica; e o maldito microfone parece colocado lá por um espírito perverso, incumbido de revelar a todos nós esta fraqueza.

O Nelson Rodrigues, diretor, naquela primeira peça, pregou ao Nelson Rodrigues, autor, uma brincadeira de mau gosto. Em "Vestido de noiva", o diretor é que manda, distribuindo, porém, o jogo cênico de maneira a auxiliar a verve literária. "Vestido de noiva" é essencialmente um espetáculo, bem no gosto

(Cont. na pag. 46)

O sr. Nelson Rodrigues diante de... não, não é de Susana Flag, pois ele só a pode ver no espelho... é diante da atriz Maria Sampaio, que o interpretou numa das "réplices" de "Vestido de Noiva", um sucesso em três diferentes versões teatrais, todas dirigidas por Z. Ziembinski.





Crianças e adultos observam com o mesmo entusiasmo dos contemporâneos de Samuel Pepys, a comédia que há séculos vem deleitando gerações e gerações de ingleses.

O MUNDO MARAVILHOSO DAS CRIANÇAS GRANDES

O inglês, como todos os povos nórdicos, está sempre misturando o real ao imaginário.

Sua literatura, como os seus castelos, anda cheia de duendes.

O fantasma do velho rei Hamlet ainda hoje desce com frequência da plataforma de Elsinor, para revestir a roupagem moderna daquela sutil Daphne Adeane, do romance de Maurice Baring, ou da Magdala Grey, alma de "fog", da "Legende", de Clemence Dane.

Todo afeiçoado às letras inglesas sabe

OS INGÊNUOS E DIVERTIDOS FANTOCHES SÃO UMA DAS TRADIÇÕES DA INGLATERRA — ALUGA-SE UM FANTASMA — MISCELÂNEA DO REAL COM A "FEERIE" — TEATRO DE BONECOS, MUNDO DE GENTE GRANDE — POLICHINELO E O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Por HERMAN LIMA
(Autor de "Na Ilha de John Bull")

Fotos KEYSTONE
Especial para REVISTA DA SEMANA

disso, como o sabem também os viajantes que transitaram um dia pelos seus velhos claustros, pelas soturnas câmaras dos seus palácios, pelos seus "moors" povoados dos uivos da paixão de Heathcliff.

Talvez mesmo nenhum outro povo tenha como ele a capacidade de se apartar da mais dura realidade atual, para se integrar, pelo tempo que queira, no reino da fantasia que muitas vezes toma aqui o nome de tradição e se penetra assim do renovado prestígio duma voz da raça e do passado, outros tantos fa-

A esquerda: Mas Punch é muito sabido. Pergunta ao carrasco como deve fazer e o carrasco diz: "Assim, com as mãos juntas nas costas". E Punch puxa a corda enforcando-o. À direita: Punch fica tomando conta do bebê. Mostrando às crianças como sabe cuidar do bebê, Punch diz a Judy que pode ir fazer suas compras.



tores de perene sobrevivência da pequenina grande ilha de Mr. Churchill.

Por exemplo: um dos meus mais constantes espantos, quando das vésperas da guerra, consistia em ouvir o simpático Mr. Dye, porteiro inglês de nessa repartição de Londres, acenando sempre, com a esperança de alguma coisa que haveria de acontecer, na última hora, para evitar o conflito que ele, ainda com os ossos do crânio espetados de pontas de "schrappnell" das trincheiras do Marne, mais do que ninguém, tinha carradas de razão para temer. "All will be all right" — era o seu refrão inalterável, a qualquer novo arremetimento de Hitler.

E' verdade mesmo que afinal tudo acabou bem, como ele queria, mas só ao cabo e à custa de sete anos infernais de dores e sacrifícios, sangue, suor e lágrimas, dos mais espantosos que Deus já permitiu a um povo suportar.

Bem semeadas as coisas, não é menos certo que é mesmo com semelhante fé que se movem as montanhas da Bíblia. Daí também que seja essa reserva de otimismo e de ilusão um dos últimos bens que o mundo ainda permite à pobre humanidade desfrutar para sobreviver, qualquer que seja o rótulo que se lhe empreste — confiança no seu destino, amor às lições do passado, simples desejo de evasão aos males presentes, no bater das asas dum sonho.

E' também da guerra certo episódio que, na enxurrada de relatos do mais violento heroísmo insular, quando mais terríveis os bombardeios aéreos, sempre me pareceu inextinguível pela profunda beleza e pela transcendente grandiosidade do seu símbolo tecido de excelsas fragilidades.

A notícia veio numa correspondência do jornalista espanhol Manuel Chaves Nogales, em palmo e meio de coluna, mas nunca me foi possível reter essas poucas linhas sem um estremecimento do coração.

Tratava-se duma cerimônia anual, iniciada no século XIV, quando um poderoso fidalgo de Londres construiu, numa rua já desaparecida, Seething Street, uma casa com um passadiço externo, contrariando assim posturas locais da época. No passadiço, como em minúsculo jardim suspenso, o homenzinho plantara um rosai de rosas vermelhas. Os edis de Londres impuseram então ao infrator pagar todos os anos à municipalidade, a título de tributo, uma dessas rosas vermelhas que deveria ser entregue solenemente por ele ou seus herdeiros ao Lord Mayor, no dia de São João.

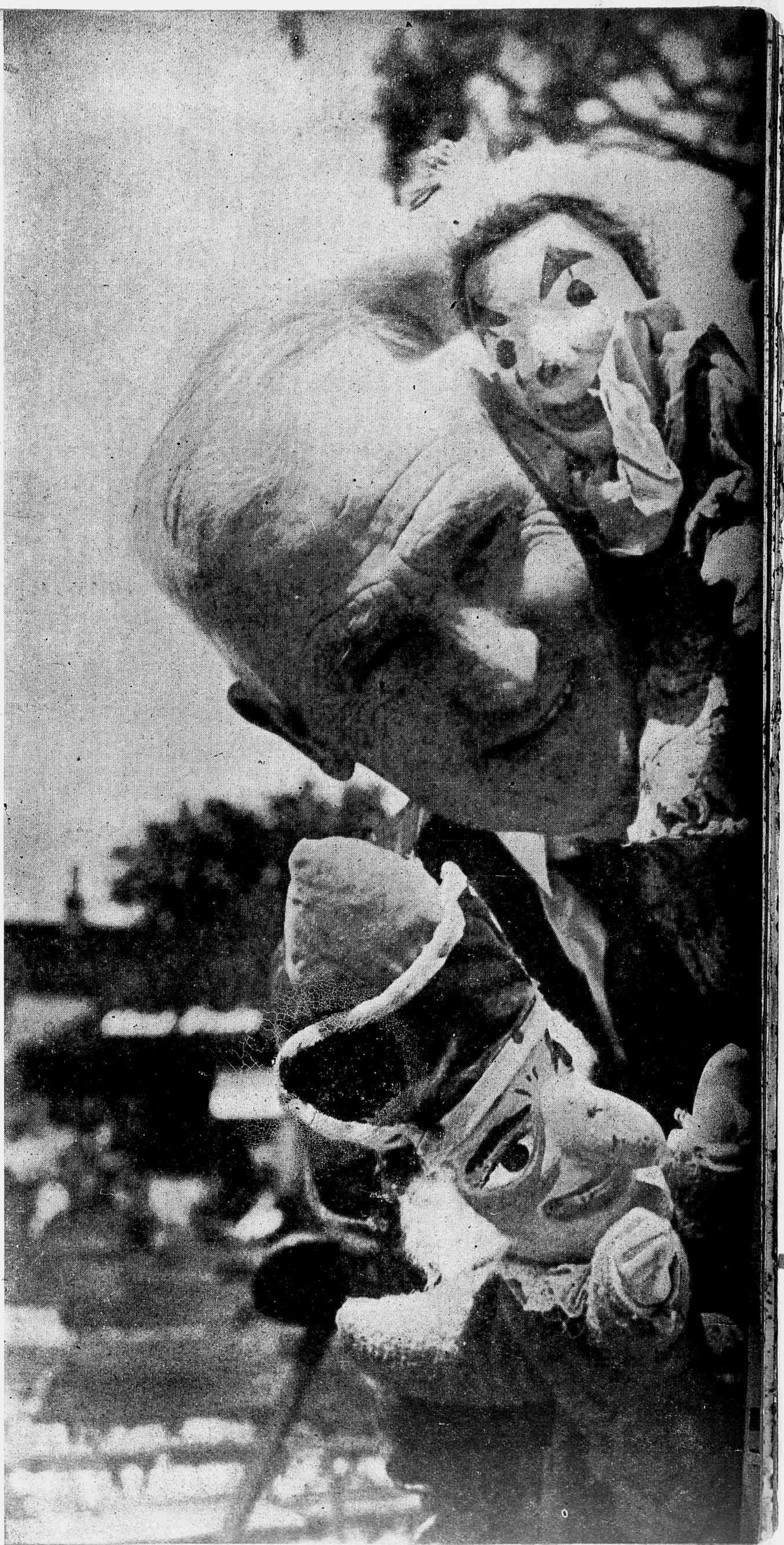
Os bombardeios de 1941 destruíram a ruazinha. "Já não existe mais o passadiço litigioso — observava o cronista — como não existem mais a igreja do bairro e a almofada de veludo sobre a qual era colocada a rosa, como uma oferenda à Santa Padroeira do vetusto templo. Mas, que importa? Que importa que o solar esteja em ruínas, que o passadiço esteja transformado num montão de escombros, que o templo haja desaparecido e com ele a almofada de veludo? Nada! E ontem, 24 de junho, dia de São João, o Lord Mayor, como todos os seus antecessores, recebeu na Prefeitura a rosa vermelha, tributo de uma casa que não existe mais, em uma rua que já desapareceu".

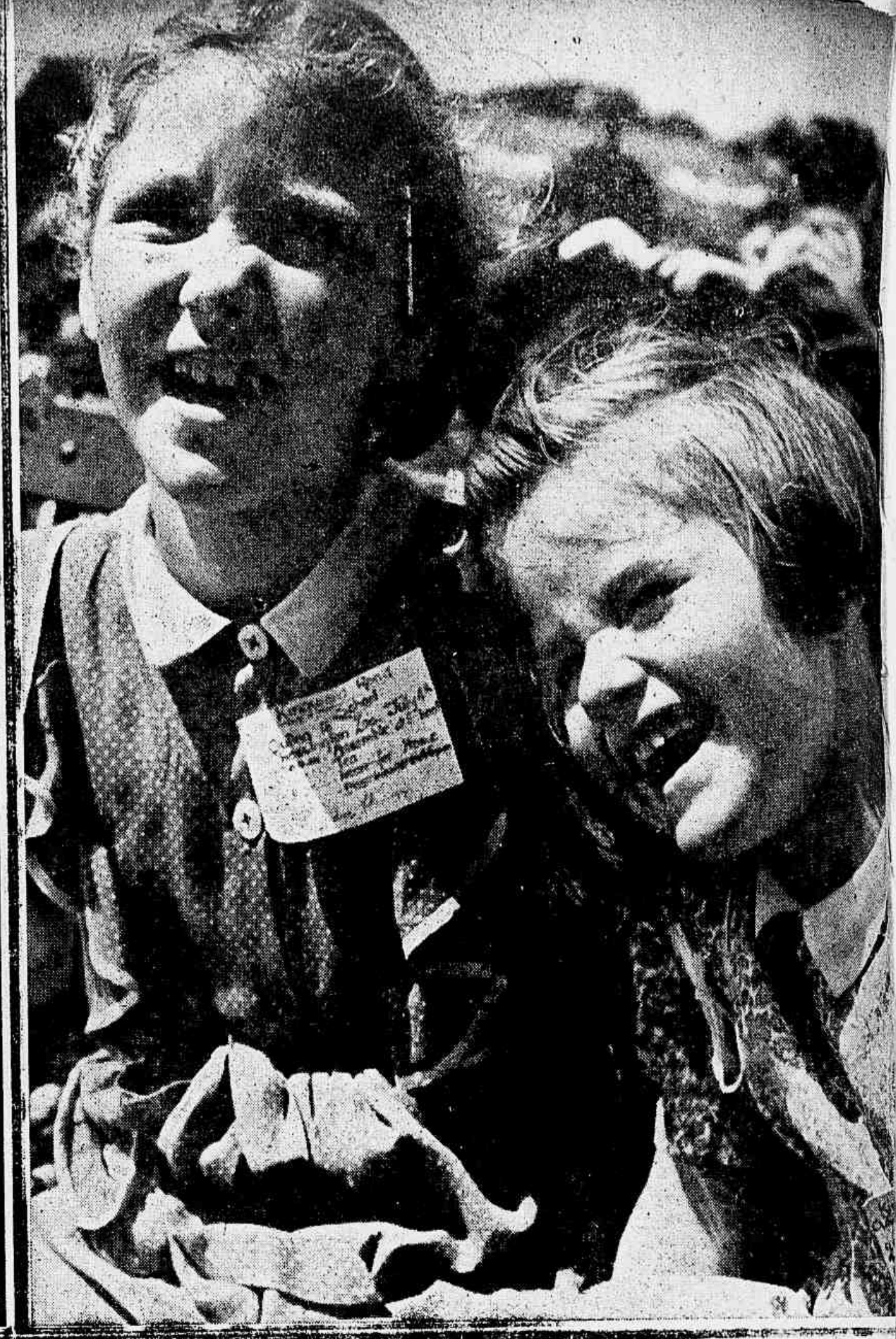
Dessas pequenas coisas tão simples e que se ter feito, através dos séculos, o espantoso espírito de resistência da raça. E é o mesmo espírito de candura e de fidelidade irrestrita à tradição que faz com que, ainda hoje, em meio a toda a série de tremendas provações individuais e de sombrias perspectivas para o resto do mundo, o inglês continue a se entregar com o mesmo amor e a mesma integral satisfação a divertimentos como o do teatro de "féerie", com que se embala inalteravelmente a sua ansia de irreal no mundo particular construído por ele, como o das crianças.

Sabe-se que o teatro em si é já uma das suas grandes paixões naturais, como a do "cricket" ou do "foot-ball". Mas, ao lado dessa fonte permanente de emoção, há mais o capítulo das pantomimas de fim de ano, espetáculos absolutamente característicos, em que não se representam somente velhas histórias folclóricas, como "A Bela e a Fera", "Os meninos perdidos no bosque", "Cinderela", mas constituem uma mistura de lenda e jogralices contemporâneas, verdadeiras revistas de costumes, que põem lado a lado "sketches" cômicos visando o Ministro da Fazenda ou o Serviço de Abastecimento e bailados aéreos de elfos e borboletas gigantes, da metamorfose de lindas "girls", em pontas de fios de aço invisível, do mais impressionante efeito coreográfico.

Prestígio ainda maior, todavia, é o do teatro de "marionettes", especialmente o

— "FOREVER PUNCH". — George Douglas, velho empresário de "Punch & Judy", com 72 anos, diz "alô", por trás de sua barraquinha. Com ele estão Punch e Judy.





Na página ao lado, ao alto: "Ele jogou o bebê pela escada abaixo!" — gritam as crianças, avisando Judy e denunciando o velho Punch. A pequena Ana está de acordo. Sim, ele deve ser enforcado, gritam as crianças. Punch é um homem mau. Em baixo: mas as crianças sabem que Punch quer uma salsicha. Ana e Sandra riem quando Punch lhes acena pedindo as salsichas... O espetáculo acabou e as crianças se reúnem em torno da barraquinha, procurando ver como é que se faz a brincadeira.

"show" de "Punch & Judy", os mais antigos títeres do gênero, na Inglaterra. Punch é o Polichinelo ou Punchinelo do velho teatro italiano e sua introdução nos costumes ingleses vem do século XVII, pois já em 1669 Samuel Pepys citava um desses espetáculos, no seu famoso diário de patifarias.

A importância desses bonecos no setor da vida infantil é tão grande que a nova Lei de Educação lhes reconhece legítimos foros pedagógicos, passando eles assim a formar parte do currículo escolar, a despeito de vigorosas discussões que se travaram em todo o país, relativamente às reações psicológicas dos pequeninos, diante das surras que Punch dá na mulher.

Para lhe assegurar ainda mais a permanência no cotidiano inglês, bastaria lembrar o prestígio da famosa revista de caricaturas políticas do mesmo nome, confirmado por um século de publicação que a eleva hoje ao mesmo título de tradição, no campo da imprensa britânica.

O "show" de Punch & Judy, que por mais de uma vez teve ocasião de ver, nalgum bequinho transversal a Oxford Street, em tardes de sábado ou domingo, com o seu público de sempre — garotos de olho vivo, os garotos de Londres, os mais lindos do mundo, "charwomen" em folga e homens do povo, compõe-se de personagens invariáveis: o corcundinha com a mulher, um policial, o carasco, o bebê, um cão ou um gato. O único personagem vivo é o cão que fica do lado de fora da barraquinha, uma gola de rendas ao pescoço, um chapéu de palha em funil, na cabeça.

A pantomima gira em torno das proezas de Mr. Punch, um "wicked old man", velhote mau e astucioso, que a esposa, tendo de fazer umas compras na cidade, deixa em casa, às voltas com o bebê manhoso. O bebê faz horrores com o pai e este, ao fim do escarcéu, acaba jogando-o de escada abaixo. De volta à casa, a mulher se atira ao marido, verberando-lhe a maldade e é então a hora climax da pantomima.

Trava-se uma discussão acesa, de palavras duras, de parte a parte, até que Mr. Punch agarra o famoso cacete e desanca a esposa. A cena se faz sempre com grande estardalhaço, gritos estridentes da mulherzinha, vociferações do palhaço, pancadaria a torto e a direito, e com isso a assistência vai ao delírio, porque o homem não é sempre o campeão, a mulher tem também oportunidade de desancá-lo à vontade.

Interpelado uma vez por um jornalista, a respeito da parte mais popular da pantomima, o velho Douglas, que é o mais antigo exibidor do teatrinho em Londres, afirmou: "Tirem o cacete de Punch ou proibam a cena da briga, quando ele dá na mulher ou apanha dela e o espetáculo perderá sua principal atração".

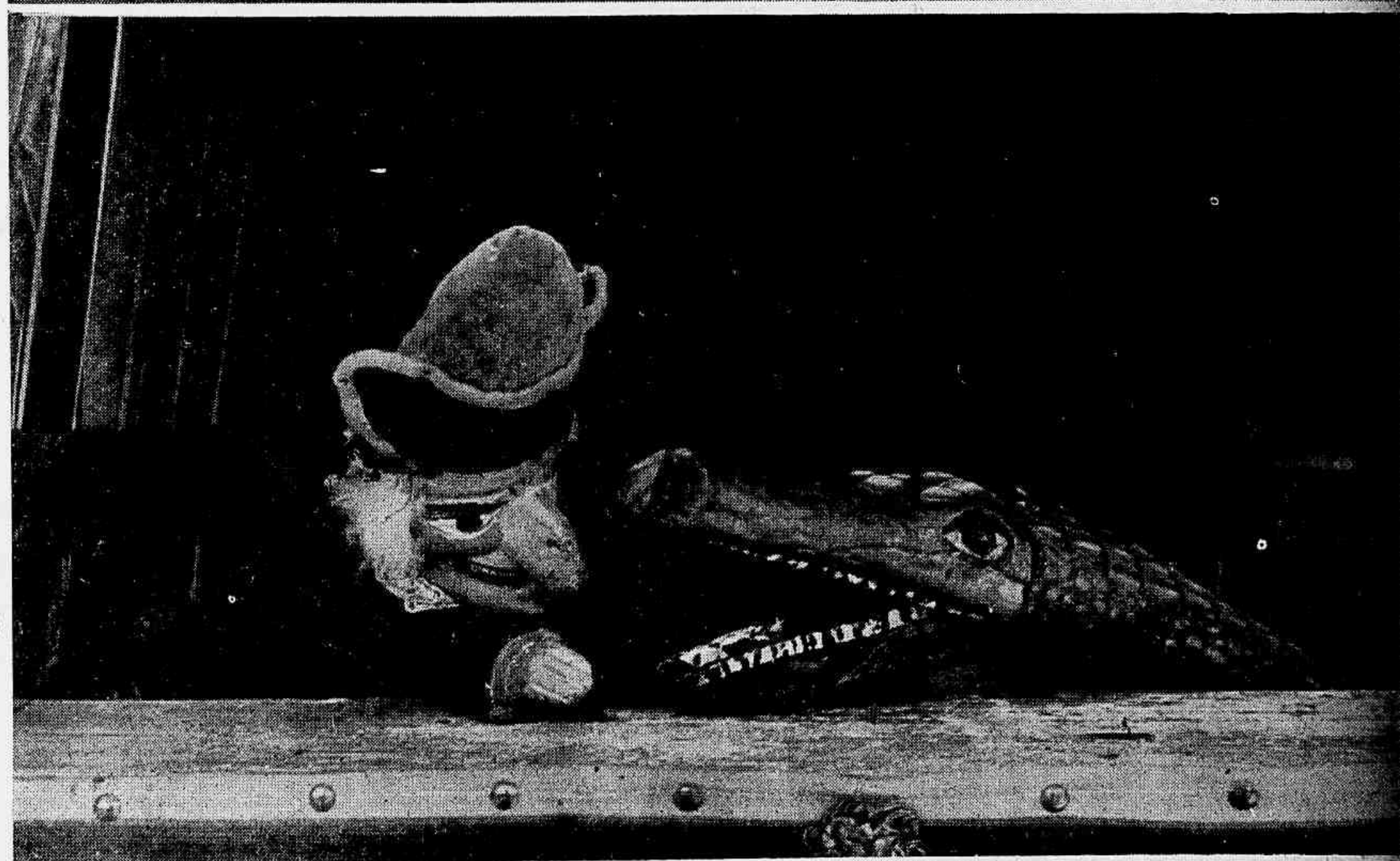
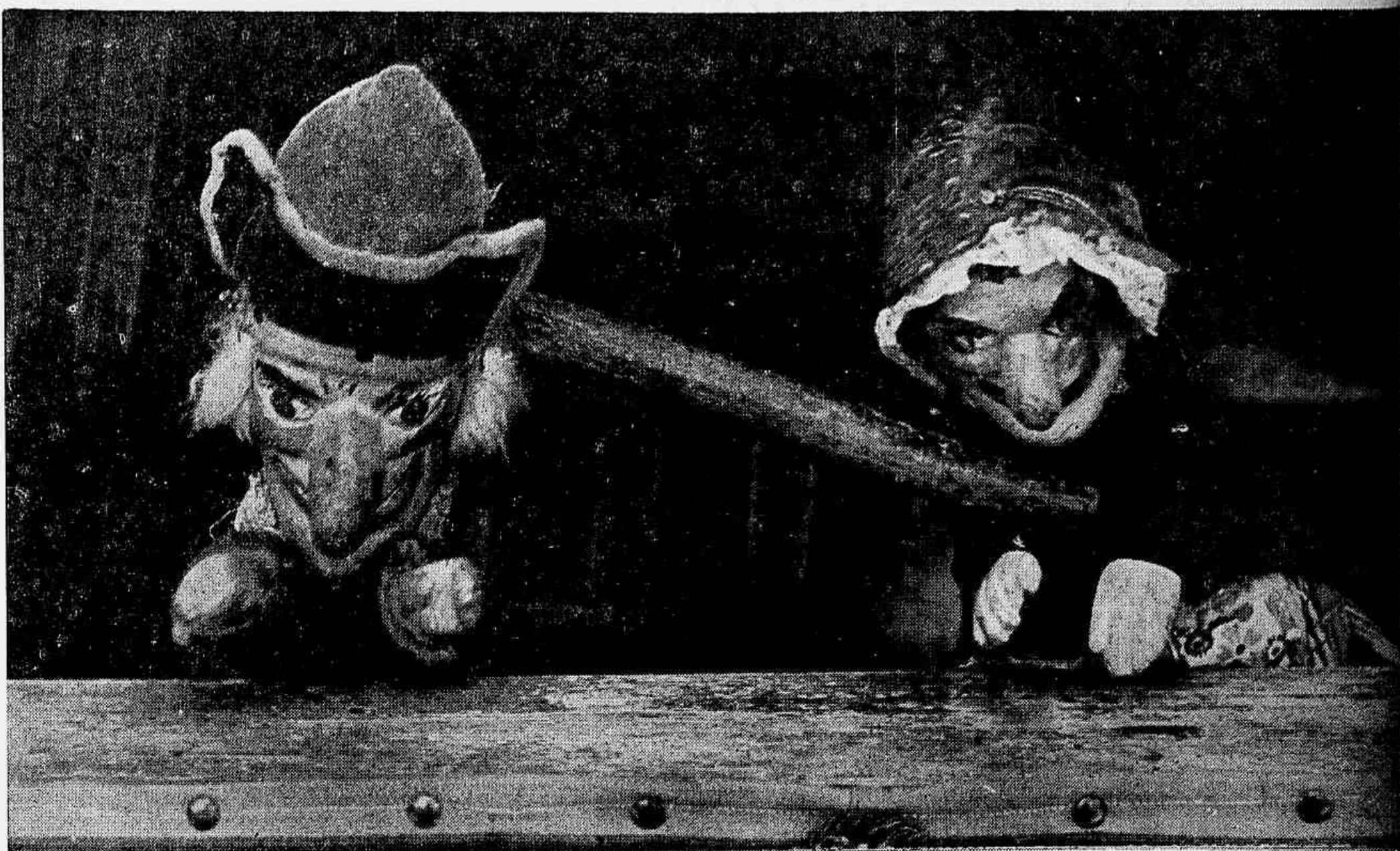
A gurizada, como os adultos, goza também as bordoadas que o terrível velhote descarrega por sua vez no polícia que o vem prender, como o truque de que se serve, ao fim do jogo, para se livrar da forca, fazendo o carasco ensinar-lhe como deve fazer, quando tiver de passar a corda ao pescoço. Nesse ponto, todos tomam parte na função, porque lá de dentro da barraquinha o velho Douglas indaga, na voz do polícia, que é que deve fazer com o assassino e é uma grita geral: "Jogue-o pela janela". — "Ele deve ser enforcado" — "Punch é mau".

A ascendência de "Punch & Judy" se acha assim assegurada para sempre sobre qualquer diversão das feiras e logradouros, dos "squares" das grandes cidades ou das pracinhas das aldeias humildes, sem receio sequer da concorrência do palco ou da tela.

(Continua na pág. 42)

De cima para baixo: o castigo de Punch. "Oh, Punch malvado, como foi que você teve a coragem de atirar meu bebê pela escada? Vou dar-lhe uma lição"... Judy arranca o cacete das mãos de Punch e começa a bater-lhe.

Isto faz os pequeninos ficarem abismados. O crocodilo causa um reboliço entre os garotos, mormente quando Punch dá uma espiada dentro da boca do bicho. Ai está a justiça. O polícia chega com uma ordem de prisão para Punch, por ter ferido o bebê, e pergunta às crianças se Punch deve ser castigado.



UM RETRATO DE MULHER

ERA um dos meus mais novos clientes no Sanatório Santa Teresinha e foi numa tarde de pouca ocupação que ele me contou a sua história:

«O meu afeto começara normalmente, namoro normal com prováveis consequências normais: enfastiamento, rompimento e esquecimento. Mas circunstâncias inéditas para mim e fatos pouco comuns para uma mocidade, fizeram-no tomar uma força inesperada, caótica. Os fatos aconteceram; Madalena, porém, hábil e astuciosa, dramatizou-os pungentemente, enrolou-os em lamentos, encharcou-os de lágrimas — com o único fito de me enlevar fortemente a ela. Nos nossos primeiros contactos, experiente de mais com os homens, ela sentiu que eu não era dos hipócritas e duros; pelo contrário, possuindo temperamento franco, meu coração seria dos que se inflamam tempestuosamente, e o amor, quando me possuísse não seria esse amorzinho funcionário-público, regrado dentro das conveniências sentimentais, encolhido numa roupa de caroiá. Madalena não precisava ser perspicaz para adivinhar que eu era dos que amam com vibração espiritual, desprezando os anêmicos preceitos estabelecidos pelos comportados livros de boas-manieiras. Percebeu que eu era como pólvora à espera do fósforo aceso. E não mediu consequências: seu egoísmo era superior ao possível sofrimento de outrem; não fez antes um exame de consciência: sua vaidade suplantava-se a qualquer dano que viesse causar a outrem. Riscou o fósforo.

Fazendo-se cortejada, soube incendiar minha ansiedade com negações e, depois, minha fácil bondade de jovem, com o relato de sua infelicidade doméstica e amorosa. Eu era um rapaz extremamente sensível às desgraças alheias: porque eu próprio desde a adolescência conhecera a desgraça. A tuberculose, dos quinze aos dezoito anos, prendera-me ao pneumotórax, aguçando-me vibrante ao sentimento. Meus companheiros nessa época decisiva para o caráter do homem eram sonhos e anseios, não poderia ser de outra forma, eram sonhos artísticos e anseios de viver, alimentados pela leitura de Horácio e de Ovídio, de Raul de Leoni e de Manuel Bandeira. Que experiência eu tinha com a vida comum? O que eu sabia a respeito da mulher? Eu as desejava como se anseia o céu. Desejava-as como a deusas distantes, não só por efeito da imaginação hiper-excitada como também, pior ainda, pelo recalque pesado que a doença me inoculava. Mesmo tendo tido alta, ainda por dois anos eu não me atrevera a aproximar-me duma mulher com intuito amoroso. O medo de ser repellido com nójo me inibia de tentar romance. Parecia-me que qualquer moça poderia desvendar a minha vergonha como se tivesse olhos de raios X. E uma simples tosse por inflamação na garganta dava-me angustiosos suores frios, achando eu que todos me evitavam dizendo entre si: «Vê? Não está curado!». Assim, como poderia aproximar-me duma mulher?

Mas com Madalena foram quebradas todas as peias. O meu médico tornara-se meu amigo, encorajou-me: eu não trabalhava de novo? Não fora empregado numa repartição que exigia todos os exames de saúde? Não me submetera aos exames de raios X, não fizera a reação de tuberculina, pesquisa no escafo e no suco gástrico, tendo tudo falado a meu favor? Todos os meus órgãos não estavam saudáveis? M'has funções não eram regulares? Eu poderia considerar-me um homem normal — assegurou ele. E evitando grandes choques morais e demasiados esforços físicos, teria probabilidade de viver como qualquer homem são. A beleza transbordante e os truques excitantes de Madalena fizeram o resto. Ela fez-me cá-la como os outros homens o fazem com outras mulheres e isto deu-me uma doce confiança em mim mesmo. E quan-

do chegou a oportunidade, abordei-a com toda a reserva afetiva acumulada durante a adolescência sem esportes, minha adolescência sóbria de vida e de felicidade. A felicidade e a vida estavam encarnadas naquela mulher — eu pensava, febril dentro de noites mal dormidas, estuando em devaneios poéticos. Pensava e o disse. Para ela foi novidade. Acreditei ter ela sentido o ineditismo do meu amor. E fui lamentável em julgá-la também contaminada da beleza que estalava dentro de mim. Contudo, foi ela própria que me fez pensar assim. Porque num rompante de sinceridade, numa explosão de despreendimento, contou-me toda a sua vida antes de mim. «Antes de mim» — ela frisou. E sendo eu um bom, um jovem, como julgar friamente a sua confissão, como saber que as mulheres têm sempre um passado para relatar aos homens, como conhecer que tudo estava sendo representado, meticulosamente calculado para causar-me profundo efeito? A sua existência pobre e humilhada de órfã custeada pelas migalhas da irmã melhor casada; a perseguição metódica do marido desta; o seu desejo de trabalhar para poder livrar-se dos favores alegados pelos que os faziam; a sua falta de preparo intelectual para tornar-se independente; a venda de sua virgindade no próprio leito da irmã ausente; o rompimento logo depois quando a irmã soube de tudo; a necessidade de esconder a sua desonra; o desespero de poder viver feliz; o amancebamento escondido com um médico que, para não se ver complicado no futuro, esterilizara-a; o arranjo dum emprêgo num laboratório, para mascarar as aparências — e daí por diante, sempre dinheiro na bolsa, mas sempre a desconfiança segurando-lhe os gestos, sempre a hipocrisia comandando-lhe as ações para não se denunciar; o descrédito e o desprezo aos homens — «uns porcos, uns porcos».

Ele me largou por outra, mas eu não queria um novo. Não precisava de outro. Não tenho temperamento de prostituta para enfrentar a sociedade e mudar rapidamente de homem. Tinha algumas economias na Caixa Econômica. Meu ordenado era razoável. Assim, só com Deus, eu poderia ir equilibrando minha vida até o dia... até o dia...

Embora se soubesse aleijada para o casamento, por causa do preconceito e de sua incapacidade para procriar, a idéia do casamento acariciava-a. Esperançosa, começou a namorar com um rapaz e, depois de recusada por este, tentou outro. Queria agora ser como todas as mulheres, namorar, passar pelo noivado, chegar a ser esposa de alguém amado.

Mas ela não era como as que chegam intactas ao cartório, não podia cobrir-se com o branco véu das puras. E a confissão, franca, arrependida do pecado, trouxera-lhe a repulsa dos dois rapazes, tendo ambos, contudo, feito outras propostas, fortalecendo o seu conceito sobre os homens — «uns porcos, uns porcos».

«Dessa data em diante não quis mais saber de homem algum, nem para simples «flirt». Suporto a minha amargura, seguindo para a frente, acompanhada de Deus, sem outro amor, sem procurar outro amor para não sofrer, ganhando o meu sustento com o meu suor — oito a dez horas curvada sobre uma máquina de escrever...»

Foi assim que principiou a nossa ligação. Ela dizia humildemente que não mais queria amar e sutilmente forçava-me a procurá-la, fazendo-me desejar o seu amor; e de que modo melhor, senão este, identificar-me a mim pelo sofrimento, fulgurar aos meus olhos como uma bela desgraçada? E eu ansei tornar-me amado. Qual a maneira e mais humana e mais formosa se não a que jurei comigo mesmo empregar? E empenhei-me com todo o ardor em erguê-la do ceticismo que a comia, levantar o seu

moral deprimido e então, só então, depois de ter sarado a sua alma, torná-la minha esposa ante minha família e a sociedade, selado com a lei, abençoado pela religião. Era um pensamento folhetinescamente lírico, mas eu o pus em prática. Disse-lhe palavras iluminadas de esperança, procurei confortá-la, contei-lhe meus próprios sonhos, convenci-a, ou melhor, julguei convencê-la de que mesmo neste mundo ainda havia a recompensa para os fortes de vontade e os bons de espírito, dando-lhe, daí por diante, provas palpáveis de minha teoria. Era uma bela obra, a única formosa, a que me empenhei. E dentro em pouco eu mesmo já estalava de paixão, dessa paixão que acomete o homem uma vez na vida — paixão que está muito longe dos tolos namoricos burgueses de esquina de rua ou das abjetas ligações com meretrizes. Era a cilada que me esperava. E inocentemente, parvamente, eu me deixara cair na armadilha sem a menor desconfiança.

Com vinte e quatro anos, Madalena era, porém, espiritualmente uma criatura velha. Tinha a experiência azeda dessa vida baixamente humana. E seu sentimento tinha a sapiência amorosa duma quarentona recalçada e vingativa que, por nunca ter encontrado o que quis ou nunca ter encontrado o que desejava, criava ódio, talvez inconsciente, aos seres espirituais e felizes, fazendo tudo para esmagá-los com sua inferioridade e marcá-los com sua miséria. Madalena não era como quis me parecer e como romanticamente eu a idealizara. O seu sofrimento não a engrandecera, não a santificara ou, para ser menos patético, não a tornara uma criatura mais humana que as comuns. A bondade que luzira em sua humildade anterior era apenas fruto de minha imaginação — certifiquei-me depois. O sofrimento causara-lhe o mal que alcança a todas as pessoas inferiores. Encherá-lhe a alma fraca de complexos plebeus, deixara-a uma fêmea latejante de desconfiança, rica de truques vis, estéril no sexo e no coração, temerosa ante os que a maltratavam, falsa com os que lhe depositavam fé, covarde diante dos que a exploravam, insultante e cheia-de-si com os que a amavam sem ultraje.

O tempo desvendou-me assim o seu caráter — o que o tempo não descobre? Inclementemente o tempo a despiu da fantasia de orfãzinha seduzida, joguete de homens maus e do destino cruel. E era abjeto e triste como uma velhice de degenerado. Dolorido no mais íntimo do meu ser, eu a via nua, impudica, verdadeira, e não podia recuar. Era assim como esses pesadelos que nos aflige durante toda uma noite: vemos o abismo e não podemos evitá-lo; estamos prestes a precipitar-nos e não sabemos como salvar-nos; a angústia nos oprime e nos estrangula as nossas tentativas de reação; e por fim, sentindo inútil qualquer esforço, entregamo-nos de corpo e alma, à tragédia, vencidos, perdidos. Eu via Madalena despiendo-se da roupagem humilde que utilizara. E não podia libertar-me, era já um seu escravo; amoldava-me à sua verdadeira personalidade, era um dominado. Revoltava-me algumas vezes. Mas sem a energia precisa. E voltava mais amoroso, submisso e humilhado ao despotismo de Madalena. Seus mínimos gestos, seus mais tênues sorrisos, seus menos expressivos olhares, suas palavras mais comuns, seu perfume gritante, sua maneira de andar, de sentar-se, de comer, de beber, de se alegrar ou de chorar, tudo seu tinha uma significação estranhamente resplendente para mim, um valor inconcebivelmente excitante para os meus sentidos; e mesmo com os seus defeitos berrantes, era-me impossível, ou pelo menos eu julgava impossível, separar-me de Madalena, um dia que fosse. Era uma obcecção angustiosa e degradante. E embora tivesse conhecimento dessa humilhação efeminada, não me li-

bertava. Já a conhecia profundamente. Tinha a certeza de que nenhuma qualidade menos material adornava-a. Para ela o principal era a aparência. Fingira haver-se regenerado, mas o fora apenas em palavras, para impressionar-me — pois me adivinhou um homem diferente dos seus conhecidos. Ligada a mim, embora pelo simples namoro, sabia que mais cedo ou mais tarde (foram seus próprios termos) eu viria a conhecer a sua vida: antecipara-se apenas, não por arrependimento, não tocada pela graça da sinceridade, mas unicamente por tática. Era uma meretriz típica de repartição pública, uma dessas prostitutas incubadas que mascaram sua vocação com um emprêgo num departamento qualquer, cuja habilidade social consiste em não se misturarem às suas colegas do «bas-fonds» ou dos grandes cassinos, limitando-se apenas a vender seus corpos a quatro ou cinco rixas que lhes garantam a subsistência com conforto e um futuro sem sustos, sem perderem com isso a boa acolhida da sociedade e do meio familiar. Pouco a pouco eu vim a saber dos seus passos, dos seus costumes e de alguns dos seus amantes, a despeito dos seus esforços para aparecer ante a família como uma moça caprichosa e séria. Exteriormente, nos detalhes que revelam a mulher, era da mesma forma impudente. O seu fingimento anterior para comigo, de castidade — «não tenho temperamento de prostituta, suporto a minha amargura, só, ao lado de Deus» — havia-se rasgado. O fingimento tinha sido apenas uma arma. Surtira o efeito desejado. Para que então dar-se o trabalho de carregá-lo?

E deu para, nas interpretações de pensamento, revelar o seu despudor. Eu enxergava todas essas baixezas de Madalena. E continuava algemado. O meu amor, longe de arrefecer, aumentava avassaladoramente. Sentia por aquela criatura tão animal uma fascinação muito grande, misteriosa, fetichista. E ela se aproveitava perversamente disto. Sacudia-me dos sentimentos mais descontraídos. Violentamente bela, tinha, na intimidade, caprichos violentos. E levando-me a tropicais mudanças de sentimentos, ela ria se eu fazia pieguices líricas, debicava de minhas truculências de fúria, mofava se eu explodia de ciúme, zombava se lágrimas de dor afloravam-me aos olhos, para, depois de eu ter atingido a raiva mais surda, trazer-me a uma ternura profunda, a uma melguice suave, devolvendo-me em seguida ao incontentamento e ao despeito. Quando percebi que eu desprezava interiormente sua mediocridade intelectual, empenhou-se em rebaixar-me até ela. E eu apoiava suas opiniões grosseiras, tinha de encontrar inteligência em sua obtusidade, luzes em sua ignorância.

Apesar de tudo, porém, acontecia uma coisa muito estranha: sabendo do meu complexo de ex-tuberculoso, nunca o explorara. Isto bastaria para me pôr agradecido. Mas, contrastando com tal esquisitice em seu espírito sádico, ela brincava com a minha saúde, impunha-me sacrifícios físicos que me extenuavam tanto quanto os morais; só aliviava-os quando me via prestes a sucumbir. Então, quando me percebia enfraquecido, ela me cercava de infinitos carinhos. Beijava-me muito na boca e nos olhos como se tivesse a certeza de serem os seus beijos o meu melhor remédio. Conservava-me horas inteiras com a cabeça em seu regaço, acariciando-me o rosto, perpassando meus cabelos com seus dedos macios. Então eu deslembra-va toda a sua imbecilidade, esquecia toda a sua ticanhez, só a sentia mulher, a mulher que eu amava.

Todavia, assim que me via restabelecido, substitua a meiguice pelos tormentos. Era uma criatura mórbida — hoje não alimento a menor dúvida. Onde lhe vinha tamanha perversidade? Do seu complexo brasileiro de desvirginada pobre, sem nome de família ilus-



SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

tre, sem casamento? Do seu ódio de ter encontrado só aos vinte e quatro anos, depois de amarga experiência, alma dura, o amor que talvez em sua adolescência sonhara? Ou provinha justamente de tê-lo encontrado? Pois não há pessoas que amam o inatingido, só são desejosas quando buscam, e ficam decepcionadas, raivosas, quando encontram o ansiado? Todas estas indagações podiam ser do mesmo modo as causas reunidas da sua morbidez. Mas hoje outra dúvida me ocorre: num temperamento feminilmente tão vulgar, de sexualismo tão animal, de conceitos morais tão materiais, a castidade que eu me impunha não seria outro motivo ou o seu único motivo de desprezo?

Madalena era o que se podia chamar sem exagero uma esplêndida mulher. Embora não fosse suficientemente alta, chamava a atenção dos homens e lhes despertava desejo. Forte, sadia, suas curvas eram bem sinuosas e suas formas bastante acentuadas. Tinha pernas longas e roliças, ancas largas e redondas, amplo ventre sem gordura. Vê-la era sentir logo a fêmea, uma fêmea de enervante carnadura morena. Com vinte anos é com a ânsia sexual que a tuberculose deixa às suas vítimas saradas, eu também sentia desejos brutais de possuir Madalena. Seus beijos e seus abraços nos momentos de ternura atigavam violentamente o meu desejo. Eu o freava, contudo. Eu conseguia dominá-lo. Sofria torturas diabólicas como um novico apossado do demônio da carne. Agulhões laceravam-me. Mas eu não fraquejava. Queria possuí-la, mas dignamente, quando ela fosse minha esposa, não antes. E tal abstinência não poderia ser o gerador de sua ferocidade, a provocação de sua inferioridade? Todos sabemos como as mulheres em geral en-

caram a questão sexual. E me inclino à última hipótese, porque Madalena — hoje me lembro e ligo os fatos — mostrava-se tenazmente contra os meus propósitos, procurando quebrá-los com o maior e mais teimoso dos seus caprichos: dizia que me amava, ouvia meus projetos de casamento, enfeitava-os e acrescentava-os até. Conduzia-me finalmente ao pedido formal. E quando eu o pronunciava, ela recusava, não dava o «sim» tão ardentemente desejado — um risinho de triunfo cintilando em seu rosto. Tinha acontecido dezenas de vezes. E isto me punha mais ansioso e mais disposto a consegui-lo. Podia ser tolo. Hoje acho-o ridículo. Mas naquela época eu tinha vinte anos e uma alma poética; como achava heróico lutar por uma mulher que se perdia! Como achava sublime conquistar por amor, por puro amor, o «sim» tão simples e tão lindo, desabrochando espontaneamente daquele coração recalcado, aflorando como uma prece, daqueles lábios irônicos, sem influências estranhas senão a do amor espiritual! Naquele tempo manifestava-se em mim esse sentido do «romanesco» de que Conrad tanto fala, que leva os homens ao supremo sacrifício, à perdição, à morte. E Madalena, sabendo o quanto isto me faria feliz, não cedia. Não deixava de dizê-lo também em revide ao fato de eu nunca ter demonstrado querer apossar-me de seu corpo? Eu achava que deveria proceder assim para regenerá-la. Desejava levá-la do charco onde ela chapinhava, salvá-la do futuro que a esperava se continuasse a mesma vida. O que não lhe sucederia depois de ter perdido os encantos físicos? E só aparecendo-lhe forte de vontade, digno de intenções, bom de compreensão — julgava eu — poderia despertar-lhe confiança e servir-lhe de amparo moral.

Como inocularia tal sensação de segurança em seu espírito, senão procedendo ao contrário da matilha dos outros homens «antes de mim»? Não era o altruísmo quem me movia. Mas o amor, unicamente o amor. Amor, confiança, moral, honestidade — redondas e ócas, belas e vazias palavras...

Madalena, porém, possuía a cabeça inchada de complexos. Sua vaidade de humilhada ao sentir-me gentil, sem grosseria, sem cinismo, sem malícia, acordava ouriçada de raiva e vingança. Era dessas mulheres tão comuns que devem ser tratadas como animais inferiores, menos do que isso, como objetos, simplesmente como objetos que não se quebrem nem sintam dor, objetos que se possam dar pontapés sem serem necessários pedidos de desculpa. Na boçalidade que o longo conhecimento de homens de almas anãs comunica às mulheres, Madalena não reconhecia ou fingia desconhecer a pureza, a essência de meus intuitos. Não julgaria que eu, diante do seu domínio e dos seus maus tratos, anelava unicamente por uma revanche, queria «vencê-la» para então pisá-la com o meu desprezo, com o meu afastamento? E a desconfiança em febre, a interpretação amorosa das coisas aconselhando-a, ela mantinha-se agressiva, empenhando-se beocemente em «ganhar». E quantos recursos torpes empregava para me enciumar, daí perder a cabeça, daí desviar-me do meu intento puro e escabujar na vulgar saciedade sexual!

Cada dia mais essa situação angustiosa acentuava-se. E me vendo cada dia mais forte e mais resolvido a manter meu ponto de vista, Madalena deu para fazer toda a sorte de baixezas. Eu já sentia algo de simbólico nessa luta, o bem e o mal digladiando-se com os seus meios de defesa e de ataque. E sofrendo

intensamente eu presenciava com milagroso estoicismo os desatinos de Madalena. Ela os praticava antes, mas às escondidas. Agora exibia-os. Flertava com outros homens em minha vista. Consentia nos assédios dos abundantes galãs de rua que atravancam os passeios. Ia para as festas sem dar-me a menor satisfação. Recebia presentes, os mais íntimos, de conhecidos ávidos por retribuições lascivas. Livrinhos galantes com dedicatórias obscenas eram comuns em sua penteadeira. E uma vez, tendo marcado um encontro comigo, deixou-se surpreender nos braços dum «camaradinha». E o prazer da vitória bailando em seus olhos ela não deixava que eu lhe lançasse no rosto, como uma bofetada, a imundície do seu procedimento:

— «Contenha-se, menino. Nada de presepada. Você é meu dono? Ainda não deu prova... Somos, pelo menos, comprometidos, noivos? Não. Não lhe dei o «sim». Portanto é ver e calar. Se não gostar é só dar o fora, que falta não me faz.»

Eu recuava humilhado, sucumbido, coração pesado de angústia, cérebro estalando de angústia, estômago contraído de angústia, todo angústia. Nesses instantes, ganas de surrá-la, de assassiná-la, acometiam-me. Tinha acessos de nójo por tão ínfima criatura. Desesperava por senti-la sem salvação. Tinha impetos de cuspir-lhe, de abandoná-la para sempre, entregue à própria estupidez e à própria sorte. Eram repentes de virilidade, porém. Não tinha coragem suficiente para largá-la. Além disso, havia outro fator que me prendia. Embora ela dissesse que não lhe faria falta e me despedisse a todo momento, ela não me deixaria ir. Pressentia o máximo

(Continua na pág. 42)

O pai dele era médico em Tavas-tehus, aldeia do interior da Finlândia. Mas embora proviesse de uma linhagem predominantemente sueca, tinha a família Sibelius a psicologia das classes médias finlandesas.

Nasceu Jean Sibelius em 1865. Três anos depois, no cumprimento do dever, faleceu-lhe o pai, o homem mais bondoso e mais sociável da aldeia, por haver contraído o germe do tifo enquanto assistia os seus doentes. Dali por diante foram as crianças da família — dois meninos e uma menina — educadas, ou antes, dominadas pela mãe e pelas duas avós. Mas, se bem algum tanto amimalhadas pelas mulheres que as cercavam, conseguiram crescer sem que as prejudicasse o excesso de mimos.

Deram ao menino o nome de Johann Julius Christian, mas, ao atingir a maioridade, ele mesmo passou a chamar-se Jean, por causa de um tio aventureiro que embarcara para Havana e lá morrera de febre amarela. As suas experiências infantis tinham sido assaz agradáveis. Passara no litoral grande parte do tempo, em companhia das mulheres da família e tomara-se, destarte, de entranhado amor ao mar. A Finlândia, naquele tempo, achava-se sob o domínio do czar. As tropas russas aquarteladas no pequeno país viviam às mil maravilhas com os seus hospedeiros finlandeses. Muitas amizades individuais haviam surgido entre conquistadores e conquistados. Um dos mais íntimos amigos de infância de Sibelius era um rapaz que se chamava Kostya, filho de um coronel russo. Sibelius, não obstante, como as outras crianças da Finlândia, fôra educado no ódio ao domínio russo, embora gostasse dos russos. Foi em seus anos pueris que ele se embebeu no espírito daquele hino apaixonado que ao depois viria a escrever — a sua Declaração nacional de Independência, «Finlândia».

Manifestou-se-lhe cedo, embora não precocemente, o talento musical. Aos cinco anos de idade percorriam seus dedos o teclado do piano, à procura de novas harmonias e melodias. Era frouxa, porém, a sua afeição ao piano. O seu instrumento predileto era o violino. (Durante toda a vida havia de ser o violino o instrumento predominante de suas músicas.) Formou, com o irmão e a irmã, um trio familiar, e iam os três, amiúde, à casa dos amigos músicos com quem pudessem executar quartetos. Jean veio, assim, a conhecer de cor diversos quartetos de Mozart, Haydn, e a deleitar-se com o seu estilo escultural. Não tardou muito, contudo, em compor a sua própria música de câmara para esses concertos domésticos — ocorrendo então algo semelhante a um milagre. Nem bem eram decorridos dois anos quando, sem nenhum treino metódico, começou ele a expressar-se numa linguagem musical própria. Rejeitando a influência dos clássicos, entrou a formar um novo idioma, uma interpretação individual das nórdicas paisagens com a espuma dos seus mares, as suas florestas e as suas montanhas, acrescentando ainda a essa música primitiva outro acento característico — uma sibelliana paixão da liberdade.

De tal arte se absorvia Sibelius na música e nos sonhos que prestava pouquíssima atenção às aulas do colégio. — Valha-me Deus, — observava com um suspiro o bondoso mestre quando, depois de interrogá-lo improvisamente, recebia uma resposta distraída. — Sibelius já está de novo no outro mundo! — Sibelius achava-se, com efeito, num mundo que distava, na imaginação, muitas léguas do das aulas.

II

A semelhança de Schumann e de Tchaikovsky, Sibelius destinava-se a uma carreira jurídica. Para agradar aos parentes, matriculou-se na Universidade de Helsingfors; mas, ao mesmo tempo, para agradar a si mesmo, entrou para a Academia Musical de Helsingfors como ouvinte. — Se me perguntarem o que aprendi na Universidade, — observava muitos anos depois, — posso dizer em sã consciência que nada. — Em certa ocasião, enfadara-o de tal sorte determinado livro de estudos que o colocou, com as páginas abertas, sobre o peitoril da janela onde batesse o sol, esquecendo-lhe prontamente a existência. Meses a fio lá ficou o livro até que o calor lhe

A VIDA DE SIBELIUS

(Jean Sibelius — N. 1865)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

amareleceu as páginas. Por fim, foi um tio visitar Sibelius para saber como ia de estudos o moço «estudante». Aproximou-se da janela, viu o livro sobre o parapeito e disse, com um suspiro: — Afinal de contas, Jean, seria melhor que você se dedicasse exclusivamente à música...

Sibelius desligou-se da Universidade e entregou-se à música de corpo e alma. A sua educação regular fornecera-lhe tão somente os instrumentos por meio dos quais lhe seria dado acrescentar experiência ao cabedal das suas idéias. Não careciam de exercitação os seus instintos primários. Eram diretos. Caminhando, por exemplo, ao longo da praia, sentia o cheiro azedo do linho e do cânhamo que acabavam de ser retirados da água. Esse cheiro movimentava-lhe o sentido musical. O compositor torcia o nariz, fazia uma careta e registrava o tema de um capriccio. Ou então pegava com a mão uma pouca de neve. «Como é gostoso sentir a umidade da neve que se derrete!». Espertados, os seus sentidos tácteis enviavam-lhe para o interior do organismo o germe da música.

O seu sentido visual, entretanto, é que era particularmente forte. Os estados de espírito apresentavam-se-lhe sempre sob a forma de cores, e havia, além disso, em seu espírito uma associação definida entre a cor e o som, de maneira que, para ele, uma composição musical assumia um modelo calidoscópico, uma imagem estética e conveniente que ele não só ouvia como também enxergava. Um dos seus amigos do tempo de estudante observou que, para Sibelius, cada tom musical tinha um matiz diferente. «O tom de Lá maior era azul; o Dó maior, vermelho; o Fá maior, verde; e o Ré maior, amarelo».

Durante o seu período de formação

na Academia Musical de Helsingfors, Sibelius teve a sorte de encontrar um professor que não era nem um gênio, nem um pedante. Chamava-se esse homem Martin Wegelius. Músico honesto, negava-se a colocar a disciplina acima do talento ou o talento acima da disciplina. Ciente das próprias limitações, era suficientemente sensato para não oprimir o aluno nem transformá-lo num satélite seu. E muito embora nutrisse certa predileção por Wagner, não sabia — nem queria — impor essa preferência ao espírito independente de Sibelius, nem fazia coisa alguma para descoroçoar o gosto individualista do rapaz.

Sibelius passou três anos com esse professor. Achava-o útil mas pouco inspirativo. E uma vez que o seu trabalho em aula era, necessariamente, insípido e rotineiro, fazia em segredo a maior parte das suas melhores composições. Reverenciava hipocritamente as formas clássicas e copiava, com zelo, as fugas e as passagens contrapontísticas que lhe eram designadas. No refúgio do seu quarto, contudo, compunha a seu bel-prazer, utilizando-se do estilo e dos métodos próprios. Enquanto estudava com Wegelius, escreveu três peças importantes — um tema e variações em Dó sustenido maior, um quarteto em Lá menor e uma suite para cordas em Lá maior. A primeira dessas peças era um exercício de todo o ponto convencional, a espécie de composição que se exige de um estudante de Conservatório após os três anos de estudos técnicos. Encantou-se Wegelius desse resultado da sua ensinaça. Os dois últimos trabalhos, porém, não provinham dos ensinamentos da escola de Wegelius. Eram destituídos de academicismo, livres e originais. Os críticos mais perspicazes de Helsingfors prestaram sincero tributo a essas duas peças e declararam que o jovem compo-



JEAN SIBELIUS

sitor fizera já vibrar uma autêntica nota nova na música finlandesa.

III

Sibelius foi feliz em relação à sua ambiência. Nunca padecia da tremenda incapacidade de adaptação nem da psicologia desvirtuada tão comum numa criança prodígio que, em razão da anormal precocidade musical, tem de sacrificar o crescimento físico. Processou-se-lhe a maturação musical por etapas fáceis, e ele atingiu a virilidade com um corpo sadio e um espírito vigoroso. Não teria o destino de Mozart, nem o de Schubert, nem o de Chopin. Durante o seu tempo de estudante conhecera um desgraçado virtuoso desse tipo — um pianista chamado Busoni. «Esse meu jovem amigo», escreveu Sibelius, «cresceu como menino prodígio e passou a juventude nos hotéis de, praticamente, todas as cidades da Europa. Entrou em contacto na Finlândia, pela primeira vez, com o mundo que existe fora de casa. Nos primeiros tempos das nossas relações surpreendiam-no extraordinariamente os benefícios que eu lograra colher da minha comunhão com a natureza».

Caracterizou o vagaroso e sadio desenvolvimento do engenho de Sibelius a sua produção relativamente pequena até a idade de vinte e quatro anos. Vários dos seus contemporâneos haviam escrito consideravelmente mais no mesmo período de tempo. Hoje em dia, no entanto, poucas são as obras destes últimos, dignas de menção. Eles limitaram-se a satisfazer as exigências do momento, mas havia pouca unidade artística ou integridade vital em suas tentativas no terreno da chamada música modernista. O crescimento da alma de Sibelius foi lento mas vigoroso, orgânico e vivo.

Completado o seu treino de conservatório, desejou Sibelius acrescentar a sua habilidade técnica e fazer novas experiências sobre a vida entre gente nova e novos lugares. Transpôs, pela vez primeira, os limites da Finlândia viajando para Berlim, onde iniciou um estudo deliberado e consciencioso dos mestres. Já não desdenhava a ciência do seu ofício. «A prática da técnica parece-me, hoje em dia, tão importante para o compositor como o é para o cirurgião a prática da anatomia». Verdade é que, às vezes, quase lhe falecia a paciência ao estudar continuamente a teoria das fugas. «Eu não podia resistir à impressão de ser um escavador a desenterrar esqueletos do passado». Não obstante desenterrou-os. Sibelius estava destinado a tornar-se um dos grandes paradoxos da música moderna, pois esse homem, que desdenha de imitar a música do passado e crê totalmente dever expressar o próprio tempo da maneira mais adequada a esse tempo, é, entre os compositores contemporâneos, o que mais se esmera por preservar as tradições eternas e fundamentais da música. Foi ele quem continuou a escrever sinfonias quando os ultramodernistas já tinham, havia muito, rejeitado a forma sinfônica.

Sibelius continuou a estudar a forma sinfônica e as demais formas clássicas não só em Berlim como também em Viena. Quando chegou a Viena estava no auge a épica batalha entre as escolas de Brahms e de Wagner. Sibelius, porém, encontrou a sua paz espiritual no meio da batalha, pois não se meteu a paladino de escola nenhuma. Viena era o quartel-general de Brahms — moradia, grosseiro, desleixado e cheirando eternamente a fumo. Busoni porfiou em apresentar Sibelius ao mestre. Este, todavia, não quis perder tempo com um musicista desconhecido. — O que é que ele sabe fazer? — perguntou a Busoni, e quando este último contou que Sibelius escrevera um «bom quarteto», Brahms deu de ombros. Aquilo não o interessava.

Hans Richter, todavia, o assinalado regente da música wagneriana, foi mais acessível. Fez a Sibelius hospitaleira recepção e beneficiou-o com os seus conselhos de experiente. Até então fizera o jovem compositor um estudo acurado das condições da música de câmara, mas não se abalancara ainda a tentar composições para orquestra inteira. Richter recomendou-lhe um professor de composição instrumental, e Sibelius pôs-se a tomar lições com ele.

(Continua na pág. 44)

NOS BASTIDORES FEMININOS

S I você é das que vivem contando ao primeiro que aparece todos os males que a afligem, certamente encontrará momentos em que sentir-se-á um tanto isolada. E' que ninguém, minha amiga, está interessada no seu fígado ou nos seus rins ou ainda no seu estômago. Hoje, quando o tempo é pouco para que cada um cuide das suas próprias preocupações, não nos sobra ocasião e, mais francamente, não nos sobra paciência para suportar as suas lamúrias! E você que gosta tanto de se queixar! Com que riqueza de detalhes você descreve a sua última enxaqueca! Com que ênfase você menciona a sua tremenda cólica de fígado! Tão tremenda que você foi obrigada a fazer uma estação de águas em Caxambú!

Talvez você tivesse pretendido mesmo chegar à esse ponto: a sua viagem à Caxambú... Um pouco de exibição não faz mal à ninguém, não é? Você foi, mas voltou a mesma, não é verdade? O fígado continua doendo, a cabeça também, e mais ainda a nossa por ter que ouvir tudo isso! E quando lhe viramos as costas, cansados e aborrecidos, você ainda nos chama de mal-educados! Sim, somos mal educados porque não toleramos o seu exibicionismo e o seu egoísmo. Quer isso doa ou não à você. Para nós você não passa mesmo de uma egoísta e de uma exibicionista. Você quer que todos lhe dê atenção, quer ser a única a falar, quer fazer dos seus imaginários males físicos assunto obrigatório de todas as palestras. Você exhibe esses males com o único fito de estar em evidência; o que dói nos outros, sempre dói mais em você, e, é até com certa validade que você descreve os "teríveis" momentos que passou na sua última moléstia que nunca será a última... Talvez você julgue provocar assim admiração pela sua fragilidade; talvez você se utilize disso como de uma arma de defesa: talvez você ainda imagine que os homens sejam os mesmos românticos que se apaixonavam por criaturas frágeis e se prontificavam a protegê-las; talvez você procure assim se livrar de muitas responsabilidades, porém, seja qual for a razão dessas suas eternas e desnecessárias queixas, o fato é que o resultado nunca será o que você espera; você não se tornará, como pretende, o centro de todas as atenções, mas um verdadeiro espantalho de quem todos fugirão. Não perca tempo, portanto. Não procure angariar simpatias contando as moléstias que você julga carregar consigo; você se tornará muito mais agradável se afastar, definitivamente, das suas palestras este assunto, substituindo-o por outro menos pessoal e mais interessante.

KITTY

GLAMOUR Outro não poderia ser o título sugerido por Arlene Dahl e sua magnífica "toilette" para a noite. Em cetim negro, de corpete justo, com drapeado sobre o busto. Saia muito ampla com abertura mostrando cetim de listras pretas e brancas. Como "saída", Arlene usa uma capa também de cetim preto e branco.



nota

sua
anda
psi-
numa
anor-
sacri-
ou-se-
s fá-
n um
Não
o de
grante
a um
- um
ou jo-
esceu
juven-
todas
con-
vez,
casa,
rela-
amen-
colhêr
ezas.

desen-
a sua
até a
Vários
escrito
no pe-
no en-
s últi-
taram-
nomen-
rtística
tativas
moder-
e Sibe-
nico e

mserva-
a sua
expe-
e nova
rez pri-
iajando
estudo
mestres.
do seu
rece-me,
o com-
grão a
que, às
ncia ao
ria das
impres-
enterrar
obstante
estinado
aradoxos
homem,
sica do
xpressar
ais ade-
os com-
e mais
radigões
ica. Foi
sinfonias
tinham,
infônica.
a forms
clássicas
bém m
a estava
e as es-
Sibelius,
espiritual
se meteu
a. Viens
- mor-
chelhando
orfiou em
Este, to-
com um
ue é que
a Busoni,
que Sibe-
quarteto,
lo não o

assinádo
foi mais
aleira re-
seus con-
ção fizex
o acurado
mara, mas
ntar com-
Richter
le compo-
pós-se a

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

OS ESPIÕES

Fanny Marchiô estava em excursão pela Itália e, tendo chegado a uma pequena cidade, procurou um hotel. No momento em que lhe deram o livro de hóspedes para assinar, uma pulga saltou sobre o papel. Fanny largou a caneta, pegou suas coisas e chamou o secretário.

— Vamos embora daqui.

E, tendo que explicar a razão daquela repentina mudança, explodiu:

— Deus me livre de ficar num hotel onde as pulgas mandam seus espiões saber para que quarto a gente vai!

A PURITANA

A esposa de Nathaniel Hawthorne foi quem o impeliu a escrever seu primeiro livro, quando este, tendo sido despedido de um escritório, não sabia o que fazer de si. Nasceu, desse modo, a "Letra Escarlate". Essa mesma mulher sensível, cheia de admiração, de amor e de respeito pelo seu marido, não teve a menor dúvida em alterar toda a linguagem que ele usava no seu diário íntimo, alegando que ele jamais falara daquela forma. E, pelo seu zelo de puritana, cometeu um grande pecado contra a verdade. O diário de Hawthorne foi publicado de roupa nova, para desgosto de todos aqueles que aprenderam a amar o autor de "A Casa das Sete Torres" e "O Fauno de Mármore".

OBRIGAÇÃO

Elizabeth Barrett teve um filho de Robert Browning. A célebre poetisa inglesa morou em Roma muitos anos e ali educou seu menino. Certa ocasião, em palestra com uma amiga, contou:

— Meu filho passeia todas as manhãs nesta praça, mas creio que não gosta muito.

— Mas, por que não se volta para o lado oposto e não passeia pelo campo?

— Já lhe disse isso, tornou Elizabeth com resignação, mas ele não quer. Já o convenceram de que ele é uma das "vistas" de Roma...

ORIGEM DE UMA EXTRAVAGANCIA

Sarah Bernhardt sofria de violentas hemoptises. Muitas vezes, era obrigada a sair do teatro no meio de uma representação, completamente prostrada. Enquanto isso, seus amigos e colegas faziam cálculos do pouco tempo que ela deveria durar. Tanto se preocupou com a morte, que, receiosa de ser transportada morta para casa qualquer dia, mandou fazer um caixão. Assim, quando chegasse, seria logo colocada no lugar competente. E, lá ficou o caixão, aguardando o cadáver. Tempos depois, sua irmã adoeceu gravemente e Sarah não a abandonou um instante, até a morte. Na noite em que esta morreu, exausta, tendo a irmã no seu leito, Sarah deitou-se no seu próprio caixão e dormiu profundamente.

No dia seguinte, Paris estava cheia da novidade. Sarah Bernhardt era uma mulher tão extravagante que dormia num caixão de defunto...

CAUTELA

Maria Jacinta, autora laureada de "O Gosto da Vida", foi convidada a assistir à estreia de uma nova companhia. Dias depois encontrou-se com uma amiga e perguntou:

— Você foi?

— Fui. E você? — indagou por sua vez a amiga.

— Eu ia. Mas, tive um dia tão delicioso, mas tão delicioso que fiquei com medo de estragar. Se tivesse ido, realmente icaria com o dia estragado. A estreia foi o diabo.

MODA

Quando a família de Nathaniel Hawthorne se encontrava na Inglaterra, surgiu um certo problema de ordem religiosa, para eles. Era preciso encontrar nas imediações uma igreja puritana, onde pudessem assistir ao culto dominical. Depois de alguma investigação, essa igreja foi encontrada. Uma, filha mais velha do casal, escreveu para casa, dando conta do que havia se passado naquele primeiro domingo: "Tivemos um sermão muito comprido, onde o sacerdote falou por muito tempo sobre a roupa que Adão e Eva usavam".

CASO PARTICULAR

Um indivíduo absolutamente vulgar, dêses extrovertidos contentes da vida, aproximou-se de Greta Garbo e estendeu a mão com um ar familiar:

— Lembra-se de mim? Encontramo-nos há alguns meses atrás...

— Nunca esqueço ninguém, respondeu glacialmente a sueca, mas posso abrir uma exceção no seu caso...



INTIMIDADE

Em baixo, na ordem: Evelyn Keyes, usa um pijama de algodão azul com um robe também de algodão do mesmo tom, com listras brancas. Robe de seda estampada, com viés de veludo preto. Cinto largo, franzido, do mesmo tecido. Arlene Dahl, da MGM, usa-o também para ir à praia. June Allyson sugere este "robe" em gabardine com bordado em tom contrastante. Elegantíssimo pijama próprio para receber, apresentado por Vera Ralston, da Columbia. A calça é preta, a blusa branca, cinturão vermelho e bordado em vidrilhos na blusa. Ao alto: Maria Montez, com uma originalíssima blusa esportiva de lã.





Em baixo, na ordem: Rosalind Russell sugere este vestido branco todo abotoado na frente e com pregas soltas na saia. Grossa corrente e medalhão de ouro. Jane Wyman, da RKO, usa para o jantar uma blusa de manga comprida em "pailetés". Dolores del Río que marca a sua volta em "Dominio dos Bárbaros", revela todo o seu bom gosto e elegância nesse vestido preto, cuja blusa tem uma das mangas em tecido listrado preto e branco, passando em "echarps" sobre o busto e caindo nas costas. Blusa de malha cinza claro com listras azul marinho sugestão de Jane Wyman. Observem a originalidade do seu bracelete. Ao alto: um detalhe de muita elegância neste vestido para jantar de Loretta Young.

MISCELANEA



A PERSONALIDADE da Semana

HELENA ANTIPOFF

— Você me disse que queria entrevistar-me, — disse-me a Dra. Helena Antipoff, logo que chegou à minha casa — Mas eu tenho também um pedido a lhe fazer. Está disposta a me dar vinte minutos?

— Naturalmente!

— Então sente na mesa. Tirou algumas folhas de papel em branco da sua pasta, colocou-as à minha frente e pediu que escrevesse imediatamente algo sobre as minhas mãos.

— Sobre as minhas mãos?

— Sim. Tudo que lhe passar pela cabeça!

Relutei muito. Meu amor-próprio de jornalista não podia admitir que qualquer rabisco descuidado fosse entregue a quem quer que seja. Confesso que geralmente corrijo, releio e recomeço diversas vezes uma crônica antes de ter a coragem de mandar imprimi-la! Absolutamente não estava disposta a obedecer! Mas Helena Antipoff insistiu de maneira tão firme, decidida, e, ao mesmo tempo, gentil, que só me restou atender ao seu pedido. Quando entreguei meu trabalho à maneira de um aluno encabulado, explicou-me que se basearia nele para fazer meu perfil psicológico.

— Já tenho inúmeros trabalhos deste gênero. Introduzi o teste nas escolas secundárias. Agora estou experimentando as reações de artistas, médicos, etc.

— Mas fui pegada desprevenida. Poderia ter feito coisa melhor!

— Então não teria valor nenhum!... Não tenha medo!

Admirei sua perseverança e seu entusiasmo graças aos quais, aliás, esta técnica especializada de Divisão da Proteção social à infância já conseguiu tão bons resultados no Departamento Nacional da Criança. Helena Antipoff, que foi assistente na Cadeira de Psicologia da Universidade de Genebra após ter estudado psicologia (que é uma verdadeira ciência e não uma espécie de ante-câmara da Filosofia como se pensa erradamente muitas vezes) em diversos países europeus, realizou um trabalho interessantíssimo no campo da orientação juvenil e da orientação das professoras e assistentes sociais em todo o Brasil. Paralelamente criou o Instituto Pestalozzi para crianças atrasadas e anormais.

Quando nos sugeriram a criação deste Instituto aceitei com a condição de que as próprias mães dos alunos nos ajudassem. Não somente na parte material, mas participando do trabalho. E deu excelentes resultados. Gosto muito de trabalhar paralelamente numa instituição do Governo e em outra particular, o que dá maior liberdade de ação, porque se completam e permitem experiências mais largas.

Helena Antipoff está pondo em execução um plano gigantesco de "ruralização", ou, como diz, de urbanização da zona rural. Quer criar Institutos de Organização Rural. O primeiro está sendo formado em Minas. Mostrou-me fotografias de crianças brincando e trabalhando despreocupadamente numa imensa fazenda.

— Não se parecem em nada com crianças anormais, exclamei.

— Nem todas o são. Estou absolutamente oposta a qualquer espécie de segregação. Débéis, surdos-mudos, cegos, órgãos encurralados numa casa da cidade como numa prisão não estão sendo preparados para uma vida independente. Um atrasado mental pode estar muito adiantado moral ou fisicamente. É preciso desenvolver em cada indivíduo as possibilidades próprias para que possa se tornar útil. Crianças normais só lucrarão com o contacto com tudo que faz a vida, aprendendo a conhecê-la e a cooperar.

Estou, aliás, oposta a qualquer espécie de iniciativa isolada. O que devemos criar no campo são verdadeiros centros culturais. Ao Instituto para anormais acresce-se uma escola primária. Na mesma fazenda cria-se uma colônia de férias para artistas. Juntam-se lentamente outros núcleos humanos: o médico e sua família, o agrônomo, os encarregados do cinema, uma escola normal... Está se formando o Instituto de organização rural que mudará o aspecto e a vida da região.

Falando em escola normal, o velho conceito do mestre-escola não tem mais sentido. A professora deve juntar conhecimentos práticos às teorias acadêmicas. As escolas rurais que tanto preocupam o Governo só funcionarão eficientemente quando as professoras tiverem uma experiência humana que as integre ao meio e lhes permita orientar jovens vidas reais e conscientemente.

O plano da Dra. Antipoff é interessantíssimo e poderá resolver o problema rural. Já está sendo posto em prática numa enorme fazenda de Minas que tenciono visitar em breve. O espaço limitado do qual disponho, não me permite dar mais pormenores aqui. Só posso insistir na importância desta iniciativa que merece a ajuda do Governo e dos particulares. So uma mulher inteligente, ativa, entusiasta e preparada como a Dra. Antipoff poderá levar iniciativa tão vasta a bom fim, seguindo um plano minucioso e racional. Não se pode menosprezar a importância de uma ação "preocupada com a educação das massas rurais graças a atuação conjugada de esforços", como o explica o projeto que tive a oportunidade de ler e que propõe soluções não somente interessantes mas que podem ser postas em prática.

YVONNE JEAN



TEATRINHO DE BONECOS

Os pais que dispõem de recursos e muitas vezes ficam indecisos sem saber como devem presentear aos filhos deveriam observar com calma um teatrinho de marionetes. É o mais delicado e encantador dos brinquedos; enquanto se trabalha na sua construção a criança brinca, e na realização das peças o brinquedo continua; renova-se cada dia e não há possibilidade de enfado, tal como acontece com alguns brinquedos caros, que são como elefantes brancos de luxo. O teatro de bonecos, mais que dinheiro, exige um certo aprendizado, quer da feitura, quer da movimentação dos personagens; é acessível até às crianças mais pobres; poderá ser feito com variados e ricos recursos, mas também cumpre a sua missão com o mais modesto dos materiais; por exemplo: jornais velhos, goma e alguma tinta para os bonecos; uma velha caixa de papelão, cujos pedaços de madeira para o palco; retalhos para o pano de boca e vestimenta dos comparsas; desta forma tudo se improvisa e o espetáculo se realiza satisfatoriamente.

A favor do teatro de bonecos tenho a dizer que, além de divertimento, é um ótimo veículo de educação; uma criança poderá ouvir conselhos, admoestações e receber castigos dos mais sérios, para que deixe de mentir ou de bater no irmãozinho menor, e não alterar em nada a sua atitude; mas se a sua genitora for uma senhora inteligente e se quiser se dar ao trabalho de organizar uma representação de fantoches, pintando ao vivo os defeitos da criança e dando um final desagradável ao herói-boneco, que representa o recalcitrante, pode estar certa que haverá noventa por cento de probabilidades de o resultado ser mais eficiente e duradouro sobre a personalidade da criança que mil ralhos e pancada.

Não julguem que haja exagero da minha parte, quando afirmo que o teatro de bonecos é instrutivo; tenho exemplos frisantes desta afirmação; conheci um menino turbulento, que tornou a sua presença na escola intolerável pela agressividade sistemática com que investia para os colegas; a correção deste menor foi entregue a uma professora competente, que baseou a reeducação, principalmente, em dramas de marionetes; um pequeno entreato, focalizando a agressividade e as suas possíveis e funestas consequências foi ensaiado pelo menino em questão e outros; o garoto tomou parte ativa na representação, viveu a violência que cometia diariamente, mas de uma forma trágica e aumentada, tal como permite a ação dos bonecos; sentiu em si mesmo e através de uma sensibilidade nova de espectador as razões e consequências das suas atitudes; o resultado foi surpreendente e satisfatório; reduziu seus impulsos agressivos, tornando-se um companheiro tolerável na turma.

Sai que há um serviço de teatro na Prefeitura, bem como no serviço da União, mas, ao que eu saiba, nunca se procurou difundir o teatro de bonecos como fator educativo e recreativo; seria, no entanto, uma ótima oportunidade para as crianças das nossas escolas primárias a posse de vários teatros deste gênero; e não se argumente que dependa de verba esta realização, porque, como já foi demonstrado no início deste artigo, o dinheiro é de somenos importância numa atividade assim; o teatro do Gibi, iniciativa particular, auxiliada, às vezes, pelo Estado é que tem dado um pouco de humor e poesia às crianças brasileiras; mas convenhamos que um é muito pouco para uma cidade que possui tantos cinemas, e cinemas que programam semanalmente novos filmes. Lá, há pouco, que o Teatro dos Estudantes prometia um curso rápido de quatro semanas para a aprendizagem dos marionetes; candidatem-se, pois, as mães diligentes, e ofereçam aos seus filhos um pouco de alegria genuína; ao mesmo tempo estarão prestando um serviço em prol da cultura do país; porque crianças que aprenderam desde cedo a amar e compreender o teatro, saberão prestigiá-lo mais tarde, quando adultos; divida em que se encontra a geração atual, displicente e desinteressada para com uma das mais completas artes que a imaginação do homem criou.

ZOIA DE LAET



MODELOS PARA TODAS AS HORAS



Para as diversas horas do dia, encontrarão as leitoras nestas páginas interessantes modelos dos mais variados feitios, e que poderão ser executados com os mais diversos materiais. Além dos modelos aqui estampados, temos também três lindas blusas que poderão compor harmoniosos conjuntos para passeio.

Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA AOS CONSULENTES

EX-MOÇO TRISTE — Rio Grande do Sul — Recebemos sua última carta, e fica assim tudo explicado. Esperamos que continue bem, cada vez mais alegre e tranquilo. Aqui estaremos sempre para ajudá-lo no que for preciso.

SILVIA — Curitiba — Temos a impressão de que o seu problema de deficiência cultural se resolverá facilmente, porque você é inteligente, conforme se percebe da boa redação de sua carta. Tanto você é inteligente, que reconhece as próprias deficiências — o que constitui o mais importante passo para superá-las. Portanto, vamos ao problema das leituras que você deverá fazer para melhorar a sua cultura geral. É um pouco difícil responder assim no escuro, sem saber o que você já conhece. Mas vamos dar um roteiro bem objetivo, para principiantes. Você afastará os livros que já tiver lido, e depois nos escreverá novamente, contando com detalhes exatamente o que já leu, para lhe darmos uma orientação mais precisa.

Comece lendo dois importantes livros do professor Silva Mello: "O Homem, sua vida, sua educação, sua felicidade" e "Alimentação, instinto e cultura". Esses livros tratam de um modo geral dos principais problemas humanos do momento, e lhe facilitarão dar uma boa orientação ao seu filho. Leia depois "A imitação de Cristo" e "Catorze lições de filosofia Yogui", de Ramacharaka (edição Livraria do Pensamento, São Paulo), para obter um ponto de partida moral bastante sólido.

Sobre literatura, comece pela "História da literatura brasileira", de Ronald de Carvalho, para você ficar mais ou menos situada em matéria do que tenha sido a formação de nossa literatura. Depois passe aos modernos romancistas brasileiros, que são mais fáceis. Assim, por exemplo: "Música ao longe", "Caminhos cruzados" e "Um lugar ao sol" de Érico Veríssimo. "Jubiabá", "Mar Morto" e "Terras do sem fim", de Jorge Amado. "Floradas na serra", de Dinah Silveira de Queiroz, "Vovô Morungaba", de Galeão Coutinho. "Framos sêls", da sra. Leandro Dupré. "Doidinho" e "Menino de Engenho", de José Lins do Rego. "Contos leves" e "Contos pesados", de Monteiro Lobato. "A amazônia misteriosa", de Gastão Cruls.

Vá indo então um pouco mais para trás e pegue "A Marquesa de Santos" e "Minas de Prata", de Paulo Setubal. "Bugrinho" e "Fruta do Mato", de Afrânio Peixoto. Os romances de Aluizio Azevedo, especialmente "O Cortiço" e "Casa de pensão". De Coelho Neto, "A conquista" e "Rei Negro". Toda a obra de Machado de Assis, sem esquecer os contos, que são admiráveis. Leia também "A Moreninha", de Macedo e "Iracema de Alencar", que é um poema de autêntica beleza.

Já está cansada? É que agora vai começar o mais duro. Compre o interessante "Memórias de um sargento de milícias", de M. A. de Almeida, e depois "O triste fim de Policarpo Quaresma" e "Memórias do escrivo Isaias Caminha", de Lima Barreto. Tente em seguida "Os sertões", de Euclides da Cunha, e se conseguir digeri-lo, regresso novamente aos escritores modernos e leia "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre, "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, e "História Econômica do Brasil", de Caio Prado Jr.

Poderá então enfrentar os nossos escritores mais finos — Graciliano Ramos, com "Angústia" e "Vidas Secas", Octavio de Faria, com seus vários romances da "Tragédia Burguesa", e Jorge de Lima em "Calunga", Lucia Miguel Pereira em "Amanhecer", Marques Rabelo em "Marafa", Raquel de Queiroz em "O Quinze" e "As três Marias", sem esquecer as obras completas de Mario de Andrade.

Esse roteiro que lhe estamos dando não é feito em ordem cronológica ou crítica, e sim em função da dificuldade de compreensão e da maior ou menor proximidade da nossa sensibilidade atual. Siga-o tanto quanto puder, e mais tarde lhe daremos novas indicações, incluindo literatura estrangeira, quando nos tiver comunicado detalhadamente o que leu e o que não leu.

CONFIDENTE

★

Se está em dificuldades, conte-nos o seu caso. Teremos prazer em auxiliar em tudo quanto for possível. Escreva-nos para "Muro das lamentações", aos cuidados de REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

WEEK-END na Cozinha

PARA uma pequena reunião no sábado, reunião que servirá mais como um pretexto para a discussão dos últimos modelos de Paris, ou entre os homens, dos últimos acontecimentos internacionais, você poderá preparar um menu rápido e saboroso, que não prejudique a sua fama de boa dona de casa. O importante é que tudo seja apresentado com gosto e originalidade; que tudo esteja limpinho e que você mantenha sempre um sorriso encantador, encaminhando a palestra para assuntos agradáveis, desviando-a, prudentemente, toda a vez que procurem mencionar qualquer coisa que possa ferir a susceptibilidade de um dos presentes.

Aliás, você deverá procurar reunir um grupo que se conheça regularmente entre si ou então cujas idéias você conheça e que não possam provocar choques. Voltemos agora, ao menu. As sugestões abaixo são fáceis e gostosas. Você mesma poderá fazê-las.

★

PASTEISINHOS DE CAMARÃO

Ingredientes: 1 quilo de farinha de trigo; 100 grs. de manteiga, 2 gemas, 1/2 litro de leite, 2 colheres das de chá de sal.

Preparação: Juntam-se a manteiga e o sal ao leite e leva-se este ao fogo até ferver. Em seguida, retira-se e despeja-se aos poucos sobre a farinha, mexendo-se continuamente até se obter uma pasta bem ligada; acrescentam-se as gemas e amassa-se bastante. Deixa-se descansar durante trinta minutos mais ou menos e depois estende-se com um rolo num mármore polvilhado com farinha de trigo. Cortam-se os pasteisinhos que devem ter três centímetros de comprimento. Recheiam-se com o refogado de camarão e fritam-se em banha bem quente. Depois de fritos, põem-se sobre um papel pardo para ficarem bem secos.

★

PATINHOS ASSADOS NA GRELHA

Tratados e temperados os patinhos, untam-se com manteiga e põem-se numa grelha sobre a brasa viva, tendo-se o cuidado de virá-los, ora por outra para assarem por igual, e de não deixá-queimar. Quando estiverem assados, dispõem-se no centro de uma travessa guarnecida com folhas de alface, ou galhinhos de agrião. Servem-se com legumes ou purê de batatas.

★

"BAVAROISE" DE LEITE

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 8 folhas de gelatina branca; 1/2 garrafa de leite; 4 ovos; 1 cálice de licor de anisete.

Preparação: Ferve-se o leite e depois de frio, juntam-se-lhe as gemas, a gelatina e o açúcar. Mistura-se tudo e leva-se ao fogo mexendo sempre, tira-se antes que ferva e acrescentam-se-lhes as claras em neve e o licor; mexe-se e despeja-se em uma fôrma de alumínio ou de louça. Leva-se à geladeira para endurecer e, depois de gelado vira-se num prato de vidro.

★

REFRESCO DE MORANGOS

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 500 grs. de morangos; 1 copo de vinho branco; 1 cálice de "Kummel", gelo socado.

Preparação: Esmagam-se os morangos e depois juntam-se-lhes o vinho, o "kummel", um pouco de gelo socado, 1 copo de água fria e o açúcar. Mistura-se tudo, bate-se bem e quando estiver pronto, adicionam-se alguns morangos pequenos.



ESTA garotinha bonita que está "posando" como gente grande é Luana Patten, "descoberta" de Walt Disney e que faz o seu "debut" em "Canção do Sul". Como todas as "estrelas" que se prezam, Luana sabe apresentar com um encanto especial o seu guarda-roupa. A esquerda: "Banho de sol" em dois tons de azul. Pala formando mangas. Costas nuas. Saia franzida. A direita: detalhe do seu pijama. É azul e branco. Gola enfeitada com bordado inglês. E este também é penteado que ela usa para dormir. Em baixo: conjunto para a praia em algodão azul e branco. "Short" e bolero enfeitado com babadinhos franzidos do mesmo tecido.



MODELOS PARA CRIANÇAS



A LIDA Valli, que vocês vêem aqui, nasceu na Itália e é considerada, atualmente, uma das mais formosas mulheres da Europa. Como não podia deixar de ser, Hollywood contratou a bela italiana e já a veremos em "Milagre dos Sinos", no papel principal, usando apenas o nome de VALLI. E Valli também já dita a moda, conforme indicam as fotografias que recebemos diretamente da RKO. Ao alto: 1) Para começar, um traje tipicamente americano: o "short". O "short", propriamente dito, é em linho azul forte e a blusa é em tecido quadriculado branco e azul) em dois tons. 2) Um vestidinho ligeiro em rayon. Saia verde, blusa branca, a gola também verde. Em baixo, em seda estampada azul e branca Corpete drapeado, alças formando "V" na frente. Saia bastante franzida.



SUGESTOES DE ALIDA VALLI

Caixa de RESSONÂNCIA

UM POETA FEDERAL



Carlos Drummond de Andrade foi um escritor precocíssimo. Tratando-se de um cavalheiro nascido em 1902, lembro-me bem de que, sendo eu um peralta de quinze anos, as voltas com alcapões e gaiolas de canários nos altos camunzes da minha pequena cidade, na serra da Ibiapaba, já o via, então, contista e crítico, nas páginas

de alguns livros de "Ilustração Brasileira", em suas belas edições comemorativas do centenário da nossa independência. Nessas edições, os meus amigos colaboravam. Ou colaboravam, fora dos meandros, alguns meninos-prodígios das nossas letras. Carlos Drummond de Andrade, na flor dos seus vinte anos, a cabeça nas nuvens de tão grande que é, já encontrava guarida na quase inabarcável "Ilustração Brasileira". Mas o que é espantoso e que esse escritor que começou decerto muito mal, encurado das influências de uma época que hoje severamente consideramos de mau gosto, foi se tornando com o tempo mais exato, de uma perfeição quase clássica, na sua prosa como nos seus versos. Seu espírito crítico se tornou mais agudo, sua sensibilidade mais apurada, seu estilo mais despojado, sem garas literais, preocupado não com o "bonzinho", com o europeu, com o virado literário, mas com a busca da expressão justa e com a exteriorização de sentimentos, estados de alma, instantes poéticos de inextinguível beleza, — beleza humana, essencial, intrínseca, e não ilusão de prestidigitador de jogos vocábulares. Ora lírico, ora satírico, ora filosófico, o poeta Carlos Drummond de Andrade tem uma capacidade de síntese verdadeiramente notável, — e eis aí uma virtude que é própria, inseparável mesmo, dos grandes poetas. Sugerir muito com poucas palavras, emocionar com "descobertas" que parecem imagens e inevitavelmente trazem surpresas aos que não tem o dom poético, — eis o segredo do poeta. E Carlos Drummond de Andrade não o desconhece. Tenho agora diante de mim suas obras poéticas, reunidas num volume único, com o título, muito bem escolhido, de "Poesia até agora".

Não sendo poeta do bizarro e do fantástico, mas das coisas vivas, das pessoas reais, dos fatos quotidianos, de tudo que nos cerca, nos atinge ou nos deita, Carlos Drummond de Andrade despreza os recursos fáceis do decadentismo, incência radnos e ninfas, vira as costas aos heróis e heroínas mitológicos, não quer saber de Olimpo e rarnaso, harpas eolias e vinho de Hebe, não dá notícias de Frinéia, nem das sereias que encantaram nautas no Peloponeso. Ele é o poeta do funcionário público, esse espartano moderno, e do edifício São Borja, arranha-céu que vomita mais gente do seu ventre engorgitado do que o cavalo de Troia. E o poeta dos deitamentos ridículos nas suas ultrajantes sobrecaçadas e incantamente "demodes", venho muito diferente do manso animal de Carducci, celebrando aqui o genio de Charlie Chaplin e ali os cinquenta anos do já hoje sexagenário Manuel Bandeira, cantando acolá com humildade, as dentaduras postiças que, às vezes, são também obras de arte e monumentos estéticos.

"Dentaduras duplas!
Ainda não sou bem velho
para merecer-vos...
Há que contentar-me,
com uma ponte molé
e esparsas coroas.

.....
Largas dentaduras,
vosso riso largo
me consolará
de não sei quantas fomes
ferozes, secretas,
no fundo de mim.
Não sei quantas fomes
jamais compensadas.
Dentaduras brancas,
antes amarelas
e por que não cromadas
e por que não de âmbar?
de âmbar! de âmbar!
fantásticas dentaduras,
admiráveis presas,
mastigando lestas
e indiferentes
a carne da vida!"

Eis aí um excerto de um poema dêsse singular poeta, — poema que só um Salvador Dali poderia ilustrar convenientemente. E quantos assim encontramos nesse volume!

Tantos e tais, que hoje em dia obscurecem por completo a nota puramente epigramática de trabalhos da primeira fase poética do autor, como o famoso "Política literária", em que "o poeta municipal discute com o poeta estadual qual deles é capaz de bater o poeta federal", — e "enquanto isso o poeta federal tira ouro do nariz". Mesmo porque, vamos dizer a verdade, Carlos Drummond de Andrade é hoje parte nesse conflito pior que o da Palestina e sem ONU acadêmica que dê jeito. Ele hoje tira ouro, não digo do nariz, para não lhe imitar a irreverência, mas da sua magra e portentosa cabeça de poeta federal.

R. MAGALHAES JUNIOR



VARIAÇÕES EM ESCOCÊS

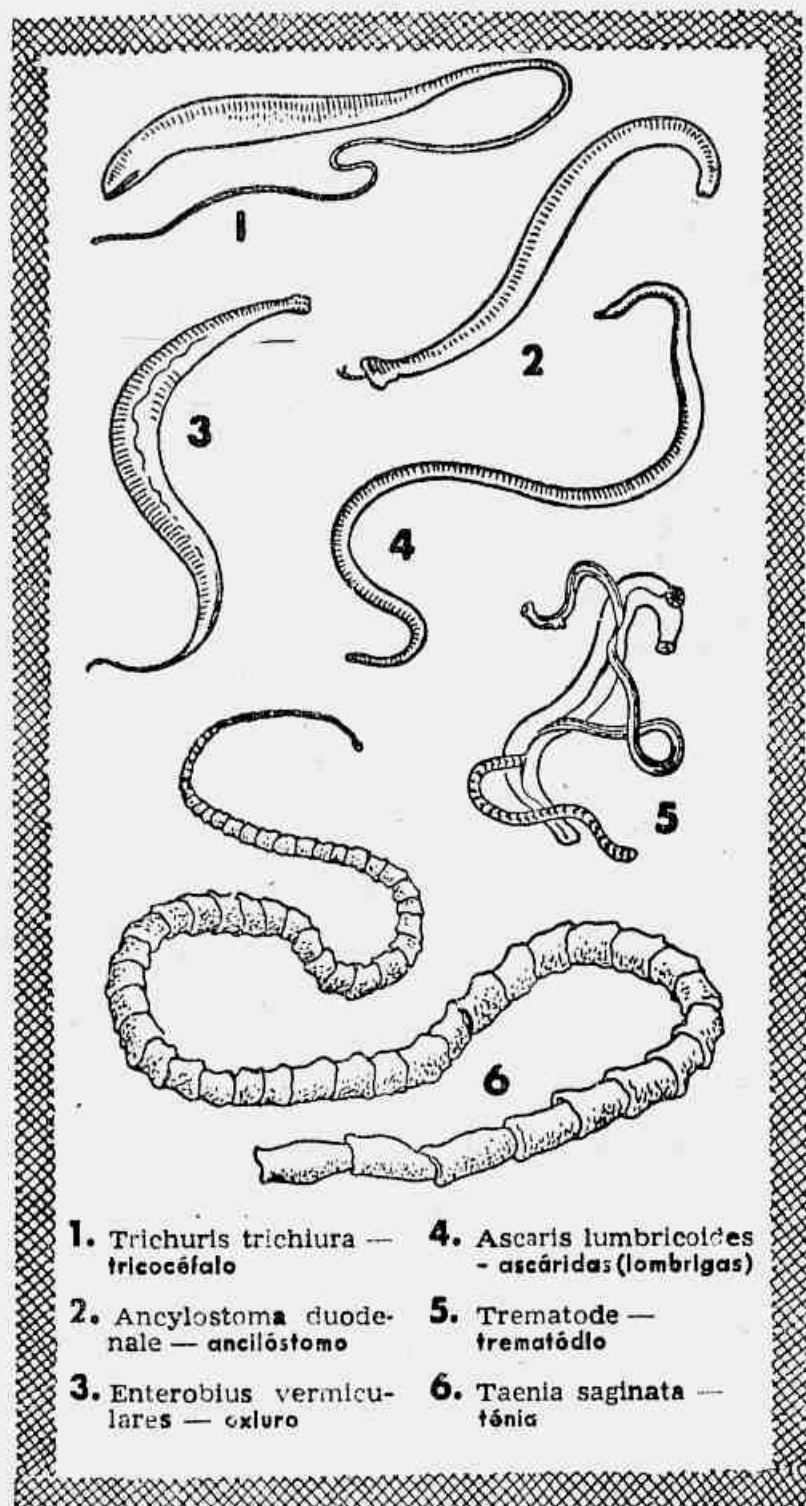
Crônica de modas de OLGA OBRY

(Modelos de SCHIAPARELLI e BRUYÈRE)

AUMENTANDO o comprimento das saías, os modelistas parisienses criaram novas possibilidades para o uso de fazendas de padrões geométricos: o escocês, portanto, conhece uma nova voga. Combinando-o no sentido reto e enviezado, nas saías longas e amplas, os costureiros conseguem efeitos inéditos, como também nas combinações de tecidos escoceses com tecidos lisos. As cores clássicas do escocês — verde, vermelho, branco, amarelo, azul, preto — alternam com harmonia menos vitosas e mais originais: marron, ocre e preto, por exemplo, branco, cinza e preto ou outros "dégradés" de matizes de um só tom. Os tafetás em padrão escocês adquiriram um ar de suntuosidade. Outrora reservado para os modelos "sport", o escocês passou a ser um dos favoritos do estilo "habillé" para a tarde. Entretanto, deve ser usado com muito juízo e um perfeito bom gosto na escolha dos acessórios: chapéu, luvas, sapatos, bolsa e até os detalhes mínimos, tais como os botões adaptam-se a um dos coloridos do padrão. As duas fotografias de Schiaparelli, aqui estampadas, mostram um conjunto de vestido e casaco; o primeiro, em tafetá nas cores de tartaruga — marron, ocre

e preto, o segundo em leve lã preta. Os largos machos enviezados de comprimento desigual, na frente da saía, aparecem da beira arredondada do casaco, mais comprido nas costas. Uma nota original no vestido: as preguiças na cintura, dentro dos machos; outra: o corte quimono, aproveitando sabiamente as listras claras e escuras que o acompanham e acentuam. As penas de falsão no chapeuzinho de feltro preto repetem as cores do tafetá. No modelo de Bruyère, uma blusa-casaquinho de tafetá escocês verde-vermelho-branco, combina com uma saía de veludo preto. Uma franja de seda preta, na beira da aba e das mangas, forma um traço de união entre os dois tecidos tão diferentes; aba e mangas são trabalhadas em machos, todo à volta. Também aqui, as plumas de avestruz que adornam a pequena touca de veludo preto, parecem um reflexo dos tons do tafetá escocês: verde-vermelho, suprimindo-se o branco, cujo efeito seria vistoso demais, e evitando-se assim o perigo de um ar de penacho de cavalo de circo. Nestas combinações de cores um tanto audaciosas, o que conta sobretudo é a justa medida.

PORQUE VOCÊ NÃO PRECISA TEMER OS VERMES INTESTINAIS



Os vermes ilustrados acima não o são em tamanho natural. Alguns medem menos de dois centímetros, outros têm vários metros de comprimento.

Primeiro "conheça os hábitos do inimigo". Existem várias espécies de parasitas que se podem localizar em nossos intestinos. Os mais comuns são os ancilóstomos (amarelão), ascáridas (lombrigas), tênias (solitárias), oxiuros e trematódios. Os ancilóstomos, geralmente penetram no organismo através da pele, mas a maioria dos parasitas são ingeridos sob a forma de ovo ou de embrião juntamente com os alimentos e com a água. Atingindo o canal intestinal os vermes passam do estado embrionário ao adulto. Alguns são eliminados nas dejeções, sob a forma de ovo ou de embrião. E assim se repete o círculo vicioso.



É principalmente a falta de higiene, que abre o caminho a esses parasitas que minam a saúde e o bem-estar das pessoas.

É fácil evitá-los SE — Você estudar cuidadosamente os conselhos acima. Se Você se habituar a tomar *sempre* estas precauções, os vermes intestinais não o atacarão. Porque a maioria deles são ingeridos nas carnes deterioradas (vaca e porco) e nos alimentos e águas contaminados. A ancilostomíase pode ser evitada, na maioria dos casos, com o simples uso do calçado. Desta maneira os vermes não conseguirão entrar através da pele dos pés. Faça com que todas as pessoas de sua casa usem sempre sapatos que cubram inteiramente os pés! Como não existem sintomas típicos produzidos pelos vermes, *previr-se* contra eles é providência duplamente importante.



Na ancilostomíase o sangue do paciente torna-se fraco. Podem até sobrevir abscessos capazes de causar a morte.

Será fácil a cura SE — Você se livrar dos parasitas. Mas o tratamento deve ser orientado por um médico. Alguns exames podem ser feitos pelo seu médico os quais lhe dirão logo se Você tem qualquer destes parasitas. Embora não haja sintomas típicos, existem certos sinais de alarme. Ao perceber qualquer um deles, procure imediatamente o seu médico. Ei-los aqui: dores abdominais, evacuações irregulares, prurido na região anal, vômitos, perda de apetite. Mesmo que Você não tenha nenhum destes sintomas, mas sinta cansaço ou desânimo permanente, Você deve procurar um médico sem demora.

• Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

MÚSICA

VILLA LOBOS TEVE MAIS SORTE — A CARREIRA DE IVY IMPROTA — CAÇADA COM CANHÃO — E' FAVOR NÃO ATIRAR NO PIANISTA...

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA da SEMANA)

DE passagem por uma cidadezinha do interior da França, Saint Saens teve oportunidade de ouvir a menina prodígio da região, uma pianistazinha que, segundo seus contemporâneos embevecidos, "tocava como um anjo". A opinião do compositor a respeito, porém, só foi revelada quando este se achava bem longe do lugar, pois quem recebera tantas homenagens daquela boa gente não poderia, indelicadamente, ferir-lhe as susceptibilidades...

— Toca como um anjo? — repetiu Saint Saens, com um sorriso. Bem, se vamos subir aos céus para encontrar uma maneira de criticar esse geniozinho provinciano, poderemos dizer, com apóio no evangelho, que ela leva sua fé a ponto de aplicar à arte o princípio do documento sagrado: nunca deixa que uma mão tome conhecimento do que a outra faz...

Em excursão semelhante à de Saint-Saens, Villa Lobos, tendo mais sorte, foi encontrar, em Bauru, São Paulo, um real talento de intérprete, muito diferente da menina francesa. Trata-se de Ivy Improtta que veio para o Rio, a conselho do maestro, para cultivar os dotes musicais. Entregue aos cuidados de Tomás Terán, Ivy Improtta recebeu da reconhecida capacidade do mestre espanhol a orientação de que estava necessitando para formar e desenvolver a sua personalidade artística.

Em 1938 ela se apresentava, pela primeira vez, ao público carioca, executando, sob o patrocínio da Pro-Música, o concerto em ré menor para piano e orquestra, de Mozart. Esse primeiro contacto bastou para que a crítica reconhecesse que Terán não tinha perdido o seu tempo. A carreira vitoriosa de Ivy Improtta, então iniciada, veio confirmar essa impressão.

CAÇADA COM CANHÃO...

Paolo Serrao presidia, certa vez, a comissão examinadora de um concurso de piano. Entre os concorrentes, havia uma jovem que, interpretando A Caça, de Liszt, demonstrou, tão ensurdecidamente, o seu vigor e a sua força muscular, que o professor, terminada a execução, fez questão de cumprimentá-la, pois ela conseguira introduzir na peça descritiva de Liszt

um elemento até então ignorado. E, diante da perplexidade da candidata, explicou:

— Sim, senhorita. Nunca imaginei que, na Caça, de Liszt, uma das armas utilizadas fosse o canhão, mas, agora, a srta. conseguiu extrair da obra do mestre a prova conclusiva de que o canhão existe. Ao mesmo tempo, eu fico conjecturando que é que se Caça a canhão...

Felizmente, Ivy Improtta não usa a artilharia pesada... Projetando-se no cenário musical, como recitista e como solista, desde logo conquistou uma posição de destaque e, guiada pela sua sensibilidade, orientou os seus programas de acordo com um gosto seguro, desprezando o puro virtuosismo sem prejuízo do brilho de sua técnica.

E' FAVOR NÃO ATIRAR NO PIANISTA

Oscar Wilde, percorrendo a América do Norte, no século passado, fazia conferências, em várias cidades do oeste, o lendário "far-west", onde encontrava, segundo seu próprio testemunho, público entusiástico e benevolente. Mais benevolente, porém, com o conferencista vindo da Inglaterra do que com os pianistas locais, pois ele registrou, depois, em artigo publicado na imprensa londrina, o seguinte aviso, encontrado num "bar", ao lado do piano. "E' favor não atirar no pianista. Ele faz o que pode..." Aliás, muitas vezes, o espectador de hoje é forçado a controlar seus impulsos, para não imitar aquele público americano do século passado e completar o "assassinato" de uma obra pelo intérprete com o assassinato do dito...

Ivy Improtta, contratada para uma série de concertos nos Estados Unidos, foi encontrar, certamente, um público diferente do que, no século XIX, ameaçava a vida dos artistas, em "bars" do "far-west". De qualquer forma, porém, ela teve que enfrentar as disposições ferozes da crítica. Mas não havia motivo para receio. Sua vitória estava garantida e a brasileira desmentiu a regra de Moszkowski, o famoso compositor e pianista polonês, segundo o qual "os franceses nasceram para compor a música, os italianos para cantá-la, os alemães para interpretá-las nos diferentes instrumentos e os ingleses para ouvi-la."

Os críticos dos principais jornais de Nova York renderam-se. Noel Strauss referiu-se a execução "viva e vigorosa" de Ivy, o "New York Herald Tribune" registrou "a sua facilidade técnica", enquanto que "The Sun", de pleno acordo, mencionou, além do "completo equipamento técnico" da pianista, "o lirismo e o cophecimento profundo" observados na interpretação de uma obra de Schuman.

Depois de sua visita aos Estados Unidos, Ivy Improtta seguiu viagem rumo ao Canadá, onde, em Montreal, gravou três programas radiofônicos. Esses programas já foram irradiados para o Brasil.



IVY IMPROTTA

O mundo maravilhoso...

(Continuação da pág. 29)

Só isso faria com que o velho Mr. Douglas, o mais antigo dono dum teatrinho desses, hoje com 72 anos, venha há mais de sessenta correndo o país, com o seu "show" iniciado quando menino. Ele sabe disso e por isso guarda a maior fidelidade aos amigos, fidelidade aliás ancestral, desde que suas atividades no gênero começaram quando aos dez anos coleitava niquéis pelo espetáculo do Punch & Judy do avô. Ainda que por algum tempo se tivesse afastado dos seus caros bonecos, o coração esteve sempre com o coreúnda de nariz de águia e com a mulherzinha ranzinza e acabou se dedicando aos dois para o resto da vida.

Sua história se confunde assim um pouco com a fábula. A vida que o bom velhote de voz de falsete e sorriso amável levava pelas ruas de Londres, há mais de meio século, se reveste desse modo do mesmo sortilégio das proezas de Polichinelo e não duvidamos de que as crianças da cidade, dos sete aos setenta anos, ao lhe admirarem o engenho e a malícia dos diálogos, não saibam já distinguir entre o que é mesmo real por trás das sanefas de chita do pequenino palco, se o casal de brigões, com o seu bebê, os seus bichos, o papão do polícia e a avantesma do carrasco com o esquife para o futuro justicado, ou Mr. Douglas que, em carne e osso, ao correr dos anos, se veio incorporando inevitavelmente às suas criaturas, para vitória integral do "make-believe" tão ao gosto dos seus patricios de qualquer idade.

Um retrato de mulher

(Continuação da pág. 31)

que eu poderia suportar. E antes que eu explodisse, astuciosamente, sem humilhar-se, sabendo como o fazer sem rebaixamento, ela empregava um outro recurso que me vencia, que me dobrava, que lhe desculpava tudo. E por meio de palavrinhas pronunciadas num tom humilde, por meio de lágrimas hipócritas que levava aos olhos, deixava sugestivamente no ar a sua situação, sensibilizava-me com a evocação silenciosa do seu passado, sua orfandade, sua falta de educação, seu sofrimento — armas que ela sabia as mais eficientes sobre a minha bondade.

Esta cruel tortura não poderia, porém, eternizar-se. Há sempre um limite para todas as dores humanas. Já me sentia exausto. Moral abatido, coração enfraquecido, cérebro congestionado, cada vez mais angustiado, eu me debilitava. Suores noturnos banhavam-me em noites de pesadelos. O fígado adoeceu. Defluxos me perseguiram. A falta de apetite inibia de alimentar-me: a comida dava-me náuseas. A tossezinha sintomática mostrou-se. E todo o fim de tarde uma febre suave e temida esquentava-me o corpo. Assim meu sistema nervoso ficou como uma rede de fios de alta tensão a descoberto. E não mais podendo conter-me, quebrando as peias de animal domesticado, num dia azedo, possuído num nójo nunca sentido, lancei, como se fosse bôis, toda a minha repugnância concentrada, apodrecida durante meses. A febre excitava-me, a tosse interrompeu-me, a violência me enfraqueceu e quando dei acordo de mim estava novamente manso, de novo derrotado, quase soluçante. Então numa súplica, numa voz covarde, perguntei a Madalena por que era tão ruim, por que, se me amava, tanto me maltratava, ou se, não me amava, servia-se de manhas para conservar-me? Ela recuara à minha fúria, curvara-se aos meus insultos. Mas agora ao ver-me de novo sucumbido e escravo, vingou-se:

— «Nunca lhe amei, nem pense nessa bobagem de minha parte. Por que havia de lhe amar! Quem é você? O que é você? Não seja tão presumido, por que se considera amado? Deixe de ser idiota, você não passa de um bobo. Suas bobagens metidas a romance me divertem apenas. Não deu ousadia a homem nenhum de lhe amar. Os homens são uns porcos. Você também é outro, embora queira se passar por bom. Você pensa que está me fazendo bem? Não faço questão de você nem de homem algum, não estou lhe pedindo favores. Se eu não fosse bonita você ficava agarrado assim à minha saia? Eu o acho apenas

«gozado», o considero um palhaço, fique sabendo. E se «consinto» em que você fique junto de mim, lhe dando o cartaz de passar por meu namorado, é porque sinto pena de você, ouviu? Sou eu quem sinto pena de você, porque outra mulher não o vai querer, porque você é um pobre tuberculoso...»

Deixou que as palavras caíssem duras como marteladas. Sentia-me esmagado. Quanto tempo permaneci inativo, sem pensamento? Era uma penosa morte moral que mais me torturava à medida que eu voltava ao acordo de mim mesmo. Depois dum vácuo atordoante meu cérebro foi invadido por uma cachoeira de pensamentos doloridos. E, reinando sobre todas, uma idéia se aventajou, esmagou qualquer reação, apossou-se de mim. Eu tinha sido sumariamente despedido. Que me restava senão retirar-me? Mas não me fui, não tive forças para afastar-me de Madalena. Já não tinha amor-próprio. Eu sofria ao lado daquela mulher. Contudo era-me muito mais penoso, infinitamente martirizante, viver longe dela. Uma aflição inumana, contra todas as regras de masculinidade, possuía-me e quebrava-me. E fui sórdido, suplicando com voz doída que Madalena não me deixasse; fui vil, rogando-lhe com o coração nos olhos que me deixasse ao seu lado — mais maltratado, mais batido, porém sempre ao seu lado, mesmo por compaixão, mesmo sem amor de sua parte. Eu só pedia a esmola de vê-la e de ser visto por seus olhos, de falar-lhe e de ouvir a sua voz, de senti-la, mesmo que só fosse em manifestação de desprezo. Hoje, lembrando aquela cena, a mais humilhante de minha vida, como me vejo, coitado e grotesco, ridículo e patético, aos pés daquela mulherzinha bonita e besta, prostituta incubada e funcionária do Estado! Posso reconstituir cerebralmente o episódio, a sala de jantar (onde muitas vezes ficávamos), os personagens que o presenciaram. A pequena família acabou de ceiar e eu de me humilhar. E todos tinham olhos de zoeira para o sofá onde eu e Madalena estávamos sentados, a irmã de minha namorada com uma costura no regaço, o seu marido coçando o pé, uma amiga murmurando que eu era um pobre escravo. E eu sofria, cheio de paixão, longe de todos, desaparecendo todos, vendo só aquela criatura adorada que, vestido desleixadamente aberto ao seio, coxas impudicamente mostrando-se, palito na boca, hálito de café, olhava-me entre enfasiada e divertida, superior em sua inferioridade adúlada, gozando suburbanamente seu triunfo mesquinho ante a família.

Estranho: dessa maior degradação partiu meu sentimento de emancipação. Ao traumatismo sucedera de chofre uma avalanche de pensamentos. Em nenhuma das duas situações poderia haver raciocínio: este veio vindo com o passar dos dias, como o apetite num convalescente de doença devastadora. E veio vindo frígido, numa gelidez que me surpreendia, numa ferocidade que me assustava. O cérebro pesado ganhava leveza. A idéia brotava de novo límpida e se ramificava em hipóteses, chegando sem esforço a conclusões. Era uma das duas consequências que aquele amor anormal me teria levado: tornar-me-ia um demente ou, explorada a minha sensibilidade, aguçaria minha inteligência, pondo-a agressiva e combativa. Foi o que se deu. Surpreendi-me a analisar Madalena, isoladamente, sem influência quer do meu amor, quer do seu pseudo-sofrimento. Colhi-me a dissecar-lhe a alma, indiferente a todas as outras emoções senão a dum psicólogo interessado no estudo dum caráter. Era a primeira vez que isto me acontecia e pela primeira vez eu me perguntei: «Amo realmente esta mulher? Não estou exagerando uma emoção comum, motivado por um recalque que poderei vencer? Não estou sendo vítima duma chantagem sentimental alimentada por mim mesmo?»

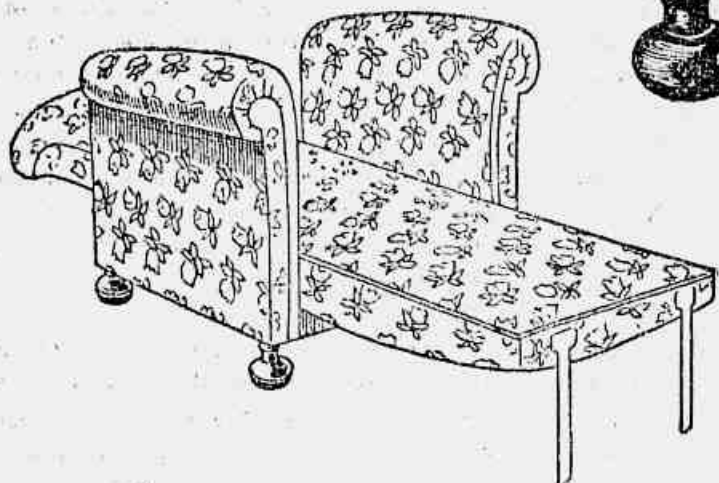
Agilmente rememorei toda a nossa ligação. O trama deslizou em minha lembrança como uma fita de cinema rodando numa tela. Expressões vocabuláres e faciais de Madalena revolvam em minha cabeça, passaram pelo meu julgamento como ante o de um juiz frio e implacável. E a conclusão entranhou-se: eu estava sendo um lamentável ridi-

(Continua na pág. 44)

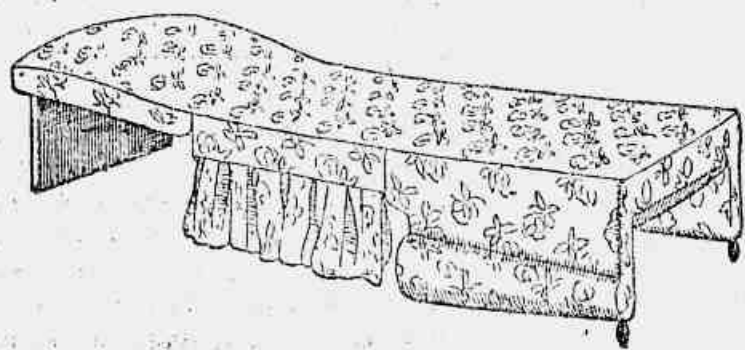
*"Este combina
com a
minha mobília"*



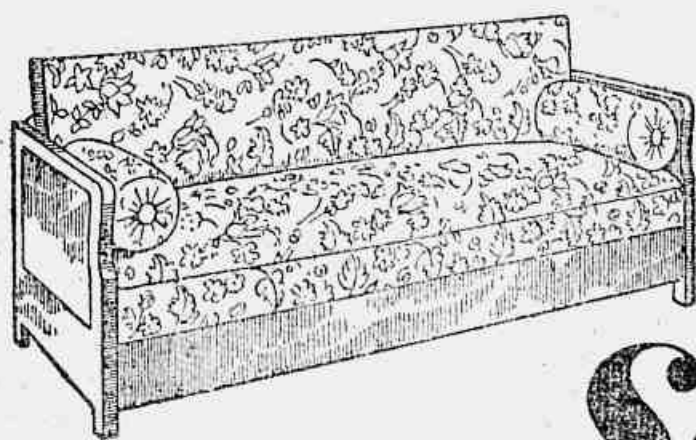
Entre 35 modelos de sofás-cama e poltronas-cama Drago, nos mais belos e variados estilos, V. encontrará, na certa, aquele que combina com o mobiliário de sua residência ou escritório. Para o quarto de dormir ou a sala de estar, para o jardim de inverno ou qualquer outro ambiente, as Indústrias Reunidas Sofá-Cama Drago oferecem-lhe o sofá-cama ou a poltrona-cama apropriados!



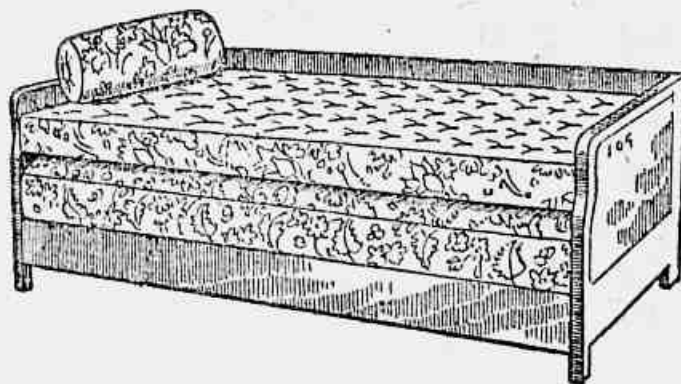
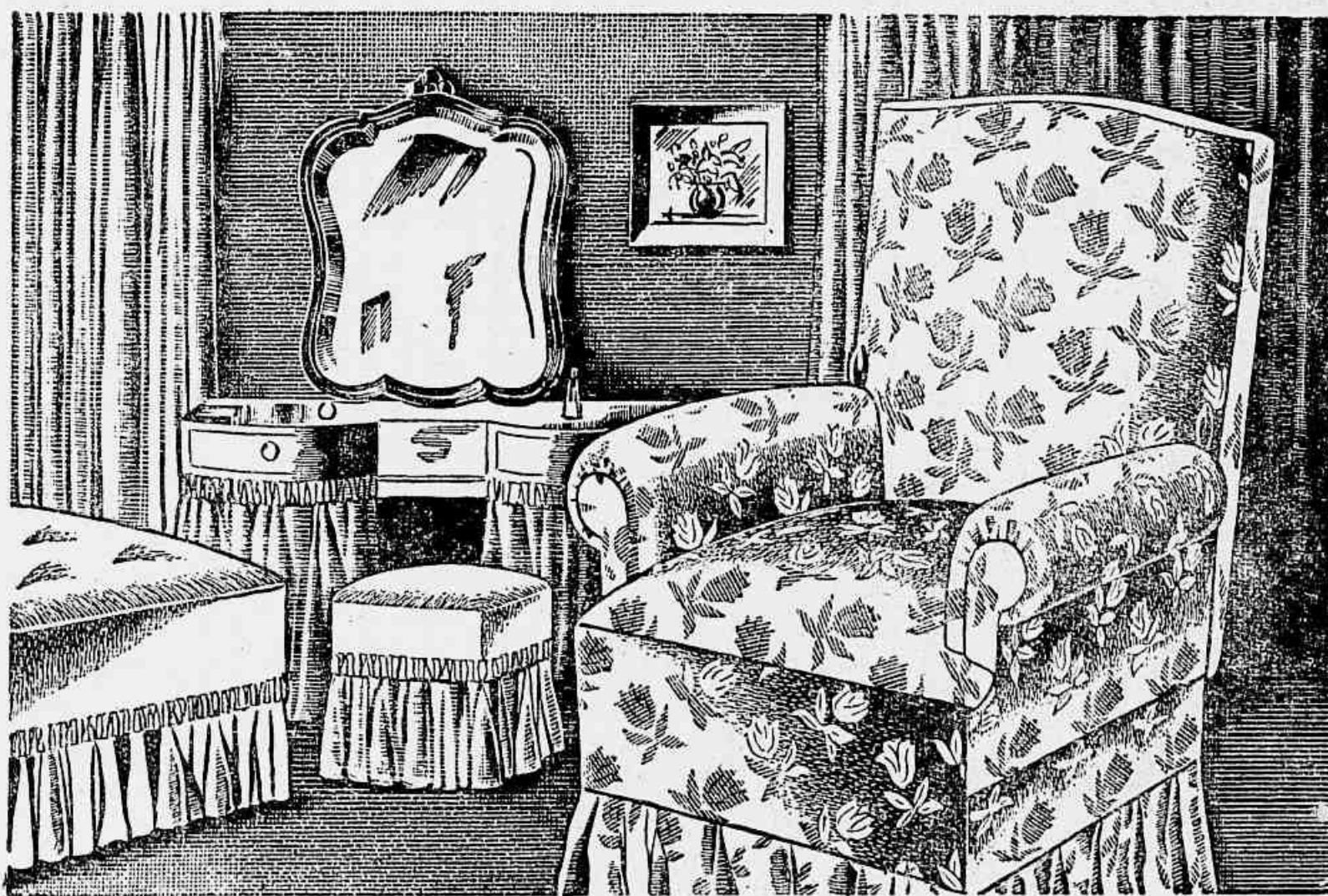
Modelo 508 — Luxuosa e confortável poltrona-cama, de braços acolchoados e inteiramente tapeçada em damasco de seda. Próprio para um ambiente de gosto.



Modelo 510 — Poltrona-Cama construída de ótimo material. Os braços viram-se para baixo, convertendo-se numa cama perfeita. Tapeçada de superior cretona estampado.



**Peca
catálogo grátis**



Modelo 509 — Sofá, Cama e Couch. Suntuosa peça, de 1,90 x 0,80 m, que se converte em leito com colchão de crina sobre estrado de molas estofado. Com espaço para guardar a roupa de cama.

Sofá-Cama

a solução do pequeno espaço

DRAGO

UM PRODUTO DAS INDÚSTRIAS REUNIDAS SOFÁ-CAMA DRAGO LTDA.

Fábrica e Escritório: Av. Suburbana, 711 — Tel. 28-7896 • 45-2001

Lojas: Rua 7 de Setembro, 209 — Tel. 43-4131 • Rua do Catete, 141-A — Tel. 25 5812 • Av. Princesa Isabel, 72-A — Tel. 37-1533



Acaba de completar o seu segundo milhão de quilômetros voados o Comandante Harro Cyranka, da SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL.

A alta quota de quilometragem conseguida pelo Comandante Cyranka coloca-o entre os tripulantes detentores do expressivo título de bi-milionários do ar. No clichê acima vemos o Comte. Cyranka quando recebia das mãos do Dr. Bento Ribeiro Dantas, Diretor-Presidente da CRUZEIRO DO SUL, o distintivo alusivo ao acontecimento.

Um retrato de mulher

(Cont. da pág. 42)

culo. Sempre me julgara grandioso em alimentar aquele amor também julgado grandioso. Sempre a ele me dedicara fielmente, nunca me restando tempo para considerá-lo em caricatura. E pouco a pouco ela se foi desenhando em meu espírito até que se projetou inteira e sarcástica, avultando com os seus aleijões. A princípio senti-me desolado e ludibriado. Um enorme arrependimento de ter levado aquilo tão a sério arrepiou-me a alma. Experimentei enorme asco pelos meus rogos, não mais tidos como sublimes, mas, simplesmente, efeminados. A repugnância me agitava. O pêlo de estar bancando o poezinho de tão tacanha mulher, subia-me como vômitos. Urgia que me libertasse daquela pegonha, que acabasse de vez com minha fragilidade, matando-a de um só golpe, inclementemente, para que não ressurgisse como as cabeças de Medusa. Então, pouco a pouco, numa resolução inabalável, num férreo domínio de todos os meus sentimentos piedosos, fui mudando. tornava-me mal. Por fim, vi-me às portas da salvação: eu próprio ria-me do meu papel grotesco; achava Madalena e seu sofrimento coisas grotescas. Meu amor se transformara numa enorme e interior gargalhada de zombaria. Pensei logo em abandonar Madalena, abandoná-la sem uma palavra, sem a menor satisfação, sem rancor nem xingamento, com esse desprezo cortês que tanto fere as damas. Mas Madalena não era uma dama no sentido de dignidade feminina. E, como a vingança gritava em meu sangue, resolvi vingar-me de modo que mais a ferisse, pelo seu mesmo método brutal e insultante.

Madalena era particularmente sensível a presentes. Media o tamanho e a qualidade do afeto que alguém lhe dissesse ter pela quantidade e valor dos mimos ofertados. Desde cedo eu sabia disso. Mas tendo o amor mais nobre, as intenções mais puras, nunca tentara conquistá-la por tal meio: sentia nisso o mau cheiro do meretrício. Agora, porém, que a via sem as lentes do amor e sim através do desprezo, exploraria sua fraqueza. Arditamente comecei a dar-lhe coisas sem grande valor monetário. Não queria assustá-la. Desejava pegá-la de surpresa, dar o golpe final sem que ela o esperasse, a fim de sentir a violência duma derrota moral. O Natal estava próximo. O Natal era uma excelente oportunidade.

Cada dia Madalena sentia-se mais senhora de mim. E nunca perdia ocasião para insignificar-me. Interiormente divertindo-me, eu me fingia mais apaixonado e mais escravo. Meus olhos exprimiam um lancinante amor. Em nada diferia do fiel e sofrido cão do passado. Preparei meu plano com meticulosidade. Fiz-lhe entender que nada poderia dar-lhe pelo Natal. Cabisbaixo e pequenino, inventei aperturas econômicas, envergonhado de minha falta de recursos. Para Madalena era uma indesculpável inferioridade a pobreza dum homem.

Os dias de festa de fim-de-ano chega-

ram, e sempre ao voltar da rua Madalena trazia um presente. Era bonita, provocante, sensual, boçal — o tipo ideal para aventuras irresponsáveis de cinco ou seis meses. E lançando indiretas mordazes à minha pobreza, julgando explorar um ciúme que não mais existia, la colocava os objetos sobre a mesa, sobre a cama, sobre qualquer lugar fácil onde minha vista pudesse pousar. Embora estivesse interiormente frio, eu reventava de despeito, fazendo teatrais cenas de ciúme. E gloriosa no seu pequeno triunfo, aumentando o meu ódio e a gula de vingança, ela não poderia prever o que a esperava.

O Natal finalmente chegou. No dia 24, depois de jantar, fui à casa de Madalena, como fazia todas as noites. Ela estava convicta de que eu nada tinha para oferecer-lhe. Bati à sua porta. Displacientemente, sem vir receber-me, ela mandou a empregadinha atender-me com o recado de sempre — «se eu quisesse, entrasse». Mas desta vez, rompendo o costume, pedi-lhe que viesse até a porta. Ela aquiesceu. Mandeí embora o carregador que viera comigo. E quando Madalena me viu estremeceu. Entrei e, ante a pequena família embasbacada, espalhei tudo pelo sofá. Havia comprado o que mais sensibilizaria Madalena — presentes de ostentação. Gastara muito dinheiro mas não ficaria arrependido se o plano desse certo.

— Abra-os — pedi-lhe.

E à medida que desembalhava os pacotes, interjeições espoucavam de sua boca, enquanto gaguejava de intervalo a intervalo:

— Louco... louco... louco...

Uma tristeza amarga espalhava-se dentro de mim, derramava mais fel em minha alma. Eu havia dado àquela mulher grandes provas espirituais dum amor sem medidas. Nenhuma delas tocara-a. Nenhuma delas dulcificara-a. Agora, entretanto, gulodices européas, jóias de fantasia, dadas com todo o desdém de desencantado, faziam-na radiante até as lágrimas. Nunca a vira tão expressivamente bela, tão luminosa! Sua alegria era tamanha que a oprimia, que a deixava ofegante: respirava a custo, sua testa suava, seus olhos boiavam em lágrimas de felicidade, e ela sorria, formosa e meiga, não acertando a falar, monossilabando apenas, nervosa e amorosa:

— Louco... louco...

A tarde Madalena não me dissera uma palavra doce. Havia-lhe pedido para darmos um passeio à noite, dentro da noite de Natal, e ela o recusara com enfado. E quando terminou de ver os presentes, tantos quanto todos os recebidos de outros homens, enchendo a boca de igos, fez-me uma carícia, acariciava-me com os olhos, penteou-se, trocou de roupa, banhou-se de perfume, chamou-me para a rua. Eu estava a caminho da vitória total. Tremia, estuando em contentamento e perversidade. Madalena caminhava ao meu lado, dando-me a mão, encantadora e gentil. Instintos de bondade picaram-me. Tive acessos de sentimentalismo e fraqueza. Mas não precisei de muito esforço para controlar-me. Olhei-a demoradamente. Sentindo o meu olhar ela sorria. Resplandecia. E nada dessa

A vida de Sibelius

(Cont. da pág. 32)

Nessa altura, Sibelius travou relações também com o terceiro membro da trindade musical de Viena — Karl Goldmark, o compositor que imperava depois de Brahms e Bruckner. Goldmark, homem de negócios surpreendentemente esperto, achava-se então no auge da fama e da fortuna. Sem embargo disso, achou tempo para supervisionar e corrigir o trabalho de Sibelius. Foi franco em sua opinião. «Um camarada esquisito», chamou ele ao compositor finlandês. Esquisito, mesmo. As canções das florestas nórdicas eram estranhas ao paladar das almas citadinas de Viena.

Quanto a Sibelius, este se preocupava tão pouco com a música contemporânea de Viena como os músicos contemporâneos de Viena se preocupavam com a sua música. Voltou para casa, aliviado por encontrar-se de novo em seu ambiente natal. Ainda que o fascinasse o turbilhão da vida em Berlim e em Viena, não lhe era possível viver senão na Finlândia, cujo clima áspero e cujos céus

brilhantes lhe permitiam fazer o seu melhor trabalho. A Finlândia era o seu sangue, a medula dos seus ossos, o seu próprio coração. Voltara esfaimado para casa, ansiando por um patriotismo articulado. Escreveu um poema sinfônico baseado num velho mito finlandês. Apresentou essa obra — «Kullervo» — sob a sua batuta e provocou sensação. Com ela Sibelius triunfara, por fim, em sua própria terra. Tinha a esse tempo vinte e seis anos apenas. Na animação do sucesso casou com Aino Jarnefelt, filha de um general finlandês, e foi passar a lua de mel no istmo de Carélia, sítio perfeito para o estudo da linguagem primitiva da música, onde poderia familiarizar-se com as velhas canções populares de sua terra natal.

Ao voltar para Helsíngfors aceitou o cargo de professor da Academia Musical e um posto semelhante na escola orquestral da Sociedade Filarmônica. Colocada à sua disposição, revelou-se a orquestra laboratório de experimentação musical, pois ele havia de passar a vida inteira lutando com os problemas da orquestra. Vivia a repetir aos amigos: — Vocês



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECCÕES DO COURO CABELUDO

alegria sensibilizava-me. Olhava aquele rosto de perfil sem sentir o menor encantamento de antes. Já não enxergava aquela beleza que me entusiasmava, que eu qualificava incomparável, que me entontecia. E eu soube por mim mesmo que o amor é quem singulariza e realça a beleza duma mulher. Sem o amor a humanizar-me considerava Madalena uma criatura comum, um objeto, não mais do que isso. Tomamos um ônibus e fomos para uma praia distante. A noite era sem lua, mas as estrelas davam certa claridade à terra. As ondas se destroçavam na praia como esperanças perdidas. A frieza me fez tossir.

— Não deveríamos ter vindo para aqui. Este vento lhe vai fazer mal.

Era espantoso: Madalena tinha cuidados com a minha saúde. Longe de sensibilizar-me, odiava-a mais ferozmente. Conhecia-a bem. Sabia que a melancolia desapareceria com os dias, quando esmaecesse o efeito dos presentes. Seitei-me na praia. Ela calou ao meu lado. Aproveitei o seu estado de ânimo e não hesitei: logo de início minhas carícias foram profundas. Ela era mulher ardente, estava já excitada: abandonou-se-me.

Quando o meu delírio se desvanecia e eu senti que sob o meu corpo estava Madalena comprada, o nójo, aliado à fúria, mais o desprezo, estrondaram numa euforia que me alucinou. Possesso de violência, esfreguei-lhe o rosto na areia. A primeira bofetada fê-la desferir um

grito de surpresa e dor. Só pôde, porém, soltar um. Opresso, febril, uma besta enraivecida, continuei a esbofetear-lhe a esmurrá-la, escarrando-lhe no rosto. E levantando-me del-lhe pontapé no corpo prostrado, até que seus gemidos de dor cessaram e ela se imobilizou, surrada, amassada, sem sentidos.

Otegante, cansado, livre, espantosamente sentindo-me liberto, olhei-a toda torcida sob a luz das estrelas. Uma paz há muito não gozada, uma grande e confortadora paz de liberdade, deixava-me leve e calmo. Enxuguei o suor do rosto, afastei-me como alguém que abandona um montão de lixo. Uma doçura bemaventurada manava do meu coração. Meus pés afundavam-se na areia, o vento chicoteava-me, mas eu caminhava para a frente sem nenhum peso a esmagar-me. De súbito, senti um ronco nos brônquios. Tossi. A boca ficou cheia de escarro. Espectorei. Na areia branca ficou u'a mancha escura. Um medo pânico me invadiu. Estremei, o suor frio enchendo-me a camisa. Curvei-me, meti sofregamente a mão na areia e, carregando o escarro, corri para a linha de bonde. Sob uma lâmpada verifiquei a verdade: livre daquela mulher, via-me prisioneiro d'outra terrível moléstia que voltava. Tossi de novo, a tosse se estendeu, um acesso me sacudiu. A vista se me turvou, meu coração precipitou-se, meu pulmões pareciam desagregar-se, os brônquios roncavam e eu caí, sucumbido, esmagado, estertorando na crise duma hemoptise.

devem julgar-me pelos meus trabalhos orquestrais. — E acrescentava com um sorriso: — Escrevo peças para piano nos momentos de descanso. O piano, em realidade, não me interessa, pois não sabe cantar. Uma canção completa só pode ser cantada por uma orquestra.

E uma torrente de canções orquestrais começou a jorrar-lhe da pena. Canções nacionais. Canções guerreiras de liberdade. Ele deveu o êxito prematuro as suas obras não só ao seu gênio de compositor senão ainda à sua consagração como compositor patriótico. Converto-se na voz articulada da Finlândia em sua luta pela independência política.

Em 1897 o governo finlandês recompensou o jovem compositor com uma pensão anual de cem libras. Não era o suficiente para aliviar Sibelius de todas as preocupações financeiras, mas sobejava para aliviá-lo dos encargos mais pesados do ensino. Viu-se o compositor, destarte, livre para dedicar a maior parte do tempo à composição e para dar umas poucas horas de aula aos alunos mais adiantados.

A sua ensinância era metódica e completa, se bem que irregular. Nas tardes ensolaradas entrava rapidamente, soprando com animação um charuto, e observava, com um brilho travesso nos olhos, os discípulos atentos aos seus manuais de harmonia. Seria uma pena que as faces das moças perdessem a cor. «Está tão bonito lá fora! Os senhores não gostariam de dar um passeio ao ar livre e contemplar a cidade?».

O seu amor à natureza — ou, para expressá-lo em seu sentido mais lato, o seu amor à vida — era nele uma religião. A música é apenas um dos espelhos que refletem a vida. Vida contemporânea. A tradição não era uma fórmula rígida de juízos consagrados, de axiomas dogmáticos presos entre as tenazes do presente e do passado; era, antes, uma projeção do espírito vivo do passado nas vividas experiências do presente. Os maiores clássicos são vivos hoje porque foram vivos em sua época. O eterno é clássico e moderno a um tempo.

Discutindo composição com os alunos, Sibelius não se cansava de observar: «Evitai as notas mortas. Todas as notas devem ter vida!». Confessou aos alunos ser-lhe impossível ensinar música no sentido usual. Ensinava — e escrevia — de acordo com uma fórmula própria, o credo musical do modernismo clássico. Apesar do seu desenvolvimento e das suas experimentações constantes, esse credo musical de Sibelius permaneceu substancialmente consistente durante toda a sua carreira.

O compositor cometeu toda a vida espiritual ao julgamento da própria alma. Não se deixava influenciar pelos valores

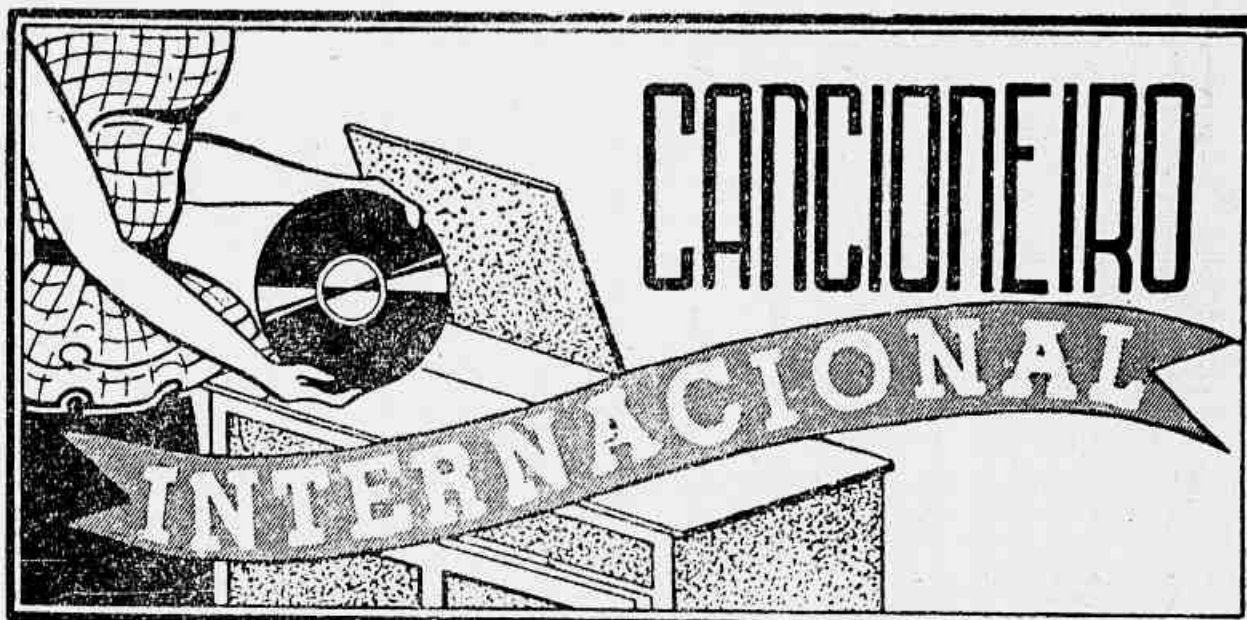
convencionais alheios, especialmente pelos dos críticos profissionais que se propunham a estimar o infinito da arte através do finito dos seus óculos. — Ainda não se ergueu uma estátua em honra de um crítico, — observou ele, certa vez, secamente. A sua atitude em face da composição era, como vimos, «ortodoxamente heterodoxa». Em derredor dele havia uma quantidade dos chamados compositores «modernistas» que se utilizavam da orquestra com o fito exclusivo de evidenciar a sua pirotecnia musical, buscando, tão somente, deslumbrar pelo brilho. Esse sensacionalismo tornara-se convencional nas salas de música contemporâneas. De outro lado, havia uma longa fila de compositores mais disciplinados porém igualmente convencionais, que seguiam, assiduamente, antes a letra que o espírito dos grandes mestres. Atalhados, dessa maneira, pelos seus frelos e antolhos, arrastavam-se trabalhosamente pela vida sem olhar para a direita nem para a esquerda.

Tinham surgido, assim, dois grupos de musicistas faltos de inspiração — os modernistas, que eram ramos sem raízes, e os classicistas, raízes sem ramos. As obras dos dois grupos eram igualmente mortas. Para viver, dizia Sibelius, há de uma composição musical penetrar profundamente o solo do passado e florescer depois ao sol do presente.

Foi isso, precisamente, que ele procurou fazer — unir o passado e o presente numa unidade orquestral de vida orgânica. E foi isso que o transformou, de um gênio regional, num gênio universal. O seu nome ultrapassou, pela primeira vez, as ballizas natais, quando escreveu «Finlândia», o poema tônico que traduz as esperanças nacionais dos finlandeses. O que, porém, interessava aos amantes da música em toda parte nesse poema tônico não era a sua aspiração local senão a sua aspiração universal de liberdade. A música era um grito guerreiro de independência que ecoou em todas as capitais da Europa. Assim também eram quase todas as suas outras composições — hinos agitados ao nascer de um novo dia. O dia da regeneração social.

IV

Pessoalmente, Sibelius não tinha razões para ser um rebelde. O mundo era bondoso para com ele. As suas lutas eram mentais e não materiais. Vivia feliz em seu lar. Tinha uma esposa fiel, e uma amante — a sua orquestra. «Não sou legitimamente casado com a orquestra; sou amante dela, — observou ele, de uma feita. Amante delicadíssimo. Ocupava-se constantemente dos problemas de orquestração. — A orquestra, — dizia aos alunos, — é um instrumento enorme e maravilhoso que tem tudo — exceto o pedal... O compositor que compreende



CARTINHAS E RECLAMAÇÕES

UM dos processos muito usados no meio musical é de escrever, uma cartinha ao diretor de um jornal, reclamando essa ou aquela crítica de um redator, principalmente quando este se ocupa de assuntos ligados a determinados setores.

Ora, isto é um processo radicado, mesquinho e inútil. Um, diretor de jornal que entrega uma seção a um redator, confia plenamente na orientação deste. Não pode atender a rogos infantis de rapazes que não admitem críticas, porque não têm valor e sabem que uma crítica, por menor número de restrições que apresente, será sempre um obstáculo à sua carreira de equilibrista sem méritos...

Estes são justamente os que se queixam de críticas e restrições aos seus trabalhos. Os que têm valor e acreditam na própria força, não se ocupa com pequenos casos desse quilate.

Por isso, perde tempo quem assim procede, principalmente no meio musical, que é um meio abundante de nulidades consagradas, analfabetos endeusados, compradores e vendedores de sambinhas.

O meio que eles usam para rebater críticas sensatas é um meio estúpido e ilusório. Nada conseguem com ele. Pregam no deserto. Não há perigo de esse processo surtir efeito. Muito mais acertado seria pensar em produzir com dignidade para merecer elogios. E estes, quando há razão de ser, ninguém se nega a divulgá-los...

NESTOR DE HOLANDA

THE HOUSE I LIVE IN

Lewis Allan — Earl Robinson.

The house I live in.
A plot of earth, a street,
The grocer and the butcher
And the people that I meet
The children in the playground,
The faces that I see:
All races, all religions,
That's America to me.
The place I work in,
The worker at my side
The little town or city
Where my people lived and died
The "howdy" and the handshake
The air of feeling free
The right to speak my mind out,
That's America to me.
The things I see about me
The big things and the small
The little corner newsstand
And the house a mile tall;
The wedding and the churchyard,
The laughter and the tears,
The dream that's been a growin'
For a hundred fifty years
The town I live in
The street, the house, the room,
The pavement of the city.
Or a garden all in bloom,
The church, the school, the club house,
The million lights I see,
But especially the people,
That's America to me.

CIUME (JALOUSIE)

(Tango-canção)

De Jacob Gade. — Do filme "Marujos do amor".

CIUME

é um perfume de flor...
Ciume,
é um queixume de dor...
Teus olhos
que fingem não me fitar,
mas que vivem só a me acompanhar.
Ciume
é expressão dolorida
das mil incertezas da vida
Julgar que outro alguém se interpôs
e que tudo acabou entre os dois, entre
[os dois...]

JORNAL DE ONTEM

(Samba-canção)

Elizario Teixeira e Romeu Gentil.
Para mim você é
Jornal de ontem:
Já li, já reli,
Não serve mais.
Agora eu quero um outro
Jornal assim,
Que tenha fatos sinceros e sublimes.
Emocionais.

II

Desculpe a minha franqueza,
revele a comparação
Não vá se encher de tristeza,
E' força de expressão
Mas, francamente, agora,
Você para mim,
E' um jornal atrasado,
Que só vai servir

para eu no futuro
Lembrar o passado.

VIVERE

Fos-trat de C. A. Bizio.

I

Oggi che magnifica giornata, che gior-
[nata de felicità...]
La mia bella donna se n'è andata, m'ha
[lasciato alfine in libertà...]
Son padrone ancor della mia vita e go-
[der la voglio sempre più...]
Ella m'ha giurato nel partir che non
[sarebbe ritornata mai più!]
Vivere, senza malinconia.
Vivere, senza più gelosia...

II

Senza rimpianti, senza mai più conoscere
Così è l'amore, cogliere il più bel fiore,
Goder la vita e far tacere il cuore.
Ridere, sempre così giocondo...
Ridere della follie del mondo
Vivere, finché c'è gioventù
Perché la vita è bella e la voglio vivere
[sempre più...]

III

Spesso la commedia dell'amore
La tua donna recitai ti fa...
Tu diventi allora il primo attore
E repeti quello che vorrà...
Sul terz'alto scende giù la tela...
Finalmente torna la realtà
E la commedia dell'amore
In una farsa trasformata sera!...

IV

Vivere, senza malinconia
Vivere, senza più gelosia
Vivere più se al cuore
Ritorna un attimo di nostalgia
Io non ho più rancore
E ringrazio chi me l'ha portata via...
Ridere, sempre così giocondo...
Ridere, della follie del mondo...
Vivere, finché la vita é bella
E la voglio vivere sempre più...

AVE-MARIA

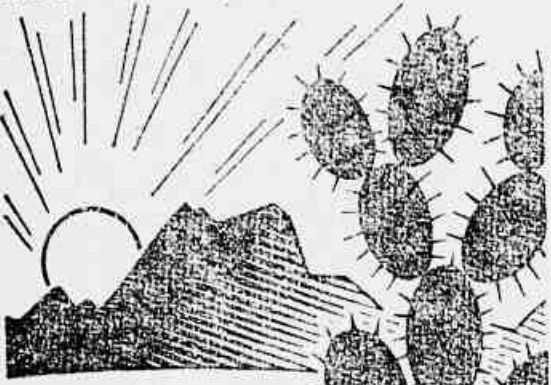
(Samba-canção)

Música e letra de Vicente Paiva e Jayme Redondo.

Ave-Maria
Dos seus andores
Rogai por nós
Os peccadores...
Abençoai,
desta terra morena
Seus rios, seus campos
e as noites serenas.
Abençoai as cascatas
E as borboletas
que enfeitam as matas.
Ave-Maria
Crêmos em vós
Virgem Maria
Rogai por nós
Ouví as preces
murmúrio de luz
Que aos céus ascendem
e o vento conduz.
Conduz a voz
Virgem Maria
Rogai por nós.

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

NOS CLIMAS TROPICAIS...



AS PELES
DELICADAS
PEDEM
A Polvilho Antisséptico
GRANADO

BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



DA VIDA NADA SE LEVA

A todos os homens e mulheres, desejamos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e encensadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapu (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem o pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque da vida nada se leva.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

realmente esse fato tem de criar um pedal artificial a fim de encher os vazios desse instrumento que é sonoro em todos os demais sentidos. — Há de o compositor produzir uma corrente contínua de música, pois, em caso contrário, as várias partes parecerão garotinhos esfarrapados a chapinhar na lama. Compete ao pedal do piano produzir um jorro homogêneo de colorido tonal, a fim de acentuar e harmonizar o número infinito de harmônicos que vibram no timbre das notas. Pode-se obter o mesmo efeito com a orquestra. Suponhamos que se encarreguem do princípio de um acorde as trombetas, os trombones, as trompas e os demais instrumentos de sopro, todos fortíssimo. Seguir-se-á um diminuendo à medida que se calam os instrumentos mais fortes, deixando, assim, aos mais fracos o encargo de executar um pianíssimo gradativo. «Dir-se-ia um pensamento nascido debaixo de um céu enfarruscado forcejando, lentamente, por alcançar regiões mais puras». Sibelius tinha um ouvido tão sensitivo em relação aos harmônicos que era capaz de identificá-los estendido num campo de centeio ouvindo a brisa perpassar por ele. Amava especialmente as vozes tranquilas, pequeninas da natureza. Em sua delicada concepção das funções da orquestra criticava asperamente a música de Richard Wagner, que ele capitulava de «rude, brutal e vulgar». «Ele vive berrando. «Eu te amo, eu te amo!» Na minha opinião, o amor é algo que há de ser murmurado». Uma coisa dessas reflete a atitude de Sibelius em relação ao requinte na arte e traduz-lhe a personalidade toda. Ele desdenhava a sonoridade indisciplinada. Quando alguém proclama, aos berros, o seu amor a outrem, não faz outra coisa senão pôr em praça o seu amor a si mesmo. Sibelius advogava o autocontrole. Fazendo comentários acerca de Anton Bruckner, o compositor romântico cujo gênio desembestava agitado pelo chicote do próprio ego, disse o seguinte: «Para ele, escrever partituras é o mesmo que sentar-se diante do órgão de uma igreja com todos os teclados ao seu alcance. Limita-se a fazer uso dos diferentes registros, sem cogitar da sua individualidade instrumental». Sibelius não acreditava na demonstração vulgar de emoção. A harmonia do controle é tão necessária nos tons da orquestra como nos sentimentos do coração humano.

Na opinião de Sibelius os dois maiores gênios da orquestra foram Mozart e Mendelssohn. E ele poderia ter juntado que as aberturas de «A flauta mágica» e «Sonho de uma noite de verão» constituíam a sua Bíblia musical. Ambos, Mozart e Mendelssohn, haviam resolvido com êxito o que Sibelius chamava «a dificuldade de materializar o idealismo absoluto». Existe aliás um grande abismo — diz Sibelius — entre os temas ideais que atravessam o cérebro do compositor e os sons audíveis que chegam aos ouvidos dos frequentadores de concertos em sua forma final. As limitações dos instrumentos orquestrais vencem, por via de regra, o compositor, cujo idealismo é destruído pelas dificuldades materiais da vida. «Há na música, como na vida, toda a sorte de obstáculos à expressão efetiva das nossas idéias. E a orquestração, como a vida, é uma rude luta pela existência». Tanto maior é o crédito, portanto, que merecem os que conseguem vestir os seus sonhos ideais dos tratos materiais do son com uma perda mínima de beleza. Isso logrou-o Mendelssohn, e Mozart também. E foi esta a grande luta de Sibelius no meio de uma vida material sem lutas.

V

Assim que lhe permitiram as condições financeiras, saiu Sibelius de Helsingfors para viver no campo, onde lhe era dado, em íntima comunhão com a natureza, realizar melhor os seus sonhos. Em Tomshy, perto dos Pântanos de Tusby, enormes campos sossegados que se estendiam em direção ao lago. O melhor ambiente para o seu trabalho. Lá ensinava ele os alunos, e quando estes a tremer diante das tarefas diziam ser apenas principiantes, ele respondia: «Eu também sou». E lá escreveu ele os capítulos supremos da sua experiência musical — as sinfonias.

(Conclui no próximo número)

CONSEQUÊNCIAS DE UM...

(Cont. da pág. 25)

dum Piscator; e é um espetáculo excelente, construído de maneira tão lógica (às vezes até mecânica) que o escritor, agindo no roteiro da concepção especulativa, vê-se obrigado a medir as palavras, a banir qualquer eloquência; não podendo expandir-se, deve aprofundar-se. Nelson Rodrigues, ao escrever «Vestido de noiva», viu-se na feliz situação de um diretor de cinema a quem entregaram um cenário bem feito, sem prolixidade, de ritmo rápido, e que pode trabalhar sossegado na conduta dos atores e na escolha dos ângulos eloquência; não certo do interesse da narrativa. Entre muitos críticos que, mesmo elogiando a peça, tiveram o ensejo de proferir as maiores besteiras do mundo, falaram em surrealismo, em abismos, em transcendências, a agudez do sr. Alvaro Lins descobriu a qualidade principal da peça. Isto é, sua estrutura matemática. Muitos caracteres e detalhes humanos são tratados, em «Vestido de noiva», com uma leveza que impede o realizar-se, do que geralmente resulta o fracasso artístico das obras expressionistas: a ausência de personagens vivos, substituídos por bonecos simbólicos.

«Vestido de noiva» marca um sucesso notável na carreira do escritor, porque consegue operar a síntese entre os seus pendores cenográficos e as suas qualidades literárias. A primeira batalha entre o médico e o monstro fechou-se vitoriosamente, por força de uma integração singular.

Infelizmente «Vestido de noiva» marcava também um progresso para o teatro brasileiro. Digo «infelizmente» porque, desde então, o sr. Nelson Rodrigues viu-se de repente desprovido de qualquer possibilidade de receber críticas honestas, de encontrar no seu caminho um crítico no verdadeiro sentido da palavra. Lançado no turbilhão da polêmica, reduzido a símbolo, só conheceu apologistas e detratores. Quem se atrevesse a fazer-lhe uma observação passava imediatamente por inimigo da arte. E o último passo nesta direção determinou-o a Censura, obrigando os defensores do escritor a proclamar alto o valor das novas peças, que pelo contrário constituíam o ingresso do sr. Nelson Rodrigues numa fase crítica e perigosa da sua atividade.

E tudo isto aconteceu no momento em que mais o autor precisava da severidade e da análise de observadores sinceros. Sim, porque ele, por causa de um novo desdobramento de personalidade, estava agora lutando com um monstro bem mais assustador: a sra. Suzanna Flag.

Nascida como aventura passageira, a relação entre o autor ostensivo de «Vestido de noiva» e a escritora inexistente de «Meu destino é pecar» acabou sendo um noivado interminável, e depois um casamento, daqueles em que a mulher espanca o marido todas as noites. Acreditava o sr. Nelson Rodrigues que a encantadora Suzanna só fosse uma mulherzinha, dessas que a gente visita em obediência a simples necessidades materiais. Mulher, porém, é o diabo. E foi o diabo.

Suzana Flag é amadora de esportes violentos. Para ela, conduzir o leitor através de quinhentas páginas, sem poupar-lhe um instante torturas, gritos, sangue, vinganças, paixões desmedidas, é brincadeira. No fundo do sr. Nelson Rodrigues havia uma secreta tendência a descrever, não os lados piores da existência (isto qualquer naturalistazinho sabe fazer) mas mesmo uma existência imaginária, inteiramente constituída do que nós chamamos burguesamente «lado pior», mas que aí é tudo. Também pertencia aos prazeres malvados de Suzana o de colocar suas histórias de violência sexual e de homicídio no seio dumas incríveis famílias de fazendeiros, nas quais não havia (como em O'Neill) a tentação contínua e subconsciente do incesto, ou (como na realidade), alguns casos de verdadeiro incesto, mas todo incesto subia regularmente e imediatamente à consciência para transformar-se logo em ato, com todas as consequências. Tudo isso a diabólica Suzana disfarçava sob aparências bastante castas, daquela castidade que é pior do que o vício...

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Fame! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e as gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómeis nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia ao é feto quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface «Brilhante» ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de alface «Brilhante» permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas, as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de alface «Brilhante». Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alface.



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

ALFACE

REGULAR

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conservar os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastrintestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias maneiras, só o conseguiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em líquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.

Suzana Flag é uma escritora eminentemente osculatória; para defender a sua posição de "best-seller", ela determinou que os personagens só deviam trocar beijos; que beijos, porém, meu Deus! Piores do que qualquer coisa, piores do que todas as conjunções celebradas por Zola e por Steinbeck. Covardemente, Suzana instigou o teatrológico a ir mais adiante, a realizar sem pudor o que ela devia encobrir por causa da tiragem.

Nasceu assim o primeiro filho do casal. "Album de família" é mesmo a realização, em termos sérios e rigorosos, do que nos romances de Suzana Flag fica enco-

berto sob aparências folhetinescas. A antiga tendência do sr. Nelson Rodrigues para as formas de extremismo psicológico, aqui torna-se uma espécie de misticismo do escândalo, que é sem dúvida uma atitude sincera do seu espírito, e não comercial como a de Suzana Flag, mas que reflete o contágio da mesma doença originária.

Havia também outra característica comum entre os dois: a da iconoclastia. (Já o protagonista da "Mulher sem pecado" havia perguntado: — Você nunca se sentiu um pouco São Francisco de Assis?) Suzana enchia de Cristos crucificados as casas de campo, as casas daquelas famílias surgidas duma espécie de Idade Média do espírito, e os símbolos religiosos recitavam um papel importante nas crises sexuais das personagens. O sr. Nelson Rodrigues insistiu com intransigência sobre este aspecto da sua sensibilidade — tão comum na literatura "satânica" do século passado (Lautréamont, Baudelaire; mas especialmente Barbey d'Aurevilly, François Soulié e os "romances negros" ingleses, as Suzanas Flag da época).

A que predomina, porém, é a tradução, em termos de ação dramática, dos elementos intencionais, o que é bem expressionista. Em Kaiser, por exemplo, o drama sempre é fabricado na base de uma "idéia fixa". Vejamos o "Incêndio da Ópera"; a idéia é o amor puro. Um lugar comum das pessoas que sentem por alguém esta forma de amor é o de dizer, quando o ente amado se revela indigno, que ele "morreu". A imaginação de Kaiser logo corre aos extremos; ele cria um enredo onde o protagonista, vendo diante de si, bem tangível, a mulher que acreditava morta, continua por três atos dizendo-lhe: "Desculpe, mas eu não conheço a senhora; minha mulher morreu durante um incêndio". É um caso de tradução em fatos de uma simples metáfora. Outro caso é no "Dia de Outubro" do mesmo autor. Pode acontecer que uma moça, tendo-se encontrado na igreja com um desconhecido cavalheiro de quem gosta e se ajoelhado ao lado dela, relatando o acontecido diga por metáfora: "Foi como se nós estivéssemos casando". Para Kaiser o "foi como" não existe. E aquela ilusão da moça torna-se realidade, em que se baseia todo o drama.

O mesmo acontece com o sr. Nelson Rodrigues, com esta diferença: que o Kaiser sempre colocava as suas personagens "absolutas", isto é, os que pretendiam realizar as metáforas, em contraste com a realidade de pessoas banais e mesmo estúpidas. Deste conflito é que surge o drama. Para o sr. Nelson Rodrigues esta possibilidade de contraste — e, afinal, de teatro — não existe. O drama refere-se a incesto? Todas as personagens são incestuosas. Nem é só isso: também numa coletividade de incestuosos pode haver uma luta entre os que são menos conscientes do que sentem, e os que são completamente responsáveis. Mas o autor de "Album de família" desconhece o claro-escuro, as melas tintas: todos são incestuosos do mesmo grau de intensidade. O drama, qualquer drama, desaparece. É um coro de personagens iguais, falando a mesma linguagem, fazendo as mesmas coisas, pensando no mesmo modo. Uma espécie de punhado de danados numa chama infernal onde qualquer individualidade, qualquer noção de relação, queimou-se e sumiu por completo.

E também nisto há o dedo feminino e perverso de Suzana Flag. Afinal, a característica das escritoras de sucesso, sejam elas responsáveis por romances negros ou rosas, sempre foi esta: criar um mundo onde todos os seres são grandíneos, ou todos sentimentais, ou todos religiosos. Eleanor Glyn, Dely e outras culminâncias do gênero "rosa" podem testemunhar. O mesmo acontece na literatura pornográfica, onde todos são sensuais, sem qualquer perigo de se encontrar um homem frio.

Há, porém, no "Album de família" uma indiferenciada força dramática: uma força a que falta algo substancial onde aplicar-se; uma força que se parece com uma máquina enorme que não sirva para acionar nada, para fabricar nada, para transportar nada. Uma motriz à-toa. É neste ponto que surge a melancolia do leitor, e que deveria surgir a indicação dos críticos.

Coitados dos críticos! Como poderão eles lutar contemporaneamente com a Censura e com a sra. Suzana Flag? Para não esgotar suas forças, eles decidiram combater apenas a Censura. O sr. Nelson Rodrigues que continuasse sozinho nas suas brigas com aquela mulher danada...

Assim foi que "Album de família" e as sucessivas "Anjo negro" e "Senhora dos afogados" passaram a ser consideradas obras-primas, sem possibilidade de discussão, porque isso seria favorecer o conservantismo da Censura. Mas há de vir alguém que saiba dizer, ao talentoso escritor que é o sr. Nelson Rodrigues: — "Desmanche logo este casamento. Não demore. Nestes casos a gente só tem uma saída: partir para Reno e pedir divórcio".

OS PURITANOS

(Cont. da pág. 50)

Por fim chegamos à casa. Diante da porta, Teresa tornou a me fazer jurar que não estava pensando nada de ruim a respeito dela e que no dia seguinte, às duas da tarde em ponto, me apresentaria debaixo da janela.

- Cuidado, não faltes.
- Não faltarei, querida.
- As duas em ponto?
- As duas em ponto.
- Agora chame com uma pancada na porta.

Apanhei a aldabra e dei uma pancada forte. Em pouco se ouviram os passos do porteiro.

— Agora — disse em voz baixa e trêmula — me dê um beijo e fuja depressa.

Ao mesmo tempo me apresentava a face cândida e rosada. Tomei-a entre as mãos e lhe dei um beijo... dois... três... quatro... todos os que pude até que ouvi ranger a chave. E me afastei a passos largos.

Don Ramon deixou de falar.

— E depois, que sucedeu? — perguntei-lhe com vivo interesse.

— Nada, apenas que naquela noite não pude dormir de remorsos e no dia seguinte tomei o trem para minha vila.

- Sem ver Teresa?
- Sem ver Teresa.

A VIDA DE SWEDENBORG

(Conclusão do número anterior)

O amor é o doce eixo em redor do qual gira o eterno planeta do paraíso. Ninguém envelhece nesses trópicos da pureza. Ou melhor, "envelhecer, no céu, é rejuvenescer". Todos "avancam constantemente para a primavera da sua vida. de tal maneira que os anjos mais velhos parecem os mais jovens". As mulheres que morreram velhas e desfeitas pela idade, mas que viveram "no amor ao próximo... alcançam... uma florescência juvenil, e uma beleza que ultrapassa todas as nossas concepções terrenas de beleza..."

Tal é, em resumo, a imagem do céu, espelhada no credo de Swedenborg. E quem poderá dizer com plena certeza que não existe essa região maravilhosa? O paraíso será um sonho? Bem, e por que não? «O homem, nos seus sonhos perfeitos, é o paraíso». E Swedenborg, cegado pelo excesso de luz, larga a sua pena.

VI

Quando esta bomba de humanidade e brandura explodiu sobre os dogmas petrificados do século XVIII, os homens taparam os ouvidos e cerraram as portas do coração. Uma religião que, na sua

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplice Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

tolerância ilimitada, admitia aos deleites do paraíso até os budistas, muçulmanos e judeus, era uma fonte de perigo para todas as corações interiores, salvo para a alma desarmada do santo. Swedenborg distribuiu exemplares de suas obras por todo o continente, insistindo por comentários. «Nenhuma voz respondeu». Atrevia-se a sugerir, com a autoridade de Deus, que o diabo, em seus piores aspectos — é apenas humano.

Dois são os supremos poemas de vida e morte. «A Divina Comédia», de Dante, debuxada com as cores vivas do fogo e do ódio, fascinou a mente humana. Mas a «Visão do Céu», de Swedenborg, comoveu o coração humano. Pois este poema foi pintado com o pincel da piedade numa tela de lágrimas.

(Do livro «Vidas de grandes capitães da Fé».)

NAO DORME BEM?
DYNAMOGENOL VIDA DO CEREBRO
VIDA DOS MUSCULOS
VIDA DO CORPO



Durante o ano de 1946 os 286 aeroclubes e escolas civis de aviação existentes no Brasil realizaram 92.627 horas de voo, empregando 617 aeronaves. Destacaram-se na contribuição para esse total os Estados de São Paulo, com 32.249 horas, empregando 204 aeronaves; Minas Gerais, com 14.992 horas, empregando 85 aeronaves, e Rio Grande do Sul, com 9.322 horas, empregando 79 aeronaves.

Os aviões da Panair do Brasil, em 1946, transportaram 1.993.983 quilos de bagagem, 1.315.298 quilos de carga e 102.121 quilos de malas postais, enquanto que no ano anterior as cifras atingidas pelos mesmos transportes foram, respectivamente, de 1.238.934 quilos, 1.002.655 quilos e 118.607 quilos. Como se vê, o volume de malas postais sofreu em 1946 um decréscimo de 16.486 quilos.

A ligação aérea Rio-São Paulo é a quarta do mundo em número de viagens. As três primeiras estão nos Estados Unidos e são as de Nova York-Washington, com 60 viagens diárias, Nova York-Boston e Los Angeles-São Francisco.

O consumo mensal de gasolina dos aviões da Panair do Brasil é de cerca de 3.000.000 (três milhões) de litros, o suficiente para abastecer 50.000 automóveis durante 30 dias, consumindo cada carro uma média de 20 litros diários.

A cidade de Pedra Azul, Minas Gerais, foi incluída como ponto de escala na rota do Correio Aéreo Militar. Segundo se informa, aquela localidade, num futuro próximo, será também incluída como ponto de escala da Frota Bandeirante da Panair do Brasil.

De acordo com o relatório apresentado por Sir William P. Hildred, diretor da IATA (Associação de Transporte Aéreo Internacional), à III Reunião Geral Anual daquela entidade, em Quitandinha, a rede de rotas aéreas internacionais cobre atualmente uma extensão de 500.000 milhas, ou sejam 804.650 quilômetros.

Um avião "Mosquito" pilotado por aviadores da Real Força Aérea Australiana bateu o recorde de velocidade na travessia da Austrália, de este a oeste. O "Mosquito" manteve a velocidade média de 364 milhas por hora, num voo de cinco horas, de Pearce, na Austrália, a Cook, na província de Vitória.

O novo helicóptero "Bristol" tipo 171, de fabricação britânica, pode transportar quatro pessoas a uma velocidade média de 100 milhas por hora, cerca de 161 quilômetros. O novo aparelho está destinado ao serviço de taxi-aéreo.

O helicóptero de dois assentos "JOV-3", construído pela Helicopter Research Corp., de Filadélfia, EE. UU., realizou com pleno sucesso seu primeiro voo. As duas hélices da aeronave são acionadas por um motor "Lycoming O-235" de 4 cilindros e 100 cavalos de força. Com dois passageiros e a carga completa, a máquina pesa aproximadamente 600 quilos. Calcula-se que o seu preço será de 7.000 a 9.000 dólares, caso a produção seja em limite moderado.

O Departamento dos Correios dos Estados Unidos noticiou que espera estabelecer, em futuro próximo, um serviço postal aéreo de encomendas entre aquele país e o estrangeiro. O citado Departamento acredita poder realizar acordos nesse sentido primeiro com o Reino Unido, países da Europa Continental, Bermudas, Terra Nova, Açores, Islândia, Senegal, Costa do Ouro, Congo Belga, União Sul-Africana, Argélia, Tunísia, Egito, Palestina, Saudi Arábia, Síria e Índia. Mais tarde o referido serviço será estendido a outros países.

A Pan American Airways declarou que 1947 foi um ano recorde. Nesse ano a companhia completou um total de 1.277.291.000 passageiros-milhas e transportou 31.371.240 libras (15.602.385 quilos) de carga. (Os dois últimos meses estão incluídos por estimativa). A United Air Lines, incluindo dezembro também por estimativa divulgou que seu rendimento em passageiros-milhas em 1947 foi de 1.227.775.600, 14,4% mais do que em 1946; em toneladas-milhas de frete aéreo de 10.172.100, 127% mais do que no ano anterior; em toneladas-milhas de carga aérea expressa de 8.787.700, 18,5% mais do que em 1946, e em toneladas-milhas de correio de 8.523.600, menos 11,4% do que no ano anterior.

(Noticiário coligido por E. de Oliveira, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

A SALADA DE AGRIÃO

(Cont. da pág. 10)

— Sim.
— Mas... Onde vamos criar as galinhas? — inquiriu ele admirado.

— Ora, Zeferino, a gente precisa ser moderna. Criar galinhas em casa!... Onde se viu isso?

— Está bem, — assentiu ele, desorientado com tanta mudança em seus hábitos. — Essa Odete cozinha bem? — arriscou, a mezza voce, esperançoso de que a noiva se acusasse cozinheira.

— Nada, querido. Nós compramos umas viandas, umas latas, e mandamos buscar a comida mais sólida num restaurante.

Os quitutes da Helena e a costureira salada de agrião vieram-lhe aos olhos.

— Não sei, mas acho que de restaurante nem mandam salada.

Não se animava a falar em salada de agrião.

— Salada?! Ora, Zeferino, então por causa duma salada você vai rejeitar a comodidade da comida do restaurante?

— E', — respondeu o noivo, confuso.

A noite Helena serviu o jantar. E, como sempre, havia salada de agrião.

— Onde é que você compra o agrião, Helena? Do verdureiro?

— Agrião dá em água corrente, Zeferino. Como você disse que gostava de agrião plantei uns pés ali atrás do morro, no riacho... E' porisso que sempre temos salada de agrião.

Zeferino não dormiu naquela noite. E no dia seguinte fazia saber à família da noiva que desmanchava o compromisso. Foi um Deus nos acuda! A noiva e sua mãe exigiram explicações. Sentiam-se agravadas. E pediram um conselho de família. Zeferino compareceu e, perante todos, confirmou seu desideratum. Procuraram induzi-lo a mudar de opinião. Inutilmente, porém. Ele concordava com tudo: com o apartamento, com a comida de viandas, criada, lavadeira, desistia até das galinhas; com uma coisa não estava de acordo: passar sem o agrião.

— E' por causa daquela sem-vergonha! E' por uma tipa daquelas que você troca minha filha! — vociferou, dramática, a velha.

Zeferino estremeceu. A acusação cegou-o. Imaginara sempre que ali ignoravam a existência de Helena. Por causa de uma Helena houve uma guerra; desta vez a causa foi a Helena do Zeferino.

— Não, senhora! E' por uma salada de agrião! — berrou ele, cheio de brios, assustado de si mesmo.

Jamais berrara, reagira, em sua vida.

E saiu com a cabeça a arder de fúria. Foi para casa.

Helena viu-o entrar. Notou que não trazia a aliança.

— Não caso mais! — bufou o homem.

Helena simulou semblante compungido; intimamente se felicitava. Se soubesse o motivo daquela resolução abençoaria a idéia de cultivar agrião.

— Se um dia ficares viúva caso contigo e acabou-se...

— Já sou viúva... Há quatro meses, — balbuciou ela, com meiguice.

— Ué! E por que não me disse antes?

— Ora...

Tempos depois Zeferino e Helena fizeram as pazes com a sociedade, comparecendo ao registro civil. O que não sabemos é se, depois de casada, ela continuou a cultivar o agrião.

OS PURITANOS

(Cont. da pág. 24)

apóstrofe violenta, como tinha determinado, mandei-lhe um galante sorriso. Pode ser que na formação desse sorriso tenha intervido mais ou menos diretamente a beleza nada comum do criminoso.

Apanhei o chapéu, coloquei-o na cabeça e tornei a erguer o olhar e a mandar outro sorriso, acompanhado dessa vez dum ligeiro cumprimento. Porém meu agressor continuava imóvel e aterrado, sem notar nem compreender as amáveis disposições em que se achava sua vítima. Com tudo isso, a boneca continuava no chão, imóvel, também, porém, sem mostrar de modo algum surpresa, pesar, terror, nem sequer vergonha de sua situação pouco decorosa. Apressai-me a levantá-la, apanhando-a, se não me engano, por uma perna e examinei minuciosamente se não havia sofrido alguma fratura ou outra ferida grave. Não tinha mais do que leves contusões. Levantei-a bem e a mostrei à dona, fazendo-lhe sinais de que ia subir para entregar-lhe o brinquedo. E, sem mais demora, passo a soleira, subo a escada e puxo o cordão da campainha... Já está aberta a porta. Meu lindo agressor assoma o rosto moreno, gracioso, chelo de vida e de frescura e estende as mãos pequeninas nas quais deposito respeitosamente a boneca desmaiada. Quis falar, para dar maior segurança de que não era nada o que acontecera, que a boneca conservava integridade dos membros, e eu do mesmo modo, que celebrava a ocasião para conhecer uma menina tão bonita e tão simpática, etc., etc. Nada disto foi possível. A pequena murmurou confusamente "muito obrigada" e se apressou a fechar a porta, deixando-me com o discurso na cachola.

Saio à rua um pouco aborrecido, como qualquer outro orador no mesmo caso, e sigo meu caminho, não sem voltar a cabeça diversas vezes para o balcão. A trinta ou quarenta passos, observo que a menina se debruçou, e paro e lhe mando um sorriso e um cumprimento cerimonioso. Desta vez ela corresponde, embora ligeiramente, porém, se apressa a retirar-se. Deixo que era linda aquela pequena! Ao chegar ao fim da rua senti a

necessidade imperiosa de vê-la de novo e eu voltei atrás, não sem perceber certa vergonha no fundo do meu coração, pois nem minha idade, nem meu estado me autorizavam a semelhantes inconveniências, muito menos tratando-se de tal criaturinha. Já não estava no balcão.

"Pois não vou embora sem vê-la" — disse para mim e "plau planito", comecei a passear pela rua sem perder de vista a casa, com a mesma desenvoltura dum cadete de Estado Maior. "Afinal de contas, aqui ninguém me conhece — la repetindo a cada instante, afim de me dar forças para continuar passeando. — Além disso, não tenho nada que fazer agora, e tanto faz vagar por um lado como por outro."

Justamente ao cruzar pela terceira ou quarta vez pela frente do balcão, apareceu nele a gentil garotinha, que ao me ver fez um movimento de surpresa, acompanhando duma careta encantadora; largou a ris e se escondeu de novo.

Porém, que estúpidos somos nós, os homens, e que inocentes quando se trata destes assuntos. Você acreditará que então nem sequer suspeitei que a menina tinha estado presenciando, sem perder um só, todos os meus movimentos? Satisfeito já o capricho, deixei a rua das Infantas e fui à casa dum amigo. Mas no dia seguinte, fosse casualidade ou premeditação, embora seja muito provável a última hipótese, acertei em passar pelo mesmo lugar à mesma hora. Meu gentil agressor, que estava debruçado na varandinha do balcão, ficou escarlate até às orelhas assim que pôde distinguir-me, retirando-se antes que eu passasse pela frente da casa. Como você pode supor, isto, longe de me fazer desistir, me animou a ficar petrificado na esquina do primeiro beco, em contemplação extática. Não decorreram quatro minutos sem que visse assomar um narzinho naco, que se retirou na mesma hora, velozmente, tornou a surgir dois minutos depois e voltou a retirar-se; apareceu logo mais outra vez e se recolheu de novo. Quando se cansou de tais manobras, apareceu por inteiro e me olhou fixamente por um bom pedaço, como se se tratasse de demonstrar que não tinha nenhum medo de mim. Então se generalizou entre ambas as partes um fogo cerrado de olhares, acompanhado, no que me toca, por uma multidão de sorrisos, cumprimentos e outros projéteis mortíferos que deveriam ter causado notáveis estragos no inimigo. Este, meia hora depois, ouviu sem dúvida na sala o toque de "cessar fogo" e se retirou, fechando a janela. Não precisarei dizer-lhe que por mais que me sentisse envergonhado daquela aventura, continuei dando voltas na mesma hora pela rua, e que o tiroto era cada vez mais intenso e animado. Ao terceiro ou quarto dia me resolvi a arrancar uma folha da carteira de notar e a escrever estas palavras: "Gosto muito de você". Enrolei uma moeda de dois quartos na folha e aproveitando a ocasião em que não passava ninguém, depois de fazer-lhe sinal de que se retirasse, atirei-a ao balcão. No dia seguinte, quando passei por lá, vi cair uma bolinha de papel, que me apressai em apanhar e a desdobrar. Dizia assim, numa letra inglesa, grande, feita com muito cuidado, e o papel reguado para não ficar irregular: "Também gosto não pense que brinco com bonecas era de minha irmã."

Embora tenha sorrído ao ler o bilhete amoroso, não deixei de me causar uma sensação doce e amável, que logo deu lugar a outra, melancólica, ao me lembrar que me estavam proibidas para sempre tais aventuras. Naquela dia minha pequena não saiu ao balcão, sem dúvida envergonhada de sua condescendência; porém, no dia seguinte a encontrei disposta e aparelhada para o combate de olhares, sinais e sorrisos que já não escasseavam por ambas as partes. Uma hora ou mais durava todas as tardes este jogo, até que se ouvia chamar e ela se retirava apressadamente. Perguntei-lhe por sinais se não sala para passear e me respondeu que sim; e, com efeito, um dia esperel na rua até às quatro e a vi sair na companhia de uma senhora que devia ser a mãe dela e de dois irmãos. Acompanhei-os ao Retiro; embora a distância respeitável, porque me teria causado muita vergonha que a mamãe se interessasse da história. A pequena, com menor prudência, voltava a cada instante a cabeça e sorria para mim, o que me tinha em continuo sobressalto. Afinal voltamos para casa em paz. Apesar de tudo isso, eu não sabia como se chamava, e afim de averiguá-lo, escrevi a pergunta noutra folha da carteira: "Como você se chama?". A pequena respondeu na mesma letra inglesa e grande, com o papel reguado: "Me chamo Teresa não acredite pelo amor de Deus que brinco com bonecas."

Dez ou doze dias transcorreram desta maneira. Teresa me parecia cada dia mais linda, e o era com efeito, porque segundo averiguel no curso de minha vida, não há pintura, seda nem enfeites que aformoseia tanto a mulher como o amor. Perguntei-lhe repetidas vezes se podia falar com ela, e sempre me respondeu que era de todo impossível: se a mamãe chegasse a saber alguma coisa, adeus balcão! Comecei a desconfiar que estava ficando enamorado e isto me trazia inquieto. Não podia pensar naquela menina sem sentir profunda melancolia, como se nela personificasse minha juventude, meus sonhos de ouro, todas as minhas ilusões, o que para mim separados de mim por barreira infranqueável. Ao mesmo tempo me acoavam os remorsos. Qual não seria a dor de minha pobre mulher, se chegasse a descobrir que o marido andava pela corte namorando garotas! Um dia recebi uma carta sua, participando-me que meu filho menor estava um pouco indisposto e pedindo-me que procurasse arranjar os negócios para voltar logo para casa. A notícia me produziu o pesar que você pode calcular; porque sempre delirei por meus filhos. E como se aquilo fosse castigo da Providência ou pelo menos advertência saudavel, depois de grave e pro-

longada meditação, durante a qual me lancei em rosto, sem piedade, minha conduta infame e ridícula, cantei sem reboços o eu pecador e resolvi obedecer imediatamente a minha esposa. Para levar a cabo esse propósito, a primeira coisa que me ocorreu foi não me lembrar mais de Teresa, nem passar sequer pela rua dela, embora fosse caminho obrigatório; depois, abreviar quanto pudesse os negócios. Segundo os meus cálculos, ficaria livre com cinco ou seis dias.

Já não ia, portanto, pela rua das Infantas, como costumava depois de almoçar, nem ainda para ir à de Valverde, onde moravam uns amigos. Pela noite, depois de comer, como não havia perigo de ver Teresa, atravessava-a velozmente, e sem lançar um olhar para a casa.

Passaram-se quatro dias. Já não me lembrava daquela menina, ou se me lembrava era de um modo vago, como a memória dos dias risonhos da juventude. Tinha quase ultimado meus negócios e andava preocupado com a escolha do dia de ir embora. Seria coisa, o mais tardar, de sexta-feira ou do sábado, disse para mim depois de comer, acendendo um charuto e me largando para a rua. O ministro se negara a reduzir a quota da Câmara Municipal, o que me deixava muito aborrecido. Pensando no que havia de dizer aos meus colegas quando me visse entre eles, e no modo melhor de lhes explicar a causa do fracasso, atravessei a praça do Rei e entrei pela rua das Infantas. A noite estava esplêndida e com boa temperatura. Eu estava com o sobretudo aberto e caminhava lentamente gozando com voluptuosidade a temperatura, o charuto e a segurança de ver em breve minha família. Ao passar pela frente da casa da menina, me detive e a contemplei um momento quase com indiferença. E prossegui, murmurando: "Que pequena adorável! Pena que a leve um patife!" Depois me pus a refletir como teria sido fácil para mim pregar uma partida ao alcaide e abiscoitar o lugar; mas, não; teria sido uma traição. Por mais que ele fosse arbitrário e soberbo, era afinal amigo; havia tempo para eu ser alcaide. Porém, quando mais embebido andava nos meus pensamentos e planos políticos, e quando já estava próximo a dobrar a esquina da rua, eis que sinto um braço que se apóia no meu e uma voz que me diz:

— Você vai muito longe?
— Teresa!

Os dois ficamos mudos por alguns instantes; eu a contemplava estupefacto; ela, com a cabeça baixa e sem abandonar meu braço.

— Mas, para onde você vai a esta hora?

— Vou com você — respondeu levantando a cabeça como se dissesse a coisa mais natural do mundo.

— Para onde?

— Sei lá! Para onde você quiser.

Senti ao mesmo tempo calafrios de prazer e de medo.

— Você fugiu de casa?

— Qual o que!... Apenas tapei Manuel do modo mais engraçado possível... Verá como você vai rir... Teimei hoje em ir a reunião de umas primas que moram na rua de Fuencarral e papai mandou que Manuel me acompanhasse. Chegamos na porta de casa e ali eu disse a ele: "Pode ir embora, que não faz falta"; e fiz que subia a escada, porém em seguida dei volta sem chamar e vim atrás dele até em casa... Quando o vi entrar, deu-me um acesso de riso que por pouco não me ouviu!

A pequena ainda estava rindo, com tanta gana e tão francamente, que me obrigou a fazer o mesmo.

— E porque você fez isto? — perguntei-lhe com a falta de delicadeza, melhor dizendo, com a brutalidade com que costumamos estar bem providos, nós, os cavalheiros.

— Por nada — replicou desprendendo-se do meu braço repentinamente e largando a correr.

Logo a alcancei.

— Que geniozinho é você! — disse levando a coisa na troça. — Que modo de se despedir!... Perdão se a ofendi...

A menina, sem dizer nada, tornou a segurar no meu braço. Caminhamos um bom pedaço em silêncio. Eu ia pensando ansiosamente no que ia dizer e no que ia fazer. Afinal, Teresa o rompeu, perguntando-me resolutamente:

— Você não me disse por carta que gostava de mim?

— Pois certo que acho que gosto de você!

— Então, por que deixou de vir verme e de passar pela rua de dia?

— Porque tinha medo de sua mãe...

— Sim, sim; e porque os homens são todos muito ingratos e quanto mais se gosta deles pior. — Penso que não sei?

Você me fez ficar no balcão todas as tardes, esperando-o; porém, que esperança!... De noite, por trás dos vidros, via-o passar, muito sério, muito sério, sem olhar sequer para minha casa... Eu dizia: "Estará zangado comigo? Por que teria ficado zangado? Será porque fechei a janela faltando um quarto para as três?". Enfim, ficava cavilando o tempo todo, cavilando, sem tirar nada a limpo... Então disse: "Vou pregar-lhe um susto esta noite..."

— Foi um susto bem agradável.

— Se você não parasse diante de minha casa e ficasse olhando para as janelas, eu não saía do portal... Mas aquilo me decidiu.

Momento de pausa, no qual me acudiu à mente um tropel de pensamentos que ainda hoje me envergonham. Teresa tornou a olhar para mim fixamente.

— Você está satisfeito?

— Como não?

— Minha companhia lhe dá prazer?

— Mais do que a de qualquer outra pessoa no mundo.

— Não lhe atrapalho?

— Ao contrário, sinto um prazer que você nem pode imaginar.

— Não tem nada que fazer agora?

— Absolutamente nada.

— Então vamos passear. Quando chegar a hora, você

me leva para casa e mamãe pensa que foi o oriado das primas que me trouxe... Mas se lhe atrapalho ou não lhe agrada passear comigo, diga-me... vou já embora...

Eu lhe respondi apertando-lhe o braço e puxando-lhe suavemente a mão para prendê-lo bem no meu. Teresa continuou a falar com graciosa volubilidade.

— Parece mentira que sejamos tão amigos, não é mesmo? Eu pensei, quando lhe deixei cair a boneca em cima que o tinha morto... Que medo tive! Se você visse!... Vamos ver, por que foi que em vez de se zangar você sorriu?

— Ora! Porque gostei muito de você!

— Isso pensava eu; devia ter-lhe parecido simpática, porque do contrário a verdade é que só tinha motivo para ficar furioso. Mas quando você subiu para me levar a boneca eu estava morta de medo e por isso fechei a porta tão depressa. Boneca impossível! Deu-me tanta raiva que a atirei no chão e lhe parti um braço.

— Pois não deve tratá-la desse modo; ao contrário, deve conservá-la como uma lembrança.

— Sabe que tem razão? Se não fosse pela boneca não nos teríamos conhecido... nem você seria meu namorado... porque tenho outro...

— Como outro?

— Quer dizer, já não o tenho... É um primo que está teimando que hei de gostar dele à força... Não vá pen-

TÃO COMPLETA!...
Nem parece uma refeição de pic-nic!



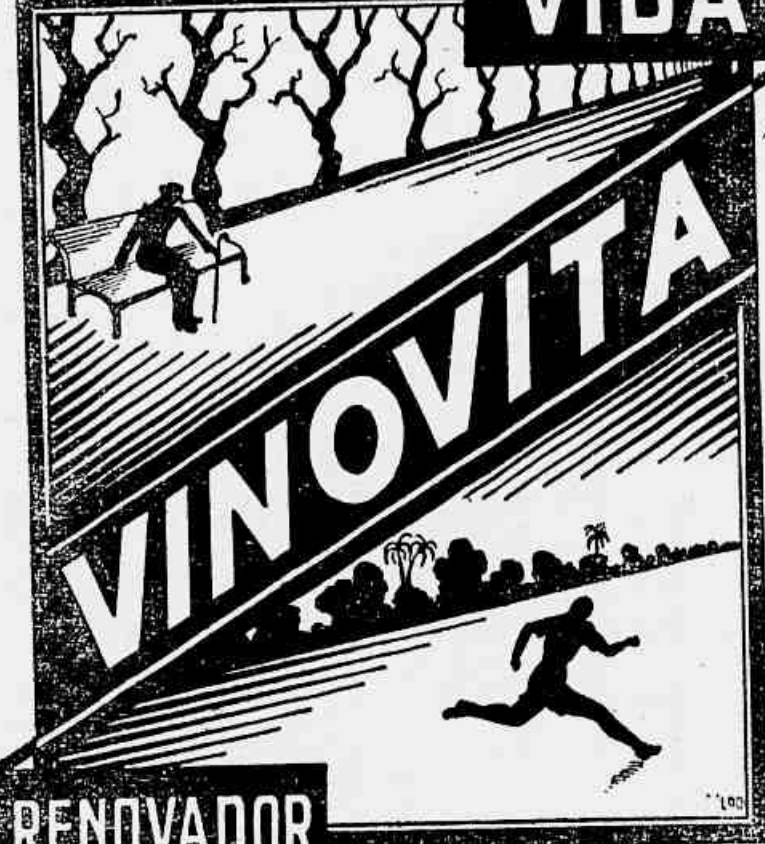
Ah!... é uma refeição com
Malzbier da Brahma



É certo!... Mesmo uma "refeição ligeira" tem seu prazer e valor nutritivo redobrados com Malzbier da Brahma!... Malzbier da Brahma possui alta concentração de malte. E, por isso, compensa a falta à mesa de um ou outro alimento. É também a cerveja preferida em todos os lares por ser ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico. Complete e equilibre o valor nutritivo do seu lanche, almoço ou jantar com a saborosa Malzbier da Brahma. Exija sempre Malzbier da Brahma.

Contra o esgotamento
físico e mental!

VINHO
DA
VIDA



RENOVADOR
DAS
FORÇAS

Tônico poderoso

ADS SRS. DISTRIBUIDORES E
ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre,
com as suas remessas de di-
nheiro, nome e endereço certos
a que as mesmas se destinam

Por que precisam as mulhe- res de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, é preciso remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flocos brancos, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

sar que é feio... pelo contrário, é bonito...; mas não gosto dele... Não posso dar jeito. Disse a ele que gostava porque tive pena um dia que ele começou a chorar.

Enquanto conversávamos deste modo, iamso caminhando sossegadamente pelas ruas. Para evitar o encontro com algum parente ou conhecido da menina, procurei seguir pelas ruas menos importantes. Teresa ia presa ao meu braço, como do braço dum antigo amigo, falando sem parar, rindo, sacudindo-me às vezes com força e parando, no melhor da conversa, diante duma vitrine, para me fazer contemplar alguma bugiganga. Sua conversa era um gorgoejo doce, insinuante, que me comovia e refrescava o coração. Ao seu impulso se foi dissipando pouco a pouco o tropel de pensamentos perdidos que vagava na minha cabeça. Sem saber de que modo, também desapareceram todos os meus temores; imaginava que aquela menina tinha algum parentesco comigo e não achava extraordinária e perigosa nossa situação como no princípio. Sua inocência era um véu espesso que nos impedia de ver o risco que estávamos correndo.

Em pouco tempo me contou uma infinidade de coisas. Era de Xerês; não fazia mais de um ano que estavam estabelecidos em Madrid; o pai ocupava um alto emprego; tinha dois irmãos e uma irmãzinha. Acerca do caráter e dos costumes de cada um deles se estendeu consideravelmente; a irmãzinha era muito boa menina, amável e obediente; porém, os meninos, insuportáveis; todo o dia gritando, desarrumando a casa e brigando. A mãe lhe havia dado jurisdição sobre eles até para os castigar, porém, não queria usar dela porque tinha medo de que lhe perdessem o carinho; a mãe que se arranjasse como pudesse. Depois falou do pai que era muito sério, mas muito bom. A única coisa que a entristecia era que parecia gostar mais dos garotos do que delas. A mãe, ao contrário, mostrava predileção pelas meninas. Falou depois das primas da rua de Fuen-carra; uma era muito bonita, a outra somente graciosa; as duas tinham namorados, porém não valiam um caracol: rapazolas que ainda estudavam no Ginásio. Tinham, além disso, um irmão, que era o tal primo que tinha sido namorado dela; este já era bacharel e estava se preparando para entrar no colégio de Artilharia. De vez em quando, nos curtos intervalos de silêncio, levantava graciosamente a cabeça, perguntando-me:

— Está satisfeito com a minha companhia? Estou lhe atrapalhando?

E, quando me ouvia protestar vivamente contra semelhante dúvida, seu rosto expressivo se iluminava de alegria e continuava falando.

Tinhamos percorrido algumas ruas. Já você pode bem calcular como eu ia gozando como os anjos no paraíso, e pendente dos lábios daquela menina, que ao me referir todas as ninharias infantis de sua vida parecia infundir na minha alma encantada a ciência da felicidade. No entanto, não podia afastar certa vaga inquietação que perturbava minha alegria. Procurando meio de passar as horas de que dispunhamos, mais dignamente do que vagando pelas ruas, tropeçamos ao descer a costa de Santo Domingo com o Teatro Real. No mesmo instante me deu a idéia de entrar. Teresa aceitou-a imediatamente e afirmou de que não reparassem em nós tomarmos duas entradas para as galerias. Cantavam "Os Puritanos" e aquilo estava apinhado de gente; de maneira que nos custou algum trabalho entrarmos e escarmos um dos lugares; mas afinal chegamos. Teresa se sentiu admiravelmente e me pagava os incômodos que havia sofrido para levá-la até ali com mil sorrisos e palavras amáveis. Enquanto subiam o pano conversamos, embora muito baixinho. Havia-se estabelecido entre nós uma grande intimidade, e me abandonou uma das mãos, que eu acariciava embevecido. Quando começou a ópera deixou de conversar e se pôs a ouvir tão decididamente que me fazia sorrir vê-la com a cabeçinha apoiada na parede e os olhos extáticos. Sabia música, mas tinha ido poucas vezes ao teatro; assim as melodias inspiradas na ópera de Bellini lhe causavam profunda impressão, que se traduzia por uma leve tremura das pupilas e dos lábios. Quando chegou ao sublime canto do tenor que começa "A te, oh cara", me apertou com força a mão, exclamando num murmúrio: "Oh! que lindo; oh, que lindo!". Depois me fez explicar-lhe o que se passava na cena. Achou o casamento do tenor e da soprano muito equilibrado, porém tinha pena de veras do barítono, a quem roubavam a noiva, ficou profundamente desgostada quando no fim do ato o tenor se vê na necessidade de acompanhar a rainha e deixar abandonada a futura, e declarou resolutamente que essa era uma conduta indigna.

— Mas note que ele estava obrigado a fazer isto, porque era a rainha dele quem o pedia.

— Não importa; não importa; se ele quisesse bem à namorada, não havia rainha que valesse. Em primeiro lugar sempre está a namorada.

Não me foi possível arrancar-lhe da cabeça tão estranha teoria. Depois que o pano caiu ficamos no mesmo lugar e me obrigou a contar-lhe minha vida e milagres, quantas namoradas tinha tido, a quem havia querido mais, etc., etc. Você compreenderá que precisel enxertar uma infinidade de mentiras. Depois, sem algum motivo sério, declarou redondamente que todos os homens eram ingratos. Eu me atrevi a apontar que havia exceções, porém, não foi possível fazê-la reconhecer isso. "Você será igual aos outros (anunciou em tom profético e olhando para um ponto do espaço); gostará um pouco de mim, e depois... se te vi, não me lembro".

Que momentos tão deliciosos e infernais ao mesmo tempo me estava fazendo passar aquela menina! Para levar a conversa para outro ponto, perguntel-lhe:

— Quantos anos você tem? Até agora não me disse.

— Tenho... tenho... olhe, sempre digo que tenho

quatorze anos, porém, a verdade é que não tenho mais do que treze anos e dois meses... E você?

— Uma barbaridade! Não me pergunte que me dá vergonha.

— Ah, que pressunçosos! Se não hei de querer bem a você do mesmo modo se tiver muitos anos ou poucos!

Em seguida me propôs que nos tratássemos de tu; porém depois de aceito tornou atrás propondo-me que se tratasse por tu e que ela continuasse com o você. Não quis conformar-me.

— Pois olhe, não posso chamar-lhe de tu; me dá muita vergonha... Mas, enfim, vamos ensaiar.

Do ensaio resultou que para evitar o pronome dava a pobrezinha uma infinidade de rodeios e se metia numa série infundável de perifrases. Se se aventurava a dirigir-me um tu, fazia-o baixando a voz e passando como sobre brasas.

Quando começou o segundo ato, voltou a escutar atentamente. Meus olhos não se afastavam quase nunca do rosto dela; ela voltava amide os seus para me dirigir um sorriso, apertando ao mesmo tempo minha mão. Observei, não obstante, que se amortecera um pouco a viva expressão de sua fisionomia e que ia perdendo aquela graciosa volubidade do princípio. Seus sorrisos foram se fazendo tristes, e pela cândida fronte passou uma rajada de inquietação que lhe comunicou ao lindo rosto infantil certa grave expressão que não tinha. Parecia que em virtude de um misterioso movimento do espírito, a menina se transformava em mulher em poucos instantes. Deixou de apertar minha mão e até mesmo puxou a sua. Tornei a segurá-la dissimuladamente, porém, logo depois a retirei de novo.

O segundo ato havia terminado. Ao cair o pano me fez olhar o relógio e vendo que eram onze horas disse que era preciso ir embora imediatamente, porque as onze e meia, o mais tardar, ia o criado buscá-la.

Salmos do teatro. A noite continuava tépida e estrelada. Na porta aguardava uma longa fila de coches, que nos foi preciso evitar. Já não havia nas ruas o movimento das primeiras horas; porém, apesar disso, seguimos pelas ruas solitárias. Teresa não quis aceitar meu braço como antes. Então me coube adotar a voz da sedução, e lhe disse ao ouvido mil galanteios e coisas ternas, explicando-lhe por miúdo o amor que me havia inspirado e o que havia sofrido nos dias em que passei pela sua rua; lembrei-lhe todos os pormenores, até os mais insignificantes, de nosso conhecimento visual e epistolar, e lhe dei conta dos vestidos e dos enfeites com que a tinha visto afim de que compreendesse a profunda impressão que me havia causado. Nada replicava a meu discurso; continuava a caminhar cabisbaixa e preocupada, formando sua atitude notável contraste com a que tinha três horas antes, ao passar pelos mesmos lugares. Quando me detive um instante para respirar, exclamou sem olhar para mim:

— Fiz uma coisa muito ruim, muito ruim. Meu Deus, se papai soubesse!

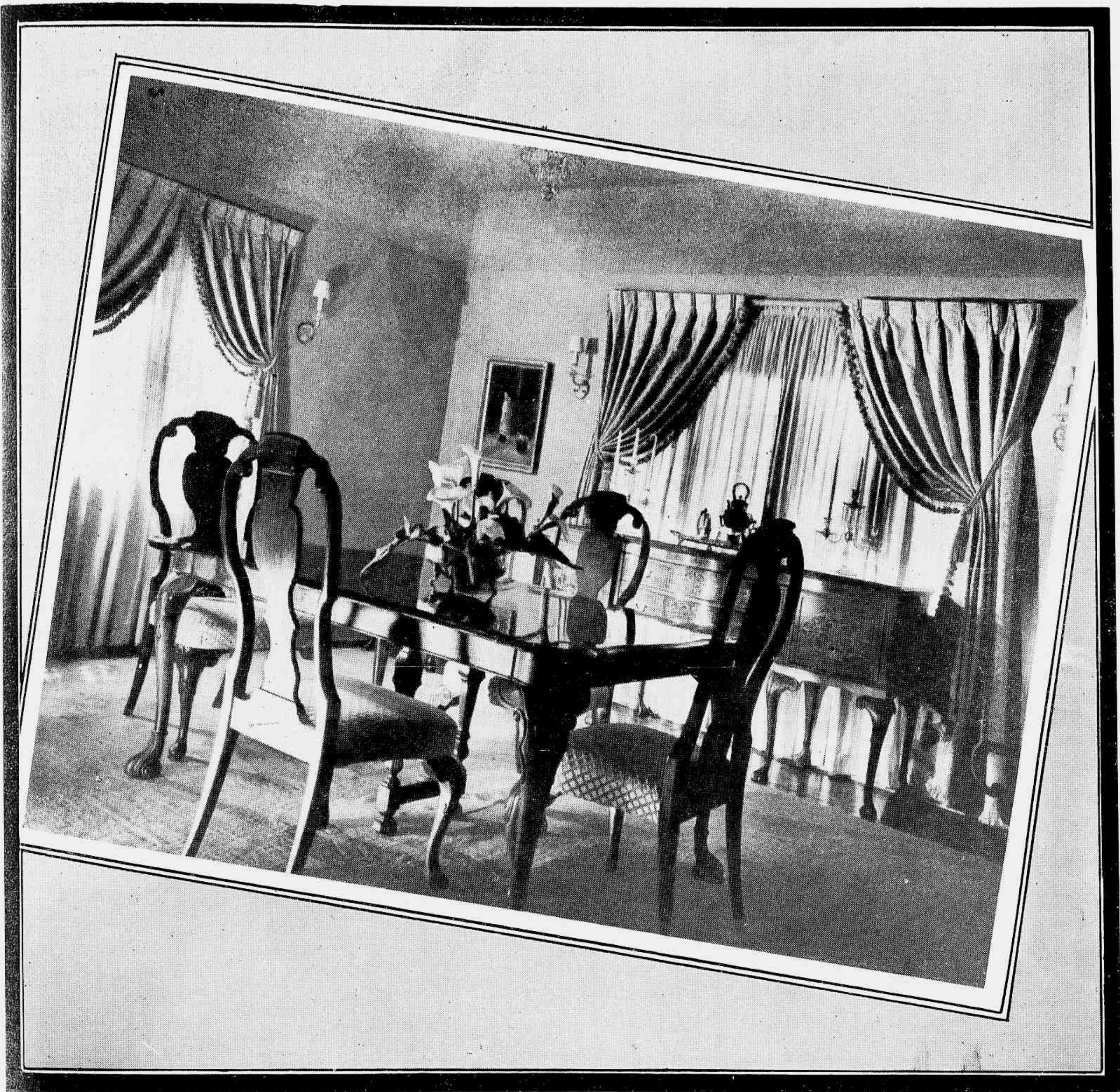
Tratei de provar-lhe que seu papai não podia intervir-se de nada, porque chegaríamos muito cedo.

— De qualquer modo, embora papai não saiba, fiz uma coisa muito ruim. Você bem que sabe, porém, não quer dizer. Não é verdade que uma menina bem educada não faria o que eu fiz esta noite?... Se minhas primas soubessem disto, elas que estão sempre desejando me apanhar em alguma falta!... Porém, não pense você... pelo amor de Deus, que fiz isto com má intenção. Sou muito estouvada... todo o mundo diz... porém, também dizem que tenho boa índole.

Ao proferir estas palavras, tinha-se-lhe ido enrolando a voz na garganta, até que começou a chorar desesperadamente. Custou-me muito trabalho acalmá-la, porém, afinal o consegui, elogiando-lhe o caráter e lhe prometendo gostar dela e respeitá-la sempre. Fez que eu jurasse uma dúzia de vezes que não pensava nada mais a respeito dela. Depois de enxugar as lágrimas recuperou a alegria e começou a falar pelos cotoveiros. Em poucos instantes me expôs uma infinidade de projetos cada qual mais absurdo. Na sua opinião, deveria apresentar-me no dia seguinte em sua casa e pedir-lhe a mão ao papai; o papai diria que ela era muito menina, porém, eu deveria replicar-lhe imediatamente que isso não tinha importância; o papai insistiria que era muito cedo, porém, eu lhe apresentaria o exemplo de uma tia, irmã da mãe dela, que estava brincando com bonecas quando lhe avisaram que ia casar-se. Que haveria de opor a este poderoso argumento? Nada, com certeza. Então nos casaríamos, e ato contínuo iríamos para Xerês, para que eu conhecesse suas amigas e seus tios. Que susto levariam todos ao vê-la pelo braço dum cavalheiro e muito mais quando soubessem que esse cavalheiro era o marido dela! Estava tão linda, tão graciosa que não pude deixar de pedir-lhe com veemência que me permitisse dar-lhe um beijo. Não foi possível. Nenhum homem a havia beijado até então; somente o primo lhe tinha dado um beijo à tração, porém lhe custou caro, porque lhe atirou dois copos de limão na cabeça; até nos jogos de prendas fazia que pusessem as mãos na frente, para não lhe tocarem o rosto com os lábios. Mas, quando estivessem casados, já seria outra coisa; então todos os beijos de que eu tivesse vontade, embora suspeltassem que não os pediria com tanto ardor como agora.

Já estávamos perto da casa dela. Os carros da gente que voltava das reuniões, ao passarem ao nosso lado, apagavam um pouco a voz de Teresa e a obrigavam a forçá-la um pouco. As estrelas, do alto dos céus, piscavam para nós, como se nos convidassem a gozar apressadamente aqueles momentos felizes, que não voltariam mais. Ao longe só se viam, como fogos fátuos, as lanternas dos "serenos".

(Cont. na pág. 47)



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CADIÇA - 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

NELSON

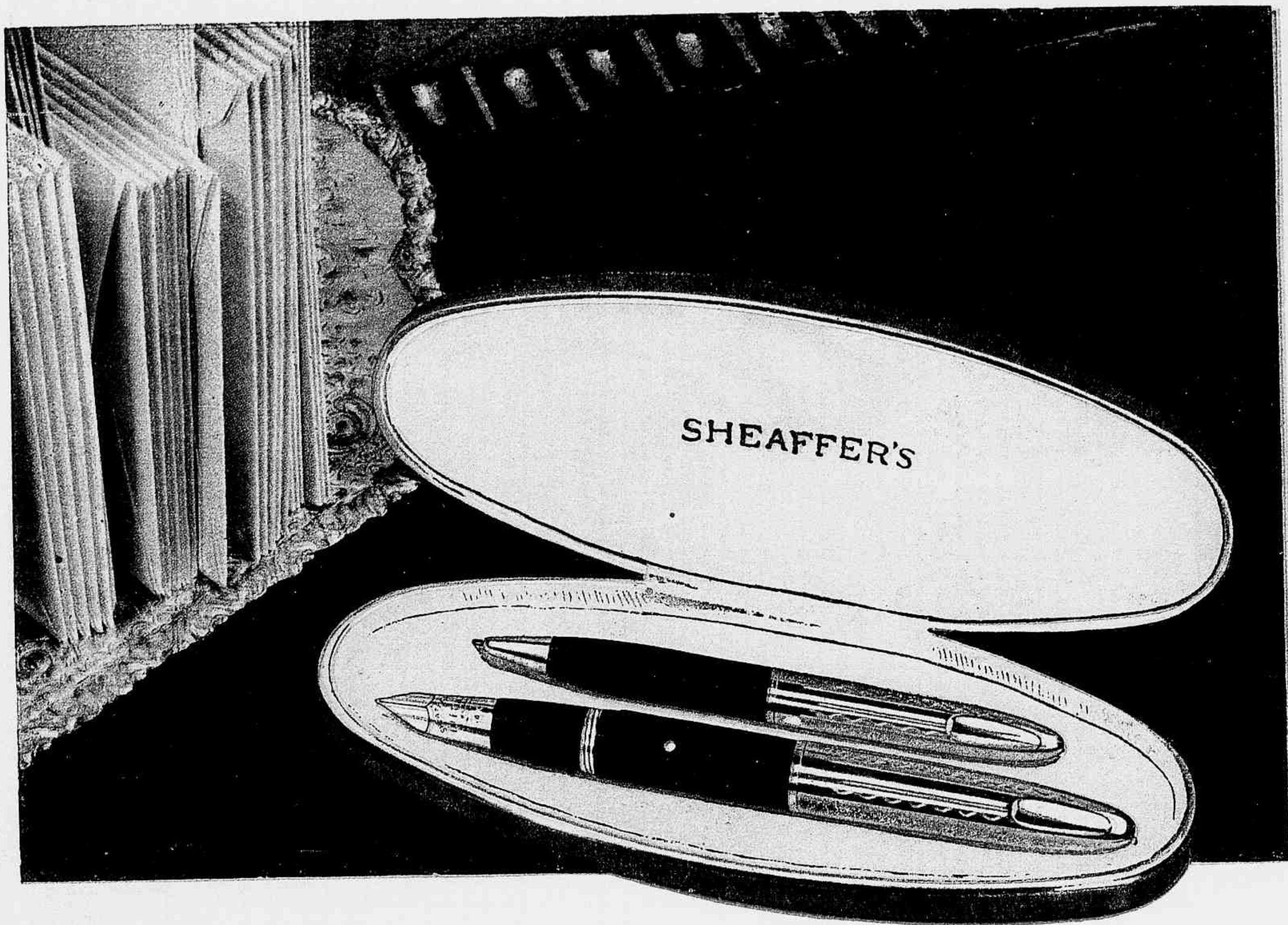
REVISTA DA SEMANA

N.º 12

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

20-3-48

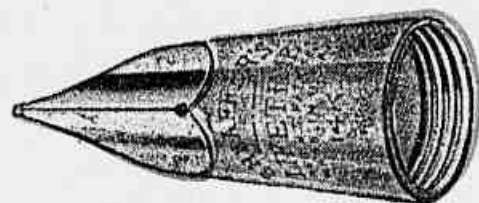




Ofereça o jogo de escrita sem rival: SHEAFFER'S Crest Deluxe

A PENA "TRIUMPH"

A pena cilíndrica, de ouro de 14 quilates, com ponta de irídio e flexibilidade para todos os estilos de escrita.



LAPISEIRA FINELINE

Com ponta de manga que reduz as quebras das grafites.



As canetas e lapiseiras SHEAFFER estão sempre à frente de todas as outras marcas, em qualidade e classe. Sua beleza de jóia rara é realçada por extraordinárias condições técnicas, cuidadosamente trabalhadas por artífices experimentados.

Milhões de entusiásticos possuidores de jogos SHEAFFER, jamais usariam outros instrumentos de escrita...

Ao escolher um presente que defina sua personalidade e discernimento, experimente uma SHEAFFER - caneta ou lapiseira. V. concordará que SHEAFFER não tem rival!

SHEAFFER'S CREST DELUXE:

Caneta: Cr\$ 525,00
Lapiseira: . Cr\$ 180,00
Jogo: Cr\$ 705,00

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

RIO: AV. PRESIDENTE VARGAS, 502-11.º ★ SÃO PAULO: ALAMEDA DINO BUENO, 212 ★ RECIFE: RUA DA CONCORDIA, 452 ★ PORTO ALEGRE: RUA DOS ANDRADAS, 894

A MULHER DA PRAÇA DAS BANDEIRAS

A mulher da praça das Bandeiras ficou receosa do caminhão que passara demasiadamente junto dela. Recuou. Pela fração de um segundo seu rosto adquiriu na emoção os traços da infância.

Tenho para mim que só eu vi a criança vir à tona da mulher madura... — "Fica quietinha, meu bem, para não tomar golpe de ar!" — Era isso que havia na expressão da mulher. Sobrepos-se à máscara adulta o rosto infantil preocupado com a recomendação materna em dia longínquo, quando ela saía do banho quente, os pés metidos em chinelinhas de pelúcia côr-de-rosa.

Não, não pode ser literatura minha. Aquêlê minuto de medo anulou para a criatura a fronteira dos dias. Eles recuaram, tal maré na vasante. E o princípio encontrou com aquêlê "mezzo del camin". As vagas vindas da infância invadiram as praias da maturidade. Por um segundo cobriram-na.

Foi tão fugitivo e emocionante!



Só eu, na praça das Bandeiras, vi a criança na mulher lerda e pausada que a vida havia plasmado com desinteresse. Nem ela própria soube do milagre operado. Depois daquele hiato continuaria a mesma senhora estereotipada:

— "Barbaridade! As cebolas estão por um preço!"

Não soube da visita da infância. Àquele segundo a alma espiou pelos interstícios das civilizadoras camadas superpostas. O medo afugentou os dias de escola e de amor. Afugentou o cotidiano aprendizado duro e hipócrita. Afugentou a crisma na igreja alva com as freiras em filas plásticas de drapejos negros. E as amigas e as confidências sob os plátanos. E o homem encontrado. E os dias de doença no leito da casa paterna. E a noite nupcial do hotel de Santos. E o nascimento dos filhos. E o gosto amargo do primeiro perdão. E o gosto podre do primeiro ódio. Afugentou as vigílias aflitas e as festinhas de aniversário com as velinhas dos bolos. Afugentou o bom, o mau, o banal, o glorioso, as renúncias e as vitórias, as capitulações, os recuos nos terrenos doloridos do amor próprio. Afugentou as horas todas daquela vida tão igual a tantas vidas, para chegar à menina pura e religiosa que saiu com suas chinelinhas de pelúcia côr-de-rosa da banheira esmaltada, na manhã de vivas claridades. — "Fica quietinha, meu bem, para não tomar golpe de ar!" — O medo do caminhão acordou a superstição distantíssima da recomendação materna. Pôs nos ombros o infantil agasalho de flanela (era tão macio e carinhoso!), pôs diante dos olhos o rosto da mãe, Dona de Todos os Segredos do Mundo...



Fixara-se naquela segurança, naquele equilíbrio, na mulher fincada na terra tal uma estaca. Os dias atiraram-na, dispersaram-na, conduziram-na longe do pórtio. Mas no momento fugidio ela procurou as amarras, ela renovou o milagre daquele amparo estendido subterraneamente, sob as águas da vida.

A mulher não soube da visita da infância. Foi só nos domínios do inconsciente que a mãe chegou junto dela e a tomou nos braços e disse que "uma menina bonita não vai para as correntes de ar quando sai do banho quente", e lhe deu o mingau de farinha na caneca de ágata e lhe deu o aconchêgo da morna presença...

A maturidade e a menopausa instalaram-se de novo na geografia da mulher. A inocência recuou. Fugiu. A mulher atravessou a praça difícil. Chegou do outro lado e, decerto, perdeu para nunca mais encontrar seu rosto de menina.

LEIAM

COLABORAÇÃO:

A mulher da Praça das Bandeiras (Helena Silveira)	3
Consequências de um perigoso casamento intelectual (Ruggero Jacobbi)	25

BIOGRAFIA:

A vida de Sibelius (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	32
---	----

CARICATURA:

Bom humor	14
-----------------	----

REPORTAGENS:

"Meu reino por um abridor de latas!" (Ney Machado)	6/9
Um filme nacional de glorificação dos jagadeiros	18/19
O segundo esforço do Teatro do Estudante	20/23
O mundo maravilhoso das crianças grandes (Herman Lima)	26/29

CONTOS:

A salada de agrião (Marnel Barcala)	10/11
Anastácio (Miguel de Unamuno)	16/17
Os Puritanos (Armando Palácio Valdés) ..	24
Um retrato de mulher (Vasconcelos Maia) ..	30/31

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	15
Música	42
Cancioneiro Internacional	45
Pelas estradas do céu	48

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	33
O espírito feminino através dos tempos ..	34
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	35
Mães e filhos (Zóia de Laet)	36
Muro das lamentações	37
Figurinos de Ana Zagorska	36/37
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) ..	38
Caixa de Ressonância (R. Magalhães Junior)	39

ILUSTRAÇÕES:

Orlando Matos, Abelardo Zaluar e Armando Pacheco.

NOSSA CAPA



Nossa capa apresenta hoje a simpática Martha Stewart, uma das mais novas "estrelas" da Twentieth Century Fox, companhia que a descobriu e lançou. Seu filme de estreia para essa companhia foi "Sonho de estrelas", ao lado de Carmen Miranda, Dennis O'Keefe, Vivian Blaine e Perry Como. Apesar de ter sido pequeno o seu papel, serviu para mostrar que Martha Stewart prometia. E esta promessa se realizou em sua nova película, "I wonder who's kissing her now", ao lado de uma outra revelação da Fox, o "astro" Mark Stevens.

a Semana em Revista

O GOVERNADOR OTÁVIO MANGABEIRA E O TEATRO



Recentemente, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que tão devotadamente se consagra à propulsão da nossa arte dramática, dirigiu ao governador do Estado da Bahia, o eminente sr. Otávio Mangabeira, um ofício solicitando-lhe que fosse reconstruído, em São Salvador, o velho Teatro de São João, que há vinte e cinco anos atrás pegou fogo e no qual perecera, quando assistia a uma representação, um dos pioneiros de nossas letras teatrais, o autor baiano Agrário de Menezes, hoje infelizmente quase esquecido. Durante mais de cem anos, o Teatro de São João esteve de pé, na capital baiana, para gozo de sua população, abrigando generosamente as companhias nacionais. Mas, desde que foi destruído por um incêndio, ficou a Bahia sem teatros, situação na verdade lastimável, para a capital de um dos nossos maiores Estados, com uma valiosa tradição cultural e histórica a zelar. O gesto da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais foi, pois, inspirado e oportuno, pois se dava no momento em que era divulgada a notícia de que na capital da terra de Ruy Barbosa ia ser construído um grande ho-

tel para estímulo ao turismo. E teatro? Nada? Expedido esse ofício, teve a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais não só o prazer de vê-lo rapidamente respondido, mas ainda o de ser informada, nessa resposta, de que o governo baiano, reconhecendo por si mesmo essa lacuna, havia tomado providências para a imediata construção de um novo teatro, na praça 2 de Julho, uma das mais importantes da cidade. O terreno já estava preparado para a construção e um dos arquitetos de maior prestígio da Bahia dava, naquele momento, a última mão ao projeto. O governador Otávio Mangabeira, antecipando-se a qualquer representação das associações profissionais, mostrou ser amigo do teatro e estar disposto a preencher aquela lacuna, — da qual, aliás, o grande escritor baiano Afrânio Peixoto se queixou em seu penúltimo livro, "Breviário da Bahia". Oxalá outros governadores de Estados onde também não existem teatros mas apenas cinemas, — e que cinemas! — em breve sigam esse exemplo. Há várias grandes cidades brasileiras, várias capitais que, desgraçadamente, não possuem teatro e que por isso mesmo se acham fora do roteiro normal das nossas companhias em excursão, cidades cujo público não conhece nem Dulcina, nem Procópio, nem Jayme Costa, nem Alma Flora, nem os Comediantes, nem o Teatro do Estudante, nem nada do que se faz no país em matéria de arte dramática, não por desinteresse de suas populações, mas apenas porque estas são castigadas pela indiferença e pela displicência de certos homens públicos.

SUICÍDIOS POLÍTICOS



Mais um suicídio político acaba de abalar o mundo, repercutindo em todos os países civilizados através do noticiário da imprensa. Esse suicídio, que foi o do antigo ministro das Relações Exteriores da Tchecoslováquia, Jan Masaryk, filho do homem que se pode chamar de fundador da nacionalidade checa, o grande presidente Masaryk. Jan Masaryk era um estadista de cujo patriotismo não se podia duvidar, um democrata sincero, que lutou ao lado de Eduardo Benes, com a máxima energia, contra os dominadores alemães. Ainda há pouco tempo representara o governo de Praga, na assembleia geral da ONU, de que o sr. Oswaldo Aranha, delegado do Brasil, fora presidente. Foi um suicídio político diferente de outros que se verificaram há bem pouco tempo, — os de Hitler e Eva Braun, de Goering, etc. Foi o suicídio de um homem que tinha esperanças de paz, que sonhava para sua pátria um futuro tranquilo, na convivência das nações vizinhas, depois das imensas provações da recente guerra, de sofrimentos como o do massacre de Lidice, por exemplo. Não foi o suicídio de um

chefe fascista depois de ver esboçados seus loucos sonhos de conquista e tendo recebido a punição dos democratas. Ao contrário, foi um democrata que não quis, de novo, viver sob o tacão diretista, sob a pressão de uma grande potência que não cessa de influir na vida das nações vizinhas, de preponderar sobre as pequenas repúblicas sem capacidade de reação. Jan Masaryk viu que, com a capitulação de Eduardo Benes à influência soviética, com a ascensão de um primeiro ministro comunista ao poder, tudo ia mudar no seu país. A democracia submergiria e iria ser substituído, em seu lugar, o regime do partido único, da violência, da coação, — em suma, um regime que nenhuma diferença apresentaria em confronto com aquele que anteriormente tanto combatera. Mas, desta vez, não só as esperanças de resistência eram menores, como suas próprias forças estavam combatidas pela idade, pois passara dos 60 anos. Inclinar-se-ia ao partido único, em que as minorias não têm voz, em que a tirania se acerca em nome de um grupo que não permite objurgatórias, — numa negação de todo o seu passado democrático? Ou fugiria para o estrangeiro, se pudesse escapar ao "expurgo" que, necessariamente, seria feito contra os não-comunistas? Sua solução foi outra, — a do suicídio. Solução que os cristãos desaprovam, mas que não deixou de ser um epílogo digno para uma vida digna.

REPRESSÃO AO CONTRABANDO



O comércio do contrabando é um dos mais antigos do mundo. Esse mal se agrava e se alastra quando encontra condições fiscais convenientes, quando descobre vícios e fraquezas dos responsáveis pela sua repressão. Como somos portadores justamente de todos esses defeitos que contribuem para o incremento do contrabando, o porto do Rio de Janeiro tornou-se um dos pontos de mais fácil acesso para o recebimento secreto dessas mercadorias. No ano passado focalizamos o assunto em uma reportagem, mostrando a quantidade e a diversidade de objetos apreendidos anualmente pelos fiscais da Alfândega. Vinhos, cosméticos, cigarros, remédios, fazendas, joias, relógios, enfim tudo o que importamos às claras, tem o seu substituto no comércio contrabandeado. Demos há pouco, na seção "O Mundo Marcha", a quantia correspondente à venda das apreensões efetuadas pela Alfândega e a Polícia Marítima no decorrer do ano passado. Uma quantia que ultrapassava a casa dos milhões. Entretanto, essas apreensões constantes de mercadorias não indicam que se esteja combatendo eficazmente o contrabando. Indica ao reverso, que o comércio das sombras está

prosperando, pois o que os poucos fiscais conseguem apreender não representa um décimo da mercadoria entrada às ocultas. De posse desses dados, as repartições competentes deveriam ter melhorado de há muito a sua forma de combate a tal comércio, aumentando o número de fiscais, o número de lanchas para as batidas na baía e multiplicando os postos permanentes de observação. Ao que sabemos, só existe um posto permanente de espiã aos descarregamentos em alto mar. Fica localizado no terraço do edifício de "A Noite". Declaramos o lugar, porque ele já é por demais conhecido dos contrabandistas da cidade. Sem que esta providência seja tomada, continuarão indefinidamente os prejuízos que o contrabando acarreta. Furta o país, que não recebe os impostos alfandegários e rouba o comércio legalizado, com a concorrência desleal aos seus produtos. Enriquece meia dúzia, trazendo um prejuízo direto a milhares de pessoas. Num programa de economia para a Nação, preconizado pelo presidente Dutra, não se pode desprezar uma prática abusiva que faz todos os anos um rombo em nossa arrecadação aduaneira. A polícia pode também ajudar a combater o desenvolvimento do contrabando, realizando uma campanha enérgica contra os vendedores ambulantes de cigarros americanos contrabandeados, perfumes, "cremes de limão" e outras miudezas. O oferecimento franco e impune de mercadorias norte-americanas em nossas principais ruas e avenidas chega a ser uma afronta à polícia responsável pela proibição do comércio clandestino.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 12 — 20-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décima das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5692

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613 — 2º andar, sala 217. Telefone 6-6718

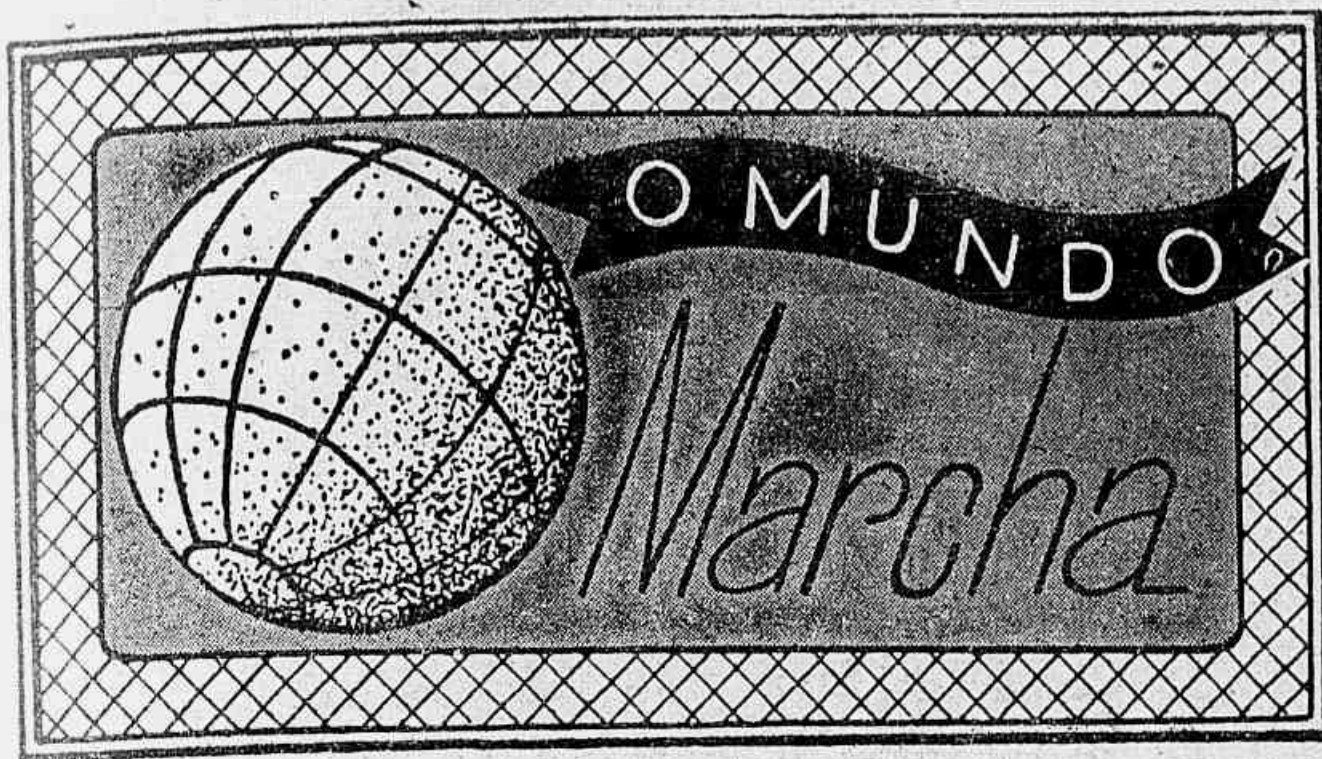
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.ª dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



PARA variar começaremos a nossa seção semanal com uma notícia que nos enche de orgulho: anuncia-se que a maior descoberta de 1948 no terreno da física nuclear é de autoria de um jovem cientista brasileiro, o professor Cesar Lattes, de 23 anos de idade, formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo e com estudos especializados de física nuclear na Inglaterra e nos Estados Unidos. Cesar Lattes conseguiu produzir no ciclotron o "meson" artificial, partícula sub-atômica, intermediária entre o próton e o elétron. Cesar Lattes candidatou-se automaticamente ao Prêmio Nobel de Física e consagrou no mundo científico o nome do seu desconhecido país. Apesar dos pesares também o Brasil marcha... O Congresso Norte-Americano aprovou a verba de duzentos milhões de cruzeiros para combater o câncer. É oportuno lembrarmos que entre nós a luta contra o mal está no seguinte pé: o arcabouço do hospital semi-construído na Praça Cruz Vermelha, que será o Hospital Nacional de Cancerologia, continua abandonado na quinta ou sexta laje há mais de dez anos... Em São Paulo o médico Hamilton Gonçalves, que se diz especialista em cirurgia plástica, tentando fazer desaparecer uma pequena cicatriz no rosto da senhora Belmira Prado, provocou-lhe uma série de úlceras cancerosas na face, tornando-a quase um monstro... Os imigrantes europeus escolhidos pela nossa Comissão de Seleção como "agricultores", estão abandonando em massa as fazendas e fugindo para as cidades. Apesar disso, fala-se que nova leva desses maravilhosos "colonos" estão de partida para o Brasil... O médico russo Boris Berkman anunciou ter descoberto uma substância extraída de certas plantas — que faz retardar o envelhecimento da nossa espécie. Um antídoto, em plano diferente, do que promete a bomba atômica... Os colégios do Distrito Federal insistem no aumento das anuidades, embora fosse o mesmo considerado ilegal pelo ministro da Educação... O grande cabo de guerra norte-americano, general Douglas Mac Arthur, decidiu-se a fazer política. Candidatando-se à presidência do seu país, seu "slogan" é este: "Ou eu ou Stalin". Suas possibilidades crescem à medida que o expansionismo russo avassala a Europa... O primaz da Espanha, cerdeal Enrique Daniel, proibiu que os padres de sua arquidiocese assistam aos jogos de futebol. Segundo o cardeal, os sacerdotes estão "torcendo" em excesso... O presidente Eurico Dutra pretende, valendo-se de lei especial do Congresso, outorgar maiores poderes à CCP, afim de que esse organismo controlador possa melhor cumprir a sua missão. Nossos aplausos, general. Mas cuidado com os homens que designar para membros da nova CCP... Continua em mistério o "Crime da Machadinha", cuja novela já se acha à venda nos engraxates a um cruzeiro o exemplar. Se tudo correr bem, daremos o resultado na próxima semana. Terá sido Aracy? Ou foi Abel que se "suicidou"? A "Light" (Carris, Telefone e Gás) continua firme no seu propósito de aumentar as tarifas telefônicas. Ao que se diz, pretende cobrar por ligação feita, a razão de quarenta centavos, nos aparelhos particulares, e um cruzeiro, nos aparelhos de casas comerciais. Senhor prefeito, acuda-nos! Prepare desde já um despacho semelhante aquele em que cortou as pretensões da Light na questão do aumento das passagens dos bondes... No Estado de Iowa, Estados Unidos, oito mil camponeses tiveram um rendimento anual maior que o do seu governador. O paralelo e os comentários ficam por conta dos leitores... Os "comandos sanitários" em Nova York continuam rigorosíssimos. Entre as penalidades impostas aos donos de restaurantes encontrados em precárias condições de higiene, figuraram prisões e multas de quinhentos dólares (dez mil cruzeiros)... O sr. Hugo Borghi pediu demissão do cargo de Secretário da Agricultura do Governo de São Paulo. Parece que não gostou dessa "marmita"... A União Nacional dos Estudantes está em apuros para resolver a crise surgida em seu seio, motivada, segundo uns, pela "Passeata da Fome" (não realizada) e, segundo outros, por estudantes com tendências comunistas. Os senhores Pizarro Jacobina e Jovian Caldas Magalhães, ex-funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, são acusados de um desfalque de dois milhões de cruzeiros, desviados durante o trabalho de ambos naquele departamento... O partido do presidente Perón ganhou com boa margem as eleições para a Câmara de Deputados da Argentina... Notícias de São Paulo dizem que a UDN, o PSD e PR estão colhendo provas para apresentar dentro em pouco um projeto de "impeachment" jurídico-constitucional contra o senhor Adhemar de Barros. Depois de tantos esforços para a pacificação do Piauí, surge agora o caso da terra do café... O prefeito do D. Federal, em entrevista coletiva, informou que este ano vários jardins públicos serão transformados em "playgrounds". E por que não piscinas populares também? Lembramos que esse seria o fim justificável do Campo do Russell e do terreno baldio da Avenida Passos, atualmente ocupados por barulhentos e exploradores mafusos... Anunciam que continua produzindo ótimos resultados o anti-biótico descoberto pelo professor Oscar Pereira, de Porto Alegre, para cura de tuberculosos. Diz-se que o preparado é extraído do agrião e o primeiro grupo de doentes submetidos ao tratamento no Sanatório Belém teve alta, completamente curado. Será mesmo verdade, ou mais uma ilusão?... A estação teatral no Rio continua com grande sucesso ou mais uma ilusão?... A apresentação de "A Pequena Catarina" no Serrador, por Bibi Ferreira, "A Castro" no Fenix, pelo Teatro do Estudante, "O Tigre", no Glória, por Jayme Costa, etc. E Dulcina e Odilon estão prestes a estreiar, no Regina, com "Águia de Duas Cabeças". Por hoje é só... e até sábado, na Aleluia...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

UMA NOVA SEÇÃO DE "REVISTA DA SEMANA"

TENDO enriquecido recentemente o seu texto com várias seções de grande interesse para os seus leitores, REVISTA DA SEMANA inicia, a partir deste número, mais uma coluna de informações atualíssimas, referentes aos progressos da aeronáutica mundial. Pátria de precursores da aviação, como Bartolomeu de Gusmão e Santos Dumont, a aviação está atualmente logrando entre nós tal desenvolvimento que não se justifica a indiferença dos grandes jornais e revistas ao movimento aeronáutico nacional e mundial. REVISTA DA SEMANA, antecipando-se às demais publicações, resolveu criar a coluna que hoje começa a publicar, entregue aos cuidados de um novo colaborador, E. de Oliveira Magalhães, voltado para os fatos de capital interesse do movimento aviatório. "Pelas estradas do céu" é o título da nossa coluna semanal de aviação, — que, esperamos, constituirá mais uma fonte de interesse para os leitores de REVISTA DA SEMANA.



Uma concepção à moda de Salvador Dalí do que é o pesadelo que as donas de casa do Rio experimentam, mesmo quando acordadas, na era do abridor de lata. Para que as cozinheiras não se enganem no tempêro é necessário que aprendam a falar inglês, porque a maioria dos enlatados nos vêm dos Estados Unidos. Talvez seja por isso que exijam ordenados de 500 e 600 cruzeiros. Posou gentilmente para esta foto surrealista a artista teatral Iracema Vitória, uma das "estrelas" da nova companhia de Chianca de Garcia.

"MEU REINO POR UM ABRIDOR DE LATAS!"

"Meu reino por um abridor de lata!" — é a exclamação de todos os caricos, (e talvez de todos os brasileiros), neste momento dramático de nossa existência. Todos nós parodiávamos o rei Ricardo III, da Inglaterra, na hora de sua derrota, — mesmo porque, para nós, brasileiros, este momento representa o das batalhas perdidas: as da produção e do abastecimento.

Quando sairá o Brasil do rôl dos países incapazes de proverem sua subsistência, em matéria alimentar? A resposta é difícil. Estamos sempre importando mais do que exportamos, e a diferença contra nós vem aumentando geometricamente. Quando colônia de Portugal, importávamos de lá quase tudo: vinhos, tecidos, ferramentas, bacalhau, Camões e religião. Mais tarde giramos na órbita da França. Importamos alguma coisa da revolução francesa, os "Direitos do Homem", perfumes, modas, anedotas galantes e certo refinamento.

Chegamos até a importar francesas, logo após a guerra de 78. Com a Europa enfraquecida após a guerra de 1914, e quase destruída com a última, passamos a procurar o que comer, o que vestir e outras coisas, no mais novo centro de gravitação mundial: nos Estados Unidos. De lá, agora, nos vem tudo: a moda de aprender inglês para compreender as placas dos filmes, os ensinamentos políticos, as máquinas, os aviões, os canhões, a técnica militar, os perfumes e até o feijão. Sim, porque as famílias elegantes do Rio e de outras cidades cosmopolitas do Brasil não se dão mais ao trabalho de preparar em casa o tradicional prato nacional. Até o feijãozinho é agora "made in U.S.A."... Apenas

ENQUANTO FRACASSAM OS NOSSOS "TÉCNICOS" NA BATALHA DA PRODUÇÃO E DO ABASTECIMENTO, O BRASIL É INVADIDO PELAS CONSERVAS ESTRANGEIRAS — UM DOCUMENTO IMPRESSIONANTE DA NOSSA INCAPACIDADE — PESADELO DE UMA TARDE DE VERÃO SEM SONO...

Reportagem de
NEY MACHADO

não é feijão, mas "beans". Ou, melhor, "baked beans"...

A BANCAROTA DO "PAÍS ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA"

Não iamos muito mal, cuidando da nossa lavoura, até 1920. Propendemos, então, para a monocultura do café vindo o desastre de 1929. Depois, outras culturas foram aparecendo, como a do algodão, da mamona, do babaçu, do arroz e outras mais. Homens novos de um governo novo acharam que já viveríamos muito tempo como país agrícola. Era necessário modificar, "fazer máquinas que fabricassem máquinas", exportar ferro, laminados e até — por que não? — aviões feitos cá em casa. Surgiram assim a Usina de Volta Redonda, a Fábrica Nacional de Motores e outros empreendimentos. O resultado dessa transformação sem repercussão importante, sem nada de decisivo até agora, foi o seguinte: os lavradores foram quase abandonados aos gafanhotos e à concorrência dos empregos fabris, que atraíram para as cidades grandes levas de

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

trabalhadores agrícolas. As roças foram aos poucos morrendo. E, hoje em dia, o cidadão da cidade que quiser comer tomates, ervilhas, espinafres e outras coisas, que as compre enlatadas do exterior. Deixamos de ser um país agrícola, sem termos conseguido ser um país industrial.

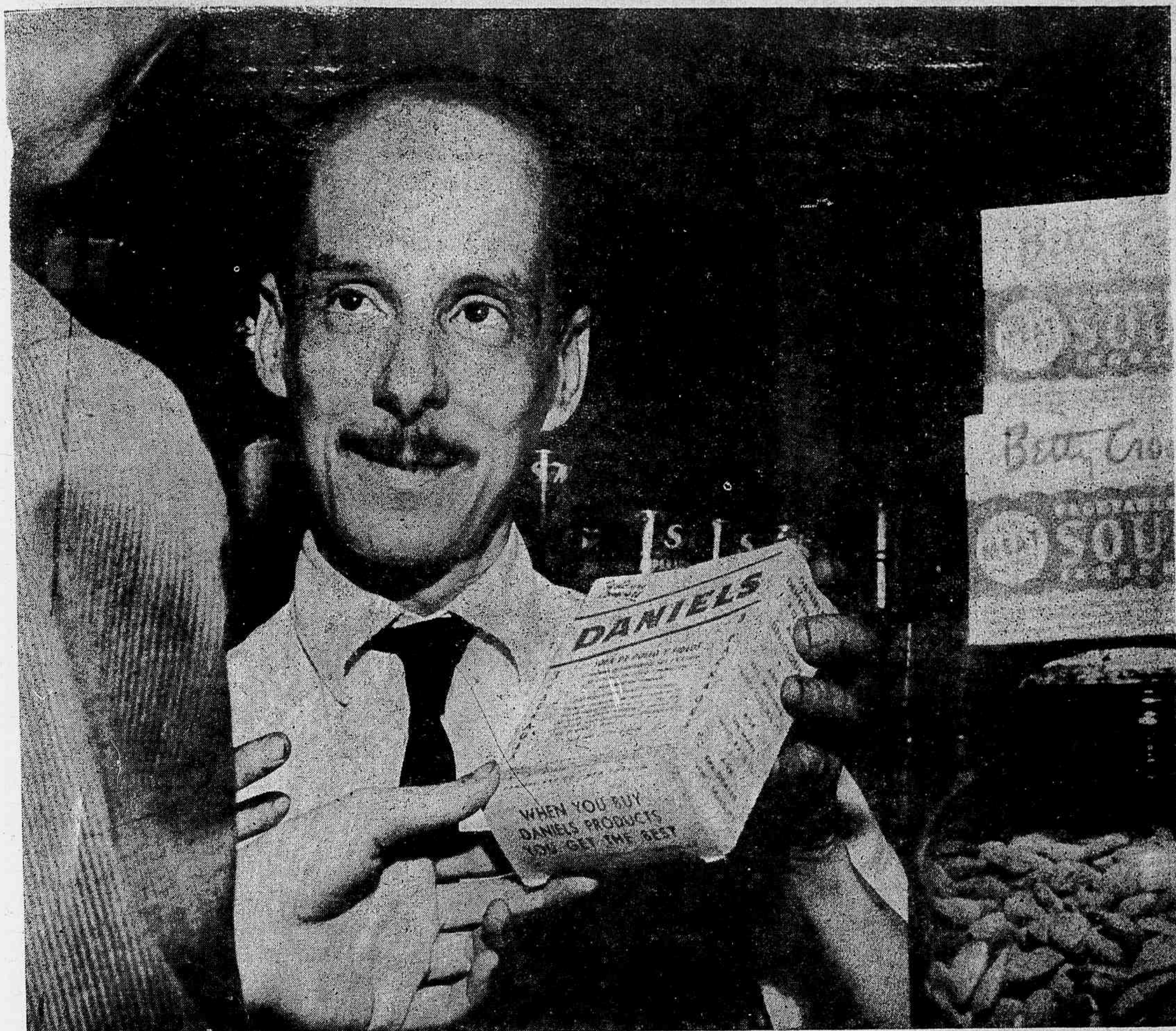
IMPORTAÇÃO DE ERVILHAS E SEMEADOURAS

A prova de que tudo isso aconteceu são os números alarmantes das estatísticas nestes últimos anos. Vamos examinar, por exemplo, o que aconteceu em 1947. Até dezembro tínhamos importado dos Estados Unidos nada menos de trinta milhões de cruzeiros de ervilhas enlatadas, — que podemos e devemos produzi-las aqui. Em igual período trouxemos da América do Norte para os nossos campos de lavoura algumas sementeiras, cujo custo total não alcança a casa dos dois milhões e quinhentos mil cruzeiros. Importamos doze vezes mais "petit-pois" para os indispensáveis "medallions au maître d'hôtel"

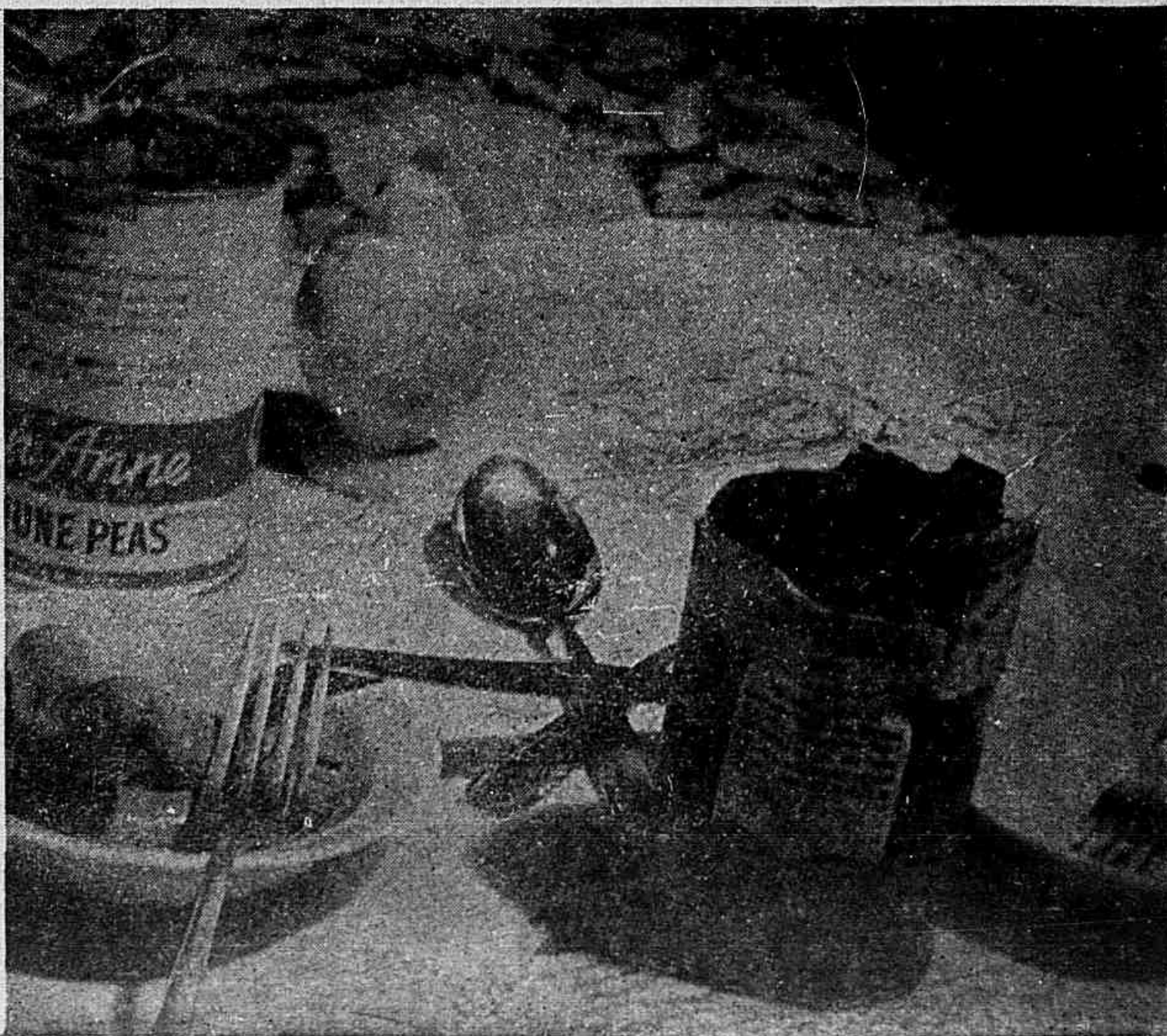
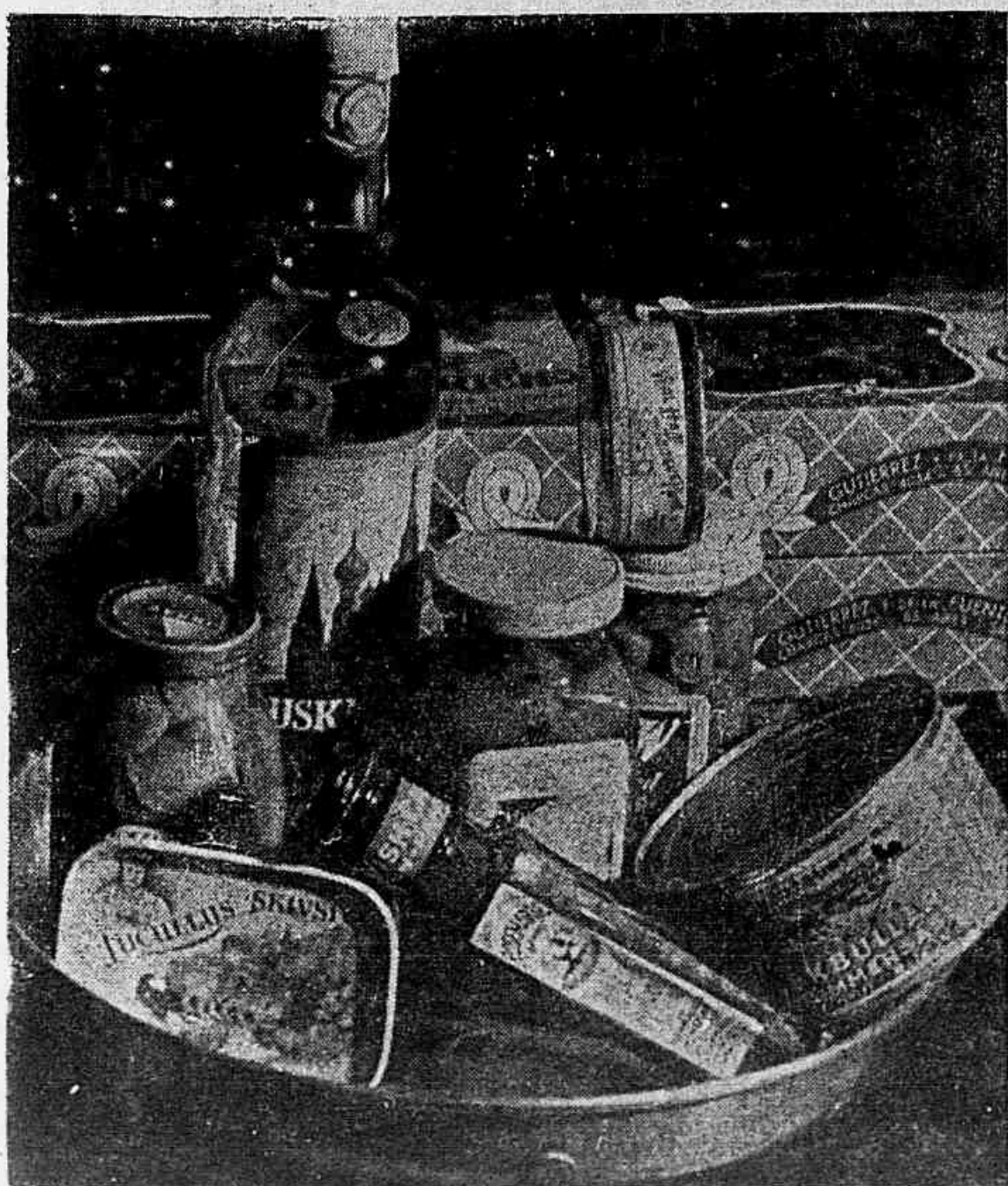
do que sementeiras para plantar as nossas ervilhas. Não é só com estes dois produtos que esse contraste é de estarecer. No mesmo ano de 1947 nós importamos de "whiskey", de diversas marcas, a fortuna de vinte milhões de cruzeiros. Nesse mesmo ano, importamos apenas dez milhões de cruzeiros de arados! A metade do que se bebeu em "whiskey", foi a quantia que os nossos técnicos acharam suficiente para dotar a lavoura de máquinas essenciais ao nosso desenvolvimento agrícola! Além dos vinte milhões de cruzeiros de "whisky", importamos ainda trinta milhões de bebidas diversas, catalogadas dentro das espécies de aperitivos, quinquinos e genebra. Até parecemos uma nação de bêbados inveterados... De cerveja importamos em 1947 — dos Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, etc. — vinte milhões de cruzeiros. Temos, por conseguinte, um total de bebidas alcoólicas importadas que atinge a sessenta milhões de cruzeiros. Enquanto os lavradores procuram nas cidades do interior um banco que lhes financie a compra de um modesto arado, os "tubarões" da cidade nadam em gin, vinhos, champagnes e outras "perfumarias".

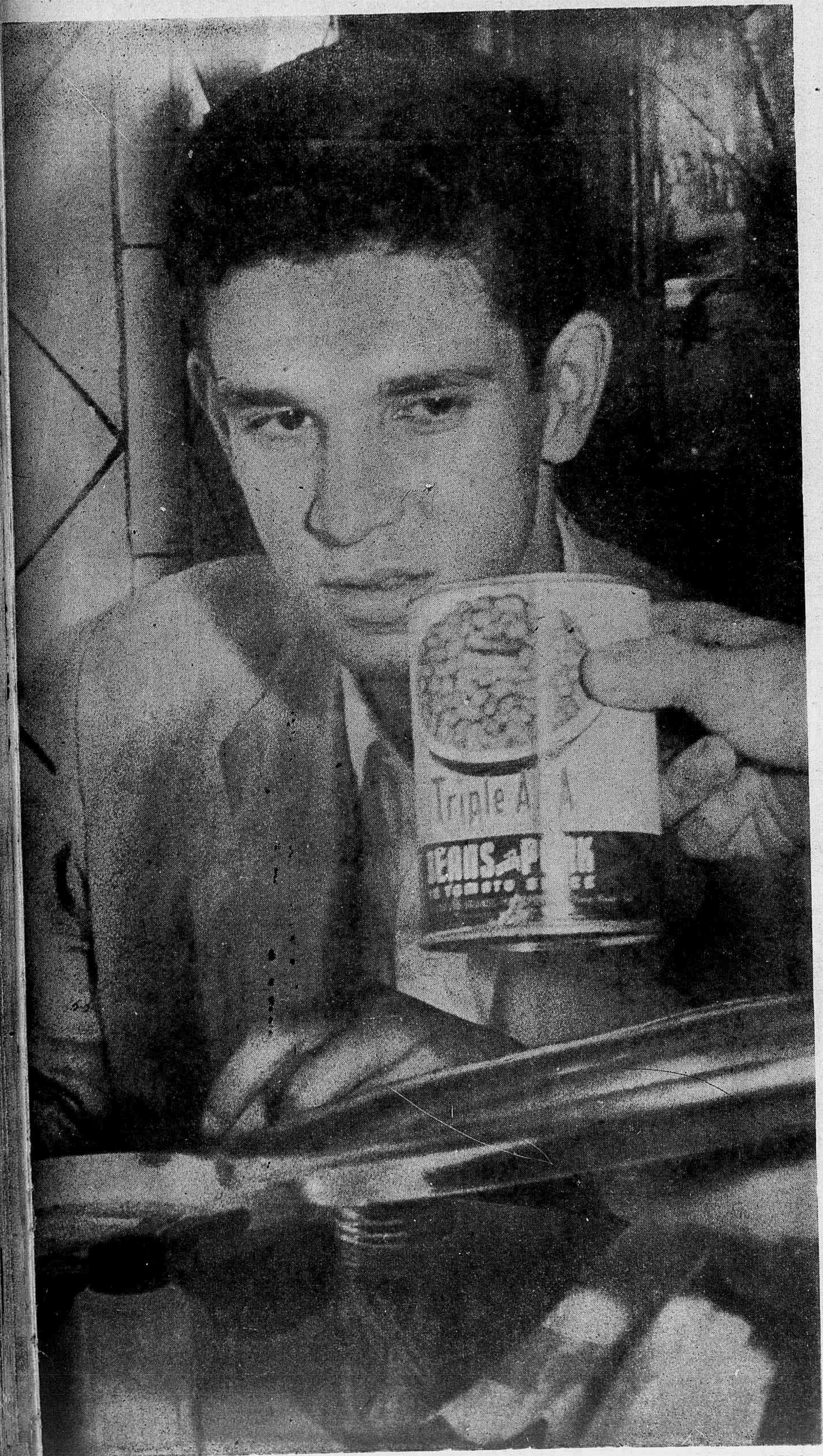
FRUTAS QUE TAMBÉM VEM DE FORA

Os armazéns do Rio, com especialidade as das zonas granfinas, perderam o seu tradicional aspecto, com as carnes salgadas penduradas nas tábuas dos caixotes, os depósitos simétricos onde guardavam o arroz, o feijão e outros cereais. Também as quitandas estão perdendo a fisionomia característica. Em vez de legumes verdes empilhados nas prateleiras, vê-se neles uma infinidade de latas com



Em cima: um empregado de uma mercearia carioca (eles hoje precisam passar pela Escola Berlitz...) mostra ao repórter a última novidade: canja de galinha em pacotes. Na foto de baixo, à esquerda, uma reunião de produtos alimentícios vindos dos mais distantes países: água-vita, ou aguardente, da Checoslováquia, pimenta da França, azeitonas da Grécia, peixes salgados da Noruega, azeite da Itália, "pickles" dos Estados Unidos, etc. A direita, em baixo: o tradicional bife com batatas dos boêmios cariocas está sendo convertido agora em salsichas com "petit-pois"... Triste mudança...





dizeres em inglês, alteando-se pelas paredes. Para ser calxeiro de quitanda, é necessário o curso Berlitz. Essas latas são substitutas dos legumes frescos nacionais, que não existem! Até o mostruário de frutas está se desnacionalizando. A banana já é quase coisa rara. Durante o ano todo vendem-se peras e maçãs argentinas. Uvas, pêssegos e ameixas da Califórnia, ou da Espanha, Portugal, ou da pátria de Peron. E com uma grande vantagem — sejamos francos — São muito mais baratas que as nacionais. Enquanto a manga plantada e colhida no Distrito Federal é vendida a quatro cruzeiros cada, a pêra argentina custa quatro vezes menos. A banana é fruta de gente rica e o castigo do "pão e banana" é regime de muita gente da sociedade.

A ERA DA LATA

Passamos uma tarde inteira importunando o nosso amigo Lauro de Castro, do Departamento de Estatística do Conselho Federal do Comércio Exterior. Centenas de fichas foram examinadas para que pudéssemos colher dados precisos para a reportagem. Chegamos, positivamente, à era dos alimentos enlatados. Para nosso mal, nem sempre são as nossas fábricas que enlatam os cereais e legumes que vão para a mesa. A maioria absoluta, compacta, dessas latinhas, vêm tôdas de fora e o nosso dinheirinho segue o caminho inverso. Até da Guatemala importamos banana em lata! Certas importações são absurdas. Não compreendemos a necessidade delas. Na parte referente à compra de alhos, por exemplo. Todo o mundo sabe que no interior de quase todos os Estados do Brasil, as résteas de alho custam baratíssimo. Pois bem, ainda assim, importamos em 1947 mais de cinco milhões de cruzeiros de extrato de alho. Será que as empregadas não querem mais ter o trabalho de esmagar os dentes de alho nas panelas? No que se refere a batatas a importância que remetemos em ouro para o estrangeiro é de pasmar. Importamos, principalmente da Holanda, quase cinquenta milhões de cruzeiros desse tubérculo! Nesse mesmo período importávamos dos Estados Unidos e Inglaterra quarenta e seis milhões de cruzeiros de tratores. Mas, afinal, para que abrir estradas para o interior? Brevemente nós não plantaremos mais nada, não cultivaremos coisa alguma e, portanto, não haverá tanta mercadoria a transportar do interior para o litoral... Só as latas, daqui para lá! Nessa data, que não deve estar muito longe, sentiremos saudade daquele xingamento anacrônico que dizia: — "Vá plantar batatas!". Plantar p'ra que, se tudo já vem enlatado, ensacado, condensado, desidratado e congelado dos países de além-mar?

NOCAUTE NA NOSSA INDÚSTRIA ENLATADA

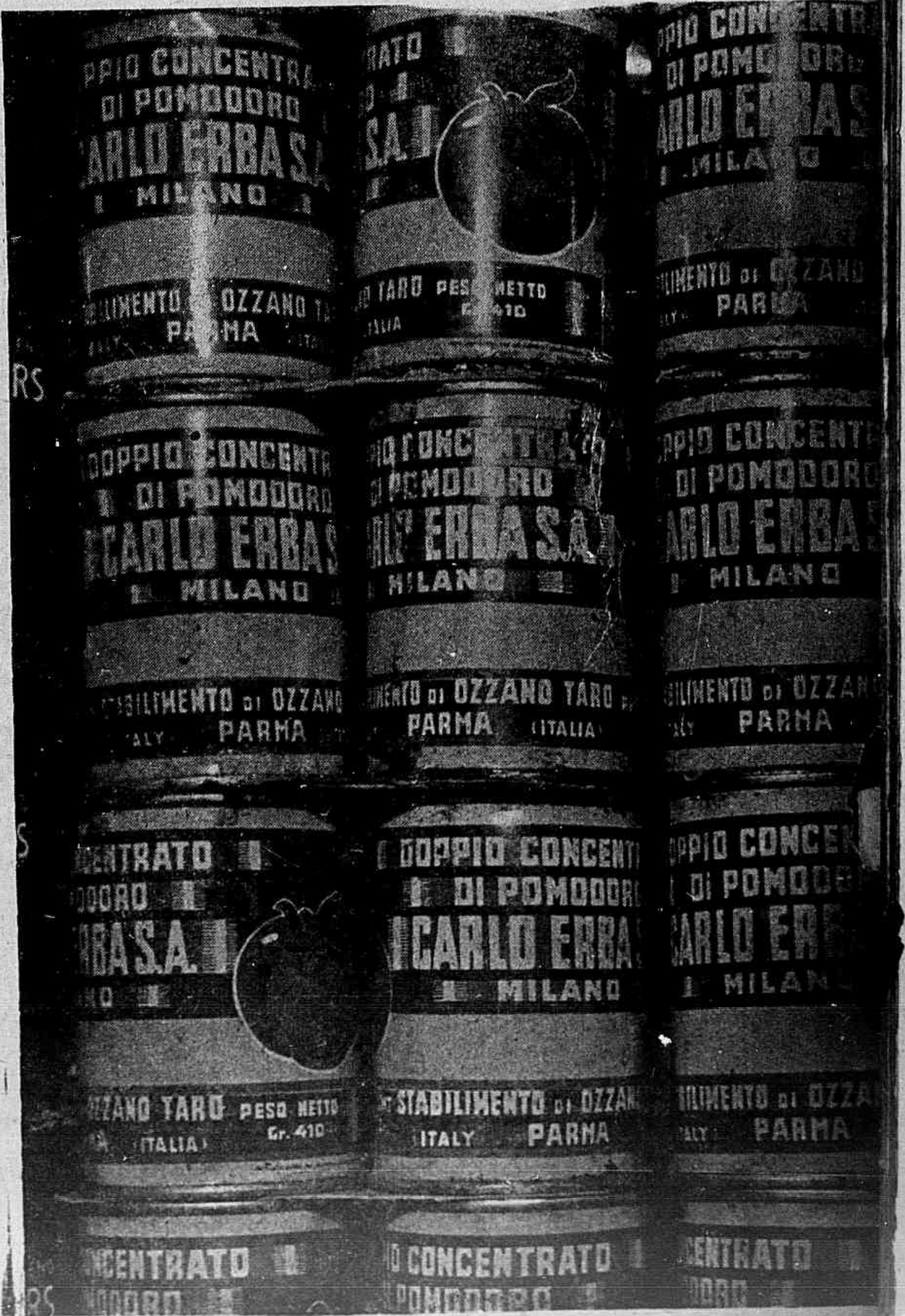
O pior desta situação é que a nossa indústria enlatada não pode concorrer com a sua congênera norte-americana. Uma lata de ervilhas que nos chegue dos Estados Unidos é vendida no varejo a cinco cruzeiros. Uma de ervilhas nacionais da mesma qualidade, com peso idêntico ao da sua rival estrangeira, custa-nos o dobro.

O industrial norte-americano contenta-se com seis por cento de lucro no preço de venda do seu produto em nosso país. O industrial brasileiro e o comerciante que vende a mercadoria fazem um lucro de, no mínimo, vinte e cinco por cento em cada lata. Com essa desproporção, a nossa indústria de alimentos enlatados, dificilmente conseguirá superar a competição estrangeira. Não somos partidários do protecionismo, do encarecimento. Deus nos livre! Foi o que nos disseram vários comerciantes. Anos atrás as prateleiras viviam abarrotadas de produtos indígenas. Precisamos, entretanto, tomar juízo, criar vergonha, corar um pouco diante de cada uma dessas pirâmides de latas, que são zombarias mudas à nossa antiga fama de "país essencialmente agrícola"...

O freguês queria comer feijão à brasileira. — Impossível — disse-lhe o garção — o feijão preto está difícil. Temos agora uma novidade: "baked beans", — feijão com açúcar, enlatado. — "Cerveja? Nacional não temos. Está em falta. Mas temos cerveja norte-americana, também enlatada".



Latas, latas, latas! Os nossos armazens e quitandas estão tomando nova fisionomia. Não mais cereais e legumes frescos nas prateleiras. Agora é a era da lata e quase tudo o que comemos nos vem de fora, empacotado ou enlatado. E o pior é que a nossa indústria parece que não quer concorrer com as rivais estrangeiras.



A SALADA DE AGRIÃO

Conto de MARNEL BARCALA

(Premiado no Concurso Permanente de REVISTA DA SEMANA)

ZEFERINO Duarte, um pacato empregado público, seguidamente ouvia admoestações de seus parentes por continuar solteiro, ligado a uma mulher que abandonara o marido.

— Você precisa casar, pôr-se em dia com a sociedade, — advertiam-no.

Embora não desprezasse as razoáveis ponderações que lhe faziam, não via ele, contudo, inconveniente em permanecer oficialmente sem mulher.

Contava Zeferino trinta anos, porém aparentava mais idade, tão apegado era a hábitos que seu espírito conservador sugeria. Vivia discretamente com Helena, uma morena de cabelos negros como antracite e olhos côr de azeitona. Casada com um mulatão desempenhado e medido a desancar na mulher os pranchaços que na rua não se atrevera a desferir. Helena abandonou-o um dia e, depois de tentativas inúteis para ganhar a vida sem experiências amargas, juntara-se a Zeferino.

Os dois se entendiam.

— Se gosto de você? Claro! E cada vez mais. O que quero é sossego, — protestava ela a Zeferino, incapaz de compreender como criatura tão sedutora se prendesse a ele, encurvado, nariz adunco, cara amarela e descarnada.

— E se um dia eu casar — que vais fazer?

— Hei de arranjar-me. Conseguirei um emprego, — respondeu ela com sincera mágoa.

Zeferino encontrava sempre roupa lavada e passada, comida, café, escaldapés, tudo a tempo e hora. A mulherzinha esforçava-se por ser uma boa dona de casa.

Metódico e em tudo equilibrado, tendo lido num almanaque que o agrião era um poderoso tônico para os pulmões, viu no agrião a esperança contra os temores que sua deprimida caixa torácica lhe infundia.

— Que sorte se pudessemos ter salada de agrião todos os dias, — observou ele.

— Deixa que hei de arrumar, — prometeu ela.

E no dia seguinte e nos que se lhe sucederam não faltou salada de agrião.

— Mas, como é que você faz para termos salada de agrião todos os dias?

— Ora! Quando a gente quer, tudo se arranja.

E o comedido Zeferino cada vez mais se convencera de que nada o faria mudar o rumo de sua vida.

Uma noite, porém, numa festa, Zeferino deixou-se cair nas graças de uma morena que, por coincidência tão ao sabor de seu conservantismo, era em tudo parecida com Helena. Ele fez menção a um gracioso sinal marcado no queixo da moça e ela gabou-lhe seu ar de respeitabilidade. A donzela atraía-o. Zeferino previa mesmo o fim de sua vida de solteiro. A hora das despedidas ele fez um convite para o cinema; ela respondeu afirmativamente e entre sorrisos e olhares cordiais se apartaram.

— Não é mau partido. Tem um emprego seguro e já é tempo de te casares, — aconselhou a mãe.

Zeferino nada falou em casa da aventura na festa. Mas semanas após Helena desconfiava que algo havia no ar; o companheiro vinha quebrando hábitos, como o de deitar-se à hora exata. As coisas chegaram a tal ponto que ele confessou à amiga o que ocorria.

— Você precisa compreender, Helena, eu devo regularizar minha situação perante a sociedade. Gosto de você, mas... Você compreende...

Ela nada respondeu. E, como si nada houvesse, continuou a tratá-lo como dantes, à espera do momento de ser despachada.

Finalmente Zeferino ficou noivo. Apareceu em casa de argola no anular — contente por dentro, constrangido por fora; afinal aquilo era uma afronta à humilde companheira de tanto tempo.

Assessorada pela mãe, a noiva fez disposições sobre o futuro lar:

— Precisamos comprar um quarto, Renascença; uma varanda, estilo rústico; uma sala de visitas, uma copa...

— Sim, sim, eu me encarrego disso, — atalhou timidamente Zeferino.

— Você bem podia levar para sua casa a Odete, — propôs a mãe.

Como Zeferino fizesse uma carantonha de quem nada compreendia, a futura esposa esclareceu impacientemente:

— É uma criada, Zeferino...

O noivo ficou azoado. As despesas com os móveis, que consumiriam suas magras economias na Caixa Econômica, a criada, tudo a um só tempo, deixaram-no sem fôlego. Não estava acostumado a decisões precipitadas.

— Temos primeiro que ver casa, — lembrou ele com prudência.

Até então só tivera que concordar com que a noiva e a futura sogra propunham.

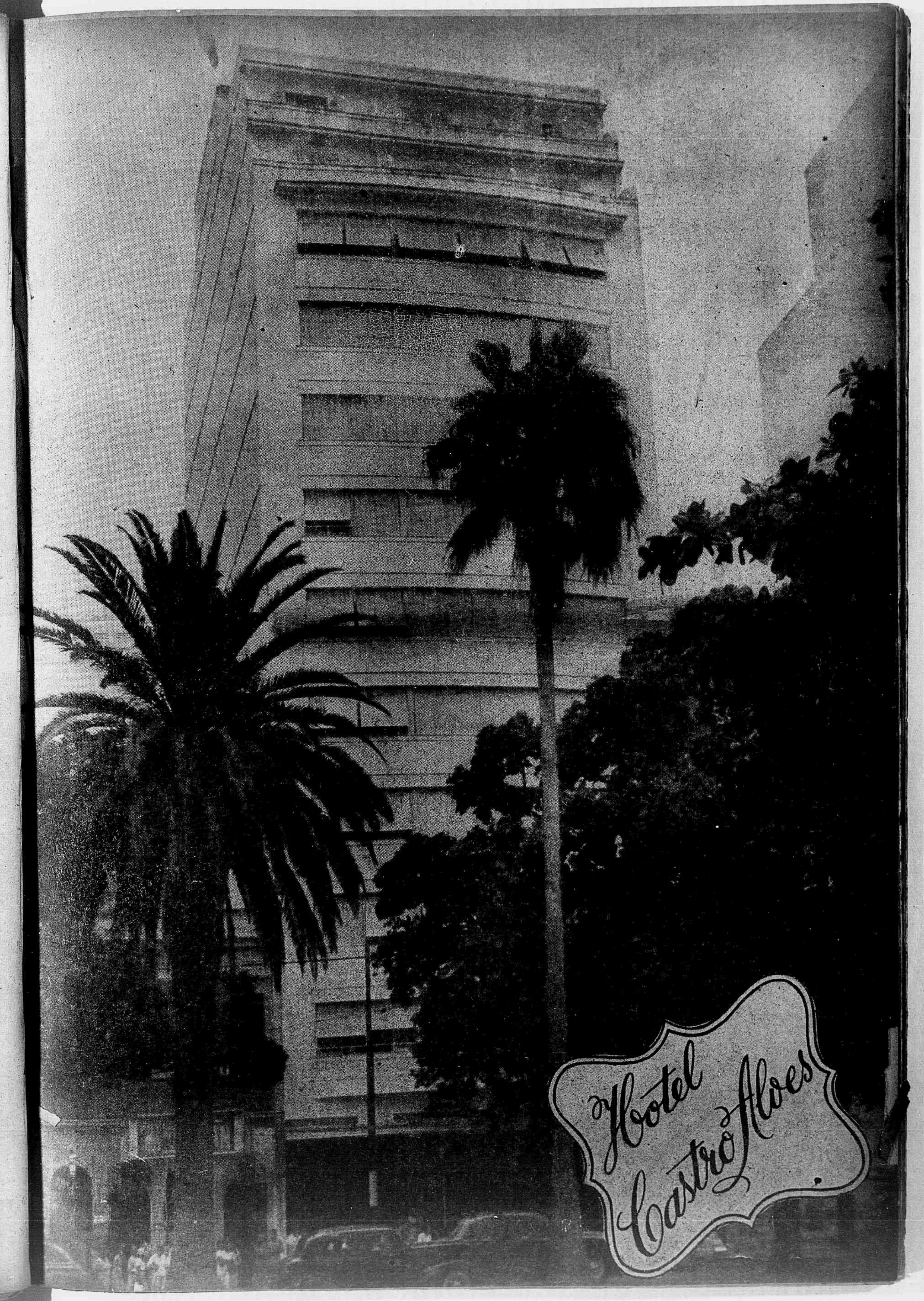
— Isso é o de menos! Já tenho de olho um apartamento, bem no centro.

— Apartamento?! — fez incrédulo Zeferino, com a atenção voltada para a casinha de arrabalde onde morava, com criação de galinhas, marrecos, horta e jardim de que Helena cuidava.

(Cont. na pág. 48)

Ilustração de ORLANDO MATTOS

ORLANDO MATTOS



Hotel
Castro Flores

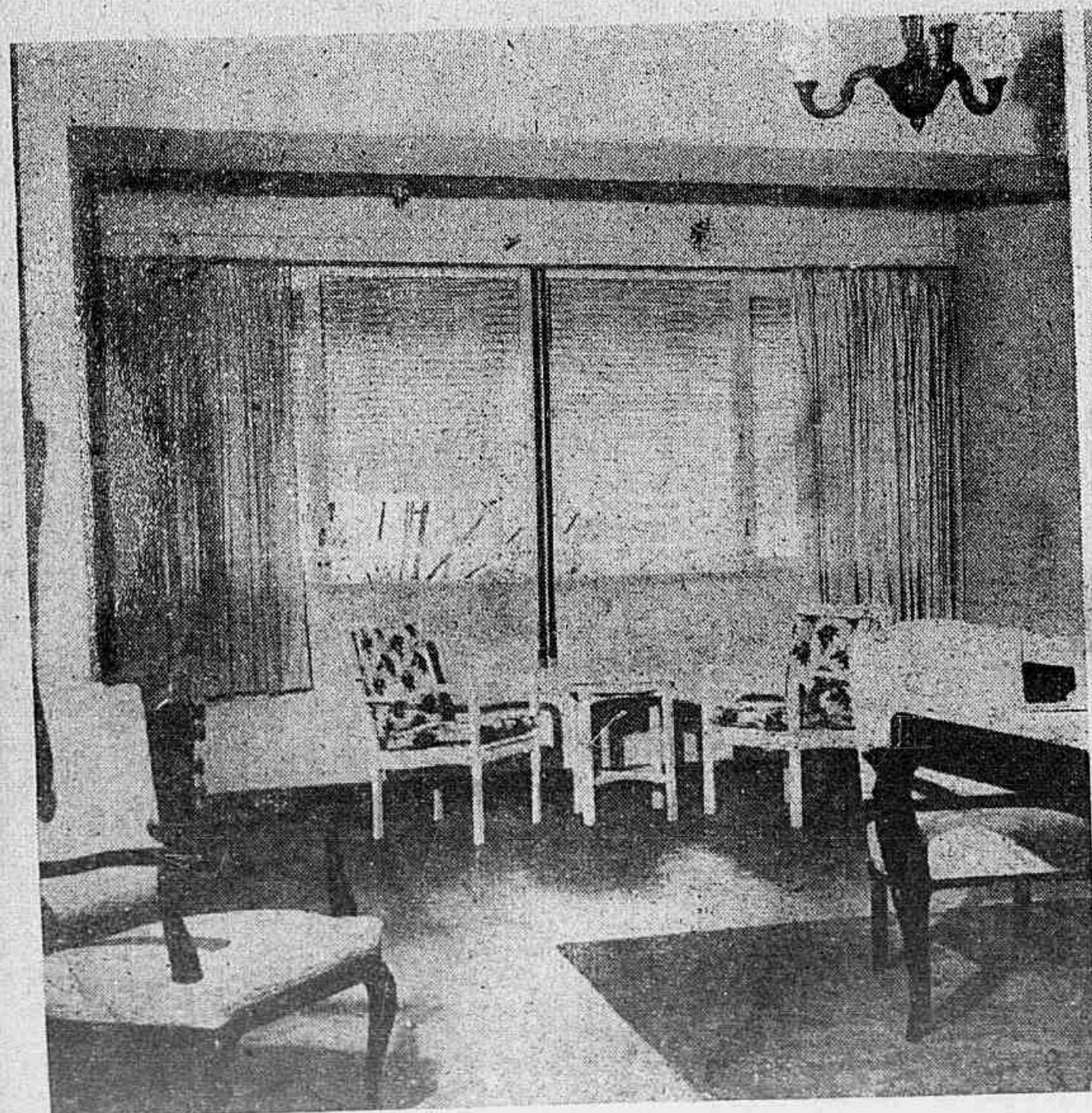
NOTAVEL INICIATIVA EM BENEFICIO DA METROPOLE

A Companhia Brasileira de Novos Hotéis acaba de entregar ao público mais um moderno e confortável hotel, a que deu o nome de CASTRO ALVES, numa delicada e justa homenagem ao imortal autor de "Vozes d'Africa" e de "Navio Negro".

O grande HOTEL CASTRO ALVES, construído no elegante bairro de Copacabana, à praça Serzedelo Correia, 552, se destaca dentre os mais caprichosamente instalados e dirigidos do país, podendo mesmo servir de modelo a todas as iniciativas que surgirem no sentido de facilitar a solução do angustioso problema da hospedagem, e de atrair para o Brasil as correntes turísticas tão necessárias ao nosso progresso e à projeção do nosso país no exterior.

A organização da Companhia Brasileira de Novos Hotéis deve-se ao espírito progressista e realizador do sr. Othon L. Bezerra de Mello, um dos mais destacados líderes da indústria nacional. Executando o programa que, patrioticamente, se traçou, a Companhia já deu a Pernambuco o RECIFE HOTEL, a São Paulo o HOTEL SÃO PAULO e ao Rio o AEROPORTO HOTEL e o HOTEL CASTRO ALVES, cuja inauguração teve lugar no dia 10 do

NA PAGINA ANTERIOR — fachada principal do Hotel. NESTA PAGINA — vistas interiores de alguns dos luxuosos e confortáveis apartamentos do novo grande hotel.



corrente. Este novo e moderno hotel conta com um amplo **hall** de entrada, luxuosos salões e 80 apartamentos confortáveis com capacidade para 160 hóspedes.

Ao ato solene da inauguração do HOTEL CASTRO ALVES compareceram figuras da melhor sociedade carioca, que foram cumuladas de gentilezas pela família Bezerra de Mello. Viam-se ali, além do sr. Othon Lynch Bezerra de Mello e exma. senhora e filhos, entre outras pessoas gradas, senhoras e senhoritas, o padre Olímpio de Mello, presidente do Tribunal de Contas da Prefeitura, o professor Gondim Netto, Francisco Elísio Pinheiro Guimarães, Fernando Falcão, presidente do Instituto Nacional do Sal, e jornalistas. Depois de um belo discurso alusivo ao acontecimento, o padre salesiano Nestor de Alencar benzeu o estabelecimento, augurando à Companhia Brasileira de Novos Hotéis e ao seu presidente votos de felicidade.

Vários foram os oradores que falaram na cerimônia. Dentre estes, destacamos o dr. Othon Lynch Bezerra de Mello Junior, que, como representante do seu pai, fez o discurso inaugural. Foi uma peça oratória brilhante, referindo-se com propriedade, elegância e concisão à obra de Castro Alves; justificou a escolha do nome do imortal poeta para patrono do Hotel, concluindo por acentuar o esforço da Companhia Brasileira de Novos Hotéis para dotar o Brasil de modernos e confortáveis dêsses estabelecimentos. Seu discurso foi muito aplaudido. Falaram, ainda, o cônego Olímpio de Mello e o professor Gondim Netto, encerrando-se, assim, a cerimônia inaugural, que se constituiu em grande acontecimento social.



EM CIMA — Aspecto da benção dada pelo padre Nestor de Alencar, presentes o cônego Olímpio de Mello, o sr. Othon L. Bezerra de Mello e outras pessoas gradas. EM BAIXO — O dr. Othon Lynch Bezerra de Mello Junior, diretor da Cia. Brasileira de Novos Hotéis, lendo seu discurso de agradecimentos à assistência.





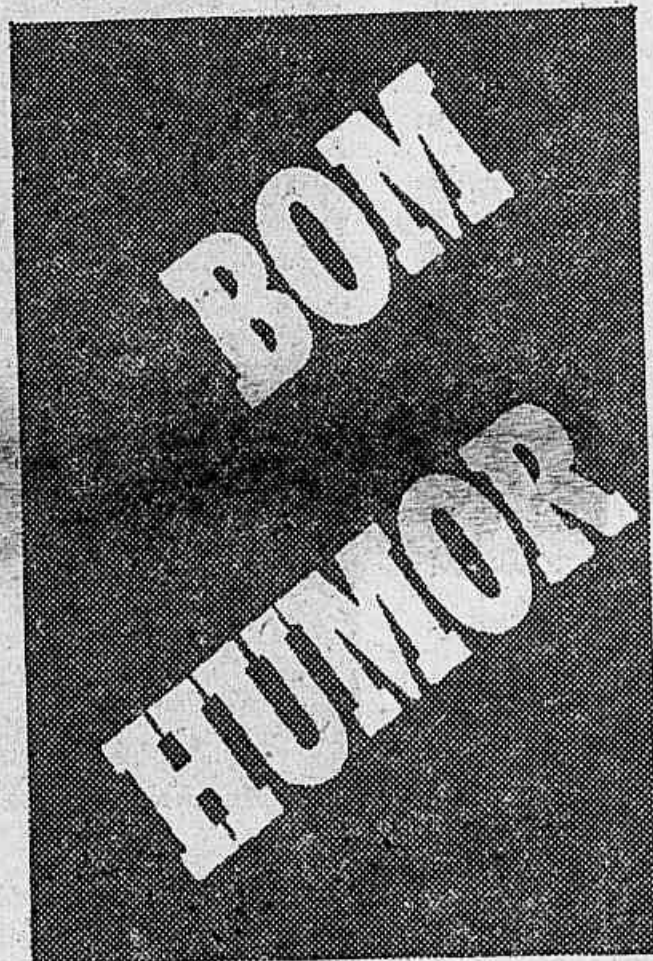
— Aqui está um belo bife, que lhe custará somente 50 cruzeiros...



— Bem... Preciso ir-me embora... Qualquer dia volto para ver seus outros aluns de fotografias...



— Eu não lhe dizia que poderíamos fazer da mesma peça dormitório e sala de visitas?



— Nossos pais disseram que você estava aqui para tomar conta de nós... Agora, veja se toma!



BIBI FERREIRA não desmereceu o ditado. Filha de grande ator, sua vocação revelou-se para o teatro, onde tem alcançado sucessos bem significativos, como agora na peça "A Pequena Catarina", em que aparece ao lado de Palmeirim Silva, Alma Flora, Belmira de Almeida e outros mais. Lançada por seu próprio pai, o grande Procópio Ferreira, sua estréia constituiu acontecimento de relevo na história do teatro nacional, tamanha a manifestação da crítica. Mais tarde, dirigindo sua própria companhia, teve oportunidade de reafirmar seu valor artístico, encenando peças de autores consagrados. A seguir, contratada para trabalhar no cinema inglês, Bibi Ferreira embarcou para Londres, de onde se transferiu para a região amazônica, aí filmando com Sabú. Desobrigada, provisoriamente, do compromisso assumido com os cineastas londrinos, ela no Rio, interessada em voltar ao palco. Tão logo se lhe ofereceu oportunidade, Bibi ingressou no elenco de seu pai, vindo a tomar parte nas peças por ele escolhidas. Mas, antes de ingressar no teatro, a querida "estréia" voltou suas atenções para o rádio. Foi ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, ao tempo do "Programa da Hora do Almôço" que a filha de Procópio exibiu suas qualidades vocais, interpretando agradáveis números musicais e acompanhando-se ao violão. Hoje, mesmo afastada das lides radiofônicas, Bibi não deixa de pertencer um pouquinho ao rádio.



JORGE Tavares, artista exclusivo da Rádio Tupi, nasceu na Paraíba. Começou a cantar na Rádio Tabajara, de João Pessoa. Depois, atuou no microfone da PRE-9, Ceará Rádio Clube. Foi ele o primeiro "crooner" da Orquestra Tabajara, hoje de Severino Araújo e contratada pela Rádio Tupi. Atuou, também, na Rádio Clube de Pernambuco. Veio para o Rio em 1940, contratado pela Nacional, de onde se transferiu para a PRG-3, onde se encontra até hoje. Como intérprete e autor, gravou um frevo-canção, "Regina", de parceria com Nestor de Holanda, música esta que obteve grande êxito. Depois, lançou ainda de parceria com Nestor de Holanda, o samba-canção "Quem foi?", na voz de Araci de Almeida, com os Vocalistas Tropicais, que vem obtendo êxito dos mais expressivos, recordista em vendagem de discos em todo o Brasil.

Lançará diversas composições novas, pelos melhores cantores da cidade. E' assim, um dos mais vitoriosos compositores populares. Na Tupi, pode ser ouvido em diversos programas preferidos pelo público, inclusive "Rádio-Sequências G-3". Seu divertimento preferido é o cinema. E' exímio dançarino de frevo. Pratica diversos esportes, não acredita em superstições, frequenta o teatro, com assiduidade, e não perde uma boa conversa entre amigos.



NA Brenda, jovem intérprete da música erudita, desde 1943 que vem emprestando o concurso de sua voz aos programas das emissoras cariocas. Com atuação destacada ao microfone da Rádio Cruzeiro do Sul, tomou parte em programas musicais e participou de audições exclusivas. Dedicada ao estudo do bel canto, a atividade radiofônica jamais a privou de prosseguir nos estudos, a fim de melhor aprimorar suas qualidades vocais. Deixando a PRD-2, empreendeu proveitosa excursão pelos Estados sulinos, realizando audições em diversas cidades e tomando parte em programas organizados pelas emissoras locais. Ao regressar, participou das atrações da Rádio Club do Brasil, animou alguns musicais da Rádio Jornal do Brasil e esteve em negociações com a Rádio Globo. Agradável no trato, Ina Brenda conseguiu reunir em torno à sua pessoa apreciável número de admiradores da sua voz educada, além de conquistar inúmeros fãs para seus programas. Bastante moça, mas já possuidora de invejável cultura, a vitoriosa cantora emprega seus momentos de folga na leitura, preferindo ler os livros biográficos. Isto não a impede, porém, de apreciar alguns esportes, como a natação, o tennis e o volley-ball. Gosta de cinema, de teatro e da vida campestre. Sua grande ambição é conquistar as grandes platéias, o que não lhe será difícil, pois possui muito valor.



MAFRA Filho, artista exclusivo da Rádio Nacional, firmou-se no gênero rádio-teatral. Sua participação nas diversas novelas que a PRE-8 transmite, diariamente, deram-lhe margem a conquistar popularidade, sonho dourado de quantos tentam a carreira radiofônica. Veterano na arte de dizer ao microfone, trabalhou em várias emissoras cariocas sempre com o mesmo brilho com que o faz nos dias presentes. Rádio-ator compenetrado de seus deveres para com o grande público, é pontual nos ensaios e jamais deixa de tomar conhecimento da responsabilidade que lhe cabe. Quando vai para o microfone, tem o papel quase decorado. Durante algum tempo participou dos espetáculos de rádio-teatro da Cruzeiro do Sul, trabalhando ao lado de Sílvia Regina, Sérgio Erico e outras figuras conhecidas. Certa vez, na PRE-2, ao tomar parte na peça "O homem que queria ser gênio", foi vítima de um ataque de riso, devido uma pilhéria de um companheiro. Mafra Filho, recentemente, participou da novela "Prisioneira do destino", desempenhando papel de importância. No momento, atua nas principais histórias em capítulos que a PRE-8 transmite, vivendo os mais curiosos papéis. Nas horas de folga, aprecia um bom filme ou uma boa peça teatral. Gosta de passear muito, conhece a arte de fazer amigos e não acredita no que se possa chamar de azar.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



— Um cavalheiro não deve, não pode tolerar um tal ultrage!

Ao ouvir falar de cavalheiro, Anastácio inclinou a cabeça para o peito, para cheirar a rosa que trazia na lapela, e disse sorridente:

— Eu hei-de esmagar êsse réptil... Rapaz!

Para pagar a êste tirou do bolso um duro e com êle duas moedas de ouro que trazia como fundo permanente e intangível; deu aquele ao moço, e sem esperar pelo troco, tão distraído julgava que se devia estar na sua situação, saiu da Arca.

A Arca era o nome caprichoso, abracadabrante, segundo a opinião de um dos sócios, que na Sidéria se dava ao cassino onde acudia a fina-flor da elegância, os homens mundanos e da alta sociedade, os classificados pelo chroniqueur modernista e boulevardisante de O Correio Sideriense, de gentlemen, sportsmen, bonvivants, blasés, comme il faut, struggle-for-lifeurs e um sem fim de palavões, para dar tom; os cavalheiros mais distintos da cidade ducal.

Um deles tinha importado da Alemanha, onde tinha residido durante ano e meio, o nome de filistinos, que os sócios aplicavam a todos os ordinários burgueses da terra.

Os invejosos, os pedantes e os pusilânimes sustentavam que na Arca se reuniam os espíritos mais pedestres da cidade, empenhados em tirar-se do abismo da sua própria mediocridade, como o barão de Munchhausen do poço em que caiu, puxando-se pelas orelhas, cá para cima; e não faltava má-língua que classificasse os alegres consócios, de parvos e bandidos sem disfarces, de parvos disfarçados de bandidos e de bandidos disfarçados de parvos.

Porém, deixemos êstes ladrados à lua dos impotentes, e voltemos a Anastácio, o qual, ao sair da Arca, fez como se refletisse um momento diante do coche e acabou por dizer de si para consigo: "Não, nesta ocasião não serve o coche. A pé, a pé!"

Uma carruagem que passava salpicou-lhe as calças de lama. O primeiro efeito que tal desastre provocou em Anastácio foi a viva dor do arminho ofendido em sua cândida pureza; porém, logo a seguir, voltando os olhos à afronta que lhe devorava o coração, deletou-se com a providencial nódoa de lama.

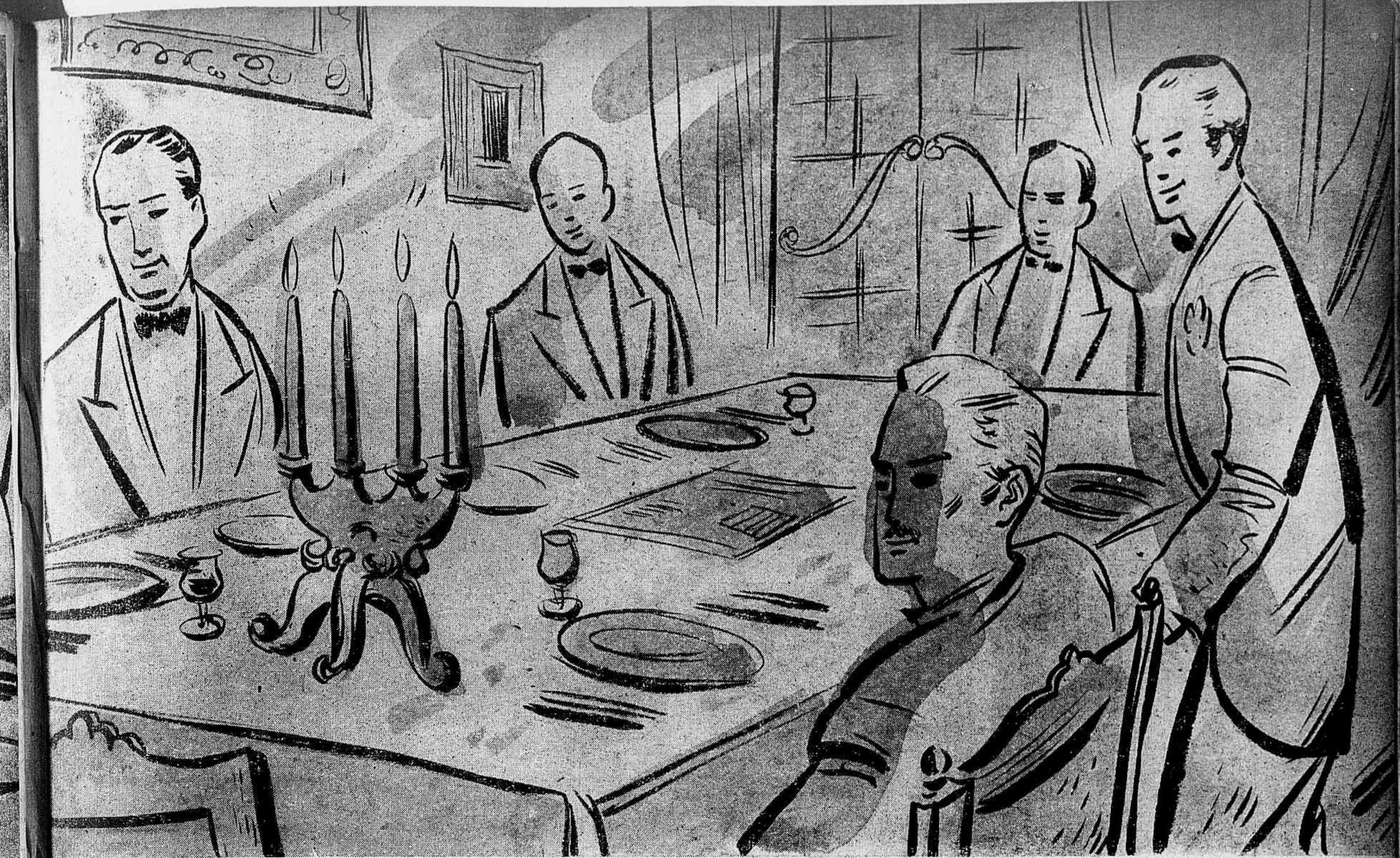
Se Anastácio tivesse a debilidade, imprópria de um perfeito cavalheiro, de ser algo filósofo, uí!, ter-se-ia perdido em néscias divagações acerca do simbolismo da Natureza. Porém, toda a sua filosofia se reduzia à estritamente necessária; saber que Deus fez o Mundo para o homem e o homem para a honra, e que todo o Universo era uma arca imensa.

Quando chegou à redação de "O Abelhão", deteve-se à porta por cima da qual estava desenhado um abelhão enorme.

Puxou Anastácio do lenço perfumado, que assim o usava apesar-das troças de muitos amigos, mais práticos no que respeita a lenços, e levou-o ao nariz.

Dentro da redação ouviam-se vozes em disputa e uma sobre tudo, que sobressaindo das demais, dizia:

— Eu lhe digo que de todas as imbecilidades que inventaram os ociosos para matar o tempo e distinguirem-se, a mais estúpida é a honra. Toda a gente fala da nobreza do leão, que é um bicho daninho, e a mim



me parece muito mais nobre o burro. O leão, que é animal de presa e que se alimenta de carne, terá inventado a honra; mas o pobre do burro, que é besta de carga, inventou o dever. E mais que tudo, senhores, de onde se conclui que seja nobre alguém defender-se com garras e dentes, como o leão, e já o não seja com a ligeireza dos pés, como a lebre; com a astúcia, como a raposa; com a pequenez, como o mosquito; com a tinta, como o choco? O mesmo Deus que deu garras e bico à águia, foi quem deu a pequenez ao mosquito, e a tinta ao choque. Todos os imbecis...

Naquele momento, Anastácio, que tinha repuxado os punhos e coifado o bigode, e que tinha empunhado a bengala como vela de procissão, indignado por ouvir tantas pedantices ridículas, entrou.

Uma vez lá dentro avançou a perna de forma que pudesse ser vista a simbólica nódoa de lama e disse:

— O caricaturista... desta folha?

— Muito boas noites.

— Boa noite. O caricaturista, disse eu.

— Presente! exclamou um jovem que estava a fazer passarinhos de papel.

— E' o senhor o mamarrachista desta... folha? tornou a perguntar Anastácio.

— Para o servir.

Anastácio sentiu, ao ver um passarinho de papel pousado sobre a mesa, ganas de arranhar o outro; mas dominou-se, baixando a cabeça para cheirar a rosa, cândida flor!, e voltou a perguntar:

— E' o senhor o autor dessa imunda caricatura?

— I-mun-da..., i-mun-da..., muito bem! Exato..., a frase é feliz..., sim senhor, sou eu!

— Tem aqui o meu cartão — disse Anastácio tirando do bolso um para lho dar.

— Está muito bem... Joaquim Ortiz, rua de Suso, 31, 2.º, tem o senhor uma casa às ordens. Não uso cartões.

“Um pinta monos — pensou Anastácio; — já estava com receio que não fosse um cavalheiro... Mas até este ponto! Não usa cartões! Isso é o mesmo que nem sequer ser homem! Aonde irá parar este infeliz?”

— Espero do senhor uma satisfação; esta noite há-de ir visitá-lo dois dos meus amigos — acrescentou ao sair.

Quando, ao fechar a porta, ouviu uma gargalhada, sorriu Anastácio cheio de compaixão, cheirou a rosa e, dizendo de si para consigo: “não usa cartões!”, sentiu toda a fealdade da nódoa de lama. Como esta já estava seca limpou-a nas escadas da redação do jornal.

Na rua olhavam muito para ele. “Sabereis quem é Anastácio” — pensou.

Dois carreções bulhavam, praguejando como senhoritos, e um deles disse para o outro:

— Vai-se resolver isso à pancada...

Ao vê-los irem-se, pensou Anastácio: “Tudo isto, e a polícia sem impedir estas ordináries... Grosseiros! Na-na, nada; o povo é o povo... Quando digo que em Es-

panha não estamos preparados para a República... Povo grosseiro, imprensa insolente... E' evidente que a aristocracia tem a obrigação de exercer uma tutela sobre o povo, uma tutela fraternal, entende-se... e a verdadeira aristocracia, não essa antigalha rançosa e carcomida”.

Quando chegou ao cassino procurou o seu amigo Hermínio, a quem perguntou por Pepito Curda.

— Pepito... a estas horas!

— Ah! Sim — respondeu Anastácio com seriedade, lembrando-se que aquela hora Curda se dedicava a emborrachar-se para poder dormir de uma assentada, esquecido do trabalho e dos negócios.

— E Juanito?

— Deixa-o que hoje está com sorte!

— Mas, esse rapaz, quando é que se vai corrigir? — disse Anastácio com a gravidade apropriada à sua situação. — Assim vai acabar mal.

— Qual! Ele lá entende disso e sabe que coloca o seu capital a bom rendimento.

— E Ambrósio?

— Ali o tens.

Com efeito, numa mesa próxima discutiam vários sócios a respeito duma proposta, a qual era que o Município de Sidéria pagasse dois moços à Arca, bonita combinação para acabar de escandalizar os pobres filistinos da cidade ducal.

— E' preciso dar que falar a essa manada de porcos, que trabalham como imbecis, e economizam dinheiro para que o comam os filhos, e creem no senso comum.

Um tímido punha objeções a esta idéia e pedia, pelo menos, um verniz de legalidade.

— Tem razão! Exclamou um.

— Psch; e que dá, ter razão ou não a ter? Que adianta? — replicou com desdém Ambrósio, que passava por um dos oráculos da Arca.

A frase deixou a todos suspensos de admiração e, num momento correu por toda a Arca.

Anastácio chamou Ambrósio intelrou-os, a ele e a Hermínio, do assunto e acabou por lhes dizer:

— Uma rectificação ampla, absoluta, completa, sem reservas..., ou senão... a sabre!

E dito isto foi-se a casa de um mestre de armas, onde esteve a ensaiar golpes e posições.

Quando, cansado por tantas emoções, chegou a casa, pôs-se a pensar no traje que conviria para o lance.

Tirou-o do guarda-fato, vestiu-o e esteve a ensaiar golpes com a bengala. Depois pôs-se a escrever a Enriqueta, o seu amorzinho. O fim era tranquilizá-la não sucedesse que algum indiscreto lhe desse uma sufocação com uma notícia de chofre.

Quando despertou clareava o dia na janela. Começou a passear na sala até que deram as sete, hora combinada com o mestre de armas para continuarem a lição.

Os amigos foram buscá-lo à sala de armas no momento em que estava mais absorvido no estudo de um golpe.

— Nada disso — disseram-lhe; — a coisa arranjou-se satisfatoriamente.

— Entre cavalheiros... — começou a dizer o outro.

— A retificação devida, uma retificação de honra, como querias. Há-de vir no próximo número de “O Abelhão”, o de domingo.

— Mas, se não usa cartões!... — pensou Anastácio.

O mestre de armas estendeu-lhe a mão dizendo-lhe:

— Espero que nos tornemos a ver. Um jovem como o senhor, um dos da nata, não deve descuidar estas coisas. O senhor mostra felizes disposições, e o manejo das armas é que dá a prudência ao forte, ao mesmo tempo que faz com que sejamos respeitados.

Anastácio pagou-lhe muito bem e saiu com os seus dois amigos que, sorrindo, o levaram a um fotógrafo.

— Mas...

— Deixa correr. Confiaste a tua honra nas nossas mãos.

★

O “Abelhão” do domingo seguinte teve uma venda muito maior do que a que tinha tido com o número da caricatura de Anastácio. Na primeira página publicava em fotogravura um formoso retrato deste em traje matinal; uma retificação ampla, absoluta, completa, sem reservas.

Os leitores que não conheciam Anastácio compararam o retrato com a caricatura, enquanto o ofendido desagravado se prodigalizava em traje matinal por todos os passeios da cidade.

Um redator de “O Abelhão” foi apresentar-lhe os parabéns que ele recebeu com dignidade, cheirando a rosa enquanto dizia de si para consigo: “Hoje já te não ris”.

— Aqui vem ele — ouviu que diziam num grupo.

Mas a maior pândega foi na Arca. O sucesso provocou o regosijo dos sócios, que armaram um banquete, com as devidas borracheiras e brindes, presidido por Anastácio, e em holocausto à honra, da qual se riam por dentro graças ao portentoso Ambrósio, ainda que por fora fossem os seus mais zelosos sacerdotes.

O número retificação do jornal figurava como centro de mesa. Anastácio não podia nem com a honra nem com as taças que lhe faziam beber. Acabou por cair no chão.

Desde então visitou frequentemente a sala de armas.

Conto de MIGUEL DE UNAMUNO

ANASTÁCIO

Ilustração de A. ZALUAR

UM FILME NACIONAL DE GLORIFICAÇÃO DOS JANGADEIROS

**RAUL ROULIEN À FRENTE DE UMA
NOVA PRODUÇÃO**

RAUL Roulien tem um passado artístico que abrange lutas desenroladas em três países: a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos. Tem estado sempre aprendendo e procurando progredir. E mesmo suas ausências, por vezes longas, não têm diminuído seu interesse pelas coisas brasileiras. Realizador de "O grito da mocidade" e de "Aves sem ninho" em nosso país, autor do argumento de "Asas do Brasil", prestes a ser lançado na tela dos nossos cinemas, um dos seus velhos planos era a realização de um filme glorificando os nossos jangadeiros. Chegou, afinal, o dia de realizá-lo. Ele próprio escreveu o argumento, baseado na figura lendária do jangadeiro Nascimento, o famoso "Dragão do Mar", da campanha abolicionista no Ceará. Raquel de Queiroz escreveu os diálogos. Adam Jackson foi chamado da Argentina para se incumbir da fotografia. E a película, que se chama "Jangada", já está praticamente pronta. É uma produção da Cine do Brasil, dirigida pelo produtor Raul Roulien (ele desta vez não aparece na película como ator) e tendo entre os intérpretes os atores Orlando Guy, João Cabral, Carlos Medina, etc., e a atriz Fada Santoro. No filme, também intervêm pescadores e jangadeiros do Ceará, bem como jovens cearenses, ali mesmo selecionadas para participarem da nova película nacional. Em vez de apresentar na tela a figura do "Dragão do Mar", o que importaria em rigores de fidelidade histórica e em longas pesquisas, Raul Roulien preferiu criar uma figura simbólica, com os mesmos pendores e inclinações que o jangadeiro Nascimento. Os "stills" do filme, alguns dos quais aparecem nestas páginas, são incontestavelmente belos e de forte expressão pictórica. Se o filme corresponder, em qualidade pictórica, às fotografias que já tivemos oportunidade de admirar, e entre as quais selecionamos estas, o novo filme de Raul Roulien será certamente um sucesso, ainda que só pela beleza dessas imagens rústicas.



Em cima: jangada bordejando um braço de rio. Era nestas águas que, segundo a lenda, se banhava Iracema, a virgem dos lábios de mel. Em baixo: os atores Carlos Medina e João Cabral em uma cena do filme.





Em cima: detalhe de um grupo de carpideiras, na cena do enterro de um jangadeiro. Em baixo: dois jangadeiros que Raul Roulien escolheu na praia de Mocuripe, em Fortaleza, e converteu em atores de "Jangada", o seu novo filme.

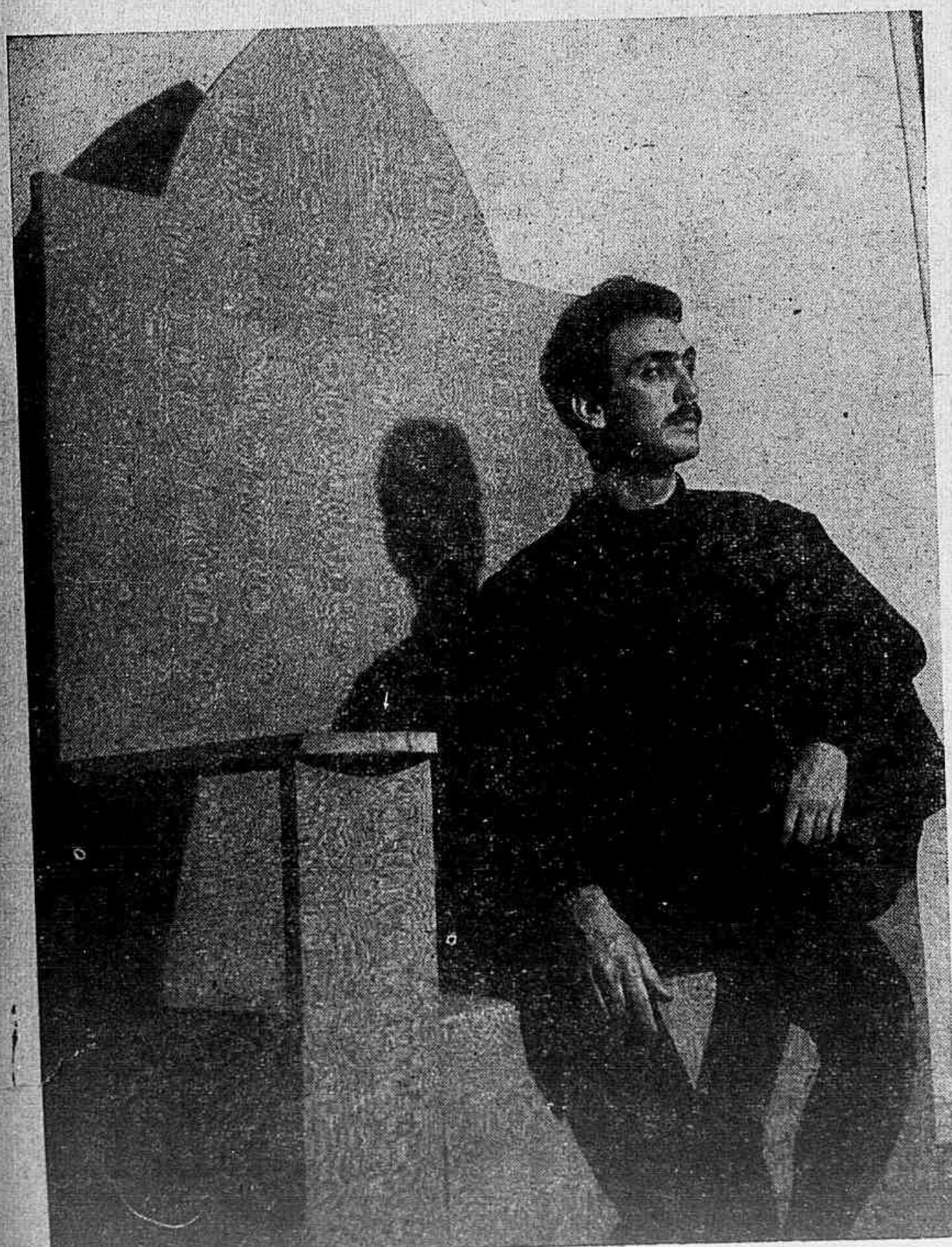




Em cima: uma cena na qual aparecem os pagens Ayrlio Blanco e Temistocles Fernandes Costa, os conselheiros Pacheco, Coelho e Gonçalves, vividos por Paulo Vieira, Elísio de Albuquerque e Jaci Campos e ao centro, no trono, a figura de D. Afonso de Portugal, tipo a que Tarquinio Lopes soube dar majestade. Na página ao lado: um detalhe da caracterização de Tarquinio Lopes.

O SEGUNDO ESFORÇO DO TEATRO DO ESTUDANTE

MENOS FELIZ DO QUE "HAMLET", CONSTITUIU, ENTRETANTO, UMA COMPROVAÇÃO DE VALORES DIGNOS DE MELHOR APROVEITAMENTO — A FUNDAÇÃO DE UMA ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

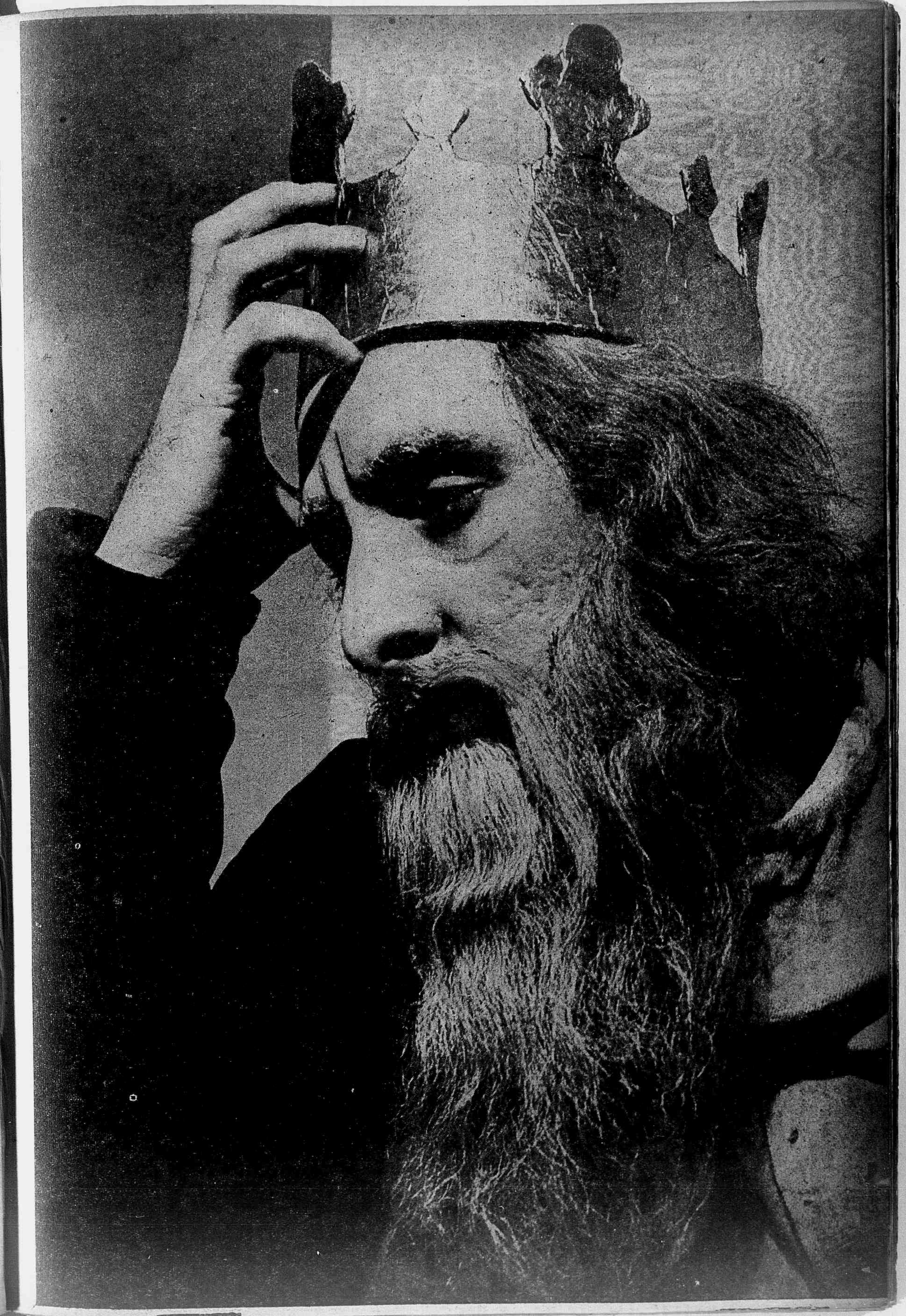


O Teatro do Estudante do Brasil, dirigido pelo entusiasmo e o dinamismo de Paschoal Carlos Magno, teria logrado sucesso bem maior se tivesse invertido a ordem de suas apresentações. Se tem começado com "A Castro", para em seguida dar "Hamlet", teria impressionado mais vivamente, do que tendo estreiado com a obra de Shakespeare, para em seguida exibir a peça portuguesa de Antonio Ferreira, refundida pelo escritor Julio Dantas, da Academia de Ciências de Lisboa, autor de "A Severa" e "A Ceia dos Cardiais". Entretanto, mostrando todo o jogo, — um "royal straight flush", — na primeira peça, o Teatro do Estudante chegou quase a dar a impressão de que estava fazendo passar um "bluff" com a segunda, muito embora "A Castro" valesse como uma "full hand". E' que, em "Hamlet", houve, antes de mais nada, o prestígio da obra

prima de Shakespeare, cujos efeitos dramáticos são infalíveis, e em segunda lugar a surpreendente revelação do talento jovem de Sérgio Cardoso, — a figura máxima do elenco do Teatro do Estudante.

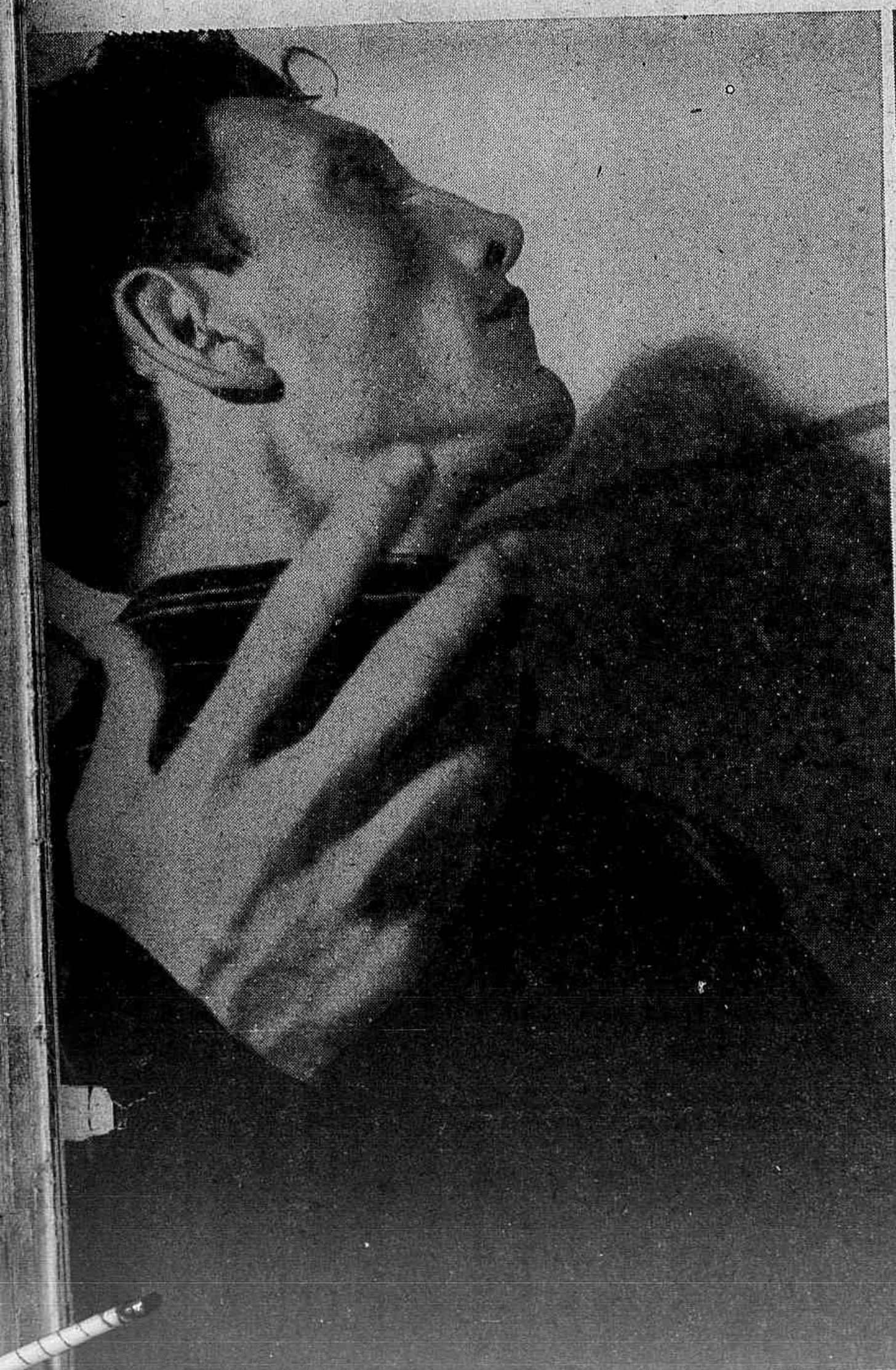
Peça apenas medíocre, sem nenhuma universalidade e sem expressão literária, uma vez transportada para fora dos quadros modestos do teatro português, "A Castro" não despertou a necessária correspondência na platéia, não entusiasmou nem comoveu como "Hamlet" havia entusiasmado ou comovido. Diremos mesmo que, sem a excepcional habilidade de Paschoal Carlos Magno, procurando valorizar o espetáculo com coisas simplesmente acessórias, como números de canto e dança, teria sido, talvez, decepcionante, melancólica e sensaborão esse segundo espetáculo. Para salvá-lo, para impedir que se tornasse fastidiosa a representação de "A

Pernambuco de Oliveira, além de autor dos cenários da peça, tem a seu cargo a interpretação do papel de príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso de Portugal. Sua atuação foi discreta e esforçada





Em cima, à esquerda: os dois grandes amourosos da peça, Inês de Castro (Liuba Vatinyck) e o príncipe D. Pedro (Pernambuco de Oliveira). Em baixo, à esquerda: uma expressão do ator Carlos Couto, que declamou corretamente o prólogo da peça. A direita: um flagrante da tragédia, quando Inês se vê obrigada a se apartar dos filhos, afim de que estes não presenciem sua morte.



Castro", concorreram o Coral Lutécia, dirigido por D. Alda Pereira Pinto, e o Conjunto Coreográfico, dirigido por Vlaslav Veltchek. Entre os intérpretes da peça, guiados com segurança por dona Esther Leão, destacaram-se Liuba Vatnick, Tarquinio Lopes e Pernambuco de Oliveira. Malgrado as deficiências do texto, o Teatro do Estudante do Brasil ainda nos deu uma "Inês de Castro" mais pomposa e aceitável do que a da infeliz "Rainha Morta", de "Os Comediantes".

"A Castro" não será o último espetáculo do Teatro do E. do Brasil, pois essa organização ainda dará nesta temporada uma outra obra, que será a famosa tragédia "Antígona", da qual existem várias versões modernizadas, inclusive as de Jean Anouilh e de Jean Paul Sartre. Entretanto, Paschoal Carlos Magno, por motivos de ordem cultural, visto tratar-se de um espetáculo de estudantes, preferiu ir às fontes originais da tragédia. Ao mesmo tempo que o Teatro do Estudante do Brasil projeta a inauguração de uma Escola de Arte Dramática, sob o patrocínio do ministro da Educação e Saúde Pública, sr. Clemente Mariani, que a subvencionou com duzentos mil cruzeiros. Pretende Paschoal Carlos Magno adotar, nessa escola, um programa de ensino bastante amplo e avançado, repousando tanto na teoria como na prática. O programa dessa escola já foi publicado e comentado pela imprensa diária, tendo entusiasmado o ministro Clemente Mariani. A Escola de Arte Dramática será um complemento indispensável do Teatro do Estudante, ou, melhor, deve ser sua própria base. Vocações teatrais não podem surgir da noite para o dia, embora por vezes nos surpreendamos com a eclosão de um talento como o de Sérgio Cardoso. Se o T. E. B. tivesse uma escola, a filtragem dos elementos de suas representações teria sido possível, com um rigor e um acerto maiores, em benefício da homogeneidade dos elencos. E, assim, não teríamos visto em cena aquele rei incrível da primeira versão do "Hamlet", destituído de quaisquer condições físicas ou artísticas para o papel. Não possuindo o Brasil o que se possa qualificar de uma grande Escola de Arte Dramática, mas apenas dois cursos, o da Escola Dramática Municipal e o do Serviço Nacional de Teatros, ambos desprestigiados pela falta de verbas, de professorado e até de local para suas instalações, a nova realização do T. E. B. poderá ter uma influência preponderante no nosso meio.



Em cima: dona Esther Leão, a incansável e excelente ensaiadora da peça, num momento de ensaio com Carlos Couto. Em baixo: três graciosas componentes do Coral Lutécia, formado ao todo por quatorze vozes. Ao Coral Lutécia e ao Conjunto Coreográfico Brasileiro deve-se muito o êxito da peça.





ERA um cavalheiro fino, distinto, de fisionomia ingênua e simpática. Não havia motivo para me opôr que ele ficasse no meu quarto por alguns dias. O dono da pensão apresentou-o como um antigo hóspede a quem devia muitas atenções. Se eu recusasse compartilhar com ele o meu quarto, seria obrigado a deixar de atendê-lo, por ter toda a casa ocupada, o que sentia extremamente.

— Desde que ele não vai se demorar em Madrid senão por alguns dias e contanto que não tenha horas extraordinárias para se deitar nem para se levantar, não há inconveniente em que o senhor ponha uma cama para ele no gabinete... Mas, cuidado que isto não sirva de exemplo!...

— Não se preocupe, senhorito; não tornarei a incomodá-lo com estas embaixadas. Faço-o unicamente para que Don Ramon não vá bater noutra casa. Acredite que é uma boa pessoa, um santo e não o incomodará em coisa alguma.

E assim foi, efetivamente. Nos quinze dias que Don Ramon esteve em Madrid não tive razão para me arrepender de minha condescendência. Era a fenix dos companheiros de quarto. Se voltava para casa mais tarde do que eu, entrava e se deitava com tal cautela que nunca me acordou. Se se recolhia mais cedo, esperava por mim, lendo, para que eu pudesse deitar-me sem medo de fazer barulho. Pelas manhãs, nunca acordava senão depois de me ouvir tossir ou mexer-me na cama. Vivía perto de Valencia, numa casa de campo, e só vinha a Madrid quando algum assunto o exigia; nessa ocasião era para solicitar a promoção de um filho, registador da propriedade. Apesar de esse filho ter a mesma idade que eu, don Ramon não passava dos cinquenta anos, o que fazia presumir, como era de fato, que se tivesse casado muito moço.

E não deveria ser feio, nada disso, naquele tempo. Ainda agora, com sua elevada estatura, a barba grisalha, anelada e bem aparada, os olhos animados e brilhantes, e a pele sem rugas, seria aceito por muitas jovens, de preferências a outros galãs frangotes.

OS PURITANOS

Conto de ARMANDO PALÁCIO VALDÉS

Tinha, como eu, a mania de cantar e cantarolar na hora do banho. Porém, observei, ao cabo de alguns dias, que, embora apanhasse e largasse com indiferença diversos trechos de óperas e zarzuelas, desfazendo-os e pulverizando-os entre sôpros e grunhidos, a passagem que com mais ardor acometia e a mais frequente era uma de "Os Puritanos"; parece-me que pertencia a aria de barítono no primeiro ato. Don Ramon não sabia a letra senão em parte; porém, cantava-a com tanto entusiasmo como se a soubesse toda. Começava sempre:

Io sogno beato
de pace e contento
ti, ro, ri, ra, ri, ro,
ti, ro, ri, ra, ri, ro.

Precisava continuar cantarolando até chegar a outros dois versos que diziam:

La dolce memoria
de un tenero amore

Sobre os quais se apoiava sem cessar até concluir o allegro.

— Olá, don Ramon! — disse-lhe um dia, da minha cama. — Parece que gosta de "Os Puritanos".

— Muíto! — é uma das óperas que mais me agradam. Daria qualquer coisa para conhecer um instrumento, afim de tocá-la toda. Que doçura há nela! Que inspiração! Isto é que é ópera e isto é que é música. Parece mentira que vocês se entusiasmem com essa algaravia alemã que só serve para fazer dormir!... A mim me agradam com paixão todas as óperas de Bellini: "O pirata", "A sonâmbula", "Norma"; porém acima de todas elas "Os Puritanos"... Tenho além disso motivos particulares para que goste dela mais do que de qualquer outra — acrescentou baixando a voz.

— Olé, olé, don Ramon! — exclamei levantando-me de um salto e enfiando as ceroulas. — Venham esses motivos.

— São tolices da mocidade... coisas de namoro — respondeu ele, corando um pouco.

— Pois conte lá essas tolices. Morro por elas. Não posso evitar, mas essas coisas me agradam mais do que a Lei Hipotecária de que o senhor me falou ontem.

— E' porque você é poeta!

— Não sou poeta, don Ramon: sou crítico.

★ Ilustração de F. PEREIRA

— Pois o patrão me havia dito que você era poeta... De qualquer modo lhe contarei, já que tem curiosidade... Verá que é uma bobagem que não vale a pena... Porém vista-se, criatura, do contrário vai ficar gelado!

No ano de 58 vim a Madrid com uma comissão da Câmara Municipal de Valencia, para pleitear a redução do imposto de consumo. Tinha então... é isto mesmo, vinte e nove anos e já fazia sete anos completos que estava casado. F' uma estupidez casar tão moço. Embora não tenha motivos para me arrepender, não aconselharei a ninguém que o faça. Vim dar nesta mesma pensão; a casa estava então situada na rua da Caldeirinha. Naquela época, será bom que lhe avise, eu gostava de andar muito janota, coisa que trazia sempre muito ressaabiada minha pobre mulher. "Para que te enfeitas tanto, homem de Deus? Vais conquistar alguém?". "Quem sabe?" respondia eu rindo e deixando-a um pouco aborrecida. Não é mau manter as mulheres um tanto ou quanto encurvadadas.

Uma tarde, uma formosa tarde de inverno, das que só se vêm nesta Madrid, saí de casa, depois do almoço, com o fim de fazer algumas visitas e também para me espalhar por estas ruas de Deus. Ia caminhando lentamente pela rua das Infantas, pensando no plano da noite, ou seja no modo de passá-la mais divertido, e saboreando um bom charuto havano, quando de repente, zás! recebo na cabeça um forte golpe que me fez vacilar. O vistoso chapéu duro foi rolando por um lado e o charuto por outro. Quando me refiz do susto, a primeira coisa que vi a meus pés foi uma enorme boneca, fresca, corada e de camisa.

Esta boa peça foi que me fez tantos estragos, — disse com os meus botões, lançando-lhe um olhar furioso, que a boneca aparentou não compreender. Mas, como não era de presumir que ela, por sua vontade, se tivesse atirado em cima de mim daquele modo violento e inconveniente, pois nunca eu houvera maltratado nenhuma boneca, achei mais provável que dalguma casa me tivessem atirado com ela. Levantei a cabeça vivamente.

Com efeito, o réu estava em pé no balcão dum primeiro andar, suspenso, atônito, consternado. Era uma menina de treze para quatorze anos.

Ao notar o olhar de espanto e de pena que me dirigia, abrandou-se minha furia, e em vez de lançar-lhe uma

CONSEQUÊNCIAS DE UM PERIGOSO CASAMENTO INTELECTUAL

A LUTA DOMÉSTICA ENTRE O MARIDO NELSON RODRIGUES E A ESPÓSA SUSANA FLAG — O TRIUNFO EM "VESTIDO DE NOIVA" E A SUBJUGAÇÃO POSTERIOR — SO' RESTA UM CAMINHO A SEGUIR: O DO DIVÓRCIO...

Por RUGGERO JACOBBI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

RUGGERO Jacobbi volta a colaborar em nossas colunas, desta vez com um interessantíssimo artigo crítico, em torno da dupla personalidade literária do sr. Nelson Rodrigues, autor ostensivo de "Vestido de Noiva" e de outras peças de tom sinistro e largo consumo popular. Combatido por uns, alçado por outros, o sr. Nelson Rodrigues é aqui objeto de uma crítica serena, minuciosa, desapassionada e segura, por parte de um grande conhecedor do teatro moderno, vindo do convívio de grandes espíritos, como Pirandello, Anton Giulio Bragaglia e outros. Seu artigo coincide com a liberação pelo ministro da Justiça de uma das três peças interditas do sr. Nelson Rodrigues, "O Anjo Negro", que veremos dentro de alguns dias no Fenix, na interpretação de Maria Della Costa, Sandro Polônio, Orlando Guy, Italla Fausta e outros.

viva é o simples leitor ou espectador que não possui os recursos da filosofia. Afinal, ele não consegue compreender si tudo aquilo é uma representação desta vida ou de outra, e se as suas próprias sensações de entusiasmo ou de repulsa são sensações fisiológicas ou estéticas — o que constitui outro é maior problema para os críticos, porque nesse caso a filosofia só pode servir para encabulá-los mais e mais...

★

O leitor de "A mulher sem pecado", já à metade do primeiro ato, observa que a peça deve ter passado por sucessivas transformações. Ademais, as duas ou três versões da peça sobrepujaram-se uma à outra sem conseguirem fundir-se. Sente-se que originariamente o drama fora concebido como uma normal ação cênica, não muito diferente de qualquer criação bernsteiniana, e naquela linguagem convencional que não é nem falada nem literária, e de que vive a maioria dos estilos teatrais. (Resíduo evidente: "Agora eu posso ir ao encontro de Lidia, me ajoelhar e dizer: — não é diante de ti que me ajoelho, mas diante de todas as tuas lágrimas"). Mas a peça assim ficaria apenas audaciosa no assunto, sem conseguir uma eficácia verbal, uma expressão individualizada. Então o autor introduziu palavras e construções deliberadamente banais (O que representa um evidente progresso técnico), dando à obra sua melhor qualidade, ou seja certa naturalidade e rapidez. Ai o demônio cenográfico interveio e fez das suas. Agora, deve ter pensado o au-

tor, o drama é mais vivo, porém, não se apresenta de maneira bastante revolucionária. Houve uma preocupação exterior de modernidade, que só demonstra a pouca confiança em si mesmo do autor naquela época. E foram introduzidos aqueles apartes do microfone, completamente desnecessários, que o leitor instintivamente coloca entre parentese para seguir o desenvolvimento da ação, na qual tudo é tão claro que mesmo não precisa revelar os motivos obscuros das atitudes tomadas pelos personagens, atitudes esquemáticas, incontestáveis e muitas vezes repetidas. (No espetáculo, a impressão deve ser ainda mais desagradável, pela impossibilidade de conjugar a voz metálica do microfone com algo relacionado ao inconsciente; os expressionistas tinham razão quando faziam uso do microfone só para assinalar o advento de uma realidade externa, ou do Sobrenatural). Diante da impersonalidade e potência daquelas radiofônicas intervenções, o drama torna-se pequenino, insignificante. Devia limitar-se à esfera psicológica, sendo fraco demais para suportar uma significação metafísica; e o maldito microfone parece colocado lá por um espírito perverso, incumbido de revelar a todos nós esta fraqueza.

O Nelson Rodrigues, diretor, naquela primeira peça, pregou ao Nelson Rodrigues, autor, uma brincadeira de mau gosto. Em "Vestido de noiva", o diretor é que manda, distribuindo, porém, o jogo cênico de maneira a auxiliar a verve literária. "Vestido de noiva" é essencialmente um espetáculo, bem no gosto

(Cont. na pág. 46)

O homem que se finge surdo ou cego para saber o que os outros estão pensando dele, é um tema de comédia muito antigo, do tempo mesmo de Aristófanes. Houve, porém, no nosso século, quem quisesse dar-lhe um feitiço de drama, idealizando a figura de um ciumento — ciumento até à loucura — que, na sua imaginária situação de aleijado, atormenta com seus ciumes a esposa a tal ponto que ela torna-se infiel por obra de sugestão. Quando ele revela o truque, já é tarde; o irreparável aconteceu, e o delírio do protagonista acaba em suicídio. O autor desta história sinistra foi o expressionista vienense Max Bloch, na sua obra "Martírio de Venus". O mesmo tema reaparece, com idêntico desenvolvimento, e até com a mesma violência de ação e de linguagem, na primeira peça do sr. Nelson Rodrigues, "A mulher sem pecado". Estou convencido de que o escritor brasileiro nunca leu o drama de Bloch, nem sequer ouviu falar dele; a coincidência só serve para demonstrar o estrito parentesco do sr. Nelson Rodrigues com o expressionismo alemão e com toda a série de tragédias sombrias que aquele movimento espalhou no mundo, sob a influência literária de Strindberg e científica de Freud. Aliás, a mistura de expressionismo, psicanálise, surrealismo e neo-naturalismo, em que consiste o estilo teatral do autor brasileiro, coloca-se ao lado de outras tentativas semelhantes, como as do italiano Rosso di San Secondo e do americano Eugene O'Neill, este numa determinada fase de sua obra.

Com o último, o sr. Nelson Rodrigues tem outra coisa em comum: a tendência a materializar suas concepções dramáticas em efeitos cenográficos e coreográficos que melhor caberiam na mente de um diretor de espetáculos do que na imaginação de um poeta. As máscaras do "Grande Deus Brown", a técnica do monólogo em "Estranho Interlúdio", o espelho de "Dias sem fim", são os exemplos mais citados. Também outros elementos típicos documentam este intercâmbio de sugestões entre diretor e escritor no teatro moderno: a abolição dos objetos em Thornton Wilder, a volta do coro grego em Lorca e Eliot, o "teatro dentro do teatro", de Pirandello, a cena dividida em três e quatro planos simbólicos por Toller ou Hasenclever, a materialização de sonhos e alucinações, ou mesmo de acontecimentos sobrenaturais, como na "Desconhecida de Arras", de Salacrou, a mistura de bonecos e pessoas reais em Pellerin, a personagem constante sob uma série de disfarces diversos, como no "Aventureiro diante da porta" de Milan Begovic...

Ha um livrinho francês que algum amigo verdadeiramente afeiçoado devia dar de presente, no dia de Natal ou do aniversário, ao sr. Nelson Rodrigues, na certeza de proporcionar-lhe a leitura mais grata, mais cativante do mundo. O autor do livro é Antonin Artaud, o título "Le théâtre de la cruauté". Para Artaud, teatro é o diabo; teatro é o desencadeamento dos instintos ancestrais do homem, entre os quais não cabe nem um lugarzinho a impulsos e desejos inocentes: tudo é selvageria, rapina, violação, homicídio, incesto, profanação, derrama-

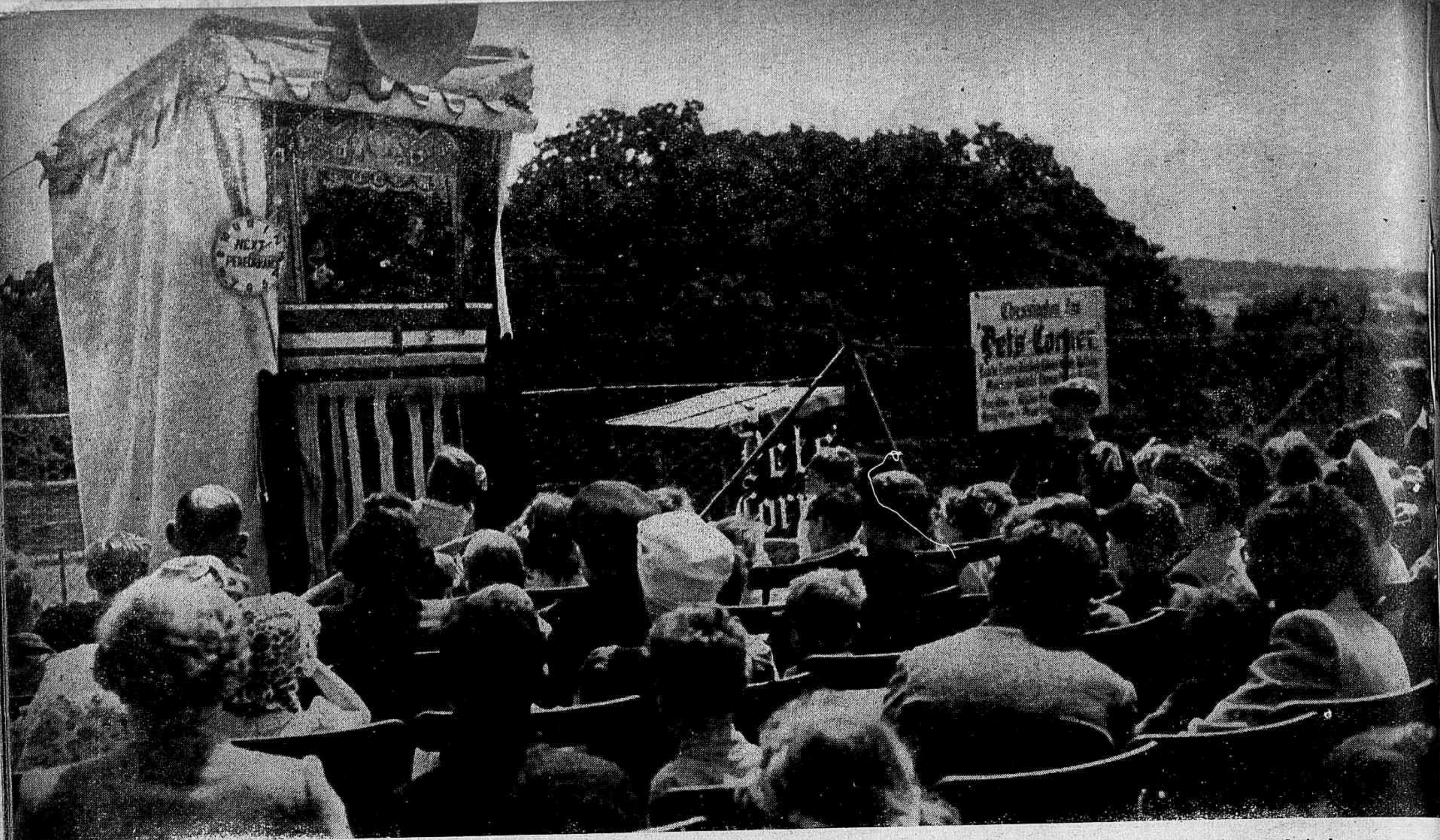
mento de sangue... Ao ler aquela delícia de livrinho, o autor de "Anjo Negro" deveria-se sentir como um santo no momento de receber as estigmatas divinas. Para Artaud o teatro se assemelha a uma pestilência; o primeiro capítulo do livro intitula-se mesmo "Le Théâtre et la peste". Esta pestilência, surgindo dos abismos interiores do homem, deveria explodir no espetáculo teatral com tamanha força que os espectadores entrariam no jogo, indo lá no palco degolar os atores e violentar as costureiras da companhia. O espetáculo continuaria nas ruas e casas da cidade, difundindo-se mesmo como uma pestilência, e constituindo uma oportunidade única para acabar de uma vez com este mundo burguês, hipócrita e convencional... Os teóricos marxistas do teatro já tinham falado da possibilidade do espetáculo determinar o surto revolucionário; mas Artaud vai muito além disso, e profetiza algo que não se limita ao terreno político e social, mas pretende entrar no vivo da consciência e da carne dos homens, desencadeando a orgia purificadora e o massacre, fora das mesquinharias distinções de classe e pretensões históricas daqueles castos burocratas que são os comunistas.

O tratado de Artaud demonstra claramente que os congressos da Terceira Internacional acertaram, ao condenar os surrealistas como pretendendo realizar não "le surréalisme au service de la révolution" e sim "la révolution au service du surréalisme". O sr. Nelson Rodrigues, porém, ainda não pensou em invadir os lares dos pacatos cidadãos encabeçando turmas enfurecidas. Até hoje ele é um anjinho, perto do seu colega francês, e só conseguiu assustar os "inocentes" que presidem a Censura teatral. Há também uma diferença mais sutil entre sua obra e a dos surrealistas. Enquanto estes pretendem transferir no teatro a "linguagem automática", isto é uma série de imagens sem nexos, surgindo incessantemente do Inconsciente, o sr. Nelson Rodrigues não renuncia ao uso da lógica, à construção de enredos, ao conflito de caracteres. Também não gosta do sobrenatural, e deixa às suas obras uma aparência naturalista, apesar da atmosfera de exasperação em que elas se desenvolvem. O diálogo não é constituído de frases literárias (a não ser em algumas passagens de incrível mau gosto) e faz uso quase constante da gíria e da linguagem familiar de cada dia. Ai é que surge a perplexidade do espectador e do crítico, que tenta a princípio interpretar este teatro como realista, experimentando logo depois outras interpretações, todas impossíveis, pois o autor não é um reformador social, nem um apocalíptico profeta religioso, nem nada. A aparência é de quem conta friamente uma história; o resultado final é uma exaltação trágica onde a história parece perder importância, sem que apareça algum valor, alguma finalidade justificativa. Uma verdadeira xarada. Para solucionar-la, o crítico refugia-se na memória dos seus estudos filosóficos, lembrando-se de que "a arte se justifica por si mesma", e assim consegue esquecer o problema.

Mas a questão permanece inalterada, e quem pode senti-la de maneira mais

O sr. Nelson Rodrigues diante de... não, não é de Susana Flag, pois ele só a pode ver no espelho... é diante da atriz Maria Sampaio, que o interpretou numa das "réplices" de "Vestido de Noiva", um sucesso em três diferentes versões teatrais, todas dirigidas por Z. Ziemlinski.





Crianças e adultos observam com o mesmo entusiasmo dos contemporâneos de Samuel Pepys, a comédia que há séculos vem deleitando gerações e gerações de ingleses.

O MUNDO MARAVILHOSO DAS CRIANÇAS GRANDES

O inglês, como todos os povos nórdicos, está sempre misturando o real ao imaginário. Sua literatura, como os seus castelos, anda cheia de duendes.

O fantasma do velho rei Hamlet ainda hoje desce com frequência da plataforma de Elsinor, para revestir a roupagem moderna daquela sutil Daphne Adeane, do romance de Maurice Baring, ou da Magdala Grey, alma de "fog", da "Legende", de Clemence Dane.

Todo afeiçoado às letras inglesas sabe

OS INGÊNUOS E DIVERTIDOS FANTOCHES SÃO UMA DAS TRADIÇÕES DA INGLATERRA — ALUGA-SE UM FANTASMA — MISCELÂNEA DO REAL COM A "FEERIE" — TEATRO DE BONECOS, MUNDO DE GENTE GRANDE — POLICHINELO E O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Por HERMAN LIMA
(Autor de "Na Ilha de John Bull")

Fotos KEYSTONE
Especial para REVISTA DA SEMANA

disso, como o sabem também os viajantes que transitaram um dia pelos seus velhos claustros, pelas soturnas câmaras dos seus palácios, pelos seus "moors" povoados dos uivos da paixão de Heathcliff.

Talvez mesmo nenhum outro povo tenha como ele a capacidade de se apartar da mais dura realidade atual, para se integrar, pelo tempo que queira, no reino da fantasia que muitas vezes toma aqui o nome de tradição e se penetra assim do renovado prestígio duma voz da raça e do passado, outros tantos fa-

A esquerda: Mas Punch é muito sabido. Pergunta ao carrasco como deve fazer e o carrasco diz: "Assim, com as mãos juntas nas costas". E Punch puxa a corda enforcando-o. À direita: Punch fica tomando conta do bebê. Mostrando às crianças como sabe cuidar do bebê, Punch diz a Judy que pode ir fazer suas compras.



tores de peregrina sobrevivência da pequenina grande ilha de Mr. Churchill.

Por exemplo: um dos meus mais constantes espantos, quando das vésperas da guerra, consistia em ouvir o simpático Mr. Dye, porteiro inglês de nossa repartição de Londres, acenando sempre, com a esperança de alguma coisa que haveria de acontecer, na última hora, para evitar o conflito que ele, ainda com os ossos do crânio espetados de pontas de "schrapnell" das trincheiras do Marne, mais do que ninguém, tinha carradas de razão para temer. "All will be all right" — era o seu refrão inalterável, a qualquer novo arremetimento de Hitler.

E' verdade mesmo que afinal tudo acabou bem, como ele queria, mas só ao cabo e à custa de sete anos infernais de dores e sacrifícios, sangue, suor e lágrimas, dos mais espantosos que Deus já permitiu a um povo suportar.

Bem somadas as coisas, não é menos certo que é mesmo com semelhante fé que se movem as montanhas da Bíblia. Daí também que seja essa reserva de otimismo e de ilusão um dos últimos bens que o mundo ainda permite à pobre humanidade desfrutar para sobreviver, qualquer que seja o rótulo que se lhe empreste — confiança no seu destino, amor às lições do passado, simples desejo de evasão aos males presentes, no bater das asas dum sonho.

E' também da guerra certo episódio que, na enxurrada de relatos do mais violento heroísmo insular, quando mais terríveis os bombardeios aéreos, sempre me pareceu inextinguível pela profundidade e pela transcendente grandiosidade do seu símbolo tecido de excelsas fragilidades.

A notícia veio numa correspondência do jornalista espanhol. Manuel Chaves Nogales, em palmo e meio de coluna, mas nunca me foi possível ler essas poucas linhas sem um estremecimento do coração.

Tratava-se duma cerimônia anual, iniciada no século XIV, quando um poderoso fidalgo de Londres construiu, numa rua já desaparecida, Seething Street, uma casa com um passadiço externo, contrariando assim posturas locais da época. No passadiço, como em minúsculo jardim suspenso, o homenzinho plantara um rosai de rosas vermelhas. Os edis de Londres impuseram então ao infrator pagar todos os anos à municipalidade, a título de tributo, uma dessas rosas vermelhas que deveria ser entregue solenemente por ele ou seus herdeiros ao Lord Mayor, no dia de São João.

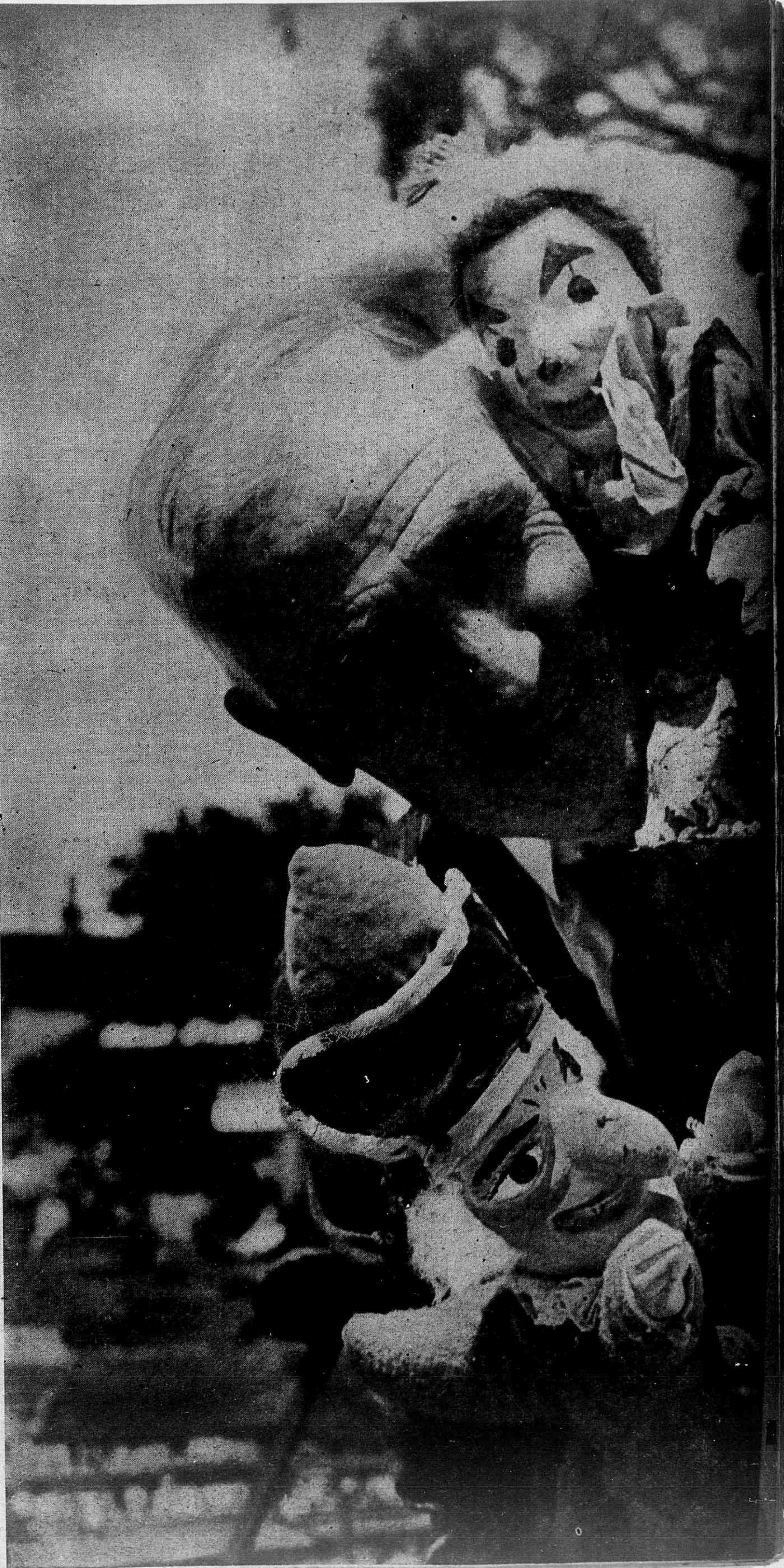
Os bombardeios de 1941 destruíram a ruazinha. "Já não existe mais o passadiço litigioso — observava o cronista — como não existem mais a igreja do bairro e a almofada de veludo sobre a qual era colocada a rosa, como uma oferenda à Santa Padroeira do vetusto templo. Mas, que importa? Que importa que o solar esteja em ruínas, que o passadiço esteja transformado num montão de escombros, que o templo haja desaparecido e com ele a almofada de veludo? Nada! E ontem, 24 de junho, dia de São João, o Lord Mayor, como todos os seus antecessores, recebeu na Prefeitura a rosa vermelha, tributo de uma casa que não existe mais, em uma rua que já desapareceu".

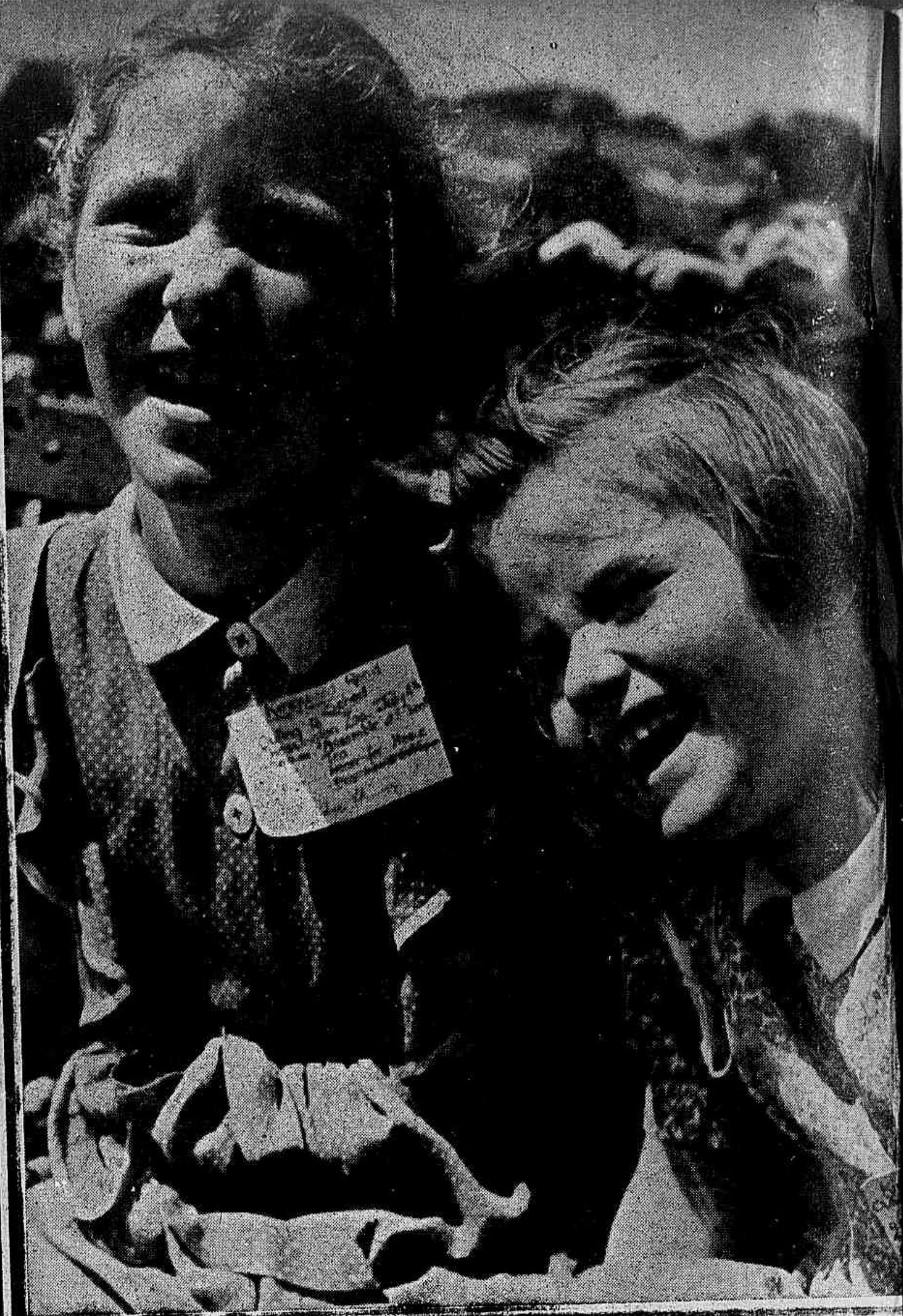
Dessas pequenas coisas tão simples é que se tem feito, através dos séculos, o espantoso espírito de resistência da raça. E é o mesmo espírito de candura e de fidelidade irrestrita à tradição que faz com que, ainda hoje, em meio a toda a série de tremendas provações individuais e de sombrias perspectivas para o resto do mundo, o inglês continue a se entregar com o mesmo amor e a mesma integral satisfação a divertimentos como o do teatro de "féerie", com que se embala inalteravelmente a sua ansia de irreal no mundo particular construído por ele, como o das crianças.

Sabe-se que o teatro em si é já uma das suas grandes paixões naturais, como a do "cricket" ou do "foot-ball". Mas, ao lado dessa fonte permanente de emoção, há mais o capítulo das pantomimas de fim de ano, espetáculos absolutamente característicos, em que não se representam somente velhas histórias folclóricas, como "A Bela e a Fera", "Os meninos perdidos no bosque", "Cinderela", mas constituem uma mistura de lenda e jogralices contemporâneas, verdadeiras revistas de costumes, que põem lado a lado "sketches" cômicos visando o Ministro da Fazenda ou o Serviço de Abastecimento e ballados aéreos de elfos e borboletas gigantescas, da metamorfose de lindas "girls", em pontas de fios de aço invisível, do mais impressionante efeito coreográfico.

Prestígio ainda maior, todavia, é o do teatro de "marionettes", especialmente o

— "FOREVER PUNCH". — George Douglas, velho empresário de "Punch & Judy", com 72 anos, diz "alô", por trás de sua barraquinha. Com ele estão Punch e Judy.





Na página ao lado, ao alto: "Ele jogou o bebê pela escada abaixo!" — gritam as crianças, avisando Judy e denunciando o velho Punch. A pequena Ana está de acordo. Sim, ele deve ser enforcado, gritam as crianças. Punch é um homem mau. Em baixo: mas as crianças sabem que Punch quer uma salsicha. Ana e Sandra riem quando Punch lhes acena pedindo as salsichas... O espetáculo acabou e as crianças se reúnem em torno da barraquinha, procurando ver como é que se faz a brincadeira.

"show" de "Punch & Judy", os mais antigos títeres do gênero, na Inglaterra. Punch é o Polichinelo ou Punchinelo do velho teatro italiano e sua introdução nos costumes ingleses vem do século XVII, pois já em 1669 Samuel Pepys citava um desses espetáculos, no seu famoso diário de patifarias.

A importância desses bonecos no setor da vida infantil é tão grande que a nova Lei de Educação lhes reconhece legítimos foros pedagógicos, passando eles assim a formar parte do currículo escolar, a despeito de vigorosas discussões que se travaram em todo o país, relativamente às reações psicológicas dos pequeninos, diante das surras que Punch dá na mulher.

Para lhe assegurar ainda mais a permanência no cotidiano inglês, bastaria lembrar o prestígio da famosa revista de caricaturas políticas do mesmo nome, confirmado por um século de publicação que a eleva hoje ao mesmo título de tradição, no campo da imprensa britânica.

O "show" de Punch & Judy, que por mais de uma vez tive ocasião de ver, nalgum bequinho transversal a Oxford Street, em tardes de sábado ou domingo, com o seu público de sempre — garotos de olho vivo, os garotos de Londres, os mais lindos do mundo, "charwomen" em folga e homens do povo, compõe-se de personagens invariáveis: o corcundi-nha com a mulher, um policial, o car-rasco, o bebê, um cão ou um gato. O único personagem vivo é o cão que fica do lado de fora da barraquinha, uma gola de rendas ao pescoço, um chapéu de palha em funil, na cabeça.

A pantomima gira em torno das proe-zas de Mr. Punch, um "wicked old man", velhote mau e astucioso, que a esposa, tendo de fazer umas compras na cidade, deixa em casa, às voltas com o bebê manhoso. O bebê faz horrores com o pai e este, ao fim do escarcéu, acaba jogando-o de escada abaixo. De volta à casa, a mulher se atira ao ma-rido, verberando-lhe a maldade e é en-tão a hora climax da pantomima.

Trava-se uma discussão acesa, de pa-lavras duras, de parte a parte, até que Mr. Punch agarra o famo-so cacete e desanca a esposa. A cena se faz sem-pre com grande estardalhaço, gritos es-tridentes da mulherzinha, vociferações do palhaço, pancadaria a torto e a di-reito, e com isso a assistência vai ao de-lírio, porque o homem não é sempre o campeão, a mulher tem também oportu-nidade de desancá-lo à vontade.

Interpelado uma vez por um jornalista, a respeito da parte mais popular da pantomima, o velho Douglas, que é o mais antigo exibidor do teatrinho em Londres, afirmou: "Tirem o cacete de Punch ou proibam a cena da briga, quando ele dá na mulher ou apanha dela e o espetáculo perderá sua principal atração".

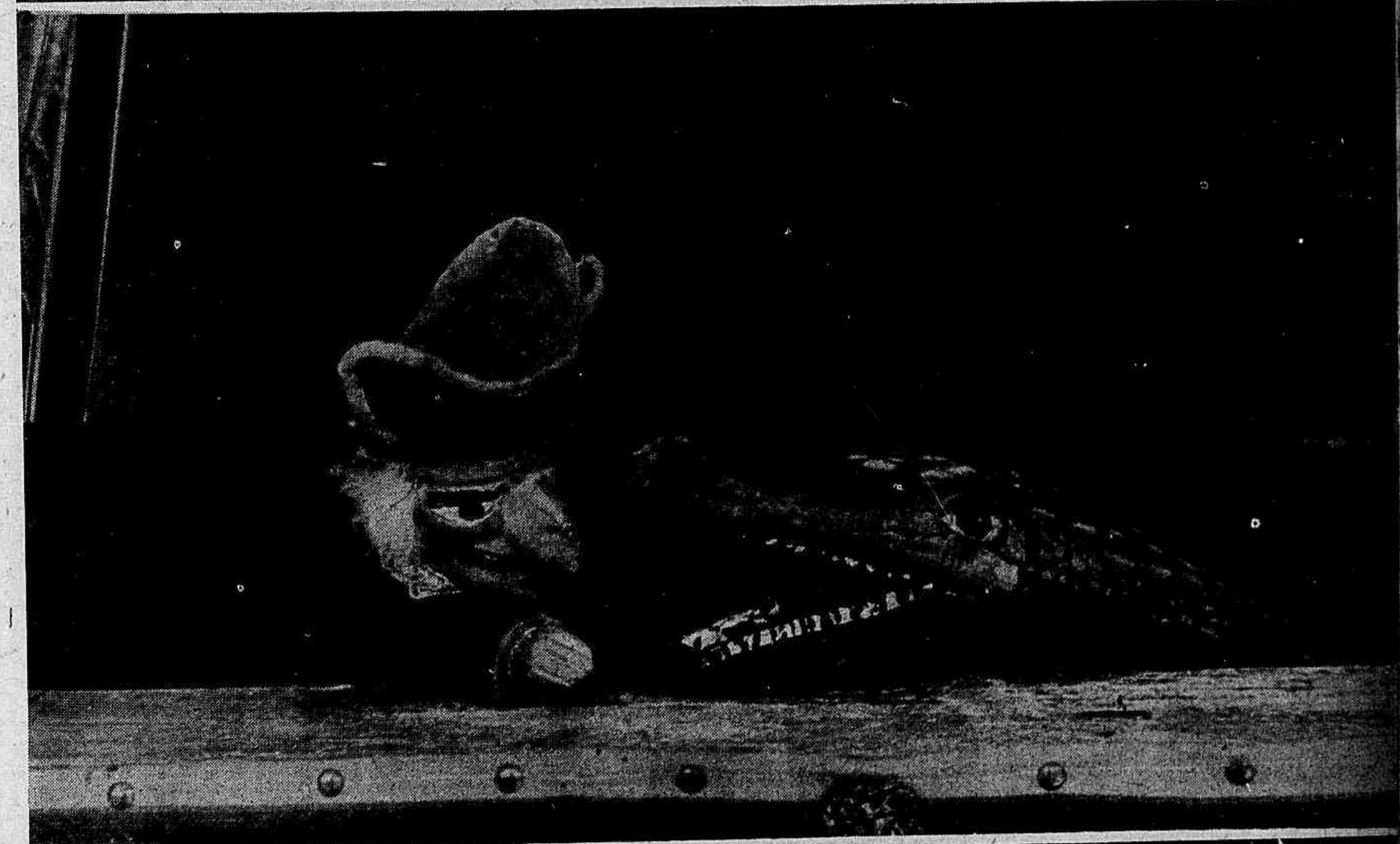
A gurizada, como os adultos, goza tam-bém as bordoadas que o terrível velhote descarrega por sua vez no polícia que o vem prender, como o truque de que se serve, ao fim do jogo, para se livrar da força, fazendo o carrasco ensinar-lhe como deve fazer, quando tiver de passar a corda ao pescoço. Nesse ponto, todos tomam parte na função, porque lá de dentro da barraquinha o velho Douglas indaga, na voz do polícia, que é que deve fazer com o assassino e é uma grita geral: "Jogue-o pela janela". — "Ele deve ser enforcado". — "Punch é mau".

A ascendência de "Punch & Judy" se acha assim assegurada para sempre sô-bre qualquer diversão das feiras e logra-douros, dos "squares" das grandes cida-des ou das pracinhas das aldeias humil-des, sem receio sequer da concorrência do palco ou da tela.

(Continua na pág. 42)

De cima para baixo: o castigo de Punch. "Oh, Punch malvado, como foi que você teve a coragem de atirar meu bebê pela escada? Vou dar-lhe uma lição"... Judy arranca o cacete das mãos de Punch e começa a bater-lhe.

Isto faz os pequeninos ficarem abisma-dos. O crocodilo causa um reboliço en-tre os garotos, mormente quando Punch dá uma espiada dentro da boca do bicho. Aí está a justiça. O polícia chega com uma ordem de prisão para Punch, por ter ferido o bebê, e pergunta às crian-ças se Punch deve ser castigado.



UM RETRATO DE MULHER

ERA um dos meus mais novos clientes no Sanatório Santa Teresinha e foi numa tarde de pouca ocupação que ele me contou a sua história:

«O meu afeto começara normalmente, namôro normal com prováveis consequências normais: enfastiamento, rompimento e esquecimento. Mas circunstâncias inéditas para mim e fatos pouco comuns para uma mocidade, fizeram-no tomar uma força inesperada, caótica. Os fatos aconteceram; Madalena, porém, hábil e astuciosa, dramatizou-os pungentemente, enrolou-os em lamentos, encharcou-os de lágrimas — com o único fito de me enlevar fortemente a ela. Nos nossos primeiros contactos, experiente de mais com os homens, ela sentiu que eu não era dos hipócritas e duros; pelo contrário, possuindo temperamento franco, meu coração seria dos que se inflamam tempestuosamente, e o amor, quando me possuísse não seria esse amorzinho funcionário-público, regrado dentro das conveniências sentimentais, encolhido numa roupa de carolá. Madalena não precisava ser perspicaz para adivinhar que eu era dos que amam com vibração espiritual, desprezando os anêmicos preceitos estabelecidos pelos comportados livros de boas-manieiras. Percebeu que eu era como pólvora à espera do fósforo aceso. E não mediu consequências: seu egoísmo era superior ao possível sofrimento de outrem; não fez antes um exame de consciência: sua vaidade suplantava-se a qualquer dano que viesse causar a outrem. Riscou o fósforo.

Fazendo-se cortejada, soube incendiar minha ansiedade com negações e, depois, minha fácil bondade de jovem, com o relato de sua infelicidade doméstica e amorosa. Eu era um rapaz extremamente sensível às desgraças alheias; porque eu próprio desde a adolescência conhecera a desgraça. A tuberculose, dos quinze aos dezoito anos, prendera-me ao pneumotórax, aguçando-me vibrante o sentimento. Meus companheiros nessa época decisiva para o caráter do homem eram sonhos e anseios, não poderia ser de outra forma, eram sonhos artísticos e anseios de viver, alimentados pela leitura de Horácio e de Ovídio, de Raul de Leoni e de Manuel Bandeira. Que experiência eu tinha com a vida comum? O que eu sabia a respeito da mulher? Eu as desejava como se anseia o céu. Desejava-as como a deusas distantes, não só por efeito da imaginação hiper-excitada como também, pior ainda, pelo recalque pesado que a doença me inoculava. Mesmo tendo tido alta, ainda por dois anos eu não me atrevera a aproximar-me duma mulher com intuito amoroso. O medo de ser repellido com nójo me inibia de tentar romance. Parecia-me que qualquer moça poderia desvendar a minha vergonha como se tivesse olhos de raios X. E uma simples tosse por inflamação na garganta dava-me angustiosos suores frios, achando eu que todos me evitavam dizendo entre si: «Vê? Não está curado!». Assim, como poderia aproximar-me duma mulher?

Mas com Madalena foram quebradas todas as peias. O meu médico tornou-se meu amigo, encorajou-me: eu não trabalhava de novo? Não fora empregado numa repartição que exigia todos os exames de saúde? Não me submetera aos exames de raios X, não fizera a reação de tuberculina, pesquisa no escarro e no suco gástrico, tendo tudo falado a meu favor? Todos os meus órgãos não estavam saudáveis? M. has funções não eram regulares? Eu poderia considerar-me um homem normal — assegurou ele. E evitando grandes choques morais e demasiados esforços físicos, teria probabilidade de viver como qualquer homem são. A beleza transbordante e os truques excitantes de Madalena fizeram o resto. Ela fez-me cá-la como os outros homens o fazem com outras mulheres e isto deu-me uma doce confiança em mim mesmo. E quan-

do chegou a oportunidade, abordei-a com toda a reserva afetiva acumulada durante a adolescência sem esportes, minha adolescência sófrega de vida e de felicidade. A felicidade e a vida estavam encarnadas naquela mulher — eu pensava, febril dentro de noites mal dormidas, estuando em devaneios poéticos. Pensava e o disse. Para ela foi novidade. Acreditei ter ela sentido o ineditismo do meu amor. E fui lamentável em julgá-la também contaminada da beleza que estalava dentro de mim. Contudo, foi ela própria que me fez pensar assim. Porque num rompante de sinceridade, numa explosão de desprendimento, contou-me toda a sua vida antes de mim. «Antes de mim» — ela frisou. E sendo eu um bom, um jovem, como julgar friamente a sua confissão, como saber que as mulheres têm sempre um passado para relatar aos homens, como conhecer que tudo estava sendo representado, meticulosamente calculado para causar-me profundo efeito? A sua existência pobre e humilhada de órfã custeada pelas migalhas da irmã melhor casada; a perseguição metódica do marido desta; o seu desejo de trabalhar para poder livrar-se dos favores alegados pelos que os faziam; a sua falta de preparo intelectual para tornar-se independente; a venda de sua virgindade no próprio leito da irmã ausente; o rompimento logo depois quando a irmã soube de tudo; a necessidade de esconder a sua desonra; o desespero de poder viver feliz; o amancebamento escondido com um médico que, para não se ver complicado no futuro, esterilizara-a; o arranjo dum emprego num laboratório, para mascarar as aparências — e daí por diante, sempre dinheiro na bolsa, mas sempre a desconfiança segurando-lhe os gestos, sempre a hipocrisia comandando-lhe as ações para não se denunciar; o descrédito e o desprezo aos homens — «uns porcos, uns porcos».

Ele me largou por outra, mas eu não queria um novo. Não precisava de outro. Não tenho temperamento de prostituta para enfrentar a sociedade e mudar rapidamente de homem. Tinha algumas economias na Caixa Econômica. Meu ordenado era razoável. Assim, só com Deus, eu poderia ir equilibrando minha vida até o dia... até o dia...

Embora se soubesse aleijada para o casamento, por causa do preconceito e de sua incapacidade para procriar, a idéia do casamento acariciava-a. Esperançosa, começou a namorar com um rapaz e, depois de recusada por este, tentou outro. Queria agora ser como todas as mulheres, namorar, passar pelo noivado, chegar a ser esposa de alguém amado.

Mas ela não era como as que chegam intactas ao cartório, não podia cobrir-se com o branco véu das puras. E a confissão, franca, arrependida do pecado, trouxera-lhe a repulsa dos dois rapazes, tendo ambos, contudo, feito outras propostas, fortalecendo o seu conceito sobre os homens — «uns porcos, uns porcos».

«Dessa data em diante não quis mais saber de homem algum, nem para simples «flirts». Suporto a minha amargura, seguindo para a frente, acompanhada de Deus, sem outro amor, sem procurar outro amor para não sofrer, ganhando o meu sustento com o meu suor — oito a dez horas curvada sobre uma máquina de escrever...»

Foi assim que principiou a nossa ligação. Ela dizia humildemente que não mais queria amar e sutilmente forçava-me a procurá-la, fazendo-me desejar o seu amor; e de que modo melhor, senão este, identificar-me a mim pelo sofrimento, fulgurar aos meus olhos como uma bela desgraçada? E eu ansei tornar-me amado. Qual a maneira e mais humana e mais formosa se não a que jurei comigo mesmo empregar? E empenhei-me com todo o ardor em erguê-la do ceticismo que a comia, levantar o seu

moral deprimido e então, só então, depois de ter sarado a sua alma, torná-la minha esposa ante minha família e a sociedade, selado com a lei, abençoado pela religião. Era um pensamento folhetinescamente lírico, mas eu o pus em prática. Disse-lhe palavras iluminadas de esperança, procurei confortá-la, contei-lhe meus próprios sonhos, convenci-a, ou melhor, julguei convencê-la de que mesmo neste mundo ainda havia a recompensa para os fortes de vontade e os bons de espírito, dando-lhe, daí por diante, provas palpáveis de minha teoria. Era uma bela obra, a única formosa, a que me empenhei. E dentro em pouco eu mesmo já estalava de paixão, dessa paixão que acomete o homem uma vez na vida — paixão que está muito longe dos tolos namoricos burgueses de esquina de rua ou das abjetas ligações com meretrizes. Era a cilada que me esperava. E inocentemente, parvamente, eu me deixara cair na armadilha sem a menor desconfiança.

Com vinte e quatro anos, Madalena era, porém, espiritualmente uma criatura velha. Tinha a experiência azeda dessa vida baixamente humana. E seu sentimento tinha a sapiência amorosa duma quarentona recalcada e vingativa que, por nunca ter encontrado o que quis ou nunca ter encontrado o que desejava, criava ódio, talvez inconsciente, aos seres espirituais e felizes, fazendo tudo para esmagá-los com sua inferioridade e marcá-los com sua miséria. Madalena não era como quis me parecer e como romanticamente eu a idealizara. O seu sofrimento não a engrandecera, não a santificara ou, para ser menos patético, não a tornara uma criatura mais humana que as comuns. A bondade que luzira em sua humildade anterior era apenas fruto de minha imaginação — certifiquei-me depois. O sofrimento causara-lhe o mal que alcança a todas as pessoas inferiores. Enchera-lhe a alma fraca de complexos plebeus, deixara-a umá fêmea latejante de desconfiança, rica de truques vis, estéril no sexo e no coração, temerosa ante os que a maltratavam, falsa com os que lhe depositavam fé, covarde diante dos que a exploravam, insultante e cheia-de-si com os que a amavam sem ultraje.

O tempo desvendou-me assim o seu caráter — o que o tempo não descobre? Inclementemente o tempo a despiu da fantasia de orfãzinha seduzida, joguete de homens maus e do destino cruel. E era abjeto e triste como uma velhice de degenerado. Dolorido no mais íntimo do meu ser, eu a via nua, impudica, verdadeira, e não podia recuar. Era assim como esses pesadelos que nos aflige durante toda uma noite: vemos o abismo e não podemos evitá-lo; estamos prestes a precipitar-nos e não sabemos como salvar-nos; a angústia nos oprime e nos estrangula às nossas tentativas de reação; e por fim, sentindo inútil qualquer esforço, entregamo-nos de corpo e alma, à tragédia, vencidos, perdidos. Eu via Madalena despidendo-se da roupagem humilde que utilizara. E não podia libertar-me, era já um seu escravo, amoldava-me à sua verdadeira personalidade, era um dominado. Revoltava-me algumas vezes. Mas sem a energia precisa. E voltava mais amoroso, submisso e humilhado ao despotismo de Madalena. Seus mínimos gestos, seus mais tênues sorrisos, seus menos expressivos olhares, suas palavras mais comuns, seu perfume gritante, sua maneira de andar, de sentar-se, de comer, de beber, de se alegrar ou de chorar, tudo seu tinha uma significação estranhamente resplendente para mim, um valor inconcebivelmente excitante para os meus sentidos; e mesmo com os seus defeitos berrantes, era-me impossível, ou pelo menos eu julgava impossível, separar-me de Madalena, um dia que fosse. Era uma obceção angustiosa e degradante. E embora tivesse conhecimento dessa humilhação efeminada, não me li-

bertava. Já a conhecia profundamente. Tinha a certeza de que nenhuma qualidade menos material adornava-a. Para ela o principal era a aparência. Fingira haver-se regenerado, mas o fóra apenas em palavras, para impressionar-me — pois me adivinhou um homem diferente dos seus conhecidos. Ligada a mim, embora pelo simples namôro, sabia que mais cedo ou mais tarde (foram seus próprios termos) eu viria a conhecer a sua vida: antecipa-se apenas, não por arrependimento, não tocada pela graça da sinceridade, mas unicamente por tática. Era uma meretriz típica de repartição pública, uma dessas prostitutas incubadas que mascaram sua vocação com um emprêgo num departamento qualquer, cuja habilidade social consiste em não se misturarem às suas colegas do «bas-fond» ou dos grandes cassinos, limitando-se apenas a vender seus corpos a quatro ou cinco ricações que lhes garantam a subsistência com conforto e um futuro sem sustos; sem perderem com isso a boa acolhida da sociedade e do meio familiar. Pouco a pouco eu vim a saber dos seus passos, dos seus costumes e de alguns dos seus amantes, a despeito dos seus esforços para aparecer ante a família como uma moça caprichosa e séria. Exteriormente, nos detalhes que revelam a mulher, era da mesma forma impudente. O seu fingimento anterior para comigo, de castidade — «não tenho temperamento de prostituta, suporto a minha amargura, só, ao lado de Deus» — havia-se rasgado. O fingimento tinha sido apenas uma arma. Surtira o efeito desejado. Para que então dar-se o trabalho de carregá-lo?

E deu para, nas interpretações de pensamento, revelar o seu despudor. Eu enxergava todas essas baixezas de Madalena. E continuava algemado. O meu amor, longe de arrefecer, aumentava avassaladoramente. Sentia por aquela criatura tão animal uma fascinação muito grande, misteriosa, fetichista. E ela se aproveitava perversamente disto. Sacudia-me dos sentimentos mais desencontrados. Violentamente bela, tinha, na intimidade, caprichos violentos. E levando-me a tropicais mudanças de sentimentos, ela ria se eu fazia pieguices líricas, debicava de minhas truculências de fúria, movava se eu explodia de ciúme, zombava se lágrimas de dor afloravam-me aos olhos, para, depois de eu ter atingido a raiva mais surda, trazer-me a uma ternura profunda, a uma meiguice suave, devolvendo-me em seguida ao incontentamento e ao despeito. Quando percebi que eu desprezava interiormente sua mediocridade intelectual, empenhou-se em rebaixar-me até ela. E eu apoiava suas opiniões grosseiras, tinha de encontrar inteligência em sua obtusidade, luzes em sua ignorância.

Apesar de tudo, porém, acontecia uma coisa muito estranha: sabendo do meu complexo de ex-tuberculoso, nunca o explorara. Isto bastaria para me pôr agradecido. Mas, contrastando com tal esquisitice em seu espírito sádico, ela princava com a minha saúde, impunha-me sacrifícios físicos que me extenuavam tanto quanto os morais; só aliviava-os quando me via prestes a sucumbir. Então, quando me percebia enfraquecido, ela me cercava de infinitos carinhos. Beijava-me muito na boca e nos olhos como se tivesse a certeza de serem os seus beijos o meu melhor remédio. Conservava-me horas inteiras com a cabeça em seu regaço, acariciando-me o rosto, perpassando meus cabelos com seus dedos macios. Então eu deslembra-va toda a sua imbecilidade, esquecia toda a sua ticanhez, só a sentia mulher, a mulher que eu amava.

Todavia, assim que me via restabelecido, substitua a meiguice pelos tormentos. Era uma criatura mórbida — hoje não alimento a menor dúvida. Onde lhe vinha tamanha perversidade? Do seu complexo brasileiro de desvirginada pobre, sem nome de família ilus-



SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

tre, sem casamento? Do seu ódio de ter encontrado só aos vinte e quatro anos, depois de amarga experiência, alma dura, o amor que talvez em sua adolescência sonhara? Ou provinha justamente de tê-lo encontrado? Pois não há pessoas que amam o inatingido, só são desejosas quando buscam, e ficam decepcionadas, raivosas, quando encontram o ansiado? Todas estas indagações podiam ser do mesmo modo as causas reunidas da sua morbidez. Mas hoje outra dúvida me ocorre: num temperamento feminilmente tão vulgar, de sexualismo tão animal, de conceitos morais tão materiais, a castidade que eu me impunha não seria outro motivo ou o seu único motivo de desprezo?

Madalena era o que se podia chamar sem exagero uma esplêndida mulher. Embora não fosse suficientemente alta, chamava a atenção dos homens e lhes despertava desejo. Forte, sadia, suas curvas eram bem sinuosas e suas formas bastante acentuadas. Tinha pernas longas e roliças, ancas largas e redondas, amplo ventre sem gordura. Vê-la era sentir logo a fêmea, uma fêmea de enervante carnadura morena. Com vinte anos e com a ânsia sexual que a tuberculose deixa às suas vítimas saradas, eu também sentia desejos brutais de possuir Madalena. Seus beijos e seus abraços nos momentos de ternura ataçavam violentamente o meu desejo. Eu o freava, contudo. Eu conseguia dominá-lo. Sofria torturas diabólicas como um novio apassado do demônio da carne. Aguilhões laceravam-me. Mas eu não fraquejava. Queria possuí-la, mas dignamente, quando ela fosse minha esposa, não antes. E tal abstinência não poderia ser o gerador de sua ferocidade, a provocação de sua inferioridade? Todos sabemos como as mulheres em geral en-

caram a questão sexual. E me inclino à última hipótese, porque Madalena — hoje me lembro e ligo os fatos — mostrava-se tenazmente contra os meus propósitos, procurando quebrá-los com o maior e mais teimoso dos seus caprichos: dizia que me amava, ouvia meus projetos de casamento, enfeitava-os e acrescentava-os até. Conduzia-me finalmente ao pedido formal. E quando eu o pronunciava, ela recusava, não dava o «sim» tão ardentemente desejado — um risinho de triunfo cintilando em seu rosto. Tinha acontecido dezenas de vezes. E isto me punha mais ansioso e mais disposto a consegui-lo. Podia ser tolo. Hoje acho-o ridículo. Mas naquela época eu tinha vinte anos e uma alma poética; como achava heróico lutar por uma mulher que se perdia! Como achava sublime conquistar por amor, por puro amor, o «sim» tão simples e tão lindo, desabrochando espontaneamente daquele coração recalcado, aflorando como uma prece, daqueles lábios irônicos, sem influências estranhas senão a do amor espiritual! Naquele tempo manifestava-se em mim esse sentido do «romanesco» de que Conrad tanto fala, que leva os homens ao supremo sacrifício, à perdição, à morte. E Madalena, sabendo o quanto isto me faria feliz, não cedia. Não deixava de dizê-lo também em revide ao fato de eu nunca ter demonstrado querer apossar-me de seu corpo? Eu achava que deveria proceder assim para regenerá-la. Desejava levá-la do charco onde ela chapinhava, salvá-la do futuro que a esperava se continuasse a mesma vida. O que não lhe sucederia depois de ter perdido os encantos físicos? E só aparecendo-lhe forte de vontade, digno de intenções, bom de compreensão — julgava eu — poderia despertar-lhe confiança e servir-lhe de amparo moral.

Como inoculava tal sensação de segurança em seu espírito, senão procedendo ao contrário da matilha dos outros homens «antes de mim»? Não era o altruísmo quem me movia. Mas o amor, unicamente o amor. Amor, confiança, moral, honestidade — redondas e ócas, belas e vazias palavras...

Madalena, porém, possuía a cabeça inchada de complexos. Sua vaidade de humilhada ao sentir-me gentil, sem grosseria, sem cinismo, sem malícia, acordava ouriçada de raiva e vingança. Era dessas mulheres tão comuns que devem ser tratadas como animais inferiores, menos do que isso, como objetos, simplesmente como objetos que não se quebrem nem sintam dor, objetos que se possam dar pontapés sem serem necessários pedidos de desculpa. Na boçalidade que o longo conhecimento de homens de almas anãs comunica às mulheres, Madalena não reconhecia ou fingia desconhecer a pureza, a essência de meus intuitos. Não julgaria que eu, diante do seu domínio e dos seus maus tratos, anelava unicamente por uma revanche, queria «vencê-la» para então pisá-la com o meu desprezo, com o meu afastamento? E a desconfiança em febre, a interpretação amorosa das coisas aconselhando-a, ela mantinha-se agressiva, empenhando-se beocemente em «ganhar». E quantos recursos torpes empregava para me enciumar, daí perder a cabeça, daí desviar-me do meu intento puro e escabujar na vulgar saciedade sexual!

Cada dia mais essa situação angustiosa acentuava-se. E me vendo cada dia mais forte e mais resolvido a manter meu ponto de vista, Madalena deu para fazer toda a sorte de baixezas. Eu já sentia algo de simbólico nessa luta, o bem e o mal digladiando-se com os seus meios de defesa e de ataque. E sofrendo

intensamente eu presenciava com milagroso estoicismo os desatinos de Madalena. Ela os praticava antes, mas às escondidas. Agora exibia-os. Flertava com outros homens em minha vista. Consentia nos assédios dos abundantes galãs de rua que atravancam os passeios. Ia para as festas sem dar-me a menor satisfação. Recebia presentes, os mais íntimos, de conhecidos ávidos por retribuições lascivas. Livrinhos galantes com dedicatórias obscenas eram comuns em sua penteadeira. E uma vez, tendo marcado um encontro comigo, deixou-se surpreender nos braços dum «camaradinho». E o prazer da vitória bailando em seus olhos ela não deixava que eu lhe lançasse no rosto, como uma bofetada, a imunidade do seu procedimento:

— «Contenha-se, menino. Nada de presepada. Você é meu dono? Ainda não deu prova... Somos, pelo menos, comprometidos, noivos? Não. Não lhe dei o «sim». Portanto é ver e calar. Se não gostar é só dar o fora, que falta não me faz.»

Eu recuava humilhado, sucumbido, coração pesado de angústia, cérebro estalando de angústia, estômago contraído de angústia, todo angústia. Nesses instantes, ganas de surrá-la, de assassiná-la, acometiam-me. Tinha acessos de nójo por tão ínfima criatura. Desesperava por senti-la sem salvação. Tinha ímpetos de cuspir-lhe, de abandoná-la para sempre, entregue à própria estupidez e à própria sorte. Eram repentinos de virilidade, porém. Não tinha coragem suficiente para largá-la. Além disso, havia outro fator que me prendia. Embora ela dissesse que não lhe faria falta e me despedisse a todo momento, ela não me deixaria ir. Pressentia o máximo

(Continua na pág. 42)

O pai dele era médico em Tavas-tehus, aldeia do interior da Finlândia. Mas embora proviesse de uma linhagem predominantemente sueca, tinha a família Sibelius a psicologia das classes médias finlandesas.

Nasceu Jean Sibelius em 1865. Três anos depois, no cumprimento do dever, faleceu-lhe o pai, o homem mais bondoso e mais sociável da aldeia, por haver contraído o germe do tifo enquanto assistia os seus doentes. Dali por diante foram as crianças da família — dois meninos e uma menina — educadas, ou antes, dominadas pela mãe e pelas duas avós. Mas, se bem algum tanto amimalhadas pelas mulheres que as cercavam, conseguiram crescer sem que as prejudicasse o excesso de mimos.

Deram ao menino o nome de Johann Julius Christian, mas, ao atingir a maioridade, ele mesmo passou a chamar-se Jean, por causa de um tio aventureiro que embarcara para Havana e lá morrera de febre amarela. As suas experiências infantis tinham sido assaz agradáveis. Passara no litoral grande parte do tempo, em companhia das mulheres da família e tomara-se, destarte, de entranhado amor ao mar. A Finlândia, naquele tempo, achava-se sob o domínio do czar. As tropas russas aquarteladas no pequeno país viviam às mil maravilhas com os seus hospedeiros finlandeses. Muitas amizades individuais haviam surgido entre conquistadores e conquistados. Um dos mais íntimos amigos de infância de Sibelius era um rapaz que se chamava Kostya, filho de um coronel russo. Sibelius, não obstante, como as outras crianças da Finlândia, fora educado no ódio ao domínio russo, embora gostasse dos russos. Foi em seus anos pueris que ele se embebeu no espírito daquele hino apaixonado que ao depois viria a escrever — a sua Declaração nacional de Independência, «Finlândia».

Manifestou-se-lhe cedo, embora não precocemente, o talento musical. Aos cinco anos de idade percorriam seus dedos o teclado do piano, à procura de novas harmonias e melodias. Era frouxa, porém, a sua afeição ao piano. O seu instrumento predileto era o violino. (Durante toda a vida havia de ser o violino o instrumento predominante de suas músicas.) Formou, com o irmão e a irmã, um trio familiar, e iam os três, amiúde, à casa dos amigos músicos com quem pudessem executar quartetos. Jean veio, assim, a conhecer de cor diversos quartetos de Mozart, Haydn, e a deleitar-se com o seu estilo escultural. Não tardou muito, contudo, em compor a sua própria música de câmara para esses concertos domésticos — ocorrendo então algo semelhante a um milagre. Nem bem eram decorridos dois anos quando, sem nenhum treino metódico, começou ele a expressar-se numa linguagem musical própria. Rejeitando a influência dos clássicos, entrou a formar um novo idioma, uma interpretação individual das nórdicas paisagens com a espuma dos seus mares, as suas florestas e as suas montanhas, acrescentando ainda a essa música primitiva outro acento característico — uma sibeliana paixão da liberdade.

De tal arte se absorvia Sibelius na música e nos sonhos que prestava pouquíssima atenção às aulas do colégio. — Valha-me Deus, — observava com um suspiro o bondoso mestre quando, depois de interrogá-lo improvisamente, recebia uma resposta distraída, — Sibelius já está de novo no outro mundo! — Sibelius achava-se, com efeito, num mundo que distava, na imaginação, muitas léguas do das aulas.

II

A semelhança de Schumann e de Tchaikovsky, Sibelius destinava-se a uma carreira jurídica. Para agradar aos parentes, matriculou-se na Universidade de Helsingfors; mas, ao mesmo tempo, para agradar a si mesmo, entrou para a Academia Musical de Helsingfors como ouvinte. — Se me perguntarem o que aprendi na Universidade, — observava muitos anos depois, — posso dizer em sã consciência que nada. — Em certa ocasião, enfadara-o de tal sorte determinado livro de estudos que o colocou, com as páginas abertas, sobre o pectoril da janela onde batesse o sol, esquecendo-lhe prontamente a existência. Meses a fio lá ficou o livro até que o calor lhe

amareleceu as páginas. Por fim, foi um tio visitar Sibelius para saber como ia de estudos o moço «estudante». Aproximou-se da janela, viu o livro sobre o parapeito e disse, com um suspiro: — Afinal de contas, Jean, seria melhor que você se dedicasse exclusivamente à música...

Sibelius desligou-se da Universidade e entregou-se à música de corpo e alma. A sua educação regular fornecera-lhe tão somente os instrumentos por meio dos quais lhe seria dado acrescentar experiência ao cabedal das suas idéias. Não careciam de exercitação os seus instintos primários. Eram diretos. Caminhando, por exemplo, ao longo da praia, sentia o cheiro azedo do linho e do cânhamo que acabavam de ser retirados da água. Esse cheiro movimentava-lhe o sentido musical. O compositor torcia o nariz, fazia uma careta e registrava o tema de um capriccio. Ou então pegava com a mão uma pouca de neve. «Como é gostoso sentir a umidade da neve que se derrete!». Espertados, os seus sentidos tácteis enviavam-lhe para o interior do organismo o germe da música.

O seu sentido visual, entretanto, é que era particularmente forte. Os estados de espírito apresentavam-se-lhe sempre sob a forma de cores, e havia, além disso, em seu espírito uma associação definida entre a cor e o som, de maneira que, para ele, uma composição musical assumia um modelo calidoscópico, uma imagem estética e conveniente que ele não só ouvia como também enxergava. Um dos seus amigos do tempo de estudante observou que, para Sibelius, cada tom musical tinha um matiz diferente. «O tom de Lá maior era azul; o Dó maior, vermelho; o Fá maior, verde; e o Ré maior, amarelo».

Durante o seu período de formação

A VIDA DE SIBELIUS

(Jean Sibelius — N. 1865)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

na Academia Musical de Helsingfors, Sibelius teve a sorte de encontrar um professor que não era nem um gênio, nem um pedante. Chamava-se esse homem Martin Wegelius. Músico honesto, negava-se a colocar a disciplina acima do talento ou o talento acima da disciplina. Cliente das próprias limitações, era suficientemente sensato para não oprimir o aluno nem transformá-lo num satélite seu. E muito embora nutrisse certa predileção por Wagner, não sabia — nem queria — impor essa preferência ao espírito independente de Sibelius, nem fazia coisa alguma para descoroçar o gosto individualista do rapaz.

Sibelius passou três anos com esse professor. Achava-o útil mas pouco inspirativo. E uma vez que o seu trabalho em aula era, necessariamente, insípido e rotineiro, fazia em segredo a maior parte das suas melhores composições. Reverenciava hipocritamente as formas clássicas e copiava, com zelo, as fugas e as passagens contrapontísticas que lhe eram designadas. No refúgio do seu quarto, contudo, compunha a seu bel-prazer, utilizando-se do estilo e dos métodos próprios. Enquanto estudava com Wegelius, escreveu três peças importantes — um tema e variações em Dó sustenido maior, um quarteto em Lá menor e uma suíte para cordas em Lá maior. A primeira dessas peças era um exercício de todo o ponto convencional, a espécie de composição que se exige de um estudante de Conservatório após os três anos de estudos técnicos. Encantou-se Wegelius desse resultado da sua ensinância. Os dois últimos trabalhos, porém, não provinham dos ensinamentos da escola de Wegelius. Eram destituídos de academicismo, livres e originais. Os críticos mais perspicazes de Helsingfors prestaram sincero tributo a essas duas peças e declararam que o jovem compo-

sitor fizera já vibrar uma autêntica nota nova na música finlandesa.

III

Sibelius foi feliz em relação à sua ambiência. Nunca padeceu da tremenda incapacidade de adaptação nem da psicologia desvirtuada tão comum numa criança prodígio que, em razão da anormal precocidade musical, tem de sacrificar o crescimento físico. Processou-se-lhe a maturação musical por etapas fáceis, e ele atingiu a virilidade com um corpo sadio e um espírito vigoroso. Não teria o destino de Mozart, nem o de Schubert, nem o de Chopin. Durante o seu tempo de estudante conhecera um desgraçado virtuoso desse tipo — um pianista chamado Busoni. «Esse meu jovem amigo», escreveu Sibelius, «cresceu como menino prodígio e passou a juventude nos hotéis de, praticamente, todas as cidades da Europa. Entrou em contacto na Finlândia, pela primeira vez, com o mundo que existe fora de casa. Nos primeiros tempos das nossas relações surpreendiam-no extraordinariamente os benefícios que eu lograra colher da minha comunhão com a natureza».

Caracterizou o vagaroso e sadio desenvolvimento do engenho de Sibelius a sua produção relativamente pequena até a idade de vinte e quatro anos. Vários dos seus contemporâneos haviam escrito consideravelmente mais no mesmo período de tempo. Hoje em dia, no entanto, poucas são as obras destes últimos, dignas de menção. Eles limitaram-se a satisfazer as exigências do momento, mas havia pouca unidade artística ou integridade vital em suas tentativas no terreno da chamada música modernista. O crescimento da alma de Sibelius foi lento mas vigoroso, orgânico e vivo.

Completado o seu treino de conservatório, desejou Sibelius acrescentar a sua habilidade técnica e fazer novas experiências sobre a vida entre gente nova e novos lugares. Transpôs, pela vez primeira, os limites da Finlândia viajando para Berlim, onde iniciou um estudo deliberado e consciencioso dos mestres. Já não desdenhava a ciência do seu ofício. «A prática da técnica parece-me, hoje em dia, tão importante para o compositor como o é para o cirurgião a prática da anatomia». Verdade é que, às vezes, quase lhe falecia a paciência ao estudar continuamente a teoria das fugas. «Eu não podia resistir à impressão de ser um escavador a desenterrar esqueletos do passado». Não obstante desenterrou-os. Sibelius estava destinado a tornar-se um dos grandes paradoxos da música moderna, pois esse homem, que desdenha de imitar a música do passado e crê totalmente dever expressar o próprio tempo da maneira mais adequada a esse tempo, é, entre os compositores contemporâneos, o que mais se esmera por preservar as tradições eternas e fundamentais da música. Foi ele quem continuou a escrever sinfonias quando os ultramodernistas já tinham, havia muito, rejeitado a forma sinfônica.

Sibelius continuou a estudar a forma sinfônica e as demais formas clássicas não só em Berlim como também em Viena. Quando chegou a Viena estava no auge a épica batalha entre as escolas de Brahms e de Wagner. Sibelius, porém, encontrou a sua paz espiritual no meio da batalha, pois não se meteu a paladino de escola nenhuma. Viena era o quartel-general de Brahms — moradia, grosseiro, desleixado e cheirando eternamente a fumo. Busoni porfiou em apresentar Sibelius ao mestre. Este, todavia, não quis perder tempo com um musicista desconhecido. — O que é que ele sabe fazer? — perguntou a Busoni e quando este último contou que Sibelius escrevera um «bom quarteto», Brahms deu de ombros. Aquilo não o interessava.

Hans Richter, todavia, o assinalado regente da música wagneriana, foi mais acessível. Fez a Sibelius hospitaleira recepção e beneficiou-o com os seus conselhos de experiente. Até então fizera o jovem compositor um estudo acurado das condições da música de câmara, mas não se abalancara ainda a tentar composições para orquestra inteira. Richter recomendou-lhe um professor de composição instrumental, e Sibelius pôs-se a tomar lições com ele.

(Continua na pág. 44)



JEAN SIBELIUS

NOS BASTIDORES FEMININOS

Si você é das que vivem contando ao primeiro que aparece todos os males que a afligem, certamente encontrará momentos em que sentir-se-á um tanto isolada. E' que ninguém, minha amiga, está interessada no seu fígado ou nos seus rins ou ainda no seu estômago. Hoje, quando o tempo é pouco para que cada um cuide das suas próprias preocupações, não nos sobra ocasião e, mais francamente, não nos sobra paciência para suportar as suas lamúrias! E você que gosta tanto de se queixar! Com que riqueza de detalhes você descreve a sua última enxaqueca! Com que ênfase você menciona a sua tremenda cólica de fígado! Tão tremenda que você foi obrigada a fazer uma estação de águas em Caxambú!

Talvez você tivesse pretendido mesmo chegar à esse ponto: a sua viagem à Caxambú... Um pouco de exibição não faz mal à ninguém, não é? Você foi, mas voltou a mesma, não é verdade? O fígado continua doendo, a cabeça também, e mais ainda a nossa por ter que ouvir tudo isso! E quando lhe viramos as costas, cansados e aborrecidos, você ainda nos chama de mal-educados! Sim, somos mal educados porque não toleramos o seu exibicionismo e o seu egoísmo. Quer isso doa ou não à você. Para nós você não passa mesmo de uma egoísta e de uma exibicionista. Você quer que todos lhe dê atenção, quer ser a única a falar, quer fazer dos seus imaginários males físicos assunto obrigatório de todas as palestras. Você exhibe esses males com o único fito de estar em evidência; o que dói nos outros, sempre dói mais em você, e, é até com certa validade que você descreve os "terríveis" momentos que passou na sua última moléstia que nunca será a última... Talvez você julgue provocar assim admiração pela sua fragilidade; talvez você se utilize disso como de uma arma de defesa: talvez você ainda imagine que os homens sejam os mesmos românticos que se apaixonavam por criaturas frágeis e se prontificavam a protegê-las; talvez você procure assim se livrar de muitas responsabilidades, porém, seja qual for a razão dessas suas eternas e desnecessárias queixas, o fato é que o resultado nunca será o que você espera; você não se tornará, como pretende, o centro de todas as atenções, mas um verdadeiro espantalho de quem todos fugirão. Não perca tempo, portanto. Não procure angariar simpatias contando as moléstias que você julga carregar consigo; você se tornará muito mais agradável se afastar, definitivamente, das suas palestras este assunto, substituindo-o por outro menos pessoal e mais interessante.

KITTY

GLAMOUR Outro não poderia ser o título sugerido por Arlene Dahl e sua magnífica "toilette" para a noite. Em cetim negro, de corpete justo, com drapeado sobre o busto. Sáia muito ampla com abertura mostrando cetim de listras pretas e brancas. Como "saída", Arlene usa uma capa também de cetim preto e branco.



O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

OS ESPIÕES

Fanny Marchiô estava em excursão pela Itália, e, tendo chegado a uma pequena cidade, procurou um hotel. No momento em que lhe deram o livro de hóspedes para assinar, uma pulga saltou sobre o papel. Fanny largou a caneta, pegou suas coisas e chamou o secretário.

— Vamos embora daqui.

E, tendo que explicar a razão daquela repentina mudança, explodiu:

— Deus me livre de ficar num hotel onde as pulgas mandam seus espiões saber para que quarto a gente vai!

A PURITANA

A esposa de Nathaniel Hawthorne foi quem o impeliu a escrever seu primeiro livro, quando este, tendo sido despedido de um escritório, não sabia o que fazer de si. Nasceu, desse modo, a "Letra Escarlate". Essa mesma mulher sensível, cheia de admiração, de amor e de respeito pelo seu marido, não teve a menor dúvida em alterar toda a linguagem que ele usava no seu diário íntimo, alegando que ele jamais falara daquela forma. E, pelo seu zelo de puritana, cometeu um grande pecado contra a verdade. O diário de Hawthorne foi publicado de roupa nova, para desgosto de todos aqueles que aprenderam a amar o autor de "A Casa das Sete Torres" e "O Fauno de Mármore".

OBRIGAÇÃO

Elizabeth Barrett teve um filho de Robert Browning. A célebre poetisa inglesa morou em Roma muitos anos e ali educou seu menino. Certa ocasião, em palestra com uma amiga, contou:

— Meu filho passeia todas as manhãs nesta praça, mas creio que não gosta muito.

— Mas, por que não se volta para o lado oposto e não passeia pelo campo?

— Já lhe disse isso, tornou Elizabeth com resignação, mas ele não quer. Já o convenceram de que ele é uma das "vistas" de Roma...

ORIGEM DE UMA EXTRAVAGANCIA

Sarah Bernhardt sofria de violentas hemoptises. Muitas vezes, era obrigada a sair do teatro no meio de uma representação, completamente prostrada. Enquanto isso, seus amigos e colegas faziam cálculos do pouco tempo que ela deveria durar. Tanto se preocupou com a morte, que, receiosa de ser transportada morta para casa qualquer dia, mandou fazer um caixão. Assim, quando chegasse, seria logo colocada no lugar competente. E, lá ficou o caixão, aguardando o cadáver. Tempos depois, sua irmã adoeceu gravemente e Sarah não a abandonou um instante, até a morte. Na noite em que esta morreu, exausta, tendo a irmã no seu leito, Sarah deitou-se no seu próprio caixão e dormiu profundamente.

No dia seguinte, Paris estava cheia da novidade. Sarah Bernhardt era uma mulher tão extravagante que dormia num caixão de defunto...

CAUTELA

Maria Jacinta, autora laureada de "O Gosto da Vida", foi convidada a assistir a estréia de uma nova companhia. Dias depois encontrou-se com uma amiga e perguntou:

— Você foi?

— Fui. E você? — indagou por sua vez a amiga.

— Eu ia. Mas, tive um dia tão delicioso, mas tão delicioso que fiquei com medo de estragar.

Se tivesse ido, realmente ficaria com o dia estragado. A estréia foi o diabo.

MODA

Quando a família de Nathaniel Hawthorne se encontrava na Inglaterra, surgiu um certo problema de ordem religiosa, para eles. Era preciso encontrar nas imediações uma igreja puritana, onde pudessem assistir ao culto dominical. Depois de alguma investigação, essa igreja foi encontrada. Uma, filha mais velha do casal, escreveu para casa, dando conta do que havia se passado naquele primeiro domingo: "Tivemos um sermão muito comprido, onde o sacerdote falou por muito tempo sobre a roupa que Adão e Eva usavam".

CASO PARTICULAR

Um indivíduo absolutamente vulgar, desses extrovertidos contentes da vida, aproximou-se de Greta Garbo e estendeu a mão com um ar familiar:

— Lembra-se de mim? Encontramo-nos há alguns meses atrás...

— Nunca esqueço ninguém, respondeu glacialmente a sueca, mas posso abrir uma exceção no seu caso...



Em baixo, na ordem: Evelyn Keyes, usa um pijama de algodão azul com um robe também de algodão do mesmo tom, com listras brancas, Robe de seda estampada, com viés de veludo preto. Cinto largo, franzido, do mesmo tecido. Arlene Dahl, da MGM, usa-o também para ir à praia. June Allyson sugere este "robe" em gabardine com bordado em tom contrastante. Elegantíssimo pijama próprio para receber, apresentado por Vera Ralston, da Columbia. A calça é preta, a blusa branca, cinturão vermelho e bordado em vidrilhos na blusa. Ao alto: Maria Montez, com uma originalíssima blusa esportiva de lã.

INTIMIDADE





Em baixo, na ordem: Rosalind Russell sugere este vestido branco todo abotoado na frente e com pregas soltas na saia. Grossa corrente e medalhão de ouro. Jane Wyman, da RKO, usa para o jantar uma blusa de manga comprida em "pailetés". Dolores del Río que marca a sua volta em "Domínio dos Bárbaros", revela todo o seu bom gosto e elegância nesse vestido preto, cuja blusa tem uma das mangas em tecido listrado preto e branco, passando em "echarps" sobre o busto e caindo nas costas. Blusa de malha cinza claro com listras azul marinho sugestão de Jane Wyman. Observem a originalidade do seu bracelete. Ao alto: um detalhe de muita elegância neste vestido para jantar de Loretta Young.

MISCELANEA



A PERSONALIDADE da Semana

HELENA ANTIPOFF

— Você me disse que queria entrevistar-me, — disse-me a Dra. Helena Antipoff, logo que chegou à minha casa — Mas eu tenho também um pedido a lhe fazer. Está disposta a me dar vinte minutos?

— Naturalmente!

— Então sente na mesa. Tirou algumas folhas de papel em branco da sua pasta, colocou-as à minha frente e pediu que escrevesse imediatamente algo sobre as minhas mãos.

— Sobre as minhas mãos?

— Sim. Tudo que lhe passar pela cabeça!

Relutei muito. Meu amor-próprio de jornalista não podia admitir que qualquer rabisco descuidado fosse entregue a quem quer que seja. Confesso que geralmente corrijo, releio e recomeço diversas vezes uma crônica antes de ter a coragem de mandar imprimi-la! Absolutamente não estava disposta a obedecer! Mas Helena Antipoff insistiu de maneira tão firme, decidida, e, ao mesmo tempo, gentil, que só me restou atender ao seu pedido. Quando entreguei meu trabalho à maneira de um aluno encabulado, explicou-me que se basearia nele para fazer meu perfil psicológico.

— Já tenho inúmeros trabalhos deste gênero. Introduzi o teste nas escolas secundárias. Agora estou experimentando as reações de artistas, médicos, etc.

— Mas fui pegada desprevenida. Poderia ter feito coisa melhor!

— Então não teria valor nenhum!... Não tenho medo!

Admirei sua perseverança e seu entusiasmo graças aos quais, aliás, esta técnica especializada de Divisão da Proteção social à infância já conseguiu tão bons resultados no Departamento Nacional da Criança. Helena Antipoff, que foi assistente na Cadeira de Psicologia da Universidade de Genebra após ter estudado psicologia (que é uma verdadeira ciência e não uma espécie de ante-câmara da Filosofia como se pensa erradamente muitas vezes) em diversos países europeus, realizou um trabalho interessantíssimo no campo da orientação juvenil e da orientação das professoras e assistentes sociais em todo o Brasil. Paralelamente criou o Instituto Pestalozzi para crianças atrasadas e anormais.

— Quando nos sugeriram a criação deste Instituto aceitei com a condição de que as próprias mães dos alunos nos ajudassem. Não somente na parte material, mas participando do trabalho. E deu excelentes resultados. Gosto muito de trabalhar paralelamente numa instituição do Governo e em outra particular, o que dá maior liberdade de ação, porque se completam e permitem experiências mais largas.

Helena Antipoff está pondo em execução um plano gigantesco de "ruralização", ou, como diz, de urbanização da zona rural. Quer criar Institutos de Organização Rural. O primeiro está sendo formado em Minas. Mostrou-me fotografias de crianças brincando e trabalhando despreocupadamente numa imensa fazenda.

— Não se parecem em nada com crianças anormais, exclamei.

— Nem todas o são. Estou absolutamente oposta a qualquer espécie de segregação. Débels, surdos-mudos, cegos, órgãos encurralados numa casa da cidade como numa prisão não estão sendo preparados para uma vida independente. Um atrasado mental pode estar muito adiantado moral ou fisicamente. E' preciso desenvolver em cada indivíduo as possibilidades próprias para que possa se tornar útil. Crianças normais só lucrarão com o contacto com tudo que faz a vida, aprendendo a conhecê-la e a cooperar.

Estou, aliás, oposta a qualquer espécie de iniciativa isolada. O que devemos criar no campo são verdadeiros centros culturais. Ao Instituto para anormais acrescenta-se uma escola primária. Na mesma fazenda cria-se uma colônia de férias para artistas. Juntam-se lentamente outros núcleos humanos: o médico e sua família, o agrônomo, os encarregados do cinema, uma escola normal... Está se formando o Instituto de organização rural que mudará o aspecto e a vida da região.

Falando em escola normal, o velho conceito do mestre-escola não tem mais sentido. A professora deve juntar conhecimentos práticos às teorias acadêmicas. As escolas rurais que tanto preocupam o Governo só funcionarão eficientemente quando as professoras tiverem uma experiência humana que as integre ao meio e lhes permita orientar jovens vidas real e conscientemente.

O plano da Dra. Antipoff é interessantíssimo e poderá resolver o problema rural. Já está sendo posto em prática numa enorme fazenda de Minas que tenciono visitar em breve. O espaço limitado do qual disponho, não me permite dar mais pormenores aqui. Só posso insistir na importância desta iniciativa que merece a ajuda do Governo e dos particulares. So uma mulher inteligente, ativa, entusiasta e preparada como a Dra. Antipoff poderá levar iniciativa tão vasta a bom fim, seguindo um plano minucioso e racional. Não se pode menosprezar a importância de uma ação "preocupada com a educação das massas rurais graças a atuação conjugada de esforços", como o explica o projeto que tive a oportunidade de ler e que propõe soluções não somente interessantes mas que podem ser postas em prática.

YVONNE JEAN



TEATRINHO DE BONECOS

Os pais que dispõem de recursos e muitas vezes ficam indecisos sem saber como devem presentear aos filhos deveriam observar com calma um teatrinho de marionetes. É o mais delicado e encantador dos brinquedos; enquanto se trabalha na sua construção a criança brinca, e na realização das peças o brinquedo continua; renova-se cada dia e não há possibilidade de enfado, tal como acontece com alguns brinquedos caros, que são como elefantes brancos de luxo. O teatro de bonecos, mais que dinheiro, exige um certo aprendizado, quer da feitura, quer da movimentação dos personagens; é acessível até às crianças mais pobres; poderá ser feito com variados e ricos recursos, mas também cumpre a sua missão com o mais modesto dos materiais; por exemplo: jornais velhos, goma e alguma tinta para os bonecos; uma velha caixa de papelão, ou pedaços de madeira para o palco; retalhos para o pano de boca e vestimenta dos comparsas; desta forma tudo se improvisa e o espetáculo se realiza satisfatoriamente.

A favor do teatro de bonecos tenho a dizer que, além de divertimento, é um ótimo veículo de educação; uma criança poderá ouvir conselhos, admoestações e receber castigos dos mais sérios, para que deixe de mentir ou de bater no irmãozinho menor, e não alterar em nada a sua atitude; mas se a sua genitora for uma senhora inteligente e se quiser se dar ao trabalho de organizar uma representação de fantoches, pintando ao vivo os defeitos da criança e dando um final desagradável ao herói-boneco, que representa o recalcitrante, pode estar certa que haverá noventa por cento de probabilidades de o resultado ser mais eficiente e duradouro sobre a personalidade da criança que mil ralhos e pancada.

Não julguem que haja exagero da minha parte, quando afirmo que o teatro de bonecos é instrutivo; tenho exemplos frisantes desta afirmação; conheci um menino turbulento, que tornara a sua presença na escola intolerável pela agressividade sistemática com que investia para os colegas; a correção deste menor foi entregue a uma professora competente, que baseou a reeducação, principalmente, em dramas de marionetes; um pequeno entreto, focalizando a agressividade e as suas possíveis e funestas consequências foi ensaiado pelo menino em questão e outros; o garoto tomou parte ativa na representação, viveu a violência que cometia diariamente, mas de uma forma trágica e aumentada, tal como permite a ação dos bonecos; sentiu em si mesmo e através de uma sensibilidade nova de espectador as razões e consequências das suas atitudes; o resultado foi surpreendente e satisfatório; reduziu seus impulsos agressivos, tornando-se um companheiro tolerável na turma.

Sei que há um serviço de teatro na Prefeitura, bem como no serviço da União, mas, ao que eu saiba, nunca se procurou difundir o teatro de bonecos como fator educativo e recreativo; seria, no entanto, uma ótima oportunidade para as crianças das nossas escolas primárias a posse de vários teatros deste gênero; e não se argumente que dependa de verba esta realização, porque, como já foi demonstrado no início deste artigo, o dinheiro é de somenos importância numa atividade assim; o teatro do Gibi, iniciativa particular, auxiliada, às vezes, pelo Estado é que tem dado um pouco de humor e poesia às crianças brasileiras; mas convenhamos que um é muito pouco para uma cidade que possui tantos cinemas, e cinemas que programam semanalmente novos filmes. Li, há pouco, que o Teatro dos Estudantes prometia um curso rápido de quatro semanas para a aprendizagem dos marionetes; candidatem-se, pois, as mães diligentes, e ofereçam aos seus filhos um pouco de alegria genuína; ao mesmo tempo estarão prestando um serviço com prol da cultura do país; porque crianças que aprenderam desde cedo a amar e compreender o teatro, saberão prestigiá-lo mais tarde, quando adultos; divida em que se encontra a geração atual, displicente e desinteressada para com uma das mais completas artes que a imaginação do homem criou.

ZOIA DE LAET



MODELOS PARA TODAS AS HORAS



Para as diversas horas do dia, encontrarão as leitoras nestas páginas interessantes modelos dos mais variados feitios, e que poderão ser executados com os mais diversos materiais. Além dos modelos aqui estampados, temos também três lindas blusas que poderão compor harmoniosos conjuntos para passeio.

Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA AOS CONSULENTES

EX-MOÇO TRISTE — Rio Grande do Sul — Recebemos sua última carta, e fica assim tudo explicado. Esperamos que continue bem, cada vez mais alegre e tranquilo. Aqui estaremos sempre para ajudá-lo no que for preciso.

SILVIA — Curitiba — Temos a impressão de que o seu problema de deficiência cultural se resolverá facilmente, porque você é inteligente, conforme se percebe da boa redação de sua carta. Tanto você é inteligente, que reconhece as próprias deficiências — o que constitui o mais importante passo para superá-las. Portanto, vamos ao problema das leituras que você deverá fazer para melhorar a sua cultura geral. É um pouco difícil responder assim no escuro, sem saber o que você já conhece. Mas vamos dar um roteiro bem objetivo, para principiantes. Você afastará os livros que já tiver lido, e depois nos escreverá novamente, contando com detalhes exatamente o que já leu, para lhe darmos uma orientação mais precisa.

Comece lendo dois importantes livros do professor Silva Mello: "O Homem, sua vida, sua educação, sua felicidade" e "Alimentação, instinto e cultura". Esses livros tratam de um modo geral dos principais problemas humanos do momento, e lhe facilitarão dar uma boa orientação ao seu filho. Leia depois "A imitação de Cristo" e "Catorze lições de filosofia Yogui", de Ramacharaka (edição Livraria do Pensamento, São Paulo), para obter um ponto de partida moral bastante sólido.

Sobre literatura, comece pela "História da literatura brasileira", de Ronald de Carvalho, para você ficar mais ou menos situada em matéria do que tenha sido a formação de nossa literatura. Depois passe aos modernos romancistas brasileiros, que são mais fáceis. Assim, por exemplo: "Música ao longe", "Caminhos cruzados" e "Um lugar ao sol" de Érico Veríssimo. "Jubiabá", "Mar Morto" e "Terras do sem fim", de Jorge Amado. "Flordas na serra", de Dinah Silveira de Queiroz, "Vovô Morungaba", de Galeão Coutinho, "Framos seis", da sra. Leandro Dupré. "Doidinho" e "Menino de Engenho", de José Lins do Rego. "Contos leves" e "Contos pesados", de Monteiro Lobato. "A amazônia misteriosa", de Gastão Cruls.

Vá indo então um pouco mais para trás e pegue "A Marquesa de Santos" e "Minas de Prata", de Paulo Setubal. "Bugrinho" e "Fruta do Mato", de Afrânio Peixoto. Os romances de Aluizio Azevedo, especialmente "O Cortiço" e "Casa de pensão". De Coelho Neto, "A conquista" e "Rei Negro". Toda a obra de Machado de Assis, sem esquecer os contos, que são admiráveis. Leia também "A Moreninha", de Macedo e "Iracema de Alencar", que é um poema de autêntica beleza.

Já está cansada? E' que agora vai começar o mais duro. Compre o interessante "Memórias de um sargento de milícias", de M. A. de Almeida, e depois "O triste fim de Policarpo Quaresma" e "Memórias do escrivo Isaias Caminha", de Lima Barreto. Tente em seguida "Os sertões", de Euclides da Cunha, e se conseguir digeri-lo, regresso novamente aos escritores modernos e leia "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre, "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, e "História Econômica do Brasil", de Caio Prado Jr.

Poderá então enfrentar os nossos escritores mais finos — Graciliano Ramos, com "Angústia" e "Vidas Secas", Octavio de Faria, com seus vários romances da "Tragédia Burguesa", e Jorge de Lima em "Calunga", Lucia Miguel Pereira em "Amanhecer", Marques Rabelo em "Marafa", Raquel de Queiroz em "O Quinze" e "As três Marias", sem esquecer as obras completas de Mario de Andrade.

Esse roteiro que lhe estamos dando não é feito em ordem cronológica ou crítica, e sim em função da dificuldade de compreensão e da maior ou menor proximidade da nossa sensibilidade atual. Siga-o tanto quanto puder, e mais tarde lhe daremos novas indicações, incluindo literatura estrangeira, quando nos tiver comunicado detalhadamente o que leu e o que não leu.

CONFIDENTE

Se está em dificuldades, conte-nos o seu caso. Teremos prazer em auxiliar em tudo quanto for possível. Escreva-nos para "Muro das lamentações", aos cuidados de REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

WEEK-END na Cozinha

PARA uma pequena reunião no sábado, reunião que servirá mais como um pretexto para a discussão dos últimos modelos de Paris, ou entre os homens, dos últimos acontecimentos internacionais, você poderá preparar um menu rápido e saboroso, que não prejudique a sua fama de boa dona de casa. O importante é que tudo seja apresentado com gosto e originalidade; que tudo esteja limpíssimo e que você mantenha sempre um sorriso encantador, encaminhando a palestra para assuntos agradáveis, desviando-a, prudentemente, toda a vez que procurem mencionar qualquer coisa que possa ferir a susceptibilidade de um dos presentes.

Aliás, você deverá procurar reunir um grupo que se conheça regularmente entre si ou então cujas idéias você conheça e que não possam provocar choques. Voltemos agora, ao menu. As sugestões abaixo são fáceis e gostosas. Você mesma poderá fazê-las.

★

PASTEISINHOS DE CAMARÃO

Ingredientes: 1 quilo de farinha de trigo; 100 grs. de manteiga, 2 gemas, 1/2 litro de leite, 2 colheres das de chá de sal.

Preparação: Juntam-se a manteiga e o sal ao leite e leva-se este ao fogo até ferver. Em seguida, retira-se e despeja-se aos poucos sobre a farinha, mexendo-se continuamente até se obter uma pasta bem ligada; acrescentam-se as gemas e amassa-se bastante. Deixa-se descansar durante trinta minutos mais ou menos e depois estende-se com um rôlo num mármore polvilhado com farinha de trigo. Cortam-se os pasteisinhos que devem ter três centímetros de comprimento. Recheiam-se com o refogado de camarão e fritam-se em banha bem quente. Depois de fritos, põem-se sobre um papel pardo para ficarem bem secos.

★

PATINHOS ASSADOS NA GRELHA

Tratados e temperados os patinhos, untam-se com manteiga e põem-se numa grelha sobre a brasa viva, tendo-se o cuidado de virá-los, ora por outra para assarem por igual, e de não deixá-queimar. Quando estiverem assados, dispõem-se no centro de uma travessa guarnecida com folhas de alface, ou galhinhos de agrião. Servem-se com legumes ou purê de batatas.

★

"BAVAROISE" DE LEITE

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 8 folhas de gelatina branca; 1/2 garrafa de leite; 4 ovos; 1 cálice de licor de anisete.

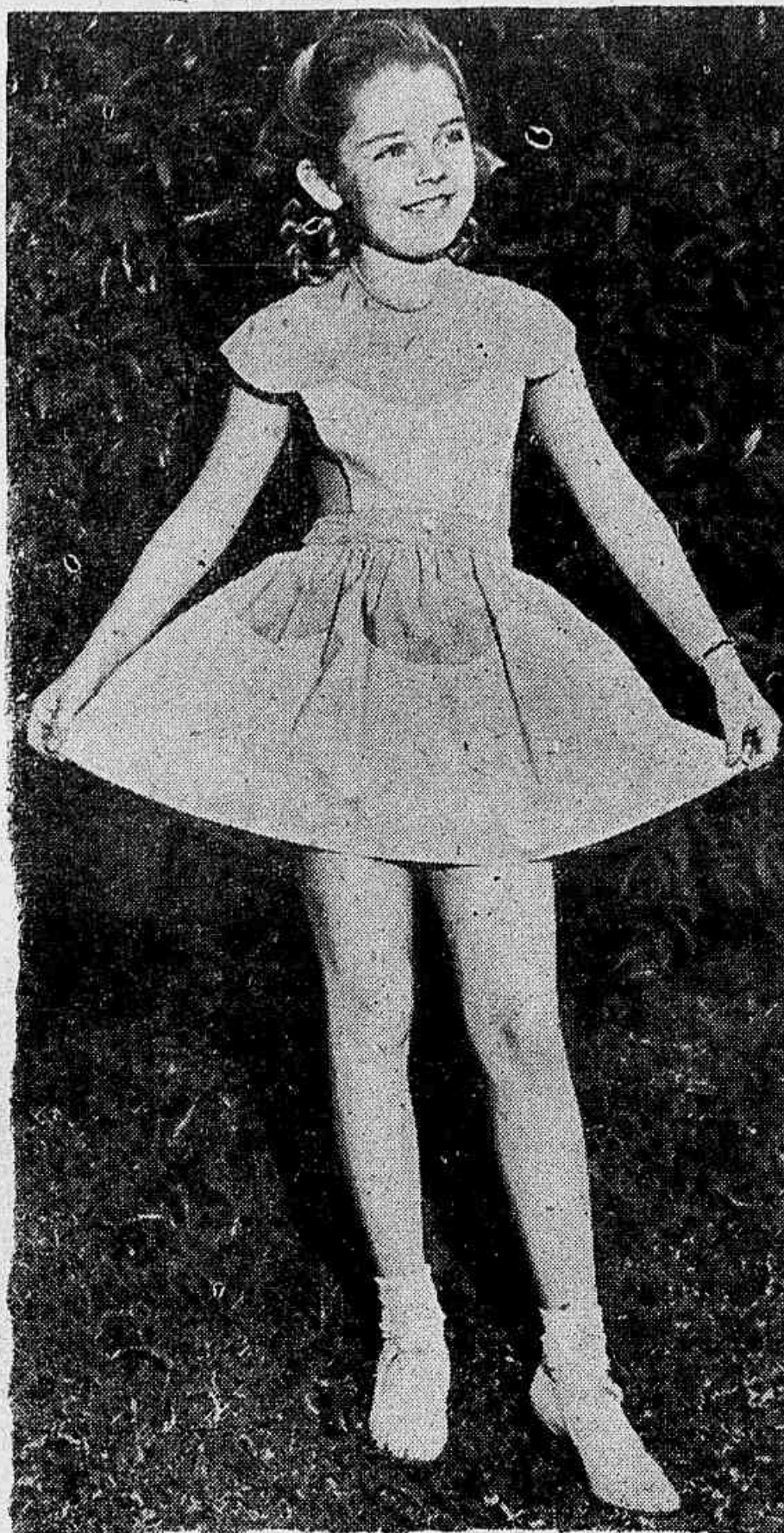
Preparação: Ferve-se o leite e depois de frio, juntam-se-lhe as gemas, a gelatina e o açúcar. Mistura-se tudo e leva-se ao fogo mexendo sempre, tira-se antes que ferva e acrescentam-se-lhes as claras em neve e o licor; mexe-se e despeja-se em uma fôrma de alumínio ou de louça. Leva-se à geladeira para endurecer e, depois de gelado vira-se num prato de vidro.

★

REFRESCO DE MORANGOS

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 500 grs. de morangos; 1 copo de vinho branco; 1 cálice de "Kummel", gelo socado.

Preparação: Esmagam-se os morangos e depois juntam-se-lhes o vinho, o "kummel", um pouco de gelo socado, 1 copo de água fria e o açúcar. Mistura-se tudo, bate-se bem e quando estiver pronto, adicionam-se alguns morangos pequenos.



ESTA garotinha bonita que está "posando" como gente grande é Luana Patten, "descoberta" de Walt Disney e que faz o seu "debut" em "Canção do Sul". Como todas as "estrelas" que se prezam, Luana sabe apresentar com um encanto especial o seu guarda-roupa. À esquerda: "Banho de sol" em dois tons de azul. Pala formando mangas. Costas nuas. Sáia franzida. À direita: detalhe do seu pijama. É azul e branco. Gola enfeitada com bordado inglês. E este também é penteado que ela usa para dormir. Em baixo: conjunto para a praia em algodão azul e branco. "Short" e holero enfeitado com babadinhos franzidos do mesmo tecido.



MODELOS PARA CRIANÇAS



A LIDA Valli, que vocês vêem aqui, nasceu na Itália e é considerada, atualmente, uma das mais formosas mulheres da Europa. Como não podia deixar de ser, Hollywood contratou a bela italiana e já a veremos em "Milagre dos Sinos", no papel principal, usando apenas o nome de VALLI. E Valli também já dita a moda, conforme indicam as fotografias que recebemos diretamente da RKO. Ao alto: 1) Para começar, um traje tipicamente americano: o "short". O "short", propriamente dito, é em linho azul forte e a blusa é em tecido quadriculado branco e azul em dois tons. 2) Um vestidinho ligeiro em rayon. Saia verde, blusa branca, a gola também verde. Em baixo, em seda estampada azul e branca. Corpete drapeado, alças formando "V" na frente. Saia bastante franzida.



SUGESTÕES DE ALIDA VALLI

Caixa de RESSONÂNCIA

UM POETA FEDERAL



Carlos Drummond de Andrade foi um escritor precocíssimo. Tratando-se de um cavalheiro nascido em 1902, lembro-me bem de que, sendo eu um peralta de quinze anos, as voltas com alcapões e gaiolas de canários nos altos camunzes da minha pequena cidade, na serra da Ibiapaba, já eu lia, então, contista e crítico, nas páginas

postas da "Ilustração Brasileira", em suas belas edições comemorativas do centenario da nossa independência. Nessas edições, os meus colegas colaboravam. Ou colaboravam, fora dos meus colegas, alguns meninos-prodígios das nossas letras. Carlos Drummond de Andrade, na flor dos seus vinte anos, a cabeça nas nuvens de tão grande que é, já encontrava guarida na quase inabarcável "Ilustração Brasileira". Mas o que é espantoso é que esse escritor que começou declaradamente mal, encaixado das influências de uma época que hoje severamente consideramos de mau gosto, foi se tornando com o tempo mais exato, de uma perfeição quase clássica, na sua prosa como nos seus versos. Seu espírito crítico se tornou mais agudo, sua sensibilidade mais apurada, seu estilo mais despojado, sem mais mistérios, preocupado não com o "bom gosto", com o europeu, com o virilho literário, mas com a busca da expressão justa e com a exteriorização de sentimentos, estados de alma, instantes poéticos de inextinguível beleza, — beleza íntima, essencial, intrínseca, e não ilusão de prestidigitador de jogos vocábulares. Ora lírico, ora satírico, ora filosófico, o poeta Carlos Drummond de Andrade tem uma capacidade de síntese verdadeiramente notável, — e eis aí uma virtude que é própria, inseparável mesmo, dos grandes poetas. Sugerir muito com poucas palavras, emocionar com "descobertas" que parecem milagres e inevitavelmente trazem surpresas aos que não tem o dom poético, — eis o segredo do poeta. E Carlos Drummond de Andrade não o desconhece. Tenho agora diante de mim suas obras poéticas, reunidas num volume único, com o título, muito bem escolhido, de "Poesia até agora".

Não sendo poeta do bizarro e do fantástico, mas das coisas vivas, das pessoas reais, dos fatos quotidianos, de tudo que nos cerca, nos atinge ou nos deprime, Carlos Drummond de Andrade despreza os recursos fáceis do decadentismo, licença latinos e ninfas, vira as costas aos heróis e heroínas mitológicos, não quer saber de Olimpo e rarnaso, harpas eolas e vinho de Hebe, não dá notícias de Frinéia, nem das serelas que encantaram nautas no Peloponeso. Ele é o poeta do funcionário público, esse espartano moderno, e do edifício São Borja, arranha-céu que vomita mais gente do seu ventre engorgitado do que o cavalo de Troia. E o poeta dos delírios ridículos nas suas ultrajantes sobrecaçadas e incantamente "demodes", venho muito diferente do manso animal de Carducci, celebrando aqui o gênio de Charlie Chaplin e ali os cinquenta anos do já hoje sexagenário Manuel Bandeira, cantando acolá com humildade, as dentaduras postiças que, às vezes, são também obras de arte e monumentos estéticos.

"Dentaduras duplas!
Ainda não sou bem velho
para merecer-vos...
Há que contentar-me,
com uma ponte móvel
e esparsas coroas.

.....
Largas dentaduras,
vosso riso largo
me consolará
de não sei quantas fomes
ferozes, secretas,
no fundo de mim.
Não sei quantas fomes
jamais compensadas.
Dentaduras brancas,
antes amarelas
e por que não cromadas
e por que não de âmbar?
de âmbar! de âmbar!
fantásticas dentaduras,
admiráveis presas,
mastigando lestas
e indiferentes
a carne da vida!"

Eis aí um excerto de um poema desse singular poeta, — poema que só um Salvador Dalí poderia ilustrar convenientemente. E quantos assim encontramos nesse volume!

Tantos e tais, que hoje em dia obscurecem por completo a nota puramente epigramática de trabalhos da primeira fase poética do autor, como o famoso "Política literária", em que "o poeta municipal discute com o poeta estadual qual deles é capaz de bater o poeta federal", — e "enquanto isso o poeta federal tira ouro do nariz". Mesmo porque, vamos dizer a verdade, Carlos Drummond de Andrade é hoje parte nesse conflito pior que o da Palestina e sem ONU acadêmica que dê jeito. Ele hoje tira ouro, não digo do nariz, para não lhe imitar a irreverência, mas da sua magra e portentosa cabeça de poeta federal.

R. MAGALHAES JUNIOR



VARIAÇÕES EM ESCOCÊS

Crônica de modas de OLGA OBRY

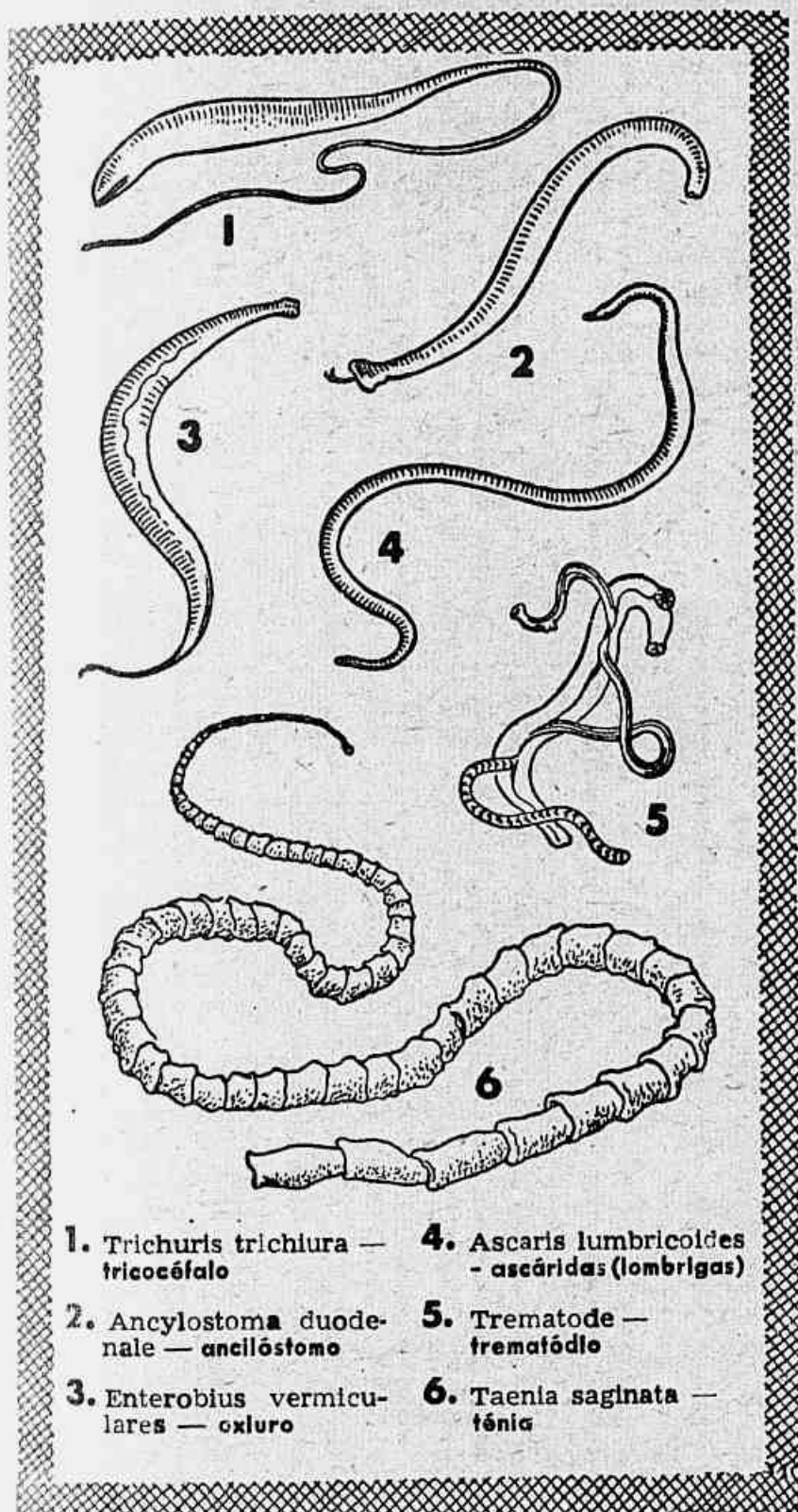
(Modelos de SCHIAPARELLI e BRUYÈRE)



AUMENTANDO o comprimento das saias, os modelistas parisienses criaram novas possibilidades para o uso de fazendas de padrões geométricos: o escocês, portanto, conhece uma nova voga. Combinando-o no sentido reto e enviezado, nas saias longas e amplas, os costureiros conseguem efeitos inéditos, como também nas combinações de tecidos escoceses com tecidos lisos. As cores clássicas do escocês — verde, vermelho, branco, amarelo, azul, preto — alternam com harmonia menos vitosas e mais originais: marron, ocre e preto, por exemplo, branco, cinza e preto ou outros "dégradés" de matizes de um só tom. Os tafetás em padrão escocês adquiriram um ar de suntuosidade. Outrora reservado para os modelos "sport", o escocês passou a ser um dos favoritos do estilo "habillé" para a tarde. Entretanto, deve ser usado com muito juízo e um perfeito bom gosto na escolha dos acessórios: chapéu, luvas, sapatos, bolsa e até os detalhes mínimos, tais como os botões adaptam-se a um dos coloridos do padrão. As duas fotografias de Schiaparelli, aqui estampadas, mostram um conjunto de vestido e casaco; o primeiro, em tafetá nas cores de tartaruga — marron, ocre

e preto, o segundo em leve lã preta. Os largos machos enviezados de comprimento desigual, na frente da saia, aparecem na beira arredondada do casaco, mais comprido nas costas. Uma nota original no vestido: as preguiças na cintura, dentro dos machos; outra: o corte quimono, aproveitando sabiamente as listras claras e escuras que o acompanham e acentuam. As penas de falsão no chapeuzinho de feltro preto repetem as cores do tafetá. No modelo de Bruyère, uma blusa-casaquinho de tafetá escocês verde-vermelho-branco, combina com uma aba de veludo preto. Uma franja de seda preta, na beira da aba e das mangas, forma um traço de união entre os dois tecidos tão diferentes; aba e mangas são trabalhadas em machos, todo à volta. Também aqui, as plumas de avestruz que adornam a pequena touca de veludo preto, parecem um reflexo dos tons do tafetá escocês: verde-vermelho, suprimindo-se o branco, cujo efeito seria vistoso demais, e evitando-se assim o perigo de um ar de penacho de cavalo de circo. Nestas combinações de cores um tanto audaciosas, o que conta sobretudo é a justa medida.

PORQUE VOCÊ NÃO PRECISA TEMER OS VERMES INTESTINAIS



Os vermes ilustrados acima não o são em tamanho natural. Alguns medem menos de dois centímetros, outros têm vários metros de comprimento.

Primeiro "conheça os hábitos do inimigo". Existem várias espécies de parasitas que se podem localizar em nossos intestinos. Os mais comuns são os ancilóstomos (amarelão), ascáridas (lombrigas), tênias (solitárias), oxiuros e trematódios. Os ancilóstomos, geralmente penetram no organismo através da pele, mas a maioria dos parasitas são ingeridos sob a forma de ovo ou de embrião juntamente com os alimentos e com a água. Atingindo o canal intestinal os vermes passam do estado embrionário ao adulto. Alguns são eliminados nas dejeções, sob a forma de ovo ou de embrião. E assim se repete o círculo vicioso.



É principalmente a falta de higiene, que abre o caminho a esses parasitas que minam a saúde e o bem-estar das pessoas.

É fácil evitá-los SE — Você estudar cuidadosamente os conselhos acima. Se Você se habituar a tomar *sempre* estas precauções, os vermes intestinais não o atacarão. Porque a maioria deles são ingeridos nas carnes deterioradas (vaca e porco) e nos alimentos e águas contaminados. A ancilostomíase pode ser evitada, na maioria dos casos, com o simples uso do calçado. Desta maneira os vermes não conseguirão entrar através da pele dos pés. Faça com que todas as pessoas de sua casa usem sempre sapatos que cubram inteiramente os pés! Como não existem sintomas típicos produzidos pelos vermes, *previr-se* contra eles é providência duplamente importante.



Na ancilostomíase o sangue do paciente torna-se fraco. Podem até sobrevir abscessos capazes de causar a morte.

Será fácil a cura SE — Você se livrar dos parasitas. Mas o tratamento deve ser orientado por um médico. Alguns exames podem ser feitos pelo seu médico os quais lhe dirão logo se Você tem qualquer destes parasitas. Embora não haja sintomas típicos, existem certos sinais de alarme. Ao perceber qualquer um deles, procure imediatamente o seu médico. Ei-los aqui: dores abdominais, evacuações irregulares, prurido na região anal, vômitos, perda de apetite. Mesmo que Você não tenha nenhum destes sintomas, mas sinta cansaço ou desânimo permanente, Você deve procurar um médico sem demora.

• Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

MÚSICA

VILLA LOBOS TEVE MAIS SORTE — A CARREIRA DE IVY IMPROTA — CAÇADA COM CANHÃO — E' FAVOR NÃO ATIRAR NO PIANISTA...

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA da SEMANA)

DE passagem por uma cidadezinha do interior da França, Saint Saens teve oportunidade de ouvir a menina prodígio da região, uma pianistazinha que, segundo seus contemporâneos embevecidos, "tocava como um anjo". A opinião do compositor a respeito, porém, só foi revelada quando este se achava bem longe do lugar, pois quem recebera tantas homenagens daquela boa gente não poderia, indelicadamente, ferir-lhe as susceptibilidades...

— Toca como um anjo? — repetiu Saint Saens, com um sorriso. Bem, se vamos subir aos céus para encontrar uma maneira de criticar esse geniozinho provinciano, poderemos dizer, com apóio no evangelho, que ela leva sua fé a ponto de aplicar à arte o princípio do documento sagrado: nunca deixa que uma mão tome conhecimento do que a outra faz...

Em excursão semelhante à de Saint-Saens, Villa Lobos, tendo mais sorte, foi encontrar, em Bauru, São Paulo, um real talento de intérprete, muito diferente da menina francesa. Trata-se de Ivy Improtta que veio para o Rio, a conselho do maestro, para cultivar os dotes musicais. Entregue aos cuidados de Tomás Terán, Ivy Improtta recebeu da reconhecida capacidade do mestre espanhol a orientação de que estava necessitando para formar e desenvolver a sua personalidade artística.

Em 1938 ela se apresentava, pela primeira vez, ao público carioca, executando, sob o patrocínio da Pro-Música, o concerto em ré menor para piano e orquestra, de Mozart. Esse primeiro contacto bastou para que a crítica reconhecesse que Terán não tinha perdido o seu tempo. A carreira vitoriosa de Ivy Improtta, então iniciada, veio confirmar essa impressão.

CAÇADA COM CANHÃO...

Paolo Serrao presidia, certa vez, a comissão examinadora de um concurso de piano. Entre os concorrentes, havia uma jovem que, interpretando A Caça, de Liszt, demonstrou, tão ensurdecidamente, o seu vigor e a sua força muscular, que o professor, terminada a execução, fez questão de cumprimentá-la, pois ela conseguira introduzir na peça descritiva de Liszt

um elemento até então ignorado. E, diante da perplexidade da candidata, explicou:

— Sim, senhorita. Nunca imaginei que, na Caça, de Liszt, uma das armas utilizadas fosse o canhão, mas, agora, a srta. conseguiu extrair da obra do mestre a prova conclusiva de que o canhão existe. Ao mesmo tempo, eu fico conjecturando que é que se Caça a canhão...

Felizmente, Ivy Improtta não usa a artilharia pesada... Projetando-se no cenário musical, como recitalista e como solista, desde logo conquistou uma posição de destaque e, guiada pela sua sensibilidade, orientou os seus programas de acordo com um gosto seguro, desprezando o puro virtuosismo sem prejuízo do brilho de sua técnica.

E' FAVOR NÃO ATIRAR NO PIANISTA

Oscar Wilde, percorrendo a América do Norte, no século passado, fazia conferências, em várias cidades do oeste, o lendário "far-west", onde encontrava, segundo seu próprio testemunho, público entusiasmado e benevolente. Mais benevolente, porém, com o conferencista vindo da Inglaterra do que com os pianistas locais, pois ele registrou, depois, em artigo publicado na imprensa londrina, o seguinte aviso, encontrado num "bar", ao lado do piano: "E' favor não atirar no pianista. Ele faz o que pode..." Aliás, muitas vezes, o espectador de hoje é forçado a controlar seus impulsos, para não imitar aquele público americano do século passado e completar o "assassinato" de uma obra pelo intérprete com o assassinato do dito...

Ivy Improtta, contratada para uma série de concertos nos Estados Unidos, foi encontrar, certamente, um público diferente do que, no século XIX, ameaçava a vida dos artistas, em "bars" do "far-west". De qualquer forma, porém, ela teve que enfrentar as disposições ferozes da crítica. Mas não havia motivo para receio. Sua vitória estava garantida e a brasileira desmentiu a regra de Moszkowski, o famoso compositor e pianista polonês, segundo o qual "os franceses nasceram para compor a música, os italianos para cantá-la, os alemães para interpretá-las nos diferentes instrumentos e os ingleses para ouvi-la."

Os críticos dos principais jornais de Nova York renderam-se. Noel Strauss referiu-se a execução "viva e vigorosa" de Ivy, o "New York Herald Tribune" registrou "a sua facilidade técnica", enquanto que "The Sun", de pleno acordo, mencionou, além do "completo equipamento técnico" da pianista, "o lirismo e o conhecimento profundo" observados na interpretação de uma obra de Schuman.

Depois de sua visita aos Estados Unidos, Ivy Improtta seguiu viagem rumo ao Canadá, onde, em Montreal, gravou três programas radiofônicos. Esses programas já foram irradiados para o Brasil.



IVY IMPROTTA

O mundo maravilhoso...

(Continuação da pág. 29)

Só isso faria com que o velho Mr. Douglas, o mais antigo dono dum teatrinho desses, hoje com 72 anos, venha há mais de sessenta correndo o país, com o seu "show" iniciado quando menino. Ele sabe disso e por isso guarda a maior fidelidade aos amigos, fidelidade aliás ancestral, desde que suas atividades no gênero começaram quando aos dez anos coletava niqueis pelo espetáculo do Punch & Judy do avô. Ainda que por algum tempo se tivesse afastado dos seus caros bonecos, o coração esteve sempre com o concunhado de nariz de águia e com a mulherzinha ranzinza e acabou se dedicando aos dois para o resto da vida.

Sua história se confunde assim um pouco com a fábula. A vida que o bom velhote de voz de falsete e sorriso amavel levava pelas ruas de Londres, há mais de meio século, se reveste desse modo do mesmo sortilegio das proezas de Polichinelo e não duvidemos de que as crianças da cidade, dos sete aos setenta anos, ao lhe admirarem o engenho e a malícia dos diálogos, não saibam já distinguir entre o que é mesmo real por trás das sanefas de chita do pequenino palco, se o casal de brigões, com o seu bebê, os seus bichos, o papão do polícia e a avantesma do carrasco com o esquife para o futuro justicado, ou Mr. Douglas que, em carne e osso, ao correr dos anos, se veio incorporando inevitavelmente às suas criaturas, para vitória integral do "make-believe" tão ao gosto dos seus patricios de qualquer idade.

Um retrato de mulher

(Continuação da pág. 31)

que eu poderia suportar. E antes que eu explodisse, astuciosamente, sem humilhar-se, sabendo como o fazer sem rebaixamento, ela empregava um outro recurso que me venci, que me dobrava, que lhe desculpava tudo. E por meio de palavrinhas pronunciadas num tom humilde, por meio de lágrimas hipócritas que levava aos olhos, deixava sugestivamente no ar a sua situação, sensibilizava-me com a evocação silenciosa do seu passado, sua orfandade, sua falta de educação, seu sofrimento — armas que ela sabia as mais eficientes sobre a minha bondade.

Esta cruel tortura não poderia, porém, eternizar-se. Há sempre um limite para todas as dores humanas. Já me sentia exausto. Moral abatido, coração enfraquecido, cérebro congestionado, cada vez mais angustiado, eu me debilitava. Suores noturnos banhavam-me em noites de pesadelos. O figado adoeceu. Defluxos me perseguiram. A falta de apetite inibia de alimentar-me: a comida dava-me náuseas. A tossezinha sintomática mostrouse. E todo o fim de tarde uma febre suave e temida esquentava-me o corpo. Assim meu sistema nervoso ficou como uma rede de fios de alta tensão a descoberto. E não mais podendo conter-me, quebrando as pelias de animal domesticado, num dia azedo, possuído num nójo nunca sentido, lancei, como se fosse bilis, toda a minha repugnância concentrada, apodrecida durante meses. A febre excitava-me, a tosse interrompeu-me, a violência me enfraqueceu e quando dei acordo de mim estava novamente manso, de novo derrotado, quase soluçante. Então numa súplica, numa voz covarde, perguntei a Madalena por que era tão ruim, por que, se me amava, tanto me maltratava, ou se, não me amava, servia-se de manhas para conservar-me? Ela recuara à minha fúria, curvara-se aos meus insultos. Mas agora ao ver-me de novo sucumbido e escravo, vingou-se:

— «Nunca lhe amei, nem pense nessa bobagem de minha parte. Por que havia de lhe amar! Quem é você? O que é você? Não seja tão presumido, por que se considera amado? Deixe de ser idiota, você não passa de um bobo. Suas bobagens metidas a romance me divertem apenas. Não dou ouso a homem nenhum de lhe amar. Os homens são uns porcos. Você também é outro, embora queira se passar por bom. Você pensa que está me fazendo bem? Não faço questão de você nem de homem algum, não estou lhe pedindo favores. Se eu não fosse bonita você ficava agarrado assim à minha saia? Eu o acho apenas

«gozado», o considero um palhaço, fique sabendo. E se «consinto» em que você fique junto de mim, lhe dando o cartaz de passar por meu namorado, é porque sinto pena de você, ouviu? Sou eu quem sinto pena de você, porque outra mulher não o vai querer, porque você é um pobre tuberculoso...»

Deixou que as palavras caíssem duras como marteladas. Sentia-me esmagado. Quanto tempo permaneci inativo, sem pensamento? Era uma penosa morte moral que mais me torturava à medida que eu voltava ao acordo de mim mesmo. Depois dum vácuo atordoante meu cérebro foi invadido por uma cachoeira de pensamentos doloridos. E, reinando sobre todas, uma idéia se avantejou, esmagou qualquer reação, apossou-se de mim. Eu tinha sido sumariamente despedido. Que me restava senão retirar-me? Mas não me fui, não tive forças para afastar-me de Madalena. Já não tinha amor-próprio. Eu sofria ao lado daquela mulher. Contudo era-me muito mais penoso, infinitamente martirizante, viver longe dela. Uma aflição inumana, contra todas as regras de masculinidade, possuía-me e quebrava-me. E fui sórdido, suplicando com voz dóida que Madalena não me deixasse; fui vil, rogando-lhe com o coração nos olhos que me deixasse ao seu lado — mais maltratado, mais batido, porém sempre ao seu lado, mesmo por compaixão, mesmo sem amor de sua parte. Eu só pedia a esmola de vê-la e de ser visto por seus olhos, de falar-lhe e de ouvir a sua voz, de senti-la, mesmo que só fosse em manifestação de desprezo. Hoje, rememorando aquela cena, a mais humilhante de minha vida, como me vejo, coitado e grotesco, ridículo e patético, aos pés daquela mulherzinha bonita e besta, prostituta incubada e funcionária do Estado! Posso reconstituir cerebralmente o episódio, a sala de jantar (onde muitas vezes ficávamos), os personagens que o presenciaram. A pequena família acabara de ceiar e eu de me humilhar. E todos tinham olhos de moça para o sofá onde eu e Madalena estávamos sentados, a irmã de minha namorada, com uma costura no regaço, o seu marido coçando o pé, uma amiga murmurando que eu era um pobre escravo. E eu sofria, cheio de paixão, longe de todos, desaparecendo todos, vendo só aquela criatura adorada que, vestido desleixadamente aberto ao seio, coxas impudicamente mostrando-se, palito na boca, hálito de café, olhava-me entre enfasiada e divertida, superior em sua inferioridade adulada, gozando suburbanamente seu triunfo mesquinho ante a família.

Estranho: dessa maior degradação partiu meu sentimento de emancipação. Ao traumatismo sucedera de chofre uma avalanche de pensamentos. Em nenhuma das duas situações poderia haver raciocínio; este veio vindo com o passar dos dias, como o apetite num convalescente de doença devastadora. E veio vindo frígido, numa gelidez que me surpreendia, numa ferocidade que me assustava. O cérebro pesado ganhava leveza. A idéia brotava de novo límpida e se ramificava em hipóteses, chegando sem esforço a conclusões. Era uma das duas consequências que aquele amor anormal me teria levado: tornar-me-ia um demente ou, explorada a minha sensibilidade, aguçaria minha inteligência, pondo-a agressiva e combativa. Foi o que se deu. Surpreendi-me a analisar Madalena, isoladamente, sem influência quer do meu amor, quer do seu pseudo-sofrimento. Colhi-me a dissecar-lhe a alma, indiferente a todas as outras emoções senão a dum psicólogo interessado no estudo dum caráter. Era a primeira vez que isto me acontecia e pela primeira vez eu me perguntei: «Amo realmente esta mulher? Não estou exagerando uma emoção comum, motivado por um recalque que poderei vencer? Não estou sendo vítima duma chantagem sentimental alimentada por mim mesmo?»

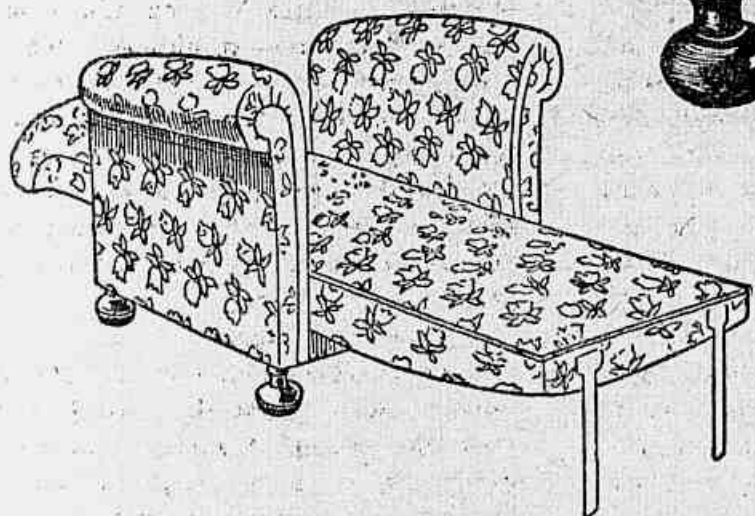
Agilmente rememorei toda a nossa ligação. O trama deslizou em minha lembrança como uma fita de cinema rodando numa tela. Expressões vocabulares e faciais de Madalena revoaram em minha cabeça, passaram pelo meu julgamento como ante o de um juiz frio e implacável. E a conclusão entranhou-se-me: eu estava sendo um lamentável ridi-

(Continua na pág. 44)

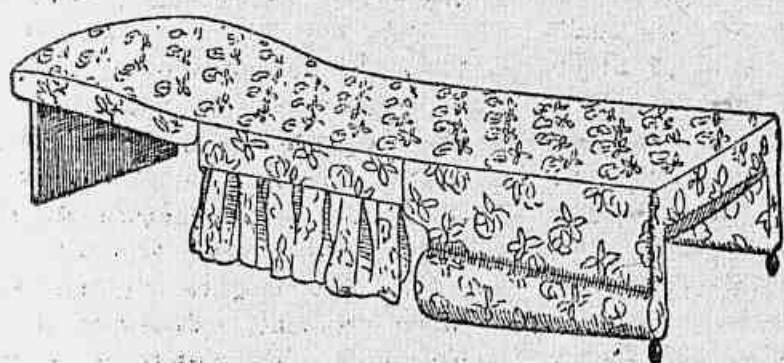
**"Este combina
com a
minha mobília"**



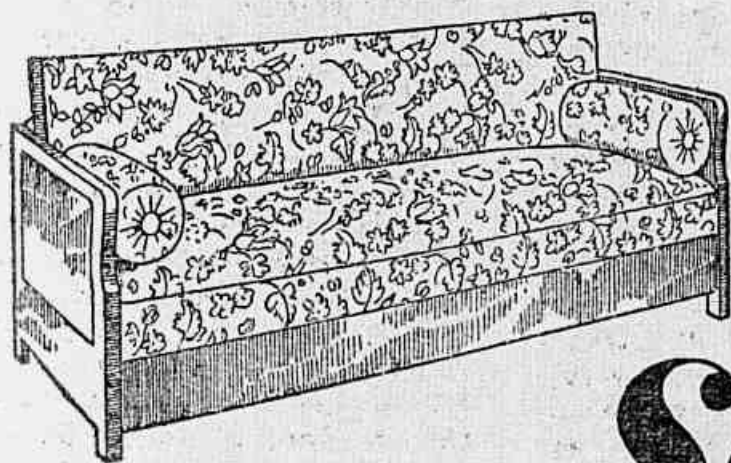
Entre 35 modelos de sofás-cama e poltronas-cama Drago, nos mais belos e variados estilos, V. encontrará, na certa, aquele que combina com o mobiliário de sua residência ou escritório. Para o quarto de dormir ou a sala de estar, para o jardim de inverno ou qualquer outro ambiente, as Indústrias Reunidas Sofá-Cama Drago oferecem-lhe o sofá-cama ou a poltrona-cama apropriados!



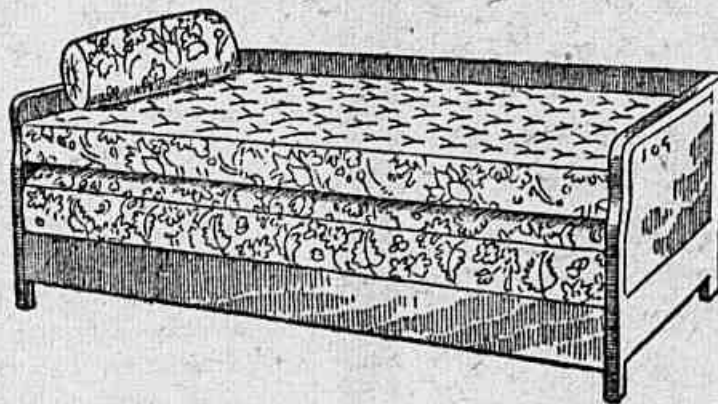
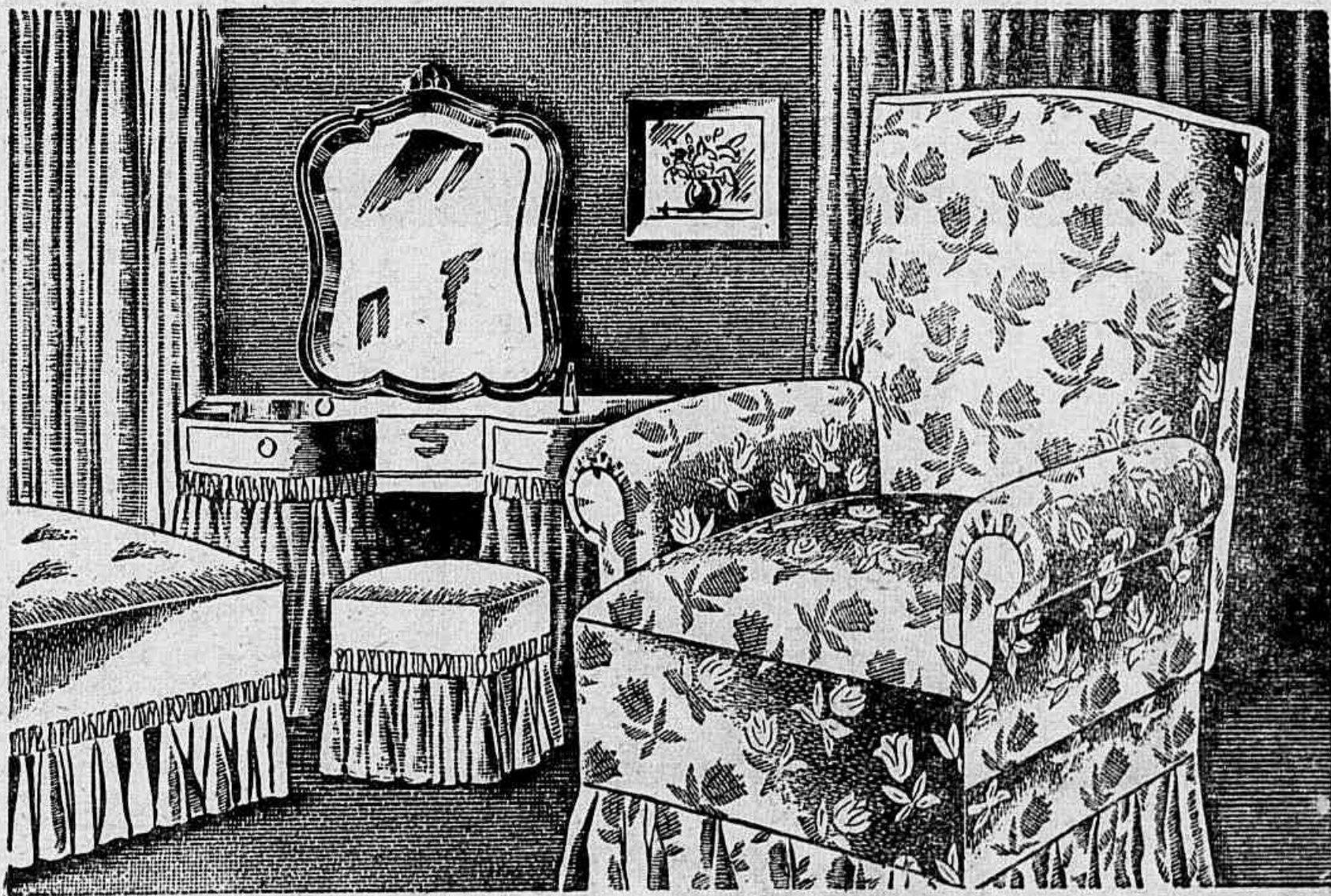
Modelo 508 — Luxuosa e confortável poltrona-cama, de braços acolchoados e inteiramente tapeçada em damasco de seda. Próprio para um ambiente de gosto.



Modelo 510 — Poltrona-Cama construída de ótimo material. Os braços viram-se para baixo, convertendo-se numa cama perfeita. Tapeçada de superior cretonê estampado.



**Peça
catálogo grátis**



Modelo 509 — Sofá, Cama e Couch. Suntuosa peça, de 1,90 x 0,80 m, que se converte em leito com colchão de crina sobre estrado de molas estofado. Com espaço para guardar a roupa de cama.

Sofá-Cama

a solução do pequeno espaço

DRAGO

UM PRODUTO DAS INDÚSTRIAS REUNIDAS SOFÁ-CAMA DRAGO LTDA.

Fábrica e Escritório: Av. Suburbana, 711 — Tel. 28-7896 • 48-2001

Lojas: Rua 7 de Setembro, 209 — Tel. 43-4131 • Rua do Catete, 141-A — Tel. 25 5812 • Av. Princesa Isabel, 72-A — Tel. 37-1533



Acaba de completar o seu segundo milhão de quilômetros voados o Comandante Harro Cyranka, da SERVIÇOS AEROS CRUZEIRO DO SUL.

A alta quota de quilometragem conseguida pelo Comandante Cyranka coloca-o entre os tripulantes detentores do expressivo título de bi-milionários do ar.

No clichê acima vemos o Comte. Cyranka quando recebia das mãos do Dr. Bento Ribeiro Dantas, Diretor-Presidente da CRUZEIRO DO SUL, o distintivo alusivo ao acontecimento.

Um retrato de mulher

(Cont. da pág. 42)

culo. Sempre me julgara grandioso em alimentar aquele amor também julgado grandioso. Sempre a ele me dedicara fielmente, nunca me restando tempo para considerá-lo em caricatura. E pouco a pouco ela se foi desenhando em meu espírito até que se projetou inteira e sarcástica, avultando com os seus aleijões. A princípio senti-me desolado e ludibriado. Um enorme arrependimento de ter levado aquilo tão a sério arrepiou-me a alma. Experimentei enorme asco pelos meus rogos, não mais tidos como sublimes, mas, simplesmente, efeminados. A repugnância me agitava. O pêjo de estar bancando o poetinha de tão tacanha mulher, subia-me como vômitos. Urgia que me libertasse daquela peçonha, que acabasse de vez com minha fragilidade, matando-a de um só golpe, inelutavelmente, para que não ressurgisse como as cabeças de Medusa. Então, pouco a pouco, numa resolução inabalável, num férreo domínio de todos os meus sentimentos piedosos, fui mudando. Tornava-me mal. Por fim, vi-me às portas da salvação; eu próprio ria-me do meu papel grotesco; achava Madalena e seu sofrimento coisas grotescas. Meu amor se transformara numa enorme e interior gargalhada de zombaria. Pensei logo em abandonar Madalena, abandoná-la sem uma palavra, sem a menor satisfação, sem rancor nem xingamento, com esse desprezo cortês que tanto fere as damas. Mas Madalena não era uma dama no sentido de dignidade feminina. E, como a vingança gritava em meu sangue, resolvi vingar-me de modo que mais a ferisse, pelo seu mesmo método brutal e insultante.

Madalena era particularmente sensível a presentes. Media o tamanho e a qualidade do afeto que alguém lhe dissesse ter pela quantidade e valor dos mimos ofertados. Desde cedo eu sabia disso. Mas tendo o amor mais nobre, as intenções mais puras, nunca tentara conquistá-la por tal meio: sentia nisto o mau cheiro do meretrício. Agora, porém, que a via sem as lentes do amor e sim através do desprezo, exploraria sua fraqueza. Ardilosamente comeci a dar-lhe coisas sem grande valor monetário. Não queria assustá-la. Desejava pegá-la de surpresa, dar o golpe final sem que ela o esperasse, a fim de sentir a violência duma derrota moral. O Natal estava próximo. O Natal era uma excelente oportunidade.

Cada dia Madalena sentia-se mais senhora de mim. E nunca perdia ocasião para insignificar-me. Interiormente divertindo-me, eu me fingia mais apaixonado e mais escravo. Meus olhos exprimiam um lancinante amor. Em nada diferia do fiel e sofrido cão do passado. Preparei meu plano com meticulosidade. Fiz-lhe entender que nada poderia dar-lhe pelo Natal. Cabisbaixo e pequenino, inventei aperturas econômicas, envergoadas de minha falta de recursos. Para Madalena era uma indesculpável inferioridade a pobreza dum homem.

Os dias de festa de fim-de-ano chega-

ram, e sempre ao voltar da rua Madalena trazia um presente. Era bonita, provocante, sensual, boçal — o tipo ideal para aventuras irresponsáveis de cinco ou seis meses. E lançando indiretas mordazes à minha pobreza, julgando explorar um ciúme que não mais existia, ia colocando os objetos sobre a mesa, sobre a cama, sobre qualquer lugar fácil onde minha vista pudesse pousar. Embora estivesse interiormente frio, eu rebentava de despeito, fazendo teatrais cenas de ciúme. E gloriosa no seu pequeno triunfo, aumentando o meu ódio e a gula de vingança, ela não poderia prever o que a esperava.

O Natal finalmente chegou. No dia 24, depois de jantar, fui à casa de Madalena, como fazia todas as noites. Ela estava convicta de que eu nada tinha para oferecer-lhe. Bati à sua porta. Dispolentemente, sem vir receber-me, ela mandou a empregadinha atender-me com o recado de sempre — «se eu quisesse, entrasse». Mas desta vez, rompendo o costume, pedi-lhe que viesse até a porta. Ela aquiesceu. Mandei embora o carregador que viera comigo. E quando Madalena me viu estremeceu. Entrei e, ante a pequena família embasbacada, espalhei tudo pelo sofá. Havia comprado o que mais sensibilizaria Madalena — presentes de ostentação. Gastara muito dinheiro mas não ficaria arrependido se o plano desse certo.

— Abra-os — pedi-lhe.

E à medida que desembulhava os pacotes, interjeições espoucavam de sua boca, enquanto gaguejava de intervalo a intervalo:

— Louco... louco... louco...

Uma tristeza amarga espalhava-se dentro de mim, derramava mais fel em minha alma. Eu havia dado àquela mulher grandes provas espirituais dum amor sem medidas. Nenhuma delas tocara-a. Nenhuma delas dulcificara-a. Agora, entretanto, gulodices européas, jóias de fantasia, dadas com todo o desdém de desencantado, faziam-na radiante até as lágrimas. Nunca a vira tão expressivamente bela, tão luminosa! Sua alegria era tamanha que a oprimia, que a deixava ofegante: respirava a custo, sua testa suava, seus olhos boiavam em lágrimas de felicidade, e ela sorria, formosa e melga, não acertando a falar, monossilabando apenas, nervosa e amorosa:

— Louco... louco...

A tarde Madalena não me dissera uma palavra doce. Havia-lhe pedido para darmos um passeio à noite, dentro da noite de Natal, e ela o recusara com enfado. E quando terminou de ver os presentes, tantos quanto todos os recebidos de outros homens, enchendo a boca de igos, fez-me uma carícia, acariciava-me com os olhos, penteou-se, trocou de roupa, banhou-se de perfume, chamou-me para a rua. Eu estava a caminho da vitória total. Tremia, estuando em contentamento e perversidade. Madalena caminhava ao meu lado, dando-me a mão, encantadora e gentil. Instintos de bondade picaram-me. Tive acessos de sentimentalismo e fraqueza. Mas não precisei de muito esforço para controlar-me. Olhei-a demoradamente. Sentindo o meu olhar ela sorria. Resplandecia. E nada dessa

A vida de Sibelius

(Cont. da pág. 32)

Nessa altura, Sibelius travou relações também com o terceiro membro da trindade musical de Viena — Karl Goldmark, o compositor que imperava depois de Brahms e Bruckner. Goldmark, homem de negócios surpreendentemente esperto, achava-se então no auge da fama e da fortuna. Sem embargo disso, achou tempo para supervisionar e corrigir o trabalho de Sibelius. Foi franco em sua opinião. «Um camarada esquisito», chamou-lhe ao compositor finlandês. Esquisito, mesmo. As canções das florestas nórdicas eram estranhas ao paladar das almas cidadãs de Viena.

Quanto a Sibelius, este se preocupava tão pouco com a música contemporânea de Viena como os músicos contemporâneos de Viena se preocupavam com a sua música. Voltou para casa, aliviado por encontrar-se de novo em seu ambiente natal. Ainda que o fascinasse o turbilhão da vida em Berlim e em Viena, não lhe era possível viver senão na Finlândia, cujo clima áspero e cujos céus

brilhantes lhe permitiam fazer o seu melhor trabalho. A Finlândia era o seu sangue, a medula dos seus ossos, o seu próprio coração. Voltara esfaumado para casa, ansiando por um patriotismo articulado. Escreveu um poema sinfônico baseado num velho mito finlandês. Apresentou essa obra — «Kullervo» — sob a sua batuta e provocou sensação. Com ela Sibelius «triunfara», por fim, em sua própria terra. Tinha a esse tempo vinte e seis anos apenas. Na animação do sucesso casou com Aino Jarnefelt, filha de um general finlandês, e foi passar a lua de mel no istmo de Carélia, sítio perfeito para o estudo da «linguagem primitiva da música», onde poderia familiarizar-se com as velhas canções populares de sua terra natal.

Ao voltar para Helsingfors aceitou o cargo de professor da Academia Musical e um posto semelhante na escola orquestral da Sociedade Filarmônica. Colocada à sua disposição, revelou-se a orquestra laboratório de experimentação musical, pois ele havia de passar a vida inteira lutando com os problemas da orquestra. Vivía a repetir aos amigos: — Vocês



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

alegria sensibilizava-me. Olhava aquele rosto de perfil sem sentir o menor encantamento de antes. Já não enxergava aquela beleza que me entusiasmava, que eu qualificava incomparável, que me entontecia. E eu soube por mim mesmo que o amor é quem singulariza e realça a beleza duma mulher. Sem o amor a humanizar-me considerava Madalena uma criatura comum, um objeto, não mais do que isso. Tomamos um ônibus e fomos para uma praia distante. A noite era sem lua, mas as estrelas davam certa claridade à terra. As ondas se destroçavam na praia como esperanças perdidas. A frieza me fez tossir.

— Não deveríamos ter vindo para aqui. Este vento lhe vai fazer mal.

Era espantoso: Madalena tinha cuidados com a minha saúde. Longe de sensibilizar-me, odiava-a mais ferozmente. Conhecia-a bem. Sabia que a melguice desapareceria com os dias, quando esmaecesse o efeito dos presentes. Seitei-me na praia. Ela caiu ao meu lado. Aproveitei o seu estado de ânimo e não hesitei: logo de início minhas carícias foram profundas. Ela era mulher ardente, estava já excitada: abandonou-se-me.

Quando o meu delírio se desvaneceu e eu senti que sob o meu corpo estava Madalena comprada, o nójo, aliado à fúria, mais o desprezo, estrondaram numa euforia que me alucinou. Posseído de violência, esfreguei-lhe o rosto na areia. A primeira bofetada fê-la desferir um

grito de surpresa e dor. Só pôde, porém, soltar um. Opresso, febril, uma besta enraivecida, continuei a esbofetear-lhe, a esmurra-la, escarrando-lhe no rosto. E levantando-me dei-lhe pontapés no corpo prostrado, até que seus gemidos de dor cessaram e ela se imobilizou, surrada, amassada, sem sentidos.

Ofegante, cansado, livre, espantosamente sentindo-me liberto, olhei-a toda torcida sob a luz das estrelas. Uma paz há muito não gozada, uma grande e confortadora paz de liberdade, deixava-me leve e calmo. Enxuguei o suor do rosto, afastei-me como alguém que abandona um montão de lixo. Uma doçura bemaventurada manava do meu coração. Meus pés afundavam-se na areia, o vento chicoteava-me, mas eu caminhava para a frente sem nenhum peso a esmagar-me. De súbito, senti um ronco nos brônquios. Tossi. A boca ficou cheia de escarro. Espectorei. Na areia branca ficou u'a mancha escura. Um medo pânico me invadiu. Estremei, o suor frio encharcando-me a camisa. Curvei-me, meti sofregamente a mão na areia e, carregando o escarro, corri para a linha de bonde. Sob uma lâmpada verifiquei a verdade: livre daquela mulher, via-me prisioneiro doutra terrível moléstia que voltava. Tossi de novo, a tosse se estendeu, um acesso me sacudiu. A vista se me turvou, meu coração precipitou-se, meus pulmões pareciam desagregar-se, os brônquios roncavam e eu caí, sucumbido, esmagado, estertorando na crise duma hemoptise.

devem julgar-me pelos meus trabalhos orquestrais. — E acrescentava com um sorriso: — Escrevo peças para piano nos momentos de descanso. O piano, em realidade, não me interessa, pois não sabe cantar. Uma canção completa só pode ser cantada por uma orquestra.

E uma torrente de canções orquestrais começou a jorrar-lhe da pena. Canções nacionais. Canções guerreiras de liberdade. Ele deveu o êxito prematuro as suas obras não só ao seu gênio de compositor senão ainda à sua consagração como compositor patriótico. Converto-se na voz articulada da Finlândia em sua luta pela independência política.

Em 1897 o governo finlandês recompensou o jovem compositor com uma pensão anual de cem libras. Não era o suficiente para aliviar Sibelius de todas as preocupações financeiras, mas sobejava para aliviá-lo dos encargos mais pesados do ensino. Viu-se o compositor, destarte, livre para dedicar a maior parte do tempo à composição e para dar umas poucas horas de aula aos alunos mais adiantados.

A sua ensinância era metódica e completa, se bem que irregular. Nas tardes ensolaradas entrava rapidamente, soprando com animação um charuto, e observava, com um brilho travesso nos olhos, os discípulos atentos aos seus manuais de harmonia. Seria uma pena que as faces das moças perdessem a cor. «Está tão bonito lá fora! Os senhores não gostariam de dar um passeio ao ar livre e contemplar a cidade?».

O seu amor à natureza — ou, para expressá-lo em seu sentido mais lato, o seu amor à vida — era nele uma religião. A música é apenas um dos espelhos que refletem a vida. Vida contemporânea. A tradição não era uma fórmula rígida de juízos consagrados, de axiomas dogmáticos presos entre as tenazes do presente e do passado; era, antes, uma projeção do espírito vivo do passado nas vívidas experiências do presente. Os maiores clássicos são vivos hoje porque foram vivos em sua época. O eterno é clássico e moderno a um tempo.

Discutindo composição com os alunos, Sibelius não se cansava de observar: «Evitai as notas mortas. Todas as notas devem ter vida!». Confessou aos alunos ser-lhe impossível ensinar música no sentido usual. Ensinava — e escrevia — de acordo com uma fórmula própria, o credo musical do modernismo clássico. Apesar do seu desenvolvimento e das suas experimentações constantes, esse credo musical de Sibelius permaneceu substancialmente consistente durante toda a sua carreira.

O compositor cometeu toda a vida espiritual ao julgamento da própria alma. Não se deixava influenciar pelos valores

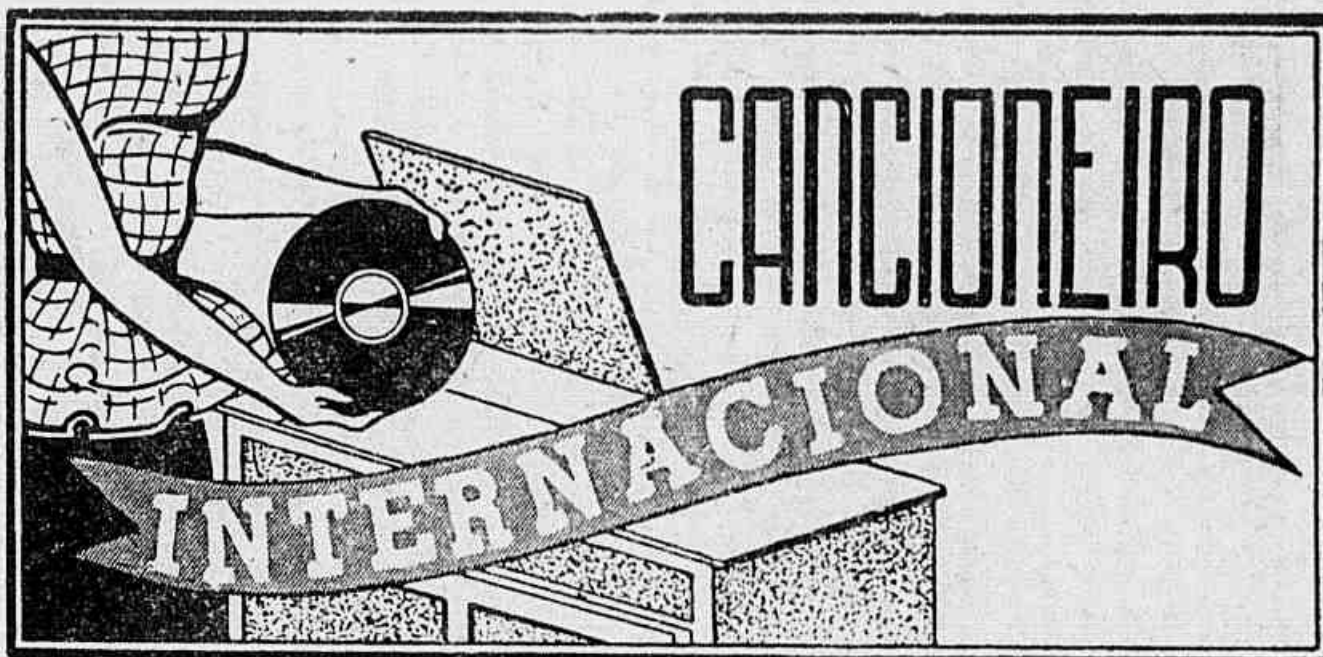
convencionais alheios, especialmente pelos dos críticos profissionais que se propunham a estimar o infinito da arte através do finito dos seus olhos. — Ainda não se ergueu uma estátua em honra de um crítico, — observou ele, certa vez, secamente. A sua atitude em face da composição era, como vimos, «ortodoxamente heterodoxa». Em derredor dele havia uma quantidade dos chamados compositores «modernistas» que se utilizavam da orquestra com o fito exclusivo de evidenciar a sua pirotecnia musical, buscando, tão somente, deslumbrar pelo brilho. Esse sensacionalismo tornara-se convencional nas salas de música contemporâneas. De outro lado, havia uma longa fila de compositores mais disciplinados porém igualmente convencionais, que seguiam, assiduamente, antes a letra que o espírito dos grandes mestres. Atalhados, dessa maneira, pelos seus freios e antolhos, arrastavam-se trabalhosamente pela vida sem olhar para a direita nem para a esquerda.

Tinham surgido, assim, dois grupos de musicistas faltos de inspiração — os modernistas, que eram ramos sem raízes, e os classicistas, raízes sem ramos. As obras dos dois grupos eram igualmente mortas. Para viver, dizia Sibelius, há de uma composição musical penetrar profundamente o solo do passado e florescer depois ao sol do presente.

Foi isso, precisamente, que ele procurou fazer — unir o passado e o presente numa unidade orquestral de vida orgânica. E foi isso que o transformou, de um gênio regional, num gênio universal. O seu nome ultrapassou, pela primeira vez, as balizas natais, quando escreveu «Finlândia», o poema tônico que traduz as esperanças nacionais dos finlandeses. O que, porém, interessava aos amantes da música em toda parte nesse poema tônico não era a sua aspiração local senão a sua aspiração universal de liberdade. A música era um grito guerreiro de independência que ecoou em todas as capitais da Europa. Assim também eram quase todas as suas outras composições — hinos agitados ao nascer de um novo dia. O dia da regeneração social.

IV

Pessoalmente, Sibelius não tinha razões para ser um rebelde. O mundo era bondoso para com ele. As suas lutas eram mentais e não materiais. Vivía feliz em seu lar. Tinha uma esposa fiel, e uma amante — a sua orquestra. «Não sou legitimamente casado com a orquestra; sou amante dela, — observou ele, de uma feita. Amante delicadíssimo. Ocupava-se constantemente dos problemas de orquestração. — A orquestra, — dizia aos alunos, — é um instrumento enorme e maravilhoso que tem tudo — exceto o pedal... O compositor que compreende



CARTINHAS E RECLAMAÇÕES

Um dos processos muito usados no meio musical é de escrever, uma cartinha ao diretor de um jornal, reclamando essa ou aquela crítica de um redator, principalmente quando este se ocupa de assuntos ligados a determinados setores.

Ora, isto é um processo radicado, mesquinho e inútil. Um, diretor de jornal que entrega uma secção a um redator, confia plenamente na orientação deste. Não pode atender a rogos infantis de rapazes que não admitem críticas, porque não têm valor e sabem que uma crítica, por menor número de restrições que apresente, será sempre um obstáculo à sua carreira de equilibrista sem méritos...

Estes são justamente os que se queixam de críticas e restrições aos seus trabalhos. Os que têm valor e acreditam na própria força, não se ocupam com pequenos casos desse quilate.

Por isso, perde tempo quem assim procede, principalmente no meio musical, que é um meio abundante de nulidades consagradas, analfabetos endeusados, compradores e vendedores de sambinhas.

O meio que eles usam para rebater críticas sensatas é um meio estúpido e ilusório. Nada conseguem com ele. Pregam no deserto. Não há perigo de esse processo surtir efeito. Muito mais acertado seria pensar em produzir com dignidade para merecer elogios. E estes, quando há razão de ser, ninguém se nega a divulgá-los...

NESTOR DE HOLANDA

THE HOUSE I LIVE IN

Lewis Allan — Earl Robinson.

The house I live in,
A plot of earth, a street,
The grocer and the butcher
And the people that I meet
The children in the playground,
The faces that I see:
All races, all religions,
That's America to me.
The place I work in,
The worker at my side
The little town or city
Where my people lived and died
The "howdy" and the handshake
The air of feeling free
The right to speak my mind out,
That's America to me.
The things I see about me
The big things and the small
The little corner newsstand
And the house a mile tall;
The wedding and the churchyard,
The laughter and the tears,
The dream that's been a growin'
For a hundred fifty years
The town I live in
The street, the house, the room,
The pavement of the city,
Or a garden all in bloom,
The church, the school, the club house,
The million lights I see,
But especially the people,
That's America to me.

CIUME (JALOUSIE)

(Tango-canção)

De Jacob Gade. — Do filme "Marujos do amor".

CIUME

é um perfume de flor...
Ciume,
é um queixume de dor...
Teus olhos
que fingem não me fitar,
mas que vivem só a me acompanhar.
Ciume
é expressão dolorida
das mil incertezas da vida
Julgar que outro alguém se interpôs
e que tudo acabou entre os dois, entre
[os dois...]

JORNAL DE ONTEM

(Samba-canção)

Elizário Teixeira e Romeu Gentil.
Para mim você é
Jornal de ontem;
Já li, já reli,
Não serve mais.
Agora eu quero um outro
Jornal assim,
Que tenha fatos sinceros e sublimes.
Emocionais.

II

Desculpe a minha franqueza,
revele a comparação
Não vá se encher de tristeza,
E' força de expressão
Mas, francamente, agora,
Você para mim,
E' um jornal atrasado,
Que só vai servir

para eu no futuro
Lembrar o passado.

★

VIVERE

Fox-trat de C. A. Bizio.

I

Oggi che magnifica giornata, che gior-
[nata de felicità...]
La mia bella donna se n'è andata, m'ha
[lasciato alfine in libertà...]
Son padrone ancor della mia vita e go-
[der la voglio sempre più...]
Ella m'ha giurato nel partir che non
[sarebbe ritornata mai più!]
Vivere, senza malinconia.
Vivere, senza più gelosia...

II

Senza rimpianti, senza mai più conoscere
Così è l'amore, cogliere il più bel fiore,
Goder la vita e far tacere il cuore.
Ridere, sempre così giocondo...
Ridere della follie del mondo
Vivere, finché c'è gioventù
Perché la vita é bella e la voglio vivere
[sempre più...]

III

Spesso la commedia dell'amore
La tua donna recitai ti fa...
Tu diventi allora il primo attore
E repeti quello che vorrà...
Sul terzo alto scende giù la tela...
Finalmente torna la realtà
E la commedia dell'amore
In una farsa trasformata sera!...

IV

Vivere, senza malinconia
Vivere, senza più gelosia
Vivere più se al cuore
Ritorna un attimo di nostalgia
Io non ho più rancore
E ringrazio chi me l'ha portata via...
Ridere, sempre così giocondo...
Ridere, della follie del mondo...
Vivere, finché la vita é bella
E la voglio vivere sempre più...

★

AVE-MARIA

(Samba-canção)

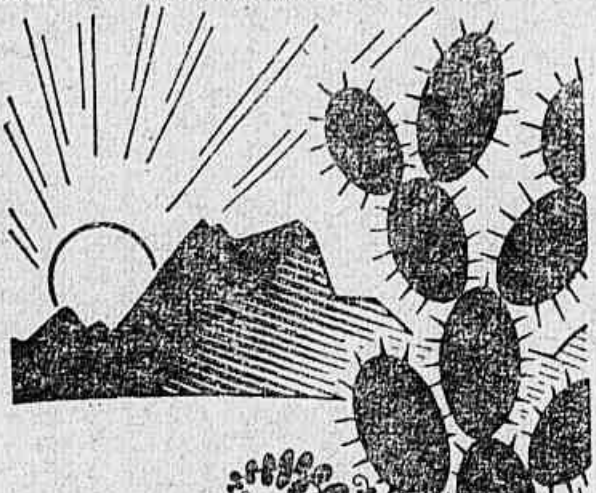
Música e letra de Vicente Paiva e Jayme Redondo.

Ave-Maria
Dos seus andores
Rogai por nós
Os pecadores...
Abençoai,
desta terra morena
Seus rios, seus campos
e as noites serenas.
Abençoai as cascatas
E as borboletas
que enfeitam as matas.
Ave-Maria
Crêmos em vós
Virgem Maria
Rogai por nós
Ouví as preces
murmúrio de luz
Que aos céus ascendem
e o vento conduz.
Conduz a voz
Virgem Maria
Rogai por nós.

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

NOS CLIMAS TROPICAIS...



AS PELES
DELICADAS
PEDEM

Polvilho Antisséptico
GRANADO

BROTÓEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTRIDOS



DA VIDA NADA SE LEVA

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapu, e Acanthes Virills, duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque da vida nada se leva.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

realmente esse fato tem de criar um pedal artificial a fim de encher os vazios desse instrumento que é sonoro em todos os demais sentidos. — Há de o compositor produzir uma corrente contínua de música, pois, em caso contrário, as várias partes parecerão garotinhos esfarrapados a chapinhar na lama. Compete ao pedal do piano produzir um jorro homogêneo de colorido tonal, a fim de acentuar e harmonizar o número infinito de harmônicos que vibram no timbre das notas. Pode-se obter o mesmo efeito com a orquestra. Suponhamos que se encarreguem do princípio de um acorde as trombetas, os trombones, as trompas e os demais instrumentos de sopro, todo fortíssimo. Seguir-se-á um diminuendo à medida que se calam os instrumentos mais fortes, deixando, assim, aos mais fracos o encargo de executar um pianíssimo gradativo. «Dir-se-ia um pensamento nascido debaixo de um céu enfarruscado forcejando, lentamente, por alcançar regiões mais puras». Sibelius tinha um ouvido tão sensitivo em relação aos harmônicos que era capaz de identificá-los estendido num campo de centeio ouvindo a brisa perpassar por ele. Amava especialmente as «vozes tranquilas, pequeninas» da natureza. Em sua delicada concepção das funções da orquestra criticava asperamente a música de Richard Wagner, que ele capitulava de «rude, brutal e vulgar». «Ele vive berrando. «Eu te amo, eu te amo!» Na minha opinião, o amor é algo que há de ser murmurado». Uma coisa dessas reflete a atitude de Sibelius em relação ao requinte na arte e traduz-lhe a personalidade toda. Ele desdenhava a sonoridade indisciplinada. Quando alguém proclama, aos berros, o seu amor a outrem, não faz outra coisa senão pôr em praça o seu amor a si mesmo. Sibelius advogava o autocontrole. Fazendo comentários acerca de Anton Bruckner, o compositor romântico cujo gênio dessembestava agitado pelo chicote do próprio ego, disse o seguinte: «Para ele, escrever partituras é o mesmo que sentar-se diante do órgão de uma igreja com todos os teclados ao seu alcance. Limita-se a fazer uso dos diferentes registros, sem cogitar da sua individualidade instrumental». Sibelius não acreditava na demonstração vulgar de emoção. A harmonia do controle é tão necessária nos tons da orquestra como nos sentimentos do coração humano.

Na opinião de Sibelius os dois maiores gênios da orquestra foram Mozart e Mendelssohn. E ele poderia ter juntado que as aberturas de «A flauta mágica» e «Sonho de uma noite de verão» constituíam a sua Bíblia musical. Ambos, Mozart e Mendelssohn, haviam resolvido com êxito o que Sibelius chamava «a dificuldade de materializar o idealismo absoluto». Existe aliunde um grande abismo — diz Sibelius — entre os temas ideais que atravessam o cérebro do compositor e os sons audíveis que chegam aos ouvidos dos frequentadores de concertos em sua forma final. As limitações dos instrumentos orquestrais vencem, por via de regra, o compositor, cujo idealismo é destruído pelas dificuldades materiais da vida. «Há na música, como na vida, toda a sorte de obstáculos à expressão efetiva das nossas idéias. E a orquestração, como a vida, é uma rude luta pela existência». Tanto maior é o crédito, portanto, que merecem os que conseguem vestir os seus sonhos ideais dos traços materiais do som com uma perda mínima de beleza. Isso logrou-o Mendelssohn, e Mozart também. E foi esta a grande luta de Sibelius no meio de uma vida material sem lutas.

V

Assim que lhe permitiram as condições financeiras, saiu Sibelius de Helsingfors para viver no campo, onde lhe era dado, em íntima comunhão com a natureza, realizar melhor os seus sonhos. Em Tommasby, perto dos Pântanos de Tusby. Enormes campos sossegados que se estendiam em direção ao lago. O melhor ambiente para o seu trabalho. Lá ensinava ele os alunos, e quando estes tremiam diante das tarefas, diziam ser apenas principiantes, ele respondia: «Eu também sou». E lá escreveu ele os capítulos supremos da sua experiência musical — as sinfonias.

(Conclui no próximo número)

CONSEQUÊNCIAS DE UM...

(Cont. da pág. 25)

dum Piscator; e é um espetáculo excelente, construído de maneira tão lógica (às vezes até mecânica) que o escritor, agindo no roteiro da concepção especulativa, vê-se obrigado a medir as palavras, a banir qualquer eloquência; não podendo expandir-se, deve aprofundar-se. Nelson Rodrigues, ao escrever «Vestido de noiva», viu-se na feliz situação de um diretor de cinema a quem entregaram um cenário bem feito, sem prolixidade, de ritmo rápido, e que pode trabalhar sossegado na conduta dos atores e na escolha dos ângulos porque está certo do interesse da narrativa. Entre muitos críticos que, mesmo elogiando a peça, tiveram o ensejo de proferir as maiores besteiras do mundo, falando em surrealismo, em abismos, em transcendências, a agudez do sr. Alvaro Lins descobriu a qualidade principal da peça, isto é, sua estrutura matemática. Muitos caracteres e detalhes humanos são traçados, em «Vestido de noiva», com uma leveza que impede o realizar-se, do que geralmente resulta o fracasso artístico das obras expressionistas: a ausência de personagens vivos, substituídos por bonecos simbólicos.

«Vestido de noiva» marca um sucesso notável na carreira do escritor, porque consegue operar a síntese entre os seus pendores cenográficos e as suas qualidades literárias. A primeira batalha entre o médico e o monstro fechou-se vitoriosamente, por força de uma integração singular.

Infelizmente «Vestido de noiva» marcava também um progresso para o teatro brasileiro. Digo «infelizmente» porque, desde então, o sr. Nelson Rodrigues viu-se de repente desprovido de qualquer possibilidade de receber críticas honestas, de encontrar no seu caminho um crítico no verdadeiro sentido da palavra. Lançado no turbilhão da polêmica, reduzido a símbolo, só conheceu apologistas e detratores. Quem se atrevesse a fazer-lhe uma observação passava imediatamente por inimigo da arte. E o último passo nesta direção determinou-o a Censura, obrigando os defensores do escritor a proclamar alto o valor das novas peças, que pelo contrário constituíam o ingresso do sr. Nelson Rodrigues numa fase crítica e perigosa da sua atividade.

E tudo isto aconteceu no momento em que mais o autor precisava da severidade e da análise de observadores sinceros. Sim, porque ele, por causa de um novo desdobramento de personalidade, estava agora lutando com um monstro bem mais assustador: a sra. Suzanna Flag.

Nascida como aventura passageira, a relação entre o autor ostensivo de «Vestido de noiva» e a escritora inexistente de «Meu destino é pecar» acabou sendo um noivado interminável, e depois um casamento, daqueles em que a mulher espanca o marido todas as noites. Acreditava o sr. Nelson Rodrigues que a encantadora Suzana só fosse uma mulherzinha, dessas que a gente visita em obediência a simples necessidades materiais. Mulher, porém, é o diabo. E foi o diabo.

Suzana Flag é, amadora de esportes violentos. Para ela, conduzir o leitor através de quinhentas páginas, sem poupar-lhe um instante torturas, gritos, sangue, vinganças, paixões desmedidas, é brincadeira. No fundo do sr. Nelson Rodrigues havia uma secreta tendência a descrever, não os lados piores da existência (isto qualquer naturalistazinho sabe fazer) mas mesmo uma existência imaginária, inteiramente constituída do que nós chamamos burguesmente «lado pior», mas que aí é tudo. Também pertencia aos prazeres malvados de Suzana o de colocar suas histórias de violência sexual e de homicídio no seio dumas incríveis famílias de fazendeiros, nas quais não havia (como em O'Neill) a tentação contínua e subconsciente do incesto, ou (como na realidade), alguns casos de verdadeiro incesto, mas todo incesto subia regularmente e imediatamente à consciência para transformar-se logo em ato, com todas as consequências. Tudo isso a diabólica Suzana disfarçava sob aparências bastante castas, daquela castidade que é pior do que o vício...

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface «Brilhante» ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface «Brilhante» permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas, as asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface «Brilhante». Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alface.

Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL

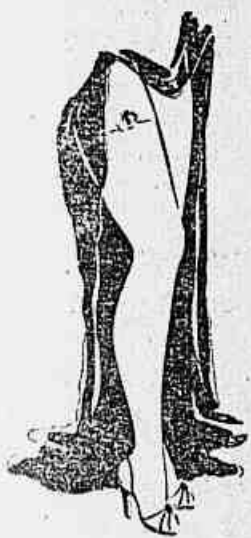
REGULA

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conservar os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos resseque-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias manei-

ras, só o conseguiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em líquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.

Suzana Flag é uma escritora eminentemente osculatória; para defender a sua posição de "best-seller", ela determinou que os personagens só deviam trocar beijos; que beijos, porém, meu Deus! Piores do que qualquer coisa, piores do que todas as conjunções celebradas por Zola e por Steinbeck. Covardemente, Suzana instigou o teatrólogo a ir mais adiante, a realizar sem pudor o que ela devia enobrecer por causa da tiragem.

Nasceu assim o primeiro filho do casal. "Album de família" é mesmo a realização, em termos sérios e rigorosos, do que nos romances de Suzana Flag fica enco-

berto sob aparências folhetinescas. A antiga tendência do sr. Nelson Rodrigues para as formas de extremismo psicológico, aqui torna-se uma espécie de misticismo do escândalo, que é sem dúvida uma atitude sincera do seu espírito, e não comercial como a de Suzana Flag, mas que reflete o contágio da mesma doença originária.

Havia também outra característica comum entre os dois: a da iconoclastia. (Já o protagonista da "Mulher sem pecado" havia perguntado: — Você nunca se sentiu um pouco São Francisco de Assis?) Suzana enchia de Cristos crucificados as casas de campo, as casas daquelas famílias surgidas duma espécie de Idade Média do espírito, e os símbolos religiosos recitavam um papel importante nas crises sexuais das personagens. O sr. Nelson Rodrigues insistiu com intransigência sobre este aspecto da sua sensibilidade — tão comum na literatura "satânica" do século passado (Lautreamont, Baudelaire; mas especialmente Barbey d'Aurevilly, François Soulié e os "romances negros" ingleses, as Suzanas Flag da época).

A que predomina, porém, é a tradução, em termos de ação dramática, dos elementos intencionais, o que é bem expressionista. Em Kaiser, por exemplo, o drama sempre é fabricado na base de uma "idéia fixa". Vejamos o "Incêndio da Ópera"; a idéia é o amor puro. Um lugar comum das pessoas que sentem por alguém esta forma de amor é o de dizer, quando o ente amado se revela indigno, que ele "morreu". A imaginação de Kaiser logo corre aos extremos; ele cria um enredo onde o protagonista, vendo diante de si, bem tangível, a mulher que acreditava morta, continua por três atos dizendo-lhe: "Desculpe, mas eu não conheço a senhora; minha mulher morreu durante um incêndio". É um caso de tradução em fatos de uma simples metáfora. Outro caso é no "Dia de Outubro" do mesmo autor. Pode acontecer que uma moça, tendo-se encontrado na igreja com um desconhecido cavalheiro de quem gosta e se ajoelhado ao lado dela, relatando o acontecido diga por metáfora: "Foi como se nós estivéssemos casando". Para Kaiser o "foi como" não existe. E aquela ilusão da moça torna-se realidade, em que se baseia todo o drama.

O mesmo acontece com o sr. Nelson Rodrigues, com esta diferença: que o Kaiser sempre colocava as suas personagens "absolutas", isto é, os que pretendiam realizar as metáforas, em contraste com a realidade de pessoas banais e mesmo estúpidas. Deste conflito é que surge o drama. Para o sr. Nelson Rodrigues esta possibilidade de contraste — e, afinal, de teatro — não existe. O drama refere-se a incesto? Todas as personagens são incestuosas. Nem é só isso: também numa coletividade de incestuosos pode haver uma luta entre os que são menos conscientes do que sentem, e os que são completamente responsáveis. Mas o autor de "Album de família" desconhece o claro-escuro, as melas tintas: todos são incestuosos do mesmo grau de intensidade. O drama, qualquer drama, desaparece. É um coro de personagens iguais, falando a mesma linguagem, fazendo as mesmas coisas, pensando no mesmo modo. Uma espécie de punhado de danados numa chama infernal onde qualquer individualidade, qualquer noção de relação, queimou-se e sumiu por completo.

E também nisto há o dedo feminino e perverso de Suzana Flag. Afinal, a característica das escritoras de sucesso, sejam elas responsáveis por romances negros ou rosas, sempre foi esta: criar um mundo onde todos os seres são grandíneos, ou todos sentimentais, ou todos religiosos. Eleanor Glyn, Dely e outras culminâncias do gênero "rosa" podem testemunhar. O mesmo acontece na literatura pornográfica, onde todos são sensuais, sem qualquer perigo de se encontrar um homem frio.

Há, porém, no "Album de família" uma indiferenciada força dramática: uma força a que falta algo substancial onde aplicar-se; uma força que se parece com uma máquina enorme que não sirva para acionar nada, para fabricar nada, para transportar nada. Uma motriz á-toa. É neste ponto que surge a melancolia do leitor, e que deveria surgir a indicação dos críticos.

Coitados dos críticos! Como poderão eles lutar contemporaneamente com a Censura e com a sra. Suzana Flag? Para não esgotar suas forças, eles decidiram combater apenas a Censura. O sr. Nelson Rodrigues que continuasse sozinho nas suas brigas com aquela mulher danada...

Assim foi que "Album de família" e as sucessivas "Anjo negro" e "Senhora dos afogados" passaram a ser consideradas obras-primas, sem possibilidade de discussão, porque isso seria favorecer o conservantismo da Censura. Mas há de vir alguém que saiba dizer, ao talentoso escritor que é o sr. Nelson Rodrigues: — "Desmanche logo este casamento. Não demore. Nestes casos a gente só tem uma saída: partir para Reno e pedir divórcio".

OS PURITANOS

(Cont. da pág. 50)

Por fim chegamos à casa. Diante da porta, Teresa tornou a me fazer jurar que não estava pensando nada de ruim a respeito dela e que no dia seguinte, às duas da tarde em ponto, me apresentaria debaixo da janela.

— Cuidado, não faltes.
— Não faltarei, querida.
— As duas em ponto?
— As duas em ponto.
— Agora chame com uma pancada na porta.

Apanhei a aldabra e dei uma pancada forte. Em pouco se ouviram os passos do porteiro.

— Agora — disse em voz baixa e trêmula — me dê um beijo e fuja depressa.

Ao mesmo tempo me apresentava a face cândida e rosada. Tomei-a entre as mãos e lhe dei um beijo... dois... três... quatro... todos os que pude até que ouvi ranger a chave. E me afastei a passos largos.

Don Ramon deixou de falar.

— E depois, que sucedeu? — perguntei-lhe com vivo interesse.

— Nada, apenas que naquela noite não pude dormir de remorsos e no dia seguinte tomei o trem para minha vila.

— Sem ver Teresa?

— Sem ver Teresa.

A VIDA DE SWEDENBORG

(Conclusão do número anterior)

O amor é o doce eixo em redor do qual gira o eterno planeta do paraíso. Ninguém envelhece nesses "trópicos da pureza". Ou melhor, «envelhecer, no céu, é rejuvenescer». Todos «avancam constantemente para a primavera da sua vida, de tal maneira que os anjos mais velhos parecem os mais jovens». As mulheres que morreram velhas e desfeitas pela idade, mas que viveram «no amor ao próximo... alcançam... uma florescência juvenil, e uma beleza que ultrapassa todas as nossas concepções terrenas de beleza».

Tal é, em resumo, a imagem do céu, espelhada no credo de Swedenborg. E quem poderá dizer com plena certeza que não existe essa região maravilhosa? O paraíso será um sonho? Bem, e por que não? «O homem, nos seus sonhos perfeitos, é o paraíso». E Swedenborg, cegado pelo excesso de luz, larga a sua pena.

VI

Quando esta bomba de humanidade e brandura explodiu sobre os dogmas petrificados do século XVIII, os homens taparam os ouvidos e cerraram as portas do coração. Uma religião que, na sua

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME

RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

tolerância ilimitada, admitia aos deleites do paraíso até os budistas, muçulmanos e judeus, era uma fonte de perigo para todas as corações interiores, salvo para a alma desarmada do santo. Swedenborg distribuiu exemplares de suas obras por todo o continente, insistindo por comentários. «Nenhuma voz respondeu. Atravessa-se a sugerir, com a autoridade de Deus, que o diabo, em seus piores aspectos — é apenas humano.

Dois são os supremos poemas de vida e morte. «A Divina Comédia», de Dante, debuxada com as cores vivas do fogo e do ódio, fascinou a mente humana. Mas a «Visão do Céu», de Swedenborg, comoveu o coração humano. Pois este poema foi pintado com o pincel da piedade numa tela de lágrimas.

(Do livro «Vidas de grandes capitães da Fé».)

NÃO DORME BEM?

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

DYNAMOGENOL



Durante o ano de 1946 os 286 aeroclubes e escolas civis de aviação existentes no Brasil realizaram 92.627 horas de voo, empregando 617 aeronaves. Destacaram-se na contribuição para esse total os Estados de São Paulo, com 32.249 horas, empregando 204 aeronaves; Minas Gerais, com 14.992 horas, empregando 85 aeronaves, e Rio Grande do Sul, com 9.322 horas, empregando 79 aeronaves.

Os aviões da Panair do Brasil, em 1946, transportaram 1.993.983 quilos de bagagem, 1.315.298 quilos de carga e 102.121 quilos de malas postais, enquanto que no ano anterior as cifras atingidas pelos mesmos transportes foram, respectivamente, de 1.238.934 quilos, 1.002.655 quilos e 118.607 quilos. Como se vê, o volume de malas postais sofreu em 1946 um decréscimo de 16.486 quilos.

A ligação aérea Rio-São Paulo é a quarta do mundo em número de viagens. As três primeiras estão nos Estados Unidos e são as de Nova York-Washington, com 60 viagens diárias, Nova York-Boston e Los Angeles-São Francisco.

O consumo mensal de gasolina dos aviões da Panair do Brasil é de cerca de 3.000.000 (três milhões) de litros, o suficiente para abastecer 50.000 automóveis durante 30 dias, consumindo cada carro uma média de 20 litros diários.

A cidade de Pedra Azul, Minas Gerais, foi incluída como ponto de escala na rota do Correo Aéreo Militar. Segundo se informa, aquela localidade, num futuro próximo, será também incluída como ponto de escala da Frota Bandeirante da Panair do Brasil.

De acordo com o relatório apresentado por Sir William P. Hildred, diretor da IATA (Associação de Transporte Aéreo Internacional), à III Reunião Geral Anual daquela entidade, em Quitandinha, a rede de rotas aéreas internacionais cobre atualmente uma extensão de 500.000 milhas, ou sejam 804.650 quilômetros.

Um avião "Mosquito" pilotado por aviadores da Real Força Aérea Australiana bateu o recorde de velocidade na travessia da Austrália, de este a oeste. O "Mosquito" manteve a velocidade média de 364 milhas por hora, num voo de cinco horas, de Pearce, na Austrália, a Cook, na província de Vitória.

O novo helicóptero "Bristol" tipo 171, de fabricação britânica, pode transportar quatro pessoas a uma velocidade média de 100 milhas por hora, cerca de 161 quilômetros. O novo aparelho está destinado ao serviço de taxi-aéreo.

O helicóptero de dois assentos "JOV-3", construído pela Helicopter Research Corp., de Filadélfia, EE. UU., realizou com pleno sucesso seu primeiro voo. As duas hélices da aeronave são acionadas por um motor "Lycoming O-235" de 4 cilindros e 100 cavalos de força. Com dois passageiros e a carga completa, a máquina pesa aproximadamente 600 quilos. Calcula-se que o seu preço será de 7.000 a 9.000 dólares, caso a produção seja em limite moderado.

O Departamento dos Correios dos Estados Unidos noticiou que espera estabelecer, em futuro próximo, um serviço postal aéreo de encomendas entre aquele país e o estrangeiro. O citado Departamento acredita poder realizar acordos nesse sentido primeiro com o Reino Unido, países da Europa Continental, Bermudas, Terra Nova, Açores, Islândia, Senegal, Costa do Ouro, Congo Belga, União Sul-Africana, Argélia, Tunísia, Egito, Palestina, Saudi Arábia, Síria e Índia. Mais tarde o referido serviço será estendido a outros países.

A Pan American Airways declarou que 1947 foi um ano recorde. Nesse ano a companhia completou um total de 1.277.291.000 passageiros-milhas e transportou 31.371.240 libras (15.603.383 quilos) de carga. (Os dois últimos meses estão incluídos por estimativa). A United Air Lines, incluindo dezembro também por estimativa divulgou que seu rendimento em passageiros-milhas em 1947 foi de 1.227.775.600, 14,4% mais do que em 1946; em toneladas-milhas de frete aéreo de 10.172.100, 127% mais do que no ano anterior; em toneladas-milhas de carga aérea expressa de 8.787.700, 18,5% mais do que em 1946, e em toneladas-milhas de correio de 8.523.600, menos 11,4% do que no ano anterior.

(Noticiário colligido por E. de Oliveira, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

A SALADA DE AGRIÃO

(Cont. da pág. 10)

— Sim.
— Mas... Onde vamos criar as galinhas? — inquiriu ele admirado.

— Ora, Zeferino, a gente precisa ser moderna. Criar galinhas em casa!... Onde se viu isso?

— Está bem, — assentiu ele, desnortado com tanta mudança em seus hábitos. — Essa Odete cozinha bem? — arriscou, a mezza voce, esperançoso de que a noiva se acusasse cozinheira.

— Nada, querido. Nós compramos umas viandas, umas latas, e mandamos buscar a comida mais sólida num restaurante.

Os quitutes da Helena e a costureira salada de agrião vieram-lhe aos olhos.

— Não sei, mas acho que de restaurante nem mandam salada.

Não se animava a falar em salada de agrião.

— Salada?! Ora, Zeferino, então por causa duma salada você vai rejeitar a comodidade da comida do restaurante?

— E', — respondeu o noivo, confuso.

A noite Helena serviu o jantar. E, como sempre, havia salada de agrião.

— Onde é que você compra o agrião, Helena? Do verdureiro?

— Agrião dá em água corrente, Zeferino. Como você disse que gostava de agrião plantei uns pés ali atrás do morro, no riacho... E' por isso que sempre temos salada de agrião.

Zeferino não dormiu naquela noite. E no dia seguinte fazia saber à família da noiva que desmanchava o compromisso. Foi um Deus nos acuda! A noiva e sua mãe exigiram explicações. Sentiam-se, agravadas. E pediram um conselho de família. Zeferino compareceu e, perante todos, confirmou seu desideratum. Procuraram induzi-lo a mudar de opinião. Inutilmente, porém. Ele concordava com tudo: com o apartamento, comida de viandas, criada, lavadeira, desistia até das galinhas; com uma coisa não estava de acordo: passar sem o agrião.

— E' por causa daquela sem-vergonha! E' por uma tipa daquelas que você troca minha filha! — vociferou, dramática, a velha.

Zeferino estremeceu. A acusação cegou-o. Imaginara sempre que ali ignoravam a existência de Helena. Por causa de uma Helena houve uma guerra; desta vez a causa foi a Helena do Zeferino.

— Não, senhora! E' por uma salada de agrião! — berrou ele, cheio de brios, assustado de si mesmo.

Jamais berrara, reagira, em sua vida.

E saiu com a cabeça a arder de fúria. Foi para casa. Helena viu-o entrar. Notou que não trazia a aliança.

— Não caso mais! — bufou o homem.

Helena simulou semblante compungido; intimamente se felicitava. Se soubesse o motivo daquela resolução abençoaria a idéia de cultivar agrião.

— Se um dia ficares viúva caso contigo e acabou-se...

— Já sou viúva... Há quatro meses, — balbuciou ela, com meiguice.

— Ué! E por que não me disse antes?

— Ora...

Tempos depois Zeferino e Helena fizeram as pazes com a sociedade, comparecendo ao registro civil. O que não sabemos é se, depois de casada, ela continuou a cultivar o agrião.

OS PURITANOS

(Cont. da pág. 24)

apóstrofe violenta, como tinha determinado, mandei-lhe um galante sorriso. Pode ser que na formação desse sorriso tenha intervido mais ou menos diretamente a beleza nada comum do criminoso.

Apanhei o chapéu, coloquei-o na cabeça e tornei a erguer o olhar e a mandar outro sorriso, acompanhado dessa vez dum ligeiro cumprimento. Porém meu agressor continuava imóvel e aterrado, sem notar nem compreender as amáveis disposições em que se achava sua vítima. Com tudo isso, a boneca continuava no chão, imóvel, também, porém, sem mostrar de modo algum surpresa, pesar, terror, nem sequer vergonha de sua situação pouco decorosa. Apressai-me a levantá-la, apanhando-a, se não me enganar, por uma perna e examinei minuciosamente se não havia sofrido alguma fratura ou outra ferida grave. Não tinha mais do que leves contusões. Levantei-a bem e a mostrei à dona, fazendo-lhe sinais de que ia subir para entregar-lhe o brinquedo. E, sem mais demora, passo a soleira, subo a escada e puxo o cordão da campainha... Já está aberta a porta. Meu lindo agressor assoma o rosto moreno, gracioso, cheio de vida e de frescura e estende as mãos pequeninas nas quais deposito respeitosamente a boneca desmaiada. Quis falar, para dar maior segurança de que não era nada o que acontecera, que a boneca conservava integros os membros, e eu do mesmo modo, que celebrava a ocasião para conhecer uma menina tão bonita e tão simpática, etc., etc. Nada disto foi possível. A pequena murmurou confusamente "muito obrigada" e se apressou a fechar a porta, deixando-me com o discurso na cachola.

Saio à rua um pouco aborrecido, como qualquer outro orador no mesmo caso, e sigo meu caminho, não sem voltar a cabeça diversas vezes para o balcão. A trinta ou quarenta passos, observo que a menina se debruçou, e paro e lhe mando um sorriso e um cumprimento cerimonioso. Desta vez ela corresponde, embora ligeiramente, porém, se apressa a retirar-se. Deixo que era linda aquela pequena! Ao chegar ao fim da rua senti a

necessidade imperiosa de vê-la de novo e eu voltei atrás, não sem perceber certa vergonha no fundo do meu coração, pois nem minha idade, nem meu estado me autorizavam a semelhantes inconveniências, muito menos tratando-se de tal criaturinha. Já não estava no balcão.

"Pois não vou embora sem vê-la" — disse para mim e "plau planito", comecei a passear pela rua sem perder de vista a casa, com a mesma desenvoltura dum cadete de Estado Maior. "Afim de contas, aqui ninguém me conhece — já repetindo a cada instante, afim de me dar forças para continuar passeando. — Além disso, não tenho nada que fazer agora, e tanto faz vagar por um lado como por outro."

Justamente ao cruzar pela terceira ou quarta vez pela frente do balcão, apareceu nele a gentil garotinha, que ao me ver fez um movimento de surpresa, acompanhando duma careta encantadora; largou a ris e se escondeu de novo.

Porém, que estúpidos somos nós, os homens, e que inocentes quando se trata destes assuntos. Você acreditará que então nem sequer suspeitei que a menina tinha estado presenciando, sem perder um só, todos os meus movimentos? Satisfeito já o capricho, deixei a rua das Infantas e fui à casa dum amigo. Mas no dia seguinte, fosse casualidade ou premeditação, embora seja muito provável a última hipótese, acertei em passar pelo mesmo lugar à mesma hora. Meu gentil agressor, que estava debruçado na varandinha do balcão, ficou escarlate até às orelhas assim que pôde distinguir-me, retirando-se antes que eu passasse pela frente da casa. Como você pode supor, isto, longe de me fazer desistir, me animou a ficar petrificado na esquina do primeiro beco, em contemplação extática. Não decorreram quatro minutos sem que visse assomar um narizinho nacarado, que se retirou na mesma hora, velozmente, tornou a surgir dois minutos depois e voltou a retirar-se; apareceu logo mais outra vez e se recolheu de novo. Quando se cansou de tais manobras, apareceu por inteiro e me olhou fixamente por um bom pedaço, como se se tratasse de demonstrar que não tinha nenhum medo de mim. Então se generalizou entre ambas as partes um fogo cerrado de olhares, acompanhado, no que me toca, por uma multidão de sorrisos, cumprimentos e outros projéteis mortíferos que deveriam ter causado notáveis estragos no inimigo. Este, meia hora depois, ouviu sem dúvida na sala o toque de "cessar fogo" e se retirou, fechando a janela. Não precisarei dizer-lhe que por mais que me sentisse envergonhado daquela aventura, continuei dando voltas na mesma hora pela rua, e que o tirolo era cada vez mais intenso e animado. Ao terceiro ou quarto dia me resolvi a arrancar uma folha da carteira de notar e a escrever estas palavras: "Costo muito de você". Enrolei uma moeda de dois quartos na folha e aproveitando a ocasião em que não passava ninguém, depois de fazer-lhe sinal de que se retirasse, atirei-a ao balcão. No dia seguinte, quando passei por lá, vi cair uma bolinha de papel, que me apressei em apanhar e a desdobrar. Dizia assim, numa letra inglesa, grande, feita com muito cuidado, e o papel reguado para não ficar irregular: "Também gosto não pense que brinco com bonecas era de minha irmã."

Embora tenha sorrido ao ler o bilhete amoroso, não deixou de me causar uma sensação doce e amável, que logo deu lugar a outra, melancólica, ao me lembrar que me estavam proibidas para sempre tais aventuras. Naquele dia minha pequena não saiu ao balcão, sem dúvida envergonhada de sua condescendência; porém, no dia seguinte a encontrei disposta e aparelhada para o combate de olhares, sinais e sorrisos que já não escasseavam por ambas as partes. Uma hora ou mais durava todas as tardes este jogo, até que se ouvia chamar e ela se retirava apressadamente. Perguntei-lhe por sinais se não sala para passear e me respondeu que sim; e, com efeito, um dia esperei na rua até às quatro e a vi sair na companhia de uma senhora que devia ser a mãe dela e de dois irmãozinhos. Acompanhei-os ao Retiro; embora a distância respeitável, porque me teria causado muita vergonha que a mamãe se inteirasse da história. A pequena, com menor prudência, voltava a cada instante a cabeça e sorria para mim, o que me tinha em continuo sobressalto. Afinal voltamos para casa em paz. Apesar de tudo isso, eu não sabia como se chamava, e afim de averiguá-lo, escrevi a pergunta noutra folha da carteira: "Como você se chama?". A pequena respondeu na mesma letra inglesa e grande, com o papel reguado: "Me chamo Teresa não acredite pelo amor de Deus que brinco com bonecas."

Dez ou doze dias transcorreram desta maneira. Teresa me parecia cada dia mais linda, e o era com efeito, porque segundo averigui no curso de minha vida, não há pintura, seda nem enfeites que aformoseia tanto a mulher como o amor. Perguntei-lhe repetidas vezes se podia falar com ela, e sempre me respondeu que era de todo impossível: se a mamãe chegasse a saber alguma coisa, adeus balcão! Comecei a desconfiar que estava ficando enamorado e isto me trazia inquieto. Não podia pensar naquela menina sem sentir profunda melancolia, como se nela personificasse minha juventude, meus sonhos de ouro, todas as minhas ilusões, o que para mim separados de mim por barreira infranqueável. Ao mesmo tempo me acoavam os remorsos. Qual não seria a dor de minha pobre mulher, se chegasse a descobrir que o marido andava pela corte namorando garotas! Um dia recebi uma carta sua, participando-me que meu filho menor estava um pouco indisposto e pedindo-me que procurasse arranjar os negócios para voltar logo para casa. A notícia me produziu o pesar que você pode calcular; porque sempre delirei por meus filhos. E como se aquilo fosse castigo da Providência ou pelo menos advertência saudavel, depois de grave e pro-

longada meditação, durante a qual me lancei em rosto, sem piedade, minha conduta infame e ridícula, cantei sem rebuços o eu pecador e resolvi obedecer imediatamente a minha esposa. Para levar a cabo esse propósito, a primeira coisa que me ocorreu foi não me lembrar mais de Teresa, nem passar sequer pela rua dela, embora fosse caminho obrigatório; depois, abreviar quanto pudesse os negócios. Segundo os meus cálculos, ficaria livre com cinco ou seis dias.

Ja não ia, portanto, pela rua das Infantas, como costumava depois de almoçar, nem ainda para ir à de Valverde, onde moravam uns amigos. Pela noite, depois de comer, como não havia perigo de ver Teresa, atravessava-a velozmente, e sem lançar um olhar para a casa.

Passaram-se quatro dias. Já não me lembrava daquela menina, ou se me lembrava era de um modo vago, como a memória dos dias risinhos da juventude. Tinha quase ultimado meus negócios e andava preocupado com a escolha do dia de ir embora. Seria coisa, o mais tardar, de sexta-feira ou do sábado, disse para mim depois de comer, acendendo um charuto e me largando para a rua. O ministro se negara a reduzir a quota da Câmara Municipal, o que me deixava muito aborrecido. Pensando no que havia de dizer aos meus colegas quando me visse entre eles, e no modo melhor de lhes explicar a causa do fracasso, atravessei a praça do Rei e entrei pela rua das Infantas. A noite estava esplêndida e com boa temperatura. Eu estava com o sobretudo aberto e caminhava lentamente gozando com voluptuosidade a temperatura, o charuto e a segurança de ver em breve minha família. Ao passar pela frente da casa da menina, me detive e a contemplei um momento quase com indiferença. E prossegui, murmurando: "Que pequena adorável! Pena que a leve um patife!" Depois me pus a refletir como teria sido fácil para mim pregar uma partida ao alcaide e abischoitar o lugar; mas, não; teria sido uma traição. Por mais que ele fosse arbitrário e soberbo, era afinal amigo; havia tempo para eu ser alcaide. Porém, quando mais embebido andava nos meus pensamentos e planos políticos, e quando já estava próximo a dobrar a esquina da rua, eis que sinto um braço que se apóia no meu e uma voz que me diz:

— Você vai muito longe?

— Teresa!

Os dois ficamos mudos por alguns instantes; eu a contemplava estupefacta: ela, com a cabeça baixa e sem abandonar meu braço.

— Mas, para onde você vai a esta hora?

— Vou com você — respondeu levantando a cabeça como se dissesse a coisa mais natural do mundo.

— Para onde?

— Sei lá! Para onde você quiser.

Senti ao mesmo tempo calafrios de prazer e de medo.

— Você fugiu de casa?

— Qual o quê!... Apenas tapei Manuel do modo mais engraçado possível... Vê como você vai tirar... Teimei hoje em ir a reunião de umas primas que moram na rua de Fuencarral e papai mandou que Manuel me acompanhasse. Chegamos na porta de casa e ali eu disse a ele: "Pode ir embora, que não faz falta"; e fiz que subia a escada, porém em seguida dei volta sem chamar e vim atrás dele até em casa... Quando o vi entrar, deu-me um acesso de riso que por pouco não me ouviu!

A pequena ainda estava rindo, com tanta gana e tão francamente, que me obrigou a fazer o mesmo.

— E porque você fez isto? — perguntei-lhe com a falta de delicadeza, melhor dizendo, com a brutalidade com que costumamos estar bem providos, nós, os cavalheiros.

— Por nada — replicou desprendendo-se do meu braço repentinamente e largando a correr.

Logo a alcancei.

— Que geniozinho é você! — disse levando a coisa na troça. — Que modo de se despedir!... Perdão se a ofendi...

A menina, sem dizer nada, tornou a segurar no meu braço. Caminhamos um bom pedaço em silêncio. Eu ia pensando ansiosamente no que ia dizer e no que ia fazer. Afinal, Teresa o rompeu, perguntando-me resolutamente:

Você não me disse por carta que gostava de mim?

— Pois certo que acho que gosto de você!

— Então, por que deixou de vir ver-me e de passar pela rua de dia?

— Porque tinha medo de sua mãe.

— Sim, sim; é porque os homens são todos muito ingratos e quanto mais se ama eles pior. — Pensa que não sei?

Você me fez ficar no balcão todas as tardes, esperando-o; porém, que esperança!... De noite, por trás dos vidros, via-o passar, muito sério, muito sério, sem olhar sequer para minha casa... Eu dizia: "Estará zangado comigo? Por que teria ficado zangado? Será porque fechei a janela faltando um quarto para as três?". Enfim, ficava cavilando o tempo todo, cavilando, sem tirar nada a limpo... Então disse: "Vou pregar-lhe um susto esta noite..."

— Foi um susto bem agradável.

— Se você não parasse diante de minha casa e ficasse olhando para as janelas, eu não saía do portal... Mas aquilo me decidiu.

Momento de pausa, no qual me acudiu à mente um tropel de pensamentos que ainda hoje me envergonham. Teresa tornou a olhar para mim fixamente.

— Você está satisfeito?

— Como não?

— Minha companhia lhe dá prazer?

— Mais do que a de qualquer outra pessoa no mundo.

— Não lhe atrapalho?

— Ao contrário, sinto um prazer que você nem pode imaginar.

— Não tem nada que fazer agora?

— Absolutamente nada.

— Então vamos passear. Quando chegar a hora, você

me leva para casa e mamãe pensa que foi o criado das primas que me trouxe... Mas se lhe atrapalho ou não lhe agrada passear comigo, diga-me... Vou já embora...

Eu lhe respondi apertando-lhe o braço e puxando-lhe suavemente a mão para prendê-lo bem no meu. Teresa continuou a falar com graciosa volubilidade.

— Parece mentira que sejamos tão amigos, não é mesmo? Eu pensei, quando lhe deixei cair a boneca em cima que o tinha morto... Que medo tive! Se você visse!... Vamos ver, por que foi que em vez de se zangar você sorriu?

— Ora! Porque gostei muito de você!

— Isso pensava eu; devia ter-lhe parecido simpática, porque do contrário a verdade é que só tinha motivo para ficar furioso. Mas quando você subiu para me levar a boneca eu estava morta de medo e por isso fechei a porta tão depressa. Boneca impossível! Deu-me tanta raiva que a atirei no chão e lhe parti um braço.

— Pois não deve tratá-la desse modo; ao contrário, deve conservá-la como uma lembrança.

— Sabe que tem razão? Se não fosse pela boneca não nos teríamos conhecido... nem você seria meu namorado... porque tenho outro...

— Como outro?

— Quer dizer, já não o tenho... É um primo que está teimando que hei de gostar dele à força... Não vá pen-

TÃO COMPLETA!...
Nem parece uma refeição de pic-nic!



Ah!... é uma refeição com
Malzbier da Brahma



É certo!... Mesmo uma "refeição ligeira" tem seu prazer e valor nutritivo redobrados com Malzbier da Brahma!... Malzbier da Brahma possui alta concentração de malte. E, por isso, compensa a falta à mesa de um ou outro alimento. É também a cerveja preferida em todos os lares por ser ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico. Complete e equilibre o valor nutritivo do seu lanche, almoço ou jantar com a saborosa Malzbier da Brahma. Exija sempre Malzbier da Brahma.

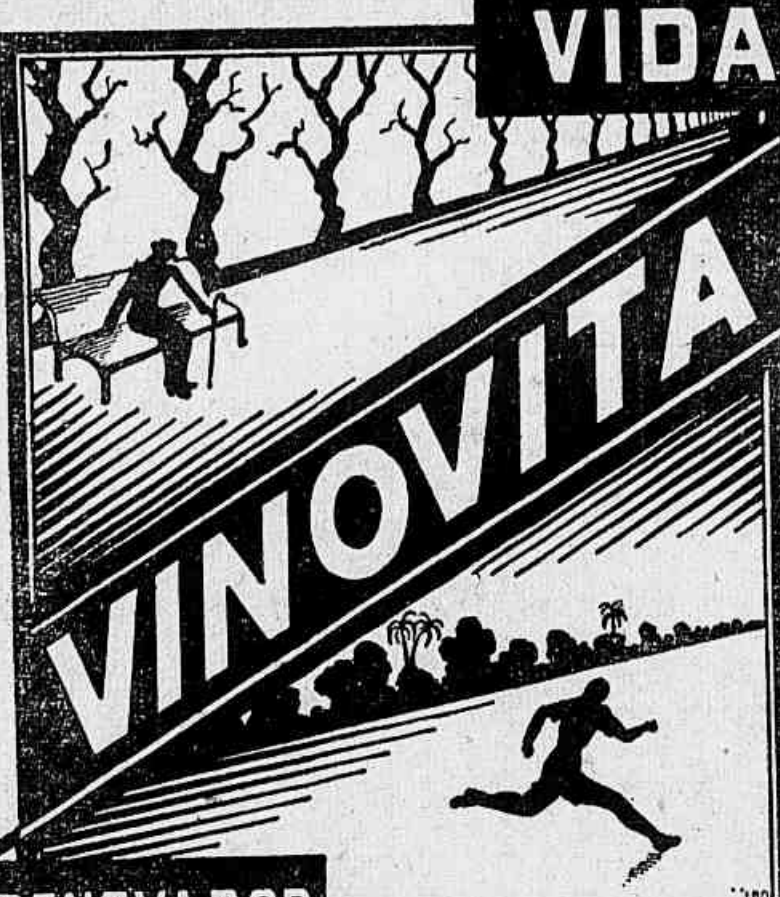
Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso



AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, é exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, fiores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

sar que é feio... pelo contrário, é bonito...; mas não gosto dele... Não posso dar jeito. Disse a ele que gostava porque tive pena um dia que ele começou a chorar.

Enquanto conversávamos deste modo, iam caminhando sossegadamente pelas ruas. Para evitar o encontro com algum parente ou conhecido da menina, procurei seguir pelas ruas menos importantes. Teresa ia presa ao meu braço, como do braço dum antigo amigo, falando sem parar, rindo, sacudindo-me às vezes com força e parando, no melhor da conversa, diante duma vitrine, para me fazer contemplar alguma bugiganga. Sua conversa era um gorgelo doce, insinuante, que me comovia e refrescava o coração. Ao seu impulso se foi dissipando pouco a pouco o tropel de pensamentos pífios que vagava na minha cabeça. Sem saber de que modo, também desapareceram todos os meus temores; imaginava que aquela menina tinha algum parentesco comigo e não achava extraordinária e perigosa nossa situação como no princípio. Sua inocência era um véu espesso que nos impedia de ver o risco que estávamos correndo.

Em pouco tempo me contou uma infinidade de coisas. Era de Xerês; não fazia mais de um ano que estavam estabelecidos em Madrid; o pai ocupava um alto emprego; tinha dois irmãos e uma irmãzinha. Acerca do caráter e dos costumes de cada um deles se estendeu consideravelmente; a irmãzinha era muito boa menina, amável e obediente; porém, os meninos, insuportáveis; todo o dia gritando, desarrumando a casa e brigando. A mãe lhe havia dado jurisdição sobre eles até para os castigar, porém, não queria usar dela porque tinha medo de que lhe perdessem o carinho; a mãe que se arranjasse como pudesse. Depois falou do papai que era muito sério, mas muito bom. A única coisa que a entristecia era que parecia gostar mais dos garotos do que delas. A mãe, ao contrário, mostrava predileção pelas meninas. Falou depois das primas da rua de Fuen-carral; uma era muito bonita, a outra somente graciosa; as duas tinham namorados, porém não valiam um caracol: rapazolas que ainda estudavam no Ginásio. Tinham, além disso, um irmão, que era o tal primo que tinha sido namorado dela; este já era bacharel e estava se preparando para entrar no colégio de Artilharia. De vez em quando, nos curtos intervalos de silêncio, levantava graciosamente a cabeça, perguntando-me:

— Está satisfeito com a minha companhia? Estou lhe atrapalhando?

E, quando me ouvia protestar vivamente contra semelhante dúvida, seu rosto expressivo se iluminava de alegria e continuava falando.

Tínhamos percorrido algumas ruas. Já você pode bem calcular como eu ia gozando como os anjos no paraíso, e pendente dos lábios daquela menina, que ao me referir todas as ninharias infantis de sua vida parecia infundir na minha alma encantada a ciência da felicidade. No entanto, não podia afastar certa vaga inquietação que perturbava minha alegria. Procurando meio de passar as horas de que dispunhamos, mais dignamente do que vagando pelas ruas, tropeçamos ao descer a costa de Santo Domingo com o Teatro Real. No mesmo instante me deu a idéia de entrar. Teresa aceitou-a imediatamente e afirmou de que não reparassem em nós tomarmos duas entradas para as galerias. Cantavam "Os Puritanos" e aquilo estava apinhado de gente; de maneira que nos custou algum trabalho entrarmos e escalar os dois lugares; mas afinal chegamos. Teresa se sentiu admiravelmente e me pagava os incômodos que havia sofrido para levá-la até ali com mil sorrisos e palavras amáveis. Enquanto subiam o pano conversamos, embora muito baixinho. Havia-se estabelecido entre nós uma grande intimidade, e me abandonou uma das mãos, que eu acariciava embevecido. Quando começou a ópera deixou de conversar e se pôs a ouvir tão decididamente que me fazia sorrir viciado com a cabecinha apoiada na parede e os olhos extáticos. Sabia música, mas tinha ido poucas vezes ao teatro; assim as melodias inspiradas na ópera de Bellini lhe causavam profunda impressão, que se traduzia por uma leve tremura das pupilas e dos lábios. Quando chegou ao sublime canto do tenor que começa "A te, oh cara", me apertou com força a mão, exclamando num murmúrio: "Oh! que lindo; oh, que lindo!". Depois me fez explicar-lhe o que se passava na cena. Achou o casamento do tenor e da soprano muito equilibrado, porém tinha pena de veras do barítono, a quem roubavam a noiva, ficou profundamente desgostada quando no fim do ato o tenor se vê na necessidade de acompanhar a rainha e deixar abandonada a futura, e declarou resolutamente que essa era uma conduta indigna.

— Mas note que ele estava obrigado a fazer isto, porque era a rainha dele quem o pedia.

— Não importa; não importa; se ele quisesse bem à namorada, não havia rainha que valesse. Em primeiro lugar sempre está a namorada.

Não me foi possível arrancar-lhe da cabeça tão estranha teoria. Depois que o pano caiu ficamos no mesmo lugar e me obrigou a contar-lhe minha vida e milagres, quantas namoradas tinha tido, a quem havia querido mais, etc., etc. Você compreenderá que precisei enxertar uma infinidade de mentiras. Depois, sem algum motivo sério, declarou redondamente que todos os homens eram ingratos. Eu me atrevi a apontar que havia exceções, porém, não foi possível fazê-la reconhecer isso.

"Você será igual aos outros (anunciou em tom profético e olhando para um ponto do espaço); gostará um pouco de mim, e depois... se te vi, não me lembro".

Que momentos tão deliciosos e infernais ao mesmo tempo me estava fazendo passar aquela menina! Para levar a conversa para outro ponto, perguntei-lhe:

— Quantos anos você tem? Até agora não me disse.

— Tenho... tenho... elle, sempre digo que tenho

quatorze anos, porém, a verdade é que não tenho mais do que treze anos e dois meses... E você?

— Uma barbaridade! Não me pergunte que me dá vergonha.

— Ah, que pressunçosos! Se não hei de querer bem a você do mesmo modo se tiver muitos anos ou poucos!

Em seguida me propôs que nos tratássemos de tu; porém depois de aceito tornou atrás propondo-me que a tratasse por tu e que ela continuasse com o você. Não quis conformar-me.

— Pois olhe, não posso chamar-lhe de tu; me dá muita vergonha... Mas, enfim, vamos ensaiar.

Do ensaio resultou que para evitar o pronome dava a polbrezinha uma infinidade de rodeios e se metia numa série infundável de perifrases. Se se aventurava a dirigir-me um tu, fazia-o baixando a voz e passando como sobre brasas.

Quando começou o segundo ato, voltou a escutar atentamente. Meus olhos não se afastavam quase nunca do rosto dela; ela voltava amiúde os seus para me dirigir um sorriso, apertando ao mesmo tempo minha mão. Observei, não obstante, que se amortecera um pouco a viva expressão de sua fisionomia e que ia perdendo aquela graciosa volubilidade do princípio. Seus sorrisos foram se fazendo tristes, e pela cândida fronte passou uma rajada de inquietação que lhe comunicou ao lindo rosto infantil certa grave expressão que não tinha. Parecia que em virtude de um misterioso movimento do espírito, a menina se transformava em mulher em poucos instantes. Deixou de apertar minha mão e até mesmo puxou a sua. Tornei a segurá-la dissimuladamente, porém, logo depois a retirou de novo.

O segundo ato havia terminado. Ao cair o pano me fez olhar o relógio e vendo que eram onze horas disse que era preciso ir embora imediatamente, porque às onze e meia, o mais tardar, ia o criado buscá-la.

Salmos do teatro. A noite continuava tépida e estrelada. Na porta aguardava uma longa fila de coches, que nos foi preciso evitar. Já não havia nas ruas o movimento das primeiras horas; porém, apesar disso, seguimos pelas ruas solitárias. Teresa não quis aceitar meu braço como antes. Então me coube adotar a voz da sedução, e lhe disse ao ouvido mil galanteios e coisas ternas, explicando-lhe por miúdo o amor que me havia inspirado e o que havia sofrido nos dias em que passei pela sua rua; lembrei-lhe todos os pormenores, até os mais insignificantes, de nosso conhecimento visual e epistolar, e lhe dei conta dos vestidos e dos enfeites com que a tinha visto afim de que compreendesse a profunda impressão que me havia causado. Nada replicava a meu discurso; continuava a caminhar cabisbaixa e preocupada, formando sua atitude notável contraste com a que tinha três horas antes, ao passar pelos mesmos lugares. Quando me detive um instante para respirar, exclamou sem olhar para mim:

— Fiz uma coisa muito ruim, muito ruim. Meu Deus, se papai soubesse!

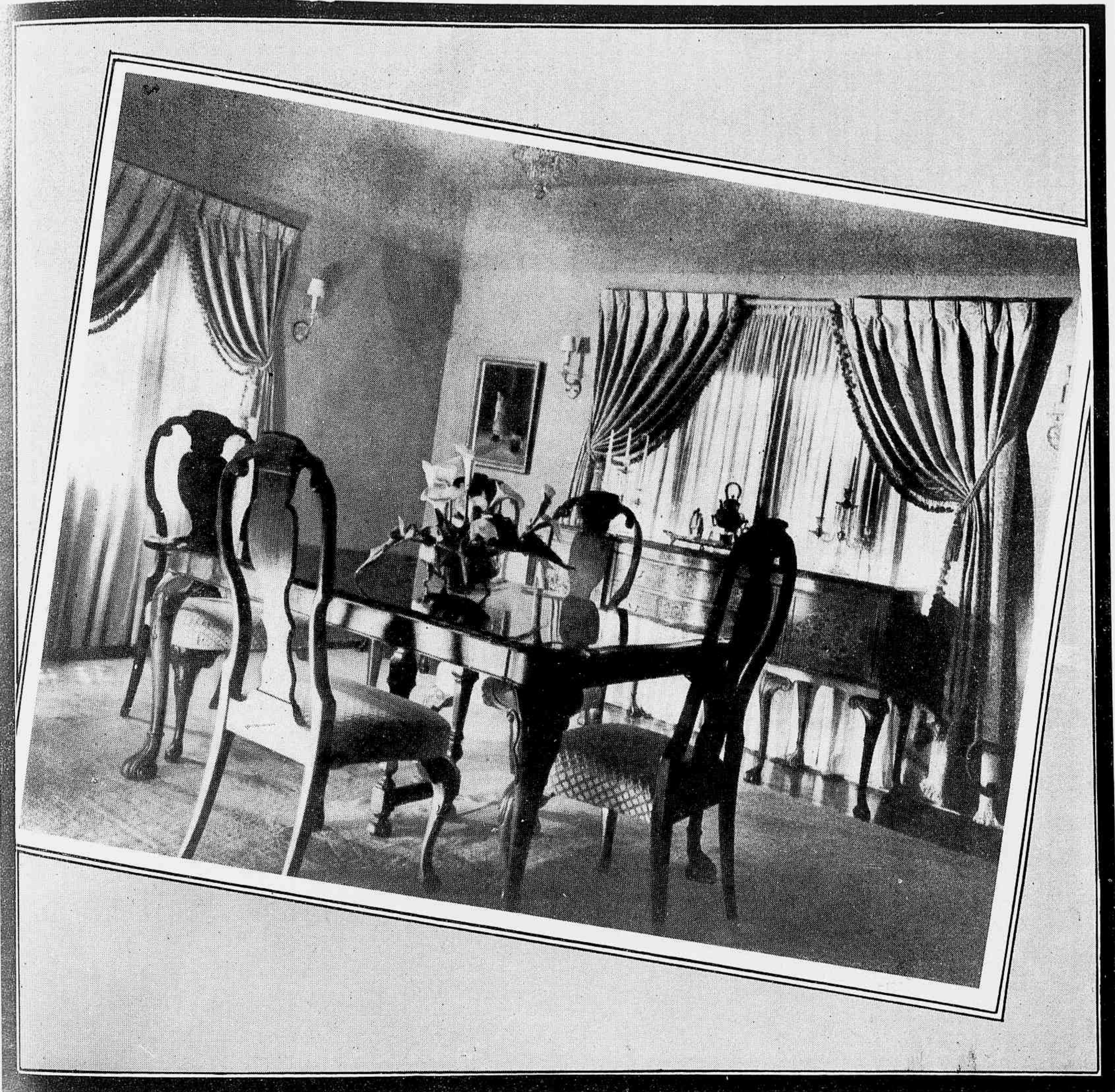
Tratei de provar-lhe que seu papai não podia intear-se de nada, porque chegaríamos muito cedo.

— De qualquer modo, embora papai não saiba, fiz uma coisa muito ruim. Você bem que sabe, porém, não quer dizer. Não é verdade que uma menina bem educada não faria o que eu fiz esta noite?... Se minhas primas soubessem disto, elas que estão sempre desejando me apanhar em alguma falta!... Porém, não pense você... pelo amor de Deus, que fiz isto com má intenção. Sou muito estouvado... todo o mundo diz... porém, também dizem que tenho boa índole.

Ao proferir estas palavras, tinha-se-lhe ido enrolando a voz na garganta, até que começou a chorar desesperadamente. Custou-me muito trabalho acalmá-la, porém, afinal o consegui, elogiando-lhe o caráter e lhe prometendo gostar dela e respeitá-la sempre. Fez que eu jurasse uma dúzia de vezes que não pensava nada mau a respeito dela. Depois de enxugar as lágrimas recuperou a alegria e começou a falar pelos cotovelos. Em poucos instantes me expôs uma infinidade de projetos cada qual mais absurdo. Na sua opinião, deveria apresentar-me no dia seguinte em sua casa e pedir-lhe a mão ao papai; o papai diria que ela era muito menina, porém, eu deveria replicar-lhe imediatamente que isso não tinha importância; o papai insistiria que era muito cedo, porém, eu lhe apresentaria o exemplo de uma tia, irmã da mãe dela, que estava brincando com bonecas quando lhe avisaram que ia casar-se. Que haveria de opor a este poderoso argumento? Nada, com certeza. Então nos casaríamos, e ato continuo iríamos para Xerês, para que eu conhecesse suas amigas e seus tios. Que susto levariam todos ao vê-la pelo braço dum cavalheiro e muito mais quando soubessem que esse cavalheiro era o marido dela! Estava tão linda, tão graciosa que não pude deixar de pedir-lhe com veemência que me permitisse dar-lhe um beijo. Não foi possível. Nenhum homem a havia beijado até então; somente o primo lhe tinha dado um beijo à traição, porém lhe custou caro, porque lhe atirou dois copos de limão na cabeça; até nos jogos de prendas fazia que pusessem as mãos na frente, para não lhe tocar o rosto com os lábios. Mas, quando estivessemos casados, já seria outra coisa; então todos os beijos de que eu tivesse vontade, embora suspeitasse que não os pediria com tanto ardor como agora.

Já estávamos perto da casa dela. Os carros da gente que voltava das reuniões, ao passarem ao nosso lado, apagavam um pouco a voz de Teresa e a obrigavam a forçá-la um pouco. As estrelas, do alto dos céus, piscavam para nós, como se nos convidassem a gozar apressadamente aqueles momentos felizes, que não voltariam mais. Ao longe só se viam, como fogos fátuos, as lanternas dos "serenos".

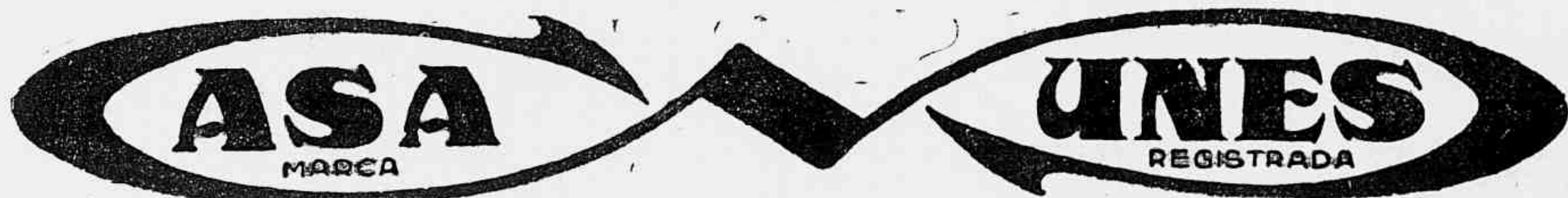
(Cont. na pág. 47)



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CADIÇA - 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

NELSON